



.....

VIAGEM
PELO
BRASIL

VOLUME I

Spix e Martius

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 244-A

Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo, de Auguste Saint-Hilaire (Tradução de Afonso de E. Taunay).

Saint-Hilaire, célebre botânico francês, realizou viagens pelo Brasil de 1816 a 1822. Dessas viagens nos legou importantes relatos, todos feitos com o maior rigor científico.

Afonso E. Taunay escreve que eles representam “valioso contingente de informes sobre a mais importante região brasileira, a que se estende entre as duas maiores cidades do país.”

Viagens pelo Amazonas e rio Negro, de Alfred Russel Wallace. Resultado de quatro anos de experiência de vida na bacia do Amazonas, viagem realizada às expensas do naturalista inglês, este livro não se limita à geografia dos trópicos, alcança também os costumes e a vida social de índios e portugueses que habitavam a região.

Viagem pitoresca, de C. Bartolomé Bossi. Documento histórico dos viajantes estrangeiros no Brasil, iniciado por Bartolomé Bossi, em viagem que começou por Montevideu e Buenos Aires, entrando pelo interior de Mato Grosso, concluindo pelo levantamento e elaboração do primeiro mapa da região, em grande parte inexplorada.

Uma viagem ao Rio Grande do Sul, de Vittorio Buccelli. Originalmente publicada em Milão, em 1906, sob o título *Un Viaggio a Rio Grande del Sur*, esta obra agora editada pelo Conselho Editorial do Senado Federal foi traduzida por Rubem Amaral Jr. Nesta narrativa de viagem, o jornalista genovês relata sua longa jornada, desde a partida do Rio de Janeiro, passando por Santos e rumando para o Sul. Tendo entrado pela Lagoa dos Patos, Buccelli chega a Porto Alegre em 1904. Antes de seguir para a campanha, visita algumas colônias italianas instaladas na serra. E é especialmente sobre elas que ele faz inúmeras observações – pormenorizadas e, muitas vezes, técnicas – não só a respeito dos assentamentos de vilas e núcleos, mas também sobre a organização do trabalho e do comércio.

Registra ainda impressões bem tocantes, como a do imigrante que lhe declara: “A Itália sim, é bela e boa, mas a pátria é onde se está bem”. O alentado volume contém ainda dezenas de fotos de pessoas e dos lugares descritos.

Viagem ao Brasil (1865-1866), de Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz. Relato de viagem ao Brasil em 1865-1866 pelo naturalista suíço Luis Agassiz e sua esposa Elizabeth Cary Agassiz. Trata-se não somente de observações de caráter científico, mas de um aliciente diário de viagem. Uma visão de nosso país sob vários aspectos da vida social, como educação, clero, cultura, etc.



Dr. Johann Baptist von Spix

* 9 de fevereiro de 1781 – † 14 de março de 1826

.....

VIAGEM PELO BRASIL
(1817-1820)



Mesa Diretora

Biênio 2017/2018

Senador Eunício Oliveira
Presidente

Senador Cássio Cunha Lima
1º Vice-Presidente

Senador João Alberto Souza
2º Vice-Presidente

Senador José Pimentel
1º Secretário

Senador Gladson Cameli
2º Secretário

Senador Antônio Carlos Valadares
3º Secretário

Senador Zeze Perrella
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Eduardo Amorim
Senador Sérgio Petecão

Senador Davi Alcolumbre
Senador Cidinho Santos

Conselho Editorial

Senador Edison Lobão
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Wilson Roberto Theodoro

Ewandro de Carvalho Sobrinho

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 244-A

VIAGEM PELO BRASIL

(1817-1820)

PRIMEIRO VOLUME

Spix e Martius

Tradução de
Lúcia Furquim Lahmeyer



Brasília – 2017

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 244-A

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país, e também obras da história mundial.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto
© Senado Federal, 2017
Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF
CEDIT@senado.gov.br
[Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho](http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho)
Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-875-5 (obra completa)

ISBN: 978-85-7018-876-2

.....

Spix, F., Johann Baptist von, 1781-1826.

Viagem pelo Brasil (1817-1820) / Spix e Martius. ; tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2017.
3v. : il. 348 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 244-A)

Inclui índice.

1. Viagem, memórias, Brasil, 1817-1820. 2. Índio, Brasil, séc. XIX. 3. Recursos minerais, Brasil, 1817-1820. 4. Brasil, descrição, 1817-1820. I. Martius, Carl Friedrich Philipp von, 1794-1868. II. Título. III. Série.

CDD 918.1

.....

.....

Sumário

Senhor
pág. 13

Livro Primeiro

CAPÍTULO I

Preparativos para a viagem
Partida de Munique, via Viena, para Trieste
pág. 19

Razão e fins da viagem. Disposições para a mesma. Estada em Viena. Encontro com os naturalistas imperiais austríacos da Expedição ao Brasil. Ida para Trieste. Produtos marítimos dessa região. Chegada da Embaixada Imperial Austríaca.

CAPÍTULOS II e III

Partida de Trieste – Viagem pelo mar Mediterrâneo até Gibraltar
pág. 26

Tempestade no Mar Adriático. Estada em Pola. Demora em Malta. Viagem pelo Mediterrâneo. Fosforescências do mesmo. Chegada a Gibraltar.

CAPÍTULO IV

Viagem de Gibraltar à Madeira e pelo Oceano Atlântico
ao Rio de Janeiro
pág. 33

Passagem do estreito de Gibraltar. Oceano Atlântico. Enjô de mar. Chegada e estada na Madeira. Viagem ao longo das Ilhas Canárias. Observações de Física e de História Natural. No Oceano Atlântico até o Trópico Câncer; deste último até o Equador, e daí até Rio de Janeiro. Fosforescência. Peixes voadores, atuns, tubarões, aves marítimas, moluscos, etc. Equador físico, matemático. Impressões à passagem do Equador. Receio dos piratas. Troca de palavras com um navio de passagem. Costas brasileiras. Entrada no porto de Rio de Janeiro.

Livro Segundo

CAPÍTULO I No Rio de Janeiro

pág. 47

Descrição da cidade. População. Influência da Corte atual. Estado de civilização. Biblioteca. Impressão de livros. Estabelecimentos de ensino. Fundação de Escola de Medicina. Sensível falta até aqui de uma universidade. Academia de Belas-Artes. Clima. Modo de vida do povo. Gênero de doenças. Hospitais. Passeio Público. Tráfego de negros e festas no Rio. Comércio, importação, exportação da capital e do interior. Bancos. Moeda. Inspeção das correspondências alfandegárias e das mercadorias exportadas do Rio de Janeiro. Passaporte imperial.

CAPÍTULO II Passeios pelos arredores do Rio de Janeiro

pág. 94

Descrição histórico-natural dos arredores. Aqueduto da Carioca. Magnífico panorama do alto do Corcovado. Tijuca. Fazenda de Café do Dr. Lesesne. Lagoa Rodrigo de Freitas. Jardim Botânico. Plantio de chá. Fábrica da pólvora. Ilhas da baía. Porto da Estrela, na estrada principal para Minas Gerais. Visita à propriedade Mandioca, na serra dos Órgãos. Descrição da mata virgem, das plantas, dos animais. Formação das montanhas. Caminho pela serra a Córrego Seco até o rio Paraíba. Agricultura e seus obstáculos. Considerações e conselhos para a imigração europeia. Disposições para seguir viagem para o interior. Chegada de sua A. I. a Princesa hereditária do Brasil.

CAPÍTULO III Viagem do Rio de Janeiro à Cidade de São Paulo

pág. 134

Partida para Campinho e Santa Cruz, propriedade rural do príncipe-regente. Imigrantes chineses. Registro Real. Itaguaí. Último panorama da serra do Mar na costa. Fazenda dos Negros. Bananal. Santa Ana das Areias e Índios dali mesmo. Tacasava. Lorena. Serra da Mantiqueira. Começo dos Campos. Rio Paraíba. Guaratinguetá. Pindamonhangaba. As diversas formas vegetais. Taubaté e seus habitantes, os primeiros descobridores da Terra do ouro. Frequência da papeira, sobretudo entre as mulheres. Causas e cura da mesma. Jacaré. Aldeia da Escada. Índios da localidade. Descrição dos cafusos, descendentes de índios e negros, com perucas naturais de um pé de altura. Mogi das Cruzes.

Livro Terceiro

CAPÍTULO I

Na Cidade de São Paulo

pág. 173

Topografia da cidade. História e feição dos paulistas. População. Institutos oficiais. Teatro. Poesia popular. Fábrica de armas. Criação do bicho-da-seda e cachonilha. Comércio. Importação. Exportação. Manufaturas da Capitania. Meteorologia. Clima. Condições físicas e geológicas. Gênero de doenças na cidade. Constituição do estado e militar. Cifras oficiais da população, da agricultura e do comércio da Capitania.

CAPÍTULO II

Viagem da Cidade de São Paulo à Fábrica de Ferro de Ipanema

pág. 197

Viagem, seguindo pelas cidades de Cotia, São Roque, Sorocaba para São João de Ipanema. Imperial Fábrica de Ferro. Mina de ferro de Araçoiava. Doenças. Maravilhosa impressão magnética do europeu sobre mulatos e negros. Vila de Porto Feliz. Viagem fluvial pelo Ieté a Mato Grosso. índios no Paraguai. Criação de gato vacuum e muar. Agricultura na Capitania e índios de São Paulo. Plantas medicinais indígenas.

CAPÍTULO III

Viagem de São João de Ipanema a Vila Rica

pág. 225

Viagem por Sorocaba, principal mercado de gado muar, e por Itu a Jundiá. Reorganização das tropas. São João de Atibaia. Camanducaia. Registro Real. Entrada em Minas Gerais. A dança Baducca (batuque). Perigosa passagem dos rios Mandu e Servo. Santana de Sapucaí. Primeiras minas de ouro. Papel-moeda em Minas Gerais. Fuga de nossos negros. Santa Bárbara. Vila da Campanha. Aumento do luxo nas terras do ouro. Rio Verde. Cobras venenosas. Cura das picadas de cobra. Rio do Peixe. Córrego dos Pinheiros. Cantos do poeta nacional Gonzaga. Altas montanhas de Capivari. Passagem na cachoeira do rio Grande, ramo principal do rio da Prata. Curso deste rio. Rio das Mortes. Morro de Bonfim. Vila de São João d'el-Rei, seu comércio e arredores. Serra do Lenheiro e de São José. Tentativa mal sucedida com a plantação de trigo. Passagem do rio Paraopeba. Morro da Soledade. Chapada. Mundo animal nos campos. Morro de Gravier. Capão. Lana. Minas de topázio amarelo. Aparecimento do euclásio. Descrição do topázio amarelo e sua formação.

Livro Quarto
CAPÍTULO I
Na Cidade de Vila Rica

pág. 267

Topografia da cidade. Povoação. Comércio. Clima. Gênero de doenças. Existência de quase todos os metais em Minas Gerais. Ribeirão de Ouro Preto. Minas de ouro no morro de Vila Rica. Os diferentes modos de lavagem do ouro. Instituição das fundições. Barras de ouro. Produção anual. Povoamento de Minas Gerais. Índios da província. Descrição dos veios de ferro daqui, dos quartzos e xisto micáceo ferruginoso e argila micácea. Comparação com idêntica formação na Baviera.

CAPÍTULO II
Viagem de Vila Rica à aldeia dos índios coroados na
margem do rio Xipotó

pág. 282

A cidade de Mariana. Bispados do Brasil. passagem do Salto de Itacolomi e do rio Mainarde. Junção dos rios Turvo e Piranga em Santana dos Ferros. Confins dos Campos. Penetração na mata virgem. Início da formação granítica da serra de São Geraldo. Primeiro contato com uma família de índios na mata. Chegada ao Presídio de São João Batista. Instituição do Diretório Português para cuidar dos índios. A ipecacuanha, a sapucaia. Chegada à Fazenda Guidoval na serra da Onça. Chegada de uma borda de coropós, organização domesticada dos coroados. Preparo da sua bebida Viru. Festa de embriaguez dos coroados. Dança e canto noturnos dos puris. Conformação do corpo, temperamento, inteligência dos índios. Propensão para a feitiçaria. Os pajés, chefes de guerra. Falta de uma Constituição. Consórcio, casamento, nascimento, enterro, crença não tanto numa boa como numa má entidade superior. Linguagem. Ocupações diárias. Carência de toda cultura social e religião. Partida do Presidio com um rapaz índio. Suposto ataque não realizado. Regresso à Vila Rica.

CAPÍTULO III
Passeios nos arredores de Vila Rica

pág. 319

Subida e medição do monte Itacolomi. A sua flora. Viagem às fundições da prata. Minas de ouro de Congonhas do Campo. Cromato de chumbo na mina de Goiabeira. Viagem a Antônio Pereira. As fundições ali. Inficionado na montanha do Caraça. Hospício de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Regresso a Inficionado, e dali por Bento Rodrigues a Vila Rica. Disposições para seguir para o Distrito dos Diamantes. Sobre espato pesado em Antônio Pereira, sobre cromado de chumbo, vanquelinito, cristais de ouro, cianito e retizito.

Valores, medidas, pesos
pág. 332

Anexo musical
pág. 335

ÍNDICE ONOMÁSTICO
pág. 343

R e i s e
in
B r a s i l i e n

auf Befehl Sr. Majestät
MAXIMILIAN JOSEPH I.
Königs von Baiern

in den Jahren 1817 bis 1820 gemacht und beschrieben

von

Dr. Joh. Bapt. von SPIX,

*Ritter des k. bayer. Civil-Verdienstordens, ord. wirkl. Mitglieder d. k. b. Akademie d. W.,
Conservator der zool. zoot. Sammlungen, der Car. Leop. Akad. d. Naturforsch., der Edinb.,
Mosh., Marb., Frankf., Niederrhein. naturf. Gesellschaft Mitglieder,*

und

Dr. Carl Friedr. Phil. von MARTIUS,

*Ritter des k. bayer. Civil-Verdienstordens, ord. wirkl. Mitglieder d. k. b. Akademie d. W.,
Mitvorstand u. zweit. Conservator d. k. bot. Gartens, d. Car. Leop. Akad. d. Naturforsch., der
Frankf., Nürnberg., Niederrhein., Erl., Regensb. naturf., d. London. Hort. Ges. Mitglieder.*

E r s t e r T h e i l.

München, 1823.

Gedruckt bei M. Lindauer.

Frontispício do original alemão de Viagem pelo Brasil, 1º volume.

VIAGEM PELO BRASIL

POR

J. B. von SPIX e C. F. P. von MARTIUS

TRADUÇÃO BRASILEIRA

PROMOVIDA PELO

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
para a comemoração do seu centenário

Tradutora. d. Lucia Furquim Lahmeyer,
bibliotecária do Instituto; revisores,
o dr. B. F. Ramiz Galvão e o prof. Basílio
de Magalhães (que foi também o anotador)

PRIMEIRO VOLUME

RIO DE JANEIRO - IMPRENSA NACIONAL

1938

*Frontispício do 1º volume da tradução editada pelo
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*

Senhor!

Q

UANDO VOSSA MAJESTADE resolveu mandar uma expedição científica ao Brasil, dignou-se de confiar a realização de tal propósito aos dois humildes abaixo assinados.

O amor devido a Vossa Majestade e à ciência foi a determinante que nos conduziu, através dos riscos e canseiras de tão longa viagem, a uma parte do mundo ainda mal conhecida, e que nos trouxe de lá, com felicidade, ao seio da pátria.

A Vossa Majestade, pois, remontam a origem e as vantagens dessa talvez não pequena empresa na história da nação bávara, e tudo que com isso podem lucrar as ciências, devem os contemporâneos e os pósteros atribuir à magnanimidade e benevolência de um monarca que, considerando a ciência a mais alta nobreza da humanidade, sobre ela estabeleceu os mais sábios fundamentos da felicidade de seu povo.

Cheios de gratidão, ousam humildemente os viajantes abaixo assinados aproximar-se do trono de Vossa Majestade, depondo respeitosos diante dele o primeiro fruto da sua expedição, dedicado ao melhor dos soberanos.

Animados, pela real aprovação, de terem correspondido aos propósitos de Vossa Majestade na realização da viagem, agora aspiram ainda, com a exposição científica dos resultados dela, a contentar o muito amado monarca.

Concluindo, somos, com profundo respeito, de V. M. súditos obedientes.



Dr. Johann Baptist von Spix, 1821.

Depois da grande viagem ao Brasil, os dois pesquisadores foram



*Dr. Carl Friedrich Philipp von Martius, 1821.
condecorados pelo rei bávaro, com a "Ordem de Mérito Civil".*

LIVRO PRIMEIRO

.....

Capítulo I

PREPARATIVOS PARA A VIAGEM.
PARTIDA DE MUNIQUE, VIA VIENA, PARA TRIESTE

A AMÉRICA, essa nova parte do mundo apenas conhecida de poucos séculos atrás, tem sido, desde a época de seu descobrimento, objeto da admiração e predileção da Europa. A feliz situação, a fertilidade e diversidade de riquezas do seu solo, atraem tanto colonos e negociantes, como pesquisadores científicos. Rapidamente se povoou e assim se desenvolveu a nova terra, pelo ativo comércio com a mãe pátria e graças aos trabalhos dos sábios, que porfiaram em longínquas viagens ao interior, procurando conhecê-lo. Inolvidáveis são, nesse sentido, os méritos de muitos corajosos exploradores dos primeiros tempos, assim como especialmente dos últimos decênios, por meio dos quais se tornou conhecida a América, mais do que nenhuma das velhas partes do mundo, com exceção da Europa.

Apesar, porém, dos grandes progressos no conhecimento dessa parte do mundo, oferece ela ainda vasto campo ao espírito pesquisador a fim de estender, com os descobrimentos, o círculo da ciência humana. Mais do que qualquer outra porção da América, o Brasil, o seu mais belo e mais rico país, e, entretanto, pouco povoado e conhecido, embora seja ele o coração desse novo continente.

Sua Majestade, o rei da Baviera, insigne patrono das ciências, convencido das vantagens que para as mesmas e, sobretudo, para a humanidade, usaria um conhecimento mais íntimo da América, transmitiu para esse fim, no ano de 1815, à Academia de Ciências de Munique a ordem para que se providenciasse sobre uma viagem científica ao interior da América do Sul. Entre os escolhidos para a viagem, achamo-nos ambos, o acadêmico Spix para a Zoologia, o acadêmico Martius para a Botânica. Era então o plano seguir de Buenos Aires por terra até ao Chile, daí para o norte, viajar até Quito e, passando por Caracas ou México, regressar à Europa.

Empecilhos supervenientes obrigaram, entretanto, o governo real a adiar por algum tempo a expedição. Pouco depois, ao repetir sua majestade bávara o desejo de que se empreendesse a viagem àqueles países e promovesse o casamento de sua alteza Carolina Josefa Leopoldina, arquiduquesa da Áustria, com sua alteza real D. Pedro de Alcântara, príncipe herdeiro de Portugal, Brasil e Algarves¹, ofereceu a mais bela oportunidade para a realização da ideia do rei. Justamente quando esse laço unia a nova parte do mundo em relações mais estreitas com a Europa, estava sua majestade o rei da Baviera presente em Viena, e resolveu, de acordo com a Corte imperial, fazer seguir, no séquito da ilustre noiva, cientistas austríacos, membros da sua Academia.

A honrosa escolha recaiu em nós ambos, e recebemos, portanto, a 28 de janeiro de 1817, o aviso de seguir viagem quanto antes para Viena e daí para Trieste, a fim de embarcarmos nas fragatas já prestes a zarpar para o Rio de Janeiro. A Real Academia de Ciências recebeu, ao mesmo tempo, ordem de encarregar-nos de problemas científicos, tanto dentro das nossas especialidades principais como em tudo aquilo que estivesse ao alcance das nossas observações e pesquisas, e de nos fornecer os instrumentos, de cujo uso se poderiam esperar interessantes resultados para a ciência.

Em consequência desse encargo, foram recomendados os dois assuntos – zoologia e botânica – aos viajantes, como dever principal; ao mesmo tempo, porém, deviam cuidar dos outros ramos científicos, tanto quanto o tempo e as circunstâncias permitissem. O dr. Spix, como zoó-

1. A monarquia lusa, por ato de 16 de dezembro de 1815, firmado pelo príncipe regente D. João (depois VI) no Rio de Janeiro, recebeu a denominação de “Reino-Unido de Portugal, Brasil e Algarve” (Nota da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*).

logo, encarregou-se de todo o reino animal, objeto de suas observações e atividades. Nesse domínio, incluirá ele tudo que diz respeito ao homem, tanto indígenas como imigrados: as diversidades, conforme os climas; o seu estado físico e espiritual, etc.; a morfologia e anatomia de todas as espécies de animais, dos inferiores aos superiores, os seus hábitos e instintos, a sua distribuição geográfica e migrações; e, igualmente, fará observações sobre os restos existentes embaixo da terra, esses mais seguros documentos do passado e do sucessivo desenvolvimento da criação.

O dr. Martius, como botânico, assumiu o encargo de pesquisar o reino da flora tropical, em toda a sua extensão. Além de estudar, de preferência, as famílias de plantas endêmicas, competia-lhe especialmente investigar aquelas formas que, pelo parentesco ou identidade com plantas de outros países, permitem concluir qual a pátria de origem e a sua sucessiva propagação sobre a Terra. Pretendia ele fazer essas pesquisas, levando em conta as relações climáticas e geológicas, e por essa razão estendê-las também aos mais humildes membros do reino das plantas, tais como os musgos, líquens e cogumelos. As mudanças que tanto as plantas indígenas como as introduzidas sofrem sob certos influxos exteriores, a história do solo e do cultivo ali usado, deviam igualmente ser tomadas em consideração. Com as pesquisas da anatomia e desenvolvimento das plantas tropicais, poder-se-ia chegar a interessantes conclusões quanto as leis da vida vegetal em geral, assim também, com a observação de vestígios encontrados de vegetação anterior, agora desaparecida, obter-se-ia material para fundamentar conceitos geológicos. Finalmente, iria ele atingir um dos alvos de sua expedição com pesquisas rigorosas dos medicamentos vegetais, assim como de todas as restantes matérias vegetais, cuja utilidade para as artes e indústrias se comprovasse, cotejando-as com desvelo com as que são usadas na sua pátria. Deveríamos, sobretudo, além das observações e pesquisas científicas nas nossas especialidades, pressupondo mútuo auxílio e assistência entre ambos, completar, quanto possível, com remessas de exemplares dos produtos naturais de todos os reinos, as coleções da Academia, como melhor prova das observações feitas.

Além desses deveres que havíamos assumido, foram-nos feitos também, em relação aos restantes ramos das ciências naturais, especiais pedidos, uns por parte de físicos e outros por parte das restantes divisões da Academia. Com relação à mineralogia, impunha-se-nos como tarefa

atento estudo da natureza do solo em geral, assim como especialmente o quadro geológico das formações montanhosas, sua ordem, tamanho, direção e inclinação; e, também, o exame de ocorrências, em parte ainda problemáticas, de ouro, de diamantes e de outras pedras preciosas, bem como de todos os fósseis importantes.

No domínio da física, seriam objeto de nossas observações: a declinação e inclinação da bússola; as suas variações diárias; os fenômenos elétricos segundo os diferentes graus de latitude e longitude; a transparência e colorido, a fosforescência, a temperatura e teor de sal dos mares em diferentes zonas e profundidades; a temperatura da atmosfera e as miragens; a temperatura média e a diversidade climática nos diferentes lugares da terra firme; as periódicas oscilações do barômetro; as diferentes elevações das terras; os indícios do sucessivo avanço ou recuo do mar nas zonas costeiras; as correntes, as anomalias locais das marés; a eletricidade dos peixes, etc.

As faculdades de história e de filosofia e filologia da Academia lembravam-nos o estudo das diversas línguas, do folclore, dos mitos e tradições históricas, do material histórico antigo e recente, como inscrições, moedas, ídolos, e, em geral, tudo que pudesse esclarecer o estado de civilização e história tanto dos aborígenes como dos outros habitantes do Brasil, ou o que dizia respeito à topografia e geografia daquele país tão pouco conhecido.

A fim de poder satisfazer eficazmente a essas obrigações e desejos, os viajantes trataram de reunir todos os apetrechos para viagem tão grande, e rapidamente fazer os necessários preparativos.

Depois de tudo, quanto possível, pronto, e remetidos os livros, instrumentos, botica portátil e mais utensílios de viagem diretamente para Trieste, encetamos a viagem a 6 de fevereiro de 1817, de Munique para Viena.

Ali, na cidade imperial, aonde chegamos a 10 de fevereiro, tivemos da parte do ilustre chanceler austríaco, príncipe de Metternich, e do embaixador bávaro, o barão von Stainlein, o mais eficaz e generoso auxílio para ulteriores compras e abastecimentos, necessários à execução dos planos científicos dos ilustres monarcas. O Sr. von Schreibers, diretor do Museu de História Natural, cientista tão célebre por seus escritos, como conhecido pelo fino trato e que era encarregado de organizar a expedição

austríaca de história natural ao Brasil, teve a bondade de logo nos apresentar aos demais homens de ciência, companheiros de viagem. Era destinado o prof. Mikan, de Praga, para Botânica e Entomologia; e o médico dr. Pohl para Mineralogia e Botânica; Natterer, assistente do Museu de história natural, para Zoologia; Th. Ender, para pintor de paisagens; Buchberger, para pintor de plantas; H. Schott, filho do digno inspetor do Jardim da Universidade, destinava-se para jardineiro; estes dois últimos mencionados eram adidos ao Sr. Mikan, como auxiliares; além deles, acompanhavam a comissão um caçador e um mineiro. Encantados com o conhecimento destes nossos futuros companheiros, esperamos com impaciência o momento de nossa partida para Trieste.

A 4 de março, deixamos a imperial cidade de Viena e seguimos para Trieste. Em Gratz, visitamos o Johanneum, um instituto que bem testemunha o alto espírito científico do príncipe fundador, e destinado, sobretudo, a propagar conhecimentos práticos nas cadeiras de História Natural e Técnica. Nessa oportunidade, travamos relações com os profs. Chrys. von Vest e F. Mohs, e com muito gosto, se o tempo houvesse permitido, mais nos teríamos demorado ao lado desses insignes pesquisadores, mas as circunstâncias o impediram, e apressamo-nos de seguir para adiante, a fim de podermos visitar ainda as minas de mercúrio de Ídria. Pareceu-nos interessante conhecer *de visu* essa formação, cujo produto para o Brasil, rico em ouro, deveria ser de inestimável vantagem, logo que ali, tal como no Peru e México, se conhecesse a importância da amalgamação.

Em Ídria, passamos uns dias examinando aquela instrutiva formação de xisto argiloso contendo mercúrio, que constitui grande depósito na compacta pedra calcária, e as extensas fundições, que, durante muitos decênios, produziram anualmente 3.000 quintais de mercúrio.

A estrada levou-nos pelo declive dos Alpes Julianos calcários, no qual jazem espalhados muitos blocos de rocha contendo conchas petrificadas, ao belo porto de Trieste, que alcançamos a 10 de março. Do alto do Karst, perto de Obczina, estende-se majestoso o Golfo Adriático, entre as costas de Itália e de Ístria, e dali avistamos, destacando-se entre outros muitos mastros, ambas as fragatas austríacas ancoradas, já prontas para a viagem.

Trieste, capital da Ilíria, é, pela sua situação no golfo Adriático, uma das mais importantes cidades marítimas italianas para o comércio levantino. A velha cidade jaz ao longo da encosta da montanha, encimada pelo castelo; a nova é construída à beira-mar. Esta última possui algumas belas ruas, com grandes casas, ao lado de um canal, pelo qual as mercadorias são muito comodamente trazidas do mar para o centro da cidade. Os habitantes são de origem grega, ilírica, italiana; a maioria, porém, é de descendentes de alemães.

No hotel, onde nos hospedamos, éramos vizinhos do comandante de ambas as fragatas, Nicola de Pasqualigo, nobre de Veneza, distinto navegante, muito conhecido tanto por sua cultura geral é conhecimentos náuticos, como pela coragem e decisão, demonstradas na recente guerra. Sem demora levou-nos ele a nossa futura morada, a fragata *Áustria* que, assim como a *Augusta*, fora construída e aparelhada no arsenal de Veneza, e, por ordem da corte imperial austríaca, era destinada a transportar a maioria dos membros da grande embaixada e da legação a corte do Brasil, os componentes da expedição científica e alguns enviados para tratar das transações comerciais a serem iniciadas com o Brasil assim como, para estes últimos fins, de carregar artigos comerciais austríacos. Eram os oficiais e a equipagem, em parte, alemães; a maioria, porém, era de venezianos.

Alguns membros da embaixada e da expedição de História Natural haviam, entretantes, chegado a Trieste, e os que ainda se esperavam chegaram também no dia seguinte, de modo que, assim que os lugares foram marcados nas fragatas, embarcaram-se as malas e toda a companhia se acomodou, a 7 de abril, no novo alojamento.

O barão von Neveu, como conselheiro da embaixada e encarregado dos negócios junto à corte brasileira, tinha que chefiar a viagem. Foi ajudado pelos cavaleiros conde von Schönfeld e conde von Palfy. Todos os três se alojaram na fragata *Áustria*, onde se achava também o comando supremo de ambos os navios. Foram, outrossim, acomodados ali: o Prof. Mikan e sua esposa, os naturalistas bávaros Spix e Martius, o pintor de paisagem Th. Ender, o comerciante Weber, de Trieste, e, finalmente, o cônsul imperial austríaco Nerini, de Cádiz, que se aproveitou da oportunidade até Gibraltar.

À fragata *Augusta* couberam os seguintes: o naturalista austríaco Natterer, o jardineiro de corte Schott, o pintor de plantas Buchberger, além de alguns auxiliares e um comissário de comércio, com o seu secretário. O comando dessa embarcação fora confiado ao tenente-coronel Agurti. O mineralogista austríaco Pohl e o pintor de animais Frick iam fazer a travessia num navio português. O conde von Wrbna devia embarcar em Londres para o Brasil, a fim de entregar ali, em primeiro lugar, a participação do casamento efetuado por procuração.

Ambas as fragatas receberam ordem de fazer a viagem juntas até Gibraltar, mas ali esperariam a chegada da senhora arquiduquesa, que, com a sua corte e a grande embaixada, devia embarcar na esquadra portuguesa, esperada em Livorno. Logo que se acharam a bordo os viajantes, e concluídos os aprestos, o governador de Trieste visitou as duas fragatas, armadas cada uma com 44 canhões e 260 homens de equipagem, passando em revista a tripulação e o carregamento, despediu-se, formulando votos de boa viagem, ao troar dos canhões.

.....

Capítulos II e III

PARTIDA DE TRIESTE.
VIAGEM PELO MAR MEDITERRÂNEO ATÉ GIBRALTAR

A 10 DE ABRIL, às duas horas da madrugada foram levantadas âncoras na escuridão e sossego da noite. Estava tranquilo o mar e navegamos com moderado noroeste quatro até cinco milhas marítimas italianas por hora. Quando os companheiros de viagem, ao nascer o sol, se encontraram no convés, já apareciam as montanhas de Friul no azul nublado. Durante o dia inteiro, ficou a maior parte dos viajantes, que jamais haviam embarcado, reunida no convés e todos, com um misto de alegria e saudade, fitavam os olhares na pátria que se sumia a distância, até que, ao cair da noite, tornando-se mais forte o jogo do mar e refrescando o vento que soprava na escuridão, a maioria tratou de se recolher aos camarotes. Passou sossegada a noite, mas de manhã foram todos acordados com o violento balanço do navio. Aquele a quem o enjoo do mar não havia tirado a presença de espírito compreendia, – pelo jogo violento, pelos estalidos e oscilação que o navio lutava com o mar encapelado e, – pelo gemer dos mastros, o estrondar do vento, as correrias alvoroçadas dos marujos de um lado para outro ao silvar o apito das ordens do mestre –, que tínhamos temporal.

O *Bóreas*, vento nordeste, frio e muito forte, que, sobretudo na primavera, sopra com frequência das montanhas da Ístria e na parte norte do mar Adriático, havia caído de repente sobre ambos os navios. Apenas o aparecimento de uma nuvem negra muito baixa avisara o oficial de quarto de nossa fragata, de modo que, antes de desabar o terrível furacão, houve tempo somente para ferrar as velas. Ao cabo de alguns minutos, desapareceu de nossas vistas a *Augusta*, que até então navegava muito próxima da *Áustria*. Espesso nevoeiro cercava o nosso navio; chuva fria com granizo, que um vento de tempestade tocava furioso sobre nós, encheu o convés de pedras do tamanho de um punho e fez logo entorpecer de frio a tripulação. O navio era violentamente lançado de um lado para outro, vergas e cordame eram arrancados e partidos; as ondas arremessavam-se impetuosas pelas vigias do castelo de proa, enchendo parcialmente de água o porão e finalmente, no auge do furacão, partiu-se o gurupés quase pela base.

Até perto do meio-dia, bramiu o tufão com a mais extrema violência; quando, depois, o mar sossegou um pouco, e o cortante nor-nordeste se alternou com o vento de leste mais manso, lançou-se ferro em pleno mar, umas três milhas distante de Rovigno. Nessa situação ficou-se à espera de amanhecer o dia, e, entretanto, se ativava o concerto das amuradas e do cordame que, ao partir-se o gurupés, ao qual é em grande parte amarrado, tinha afrouxado. A bela biblioteca do barão de Neveu havia sido completamente inundada pelas ondas que tinham quebrado as vigias do camarote principal, e igualmente quase todos os viajantes haviam mais ou menos sofrido prejuízos, por causa da violência do temporal; em todo caso, salvos todos, consolou-se cada qual facilmente de sua própria desventura mais do que da incerteza sobre a sorte do navio nosso companheiro. Pouco a pouco se foram reunindo os viajantes, que haviam duramente sofrido essa primeira prova, no convés, onde o aspecto dos súbitos estragos e do estado cansado e quase entanguido da equipagem completou a noção do grande perigo, de que havíamos felizmente escapado.

Pouco antes das doze horas, o céu escuro clareou um pouco, e o navio pôs-se devagar em movimento para sueste. Ao meio-dia, avistamos as costas áridas da Ístria, onde o sol, justamente saindo das nuvens, deitava luz muito viva. Passamos junto de pequenas ilhas plantadas de oliveiras à entrada do porto de Pola. Nessa mesma noite, a nossa companhia de via-

jantes desembarcou para repousar, contemplando as belas ruínas de arte romana.

O oficial de marinha, que entrementes havia sido mandado de Pola para Veneza a fim de dali trazer um novo gurupés e notícias da fragata nossa companheira, a *Augusta*, da qual nada tínhamos podido saber nas costas solitárias da Ístria, voltou dentro de alguns dias, com a notícia de que aquela embarcação, tendo perdido todos os mastros, velas e botes, se havia recolhido à ilha de Chioggia, e dali deveria seguir para Veneza, a fim de restaurar no seu arsenal as consideráveis perdas, avaliadas em vinte mil francos. O novo gurupés foi em breve colocado e no sétimo dia estava a *Áustria* pronta para se fazer à vela. A embaixada resolveu, portanto, continuar só até Gibraltar, e ali esperar, além da fragata *Augusta*, a real esquadra portuguesa, assim como instruções imediatas da Corte imperial de Viena. Na manhã de 21 de abril, às 6 horas, levantamos âncora e zarpamos do porto de Pola.

Um vento contrário, que nos fez demorar em Malta, mudou na noite de 30 de abril para um fraco sudeste, e a fragata apressou-se logo a zarpar do Porto.

A 3 de maio, apareceu-nos, a pouca distância da costa da Sardenha, o Toro, rocha nua que surge do mar, e logo em seguida São Pedro, a ponta mais ocidental daquela ilha. Muitos botos folgavam em torno do nosso navio, e deram aviso, segundo a experiência da maruja, de que o vento ia ceder, o que de fato logo sucedeu. Sobrevindo diversos fenômenos, compreendemos que nos avizinhávamos do grande Oceano; entre outros, sobretudo, a forte fosforescência do mar. Na viagem de Trieste até ali, haviam-se verificado apenas pequenos pontos luminosos no mar; agora, porém, durante a noite, parecia que o navio navegava em fogo líquido aos cachões, e o convés, no abaixar e oscilar ao encontro das vagas, ficava todo cercado de claridade. A contemplação desta mágica visão noturna arrebatava o espectador, especialmente quando ele não teve antes oportunidade de singrar o elemento salso em tal esplendor.

O mar fervia com globozinhos resplandecentes, e cada baque do navio de encontro às vagas fazia chispar faíscas, como as do ferro em brasa quando o ferreiro o malha, e que tudo iluminavam em volta. Além desses milhares de minúsculas esferas de fogo, também se viam maiores bolhas

luminosas, e justamente em maior profusão junto do navio; entretanto, igualmente se notavam a distância, nos lugares em que as ondas se quebravam espumantes. Quanto mais escura a noite, tanto maior a magnificência desse fenômeno; também, por esse motivo, nas noites de luar era menos visível, e somente do lado da sombra do navio.

Em muitas descrições de viagens marítimas, este belo espetáculo tem dado assunto para investigações. Forster opina que ele se produz em parte graças à eletricidade causada pelo forte atrito do navio, e, em parte, graças à fosforescência proveniente de matérias animais em putrefação ou a bichinhos luminosos. Adanson, e com ele os mais modernos pesquisadores da natureza, como Humboldt e Péron, atribuem esse fenômeno exclusivamente aos moluscos, zoófitos e outros animais marinhos.

Também nós não perdemos a ocasião de examinar este importante assunto com o máximo zelo. Fizemos encher de noite algumas vasilhas com a água luminosa do mar. A mão e tudo que se molhava com essa água reluzia, e na vasilha, logo que era agitada, a água cintilava com pontos de fogo. No dia seguinte, examinando-a com o auxílio de um excelente microscópio de Utzschneider e Fraunhofer essa água deixou patente uma infinidade de corpúsculos-bolhas, ora arredondados, ora alongados, do tamanho de uma semente de papoula. Cada um deles tinha numa extremidade ou vértice um pequenino furo guarnecido com seis até nove fios delicados, que agora flutuavam no interior da bolha, e com os quais parece que o animálculo se agarra aos corpos estranhos, e ingere o seu alimento. No interior dessas bolhazinhas viam-se às vezes pequeníssimos pontos escuros aglomerados a um lado, e aqui e acolá alguns maiores, talvez restos interceptados de animálculos semelhantes, ou geração de entezinhos novos, para serem expulsos. Esses animais esféricos, que têm todos os característicos das medusas, citados por Péron e Lechenault com o nome de *Orethusa pelagica*, por Savigny com o de *Noctiluca miliaris*, nadam na água do mar colhida à noite, em maior ou menor quantidade e parecem, a olhos nus, examinando-os à luz do sol, pequenas gotas de gordura. Desde que a água não seja renovada ou que dure muito tempo o exame, não se conservam mais em cima da água, e caem mortos no fundo. Interessante é o fato desses animálculos se atraírem espontaneamente formando grupos quando se aproximam. Igual fenômeno vimos em grande escala, de dia,

tanto aqui, como no oceano, isto é, sobrenadam no mar em compridas filas amarelo-pardacentas estes corpúsculos e dão a ideia de água semeada com serragem. Essas ocorrências sempre se davam, contudo, quando o céu estava encoberto por nuvens, escurecendo o mar. Parecia que estes infusórios do mar recebiam a luz do sol, durante o dia, descendo às profundidades, e, com o crepúsculo, voltando à superfície; pelo menos nunca eram encontrados na água colhida de dia, e sempre na água retirada à noite. No porto de Gibraltar eram em tão grande quantidade que, ao tocarmos com a mão na água, logo se formava um rasto de luz, e a mão retirada luzia com inúmeras cintilações.

Todos estes fatos parecem demonstrar que são animais que dão de preferência motivo à fosforescência do mar. As grandes bolhas luminosas, às vezes com o tamanho de um pé, que sobem isoladamente à superfície ou vogam a esmo, presume-se que sejam moluscos maiores ou medusas, ou borbulhas de água iluminadas pela fosforescência desses animálculos.

Além dessas fosforescências isoladas ou borbulhosas, nota-se, porém, mais outra, que até aqui parece não ter sido bastante discernida, segundo os seus característicos físicos, isto é, a certa distância do navio, por toda parte, onde duas vagas se quebram de encontro ou se arremessam uma sobre a outra, vê-se pairar uma orla de luz azulada, igual ao reflexo dos coriscos na água. Esta luz difere da dos animais-esféricos, pelo fato de não ser chispa isolada ou borbulhão de luz amarelo-clara, porém, é igualmente espalhada e parecida com a luz fraca, que dá a chama de álcool. Sobre a natureza desta luminosidade não nos atrevemos imediatamente a determiná-la com precisão. Poder-se-ia considerá-la reflexo de centelhas produzidas pelos animais esféricos, ou processo de compensação da tensão elétrica entre as próprias vagas ou entre o mar e a atmosfera, pois só se dá na superfície das vagas, quando estas se quebram de encontro uma à outra. Quase poderíamos opinar por este último alvitre, lembrando, sobretudo, a percentagem de sal que aumenta a tensão elétrica contida nas camadas de água do mar e as matérias pútridas da mesma, ficando a água por assim dizer, mais orgânica e animalizada. De qualquer modo, não resta dúvida de que na fosforescência de toda espécie a oxidação e redução são fatores essenciais. Supondo-se um processo de putrefação no mar, também isso é ato orgânico, no qual a podridão, como matéria orgânica, entra em relação

com a atmosfera. Excluindo-se os fatores estranhos, o mar tem sempre a mesma relação com a atmosfera, e a sua água e o sal dissolvido nela, com o movimento, mais se oxidam. Pode-se, pois, considerar químico, físico ou orgânico esse fenômeno. Esse gênero de luminosidade parece sempre efeito da eletricidade e do processo continuo de oxidação no mar, efeito que aumenta e se torna visível pelo choque das ondas. Examinem outros viajantes os fenômenos dos diferentes gêneros de fosforescência e retifiquem as causas por nós sugeridas.

Ventos fracos alternados ajudaram-nos pouco a pouco a progredir, até que a 11 de maio, chegamos à vista da extensa serra de Morabela, e, finalmente, impelidos por vento um pouco mais vivo, entramos a 12 de maio ao meio-dia, com felicidade, no porto de Gibraltar, onde, ao troar dos canhões, deitamos âncora.

Estava assim concluída a primeira parte da viagem de mar, e achamo-nos nas Colunas de Hércules, que se costuma considerar como o ponto extremo das mais audazes expedições da antiguidade. Muitos membros do grupo de viajantes dirigiram-se ainda nesse mesmo dia a terra, que a tantos respeitos prendia a nossa atenção. Os rochedos de Gibraltar, Mons Calpe, formam o núcleo de uma pequena língua de terra que avança para o mar, de norte a sul, e somente se prende por um areal baixo ao continente. Eleva-se na ponta voltada para o sul, Europa Point, 105 pés acima do nível do mar; dos lados norte e leste, escarpadas muralhas o tornam absolutamente inacessível. O ponto mais alto, o Sugar-Loaf, eleva-se a 1.439 pés ingleses de altitude. Está a cidade situada na parte oeste, mais plana e habitável da ponta de terra.

O general Donn, governador da praça, nos havia dado licença para percorrer todos os lugares da rocha, mesmo as fortificações, e estava em geral empenhado em proporcionar à embaixada todos os divertimentos que a isolada cidade marítima pode oferecer. Num baile, assistimos ao delicado *fandango* e ao *bolero* dos andaluzes, alternados com danças do norte, e as arcadas do palácio, festivamente iluminadas, ressoavam em breve, ora com as suaves elegias do madrigal espanhol, ora com o melancólico canto de bardos do norte. Esse contraste entre o norte e o sul era a constante surpresa dos viajantes por toda a parte. Na mistura de residentes espanhóis e ingleses, notam-se também muitos genoveses e calabreses, que especial-

mente se dedicaram à pesca ou à navegação. O número de judeus, que na maioria falam o espanhol, é considerável. Ainda não podia a posse inglesa suplantiar a língua e costumes espanhóis; pelo contrário, o grande tráfego comercial e a presença de muitos estrangeiros dão a este ponto, grande e universal significação para o comércio do Mediterrâneo. O que completa, porém, o variado quadro que apresentam os habitantes de Gibraltar, é a presença de asiáticos e norte-africanos. Entre estes últimos acham-se muitos marroquinos, que vendem, nas ruas, frutas do sul e belos artigos de couro lavrado. O louro nortista assim como o moreno sul-europeu, distinguem-se singularmente, por diferentes traços do semblante e por seu físico, desses estrangeiros de origem oriental. A fisionomia dos marroquinos e outros africanos que aparecem aqui exprime firmeza e inteligência. Entre as doenças mais perigosas que grassam nesta enseada do Mediterrâneo, muito quente por sua situação e exposta sobretudo ao vento do sul, está a febre amarela. Pouco antes de aqui chegarmos, grande número de pessoas foram vitimadas por essa doença. Como em Cuba, no golfo do México, assim aqui, em Cádiz, Barcelona e outras cidades marítimas não expostas à livre ventilação, acontece aparecer esta devastadora doença favorecida pela ação do calor e pelas exalações pútridas e deletérias da água salgada.

Em Algeiras, recebeu o embaixador ordem da corte de Viena, em virtude da qual a fragata *Áustria* devia seguir viagem sozinha, para o Rio de Janeiro. Como já, neste momento, havia chegado a Gibraltar a notícia de movimentos revolucionários em Pernambuco, felicitamo-nos por nos ser poupado maior atraso, que poderia ser aumentado pela continuada demora da esquadra portuguesa. Apenas esperamos mais um dia, quando, de improviso, começando a soprar o vento leste, uma salva de canhão da *Áustria* e o sinal da bandeira, hasteada a bordo, nos chamaram. Ao meio-dia, veio um bote com a notícia de que, dentro de uma hora, a fragata ia fazer-se à vela e levou-nos de volta. Estava tudo pronto para a partida, e somente o nosso colega, Sr. Mikan, que se havia afastado longe demais numa excursão botânica, ainda não havia chegado a bordo; já começava a afligir-nos a sua demora, quando, precisamente ao se levantarem os ferros e se desfraldarem as velas, ele chegou e pôde embarcar felizmente.

.....

Capítulo IV

VIAGEM DE GIBRALTAR À MADEIRA E PELO OCEANO ATLÂNTICO AO RIO DE JANEIRO

A 3 DE JUNHO, zarpamos da baía de Gibraltar ao meio-dia, acompanhados por mais de cinquenta embarcações grandes e pequenas, que também haviam esperado vento favorável para a partida e conosco faziam agora à vela em majestoso comboio, através do estreito, rumo ao oceano Atlântico. O vento de leste soprava vivo, e o nosso rápido veleiro tomou em breve a dianteira sobre todas as outras embarcações. Já no fim de uma hora, havíamos dobrado a ponta oriental do Cabo Carnero, e achávamos-nos ao meio do estreito, onde as duas partes do mundo distam poucas milhas marítimas¹ uma da outra. A correnteza de oeste é muito sensível aqui, e qualquer olho experimentado logo a reconhece nos navios que vêm do oceano. Costuma-se estimá-la em quatro a cinco milhas marítimas por hora, que são daí deduzidas do cálculo da barquinha, isto na saída. Quando navegávamos nas águas verde-escuras do estreito, avistava-se a costa espanhola diante de nós em azul nublado; podiam-

1. A milha marítima equivale a cerca de 1.850 m. (Nota da revisão, Ed. Melh.)

-se distinguir perfeitamente duas ordens de montanhas, que corriam de E.N.E. para O.S.O. As de trás dominam consideravelmente os outeiros verdes dianteiros, que se elevam suavemente, arrimando-se nos alcantilados e despidos dorsos das primeiras, interrompidos por muitos pequenos vales e vão descendo sem encostas abruptas até o mar. Em dois dos mais extremos pontos deste promontório ainda existem torres mouriscas de vigia, e além, para oeste, avista-se o arenoso promontório de Trafalgar, famoso pela vitória de Nelson. Uma faixa azul mais alta a N.O., que acaba no estreito cabo de San Sebastian, foi o último ponto do continente europeu de que nos despedimos.

As montanhas no lado africano do estreito estavam em grande parte enevoadas; parecia-nos, entretanto, terem como as da costa espanhola, forma alongada com entalhos selados nas lombadas. Às quatro horas, passávamos à vista de Tânger, à distância de três a quatro milhas marítimas. Distinguia-se claramente a cidade disposta em terraços com pequenas casas achatadas, cercada de muralhas e torres baixas quadrangulares, atrás da qual se elevam escarpados montes calcários, e aqui ali, blocos de rocha desagregados. Cerca das cinco horas, distava de nós a E.S.E., o cabo Espartel, umas seis milhas marítimas. A ideia de que navegávamos à vista de dois continentes em demanda de um terceiro, emocionava-nos a todos. A vizinhança da velha África, que, já desde séculos sem progresso de civilização, jaz na mesma uniformidade; a recordação dos limites de suas atividades, que a arrojada antiguidade julgava ter alcançado nesse bravo de mar; a lenda da afortunada Atlântida, que nós esperávamos de novo encontrar na fértil América, tão rica de maravilhas da natureza; o pensamento da despedida, que fazíamos à Europa altamente culta e espiritual; tudo concorria para tornar inolvidável aquele momento de nossa vida, a passagem pelas Colunas de Hércules, rumando para o oceano.

Às seis horas da tarde, tinham-se sumido de nossa vista os últimos pontos das costas africanas e europeias e achávamo-nos em alto-mar. Majestosas vagas amontoavam-se. O próprio oceano, assim como o claro firmamento acima dele, colorido azul-escuro davam igualmente a imagem de profundezas insondáveis. Cada um dos navios conosco em viagem tomavam daí por diante o caminho do destino, guiados pela bússola no oceano, que separa e une todos os continentes. O nosso esplêndido veleiro,

tomando precedência sobre todos, cortava com incrível rapidez os altos vagalhões uniformes, na direção oeste.

O enjojo é um penoso sofrimento para o viajante no mar. Nem todos são atacados pela mesma forma; em geral, parece que as pessoas de constituição forte e habitantes das costas do mar sofrem menos do que a gente de físico mais fraco os moradores no interior do continente ou nas montanhas. Há também exemplos contrários, até de marinheiros, endurecidos por muitas travessias do mar, serem eles também atacados nas tempestades violentas. Certamente essa doença é menos devida ao aspecto da imensidão das águas, e ao resultante medo do perigo, ou mau cheiro que se desenvolve das águas apodridas, presas no navio, ou às saudades da pátria; antes provém, principal se não inteiramente, dos desconfortos balouços do navio. A impressão que experimenta o viajante, com o balanço do vasto elemento fluido, é muito semelhante ao que muita gente sente em terra com sacudidelas dum carro em passeio, e muitos ainda se conservam incomodados depois de estarem muitas horas em terra firme. Em geral, começa a doença por uma opressão surda na cabeça, como angústia, e passa-se por uma série das mais desagradáveis sensações, até virem as câimbras de estômago, mais ou menos dolorosas, às quais se seguem vômitos violentos e continuados. Às vezes, são tão fortes que provocam hemorragia ou também acontece que os pacientes, sempre enjoados, nem sequer suportam a vista ou o cheiro da comida, e por falta de suficiente alimentação se enfraquecem e, sendo demorada a viagem, correm risco de vida. Quem foi vítima desse mal sabe que os atacados gostariam de poder empenhar todas as felicidades do mundo por uma hora de desembarque em terra e, portanto, não considerará este assunto de pouca importância, na descrição de uma viagem por mar. A fim de minorar ou curar esse penoso incômodo, recorre-se a diferentes meios. A gente do mar recomenda particularmente chupar laranjas com ferrugem da âncora. As regras mais eficazes para se evitar esse mal são a dieta e, antes de tudo, conservar-se a pessoa tanto quanto possível no convés, ao ar livre e muito próximo do mastro central, onde o balanço é menos sentido; não contemplar a superfície do mar ou, pelo menos, não a fixar; e, em vez de tomar alimentos líquidos particularmente quentes, acostumar-se a frios, sólidos, sobretudo ácidos, que consumam muito suco gástrico, por exemplo: peixes salgados, pre-

suntos, etc. O que mais se recomenda, logo ao primeiro ataque da doença, quando se pressente o enjoo, é procurar dominá-lo, tomando alimento mais pesado e procurando distrair o espírito com algum divertimento. Antes de tudo abster-se de sair do convés e, logo à primeira dor de cabeça, fugir do interior do navio e dos camarotes abafados e malcheirosos. Se, não obstante, o incômodo se instalar tão violentamente que não se tenha ânimo para mexer, então o único recurso é estender-se a fio comprido no leito e esperar do sono algum alívio. Na mesma posição, depois de algum repouso, é aconselhável tomar cerveja Porter, alimentos sólidos e frios, por exemplo, presunto, e depois voltar ao ar livre. Energia e distrações muito podem concorrer, assim como mudar de ideia e forçar a vontade. Pessoas fracas, por outro lado, quando pensam muito e fazem esforços intelectuais, podem com isso chamar a doença e prolongá-la. Quanto menos a pessoa se preocupar consigo mesma e quanto mais se distrair com várias ocupações, com passeios no convés, mesmo com esgrima e com o trabalho dos marinheiros, tanto mais facilmente se acostumará ao balanço do navio, sobretudo numa viagem demorada. Também fomos assim cada vez menos assaltados pelo penoso incômodo e pudemos, graças ao bom tempo, passar o dia inteiro no convés. Somente quando as ondas se alteravam muito e o movimento do navio se tornava violento, começavam os primeiros sintomas do mal, embora passageiros; quanto mais uniformes o vento e o balanço do navio, tanto mais facilmente a ele nos habituávamos, e tanto maior encanto tomava para nós a vida de bordo.

O vento forte e constante trouxe-nos, até dia 5 de junho, com a maior rapidez à Madeira.

Nesta bela ilha, a primeira possessão portuguesa em que ia pisar S.A. real imperial a arquiduquesa, faziam-se preparativos festivos para sua recepção, e a embaixada foi repetidamente convidada a passar aqui alguns dias. Estava resolvido, entretanto, só nos demorarmos o tempo necessário para embarcar o delicioso vinho da ilha, e como isso se executou no dia da chegada, foi concedido aos naturalistas um dia apenas para percorrerem os arredores mais próximos de Funchal. Ainda à noite percorremos a cidade.

O governador da ilha, que também tem a seu cargo a vizinha Porto Santo reside num castelo vasto e belo, próximo do porto. Tanto este como os arredores próximos da igreja principal foram esplendidamente

iluminados à noite, quando o governador ofereceu um baile à sociedade. As senhoras fizeram-se transportar ao palácio em palanquins ricamente dourados e em redes seguras em varas, cobertas de ricos véus, e, de fato, carregadas por negros, cujo número considerável entre os demais habitantes nos causou muita estranheza, aumentada ainda ao avistarmos alguns padres dessa cor. Os naturalistas preferiram o conhecimento do interior da ilha ao gozo da festa. Ambos nos achávamos, já ao amanhecer do dia, a caminho para o alto que, fronteiro ao porto, se eleva em anfiteatro, cortado por alguns vales, para os quais correm claros regatos.

A 8 de junho, às quatro horas da manhã, foi levantada a âncora e partimos. Fomos nisto mais felizes do que o navio que aqui trouxe, algum tempo depois, S.A., a princesa imperial; impelido por um vento sul, que caiu de repente perto demais da margem, teve que picar apressadamente ambas as amarras para poder ganhar o alto-mar. Com efeito, o mar em volta da ilha é tão profundo, que somente muito perto da margem, na profundidade de trinta e cinco até cinquenta braças², pode-se fundear a âncora, que então se apega facilmente aos recifes de basalto. Daí tornar-se, muitas vezes, necessário sair perdendo a âncora, sobretudo nos meses de novembro a fevereiro, quando as tempestades de S.O. ou S.E. ameaçam arremessar os navios de encontro à costa.

Saímos do porto de Funchal com vento norte fraco, que em breve, porém, se transformou em E. e N.E. e soprou favoravelmente. Um brigue inglês, que levava a bordo colonos³ para a Nova Holanda⁴, passou por nos muito perto, nessa latitude. Achava-se nele grande número de mulheres que, embora desterradas da pátria, pareciam viajar com animosa confiança para o seu novo destino. À noite desse mesmo dia, também a Ilha de Ferro apareceu dentro do nosso raio visual; mas, como quase sempre, envolta em névoa. Assim havíamos transposto os limites da navegação antiga, além dos quais o audaz gênio empreendedor de Bartolomeu

2. Uma braça inglesa – cerca de 1,80m. (Nota da Ed. Melh.)

3. Sentenciados (e sentenciadas) deportados para colonização de regiões coloniais. Conhece-se esse método de colonização outrossim da Austrália e da Sibéria. – (Nota da Ed. Melh.)

4. Austrália.

Dias, Colombo e Magalhães os fez rumar para novos mundos; velejamos, confiantes na arte e ciência dos homens, para o alvo de nossa viagem sobre a imensidade do oceano. A perfeição da náutica e da construção naval na nossa época inspira ao viajante a sensação de segurança e conforto, que afugenta qualquer ideia de perigo. Assim também nós tivemos ocasião de experimentar um dos mais agradáveis lados da vida do mar, em embarcação bem construída e guiada com prudência e cercados por uma sociedade muito animada. Distraídos com variados entretenimentos, jogos, música e trabalhos científicos, para nós as horas corriam tão céleres, como o nosso excelente veleiro, deslizando sobre as vagas.

Assim que passamos, na longitude 21°51' Oeste de Paris, o Trópico de Câncer, reuniram-se o vento N. e o vento E., que antes se alternavam como que brincando um com o outro, passando para N.E. e finalmente soprando N.N.E. em direção ao Equador, dia e noite, com igual força. Com essa constância de vento N.E. que perseverava, vencemos em vinte e quatro horas cento e cinquenta milhas marítimas.

No nosso círculo mais próximo fazia-se pouco a pouco uma extraordinária mudança, que nossas pessoas compartilhavam com os objetos circunstantes. Ao meio-dia, víamo-nos sempre mais livres de nossos companheiros. As sombras diminuía até sumir-se entre os pés, como se tudo nessa zona da criação procurasse ser mais independente e menos importunado pelo reino das sombras, as quais sempre acompanham a obliquidade e a parcialidade. Nesta altitude, apareceram os peixes voadores (*Exocoetus volitans*) em cardumes na superfície do mar e ofereceram ao solitário observador um espetáculo interessante. Para fugir do navio e das perseguições dos peixes vorazes elevam-se eles, ora um a um, ora em cardumes cerrados, a alguns pés de altura acima da superfície da água, e tornam a cair de novo nas vagas, depois de voos de quarenta até cinquenta passadas, contra o vento; acontece, por vezes, serem lançados pelo vento no convés e aí são presa da marinhagem. Seus inimigos, os atuns (*Scomber thynnus*), e bonitos (*Sc. pelamis*), porfiam na velocidade com o navio que desliza rápido como flecha.

Quando nos achávamos na latitude 8°12', avistou-se ao longe um grande navio, cuja marcha nos pareceu suspeita. Esta zona é tão frequentemente perturbada por piratas de Buenos Aires e da América do

Norte, que os navios portugueses e espanhóis, particularmente, precisam estar sempre alertas. Todavia, tampouco poupam esses piratas os navios ingleses, desgosto pelo qual passou, entre outros, o Sr. conde von Wrba, que, como correio do Rio de Janeiro, de volta num paquete inglês, foi, com risco de vida, atacado e roubado. À vista desse navio, foram logo tomadas disposições militares de defesa; em breve, porém, demonstrou ele, pelo rumo que seguia na direção da costa da África, que não tinha intenção hostil. Provavelmente era um negreiro português, que viajava para a Guiné.

A 15 de junho, na latitude 14°6'45", apareceu pela primeira vez a magnífica constelação do céu meridional, o Cruzeiro, que para o navegante é um sinal de paz, e, pela sua posição, também é indicador das horas da noite. Já desde muito tempo estávamos na expectativa dessa constelação para nosso guia ao outro hemisfério; indescritível foi, portanto, a nossa alegria, quando se fez visível no céu todo resplandecente. Por todos considerado signo de salvação, foi contemplado com emoção religiosa; porém, a alma regozijou-se particularmente no pensamento de que até a estas regiões, iluminadas pela bela constelação do significativo nome de Cruzeiro, o europeu trouxe a civilização cristã e científica, a verdadeira nobreza da humanidade e, incitado por elevados sentimentos, sempre mais e mais a procura espalhar até as terras mais remotas. Ao passo que o céu estrelado do Sul se elevou no nosso horizonte, o firmamento setentrional submergiu-se. Os que consideravam a Europa sua exclusiva pátria, apenas com melancólica saudade contemplavam a estrela polar desaparecendo cada vez mais, até finalmente sumir-se nas nevoas do horizonte.

Grandiosas e magníficas são as impressões que o novato experimenta aqui, da potência e da tranquilidade dos elementos; porém, estranho e sem o hábito da zona quente, sente-se incomodado com a umidade e frescura das manhãs e das tardes e com o opressivo abafamento do meio-dia. A tripulação toda começou, nessa latitude, a queixar-se de dor de cabeça e de cólicas, e só com o uso de remédios, como tártaro e ruibarbo, os organismos de novo voltavam ao equilíbrio nessa natureza, sobre a qual o sol dardeja a prumo.

Assim como antes, tocados pelo vento N.E., agora, pelo S.E., seguíamos com a mesma velocidade, navegando para o equador.

A 28 de junho, quando nos achávamos a 2°19'29" latitude norte e a 24°21' longitude oeste de Paris, apareceram algumas aves tropicais (*Phaeton aethereus*) e pelicanos (*Pelicanus aquila*), voando alto, por cima da fragata. Essas aves podem na verdade descansar sobre as ondas; costumam, porém, especialmente as últimas, mostrar-se somente quando a terra não está muito distante. Como estivéssemos em pleno alto-mar, devíamos presumir, pelo aparecimento delas, que existiriam rochedos nas vizinhanças. De fato, em alguns de nossos mapas náuticos, estavam indicados os tais rochedos, na longitude em que íamos cortar o Equador. À noite, já pensava o comandante haver passado fora desse perigo, quando de repente, cerca das nove horas, ressoou o grito do vigia no cesto da gávea: "Ressaca à frente do navio!"

Todos a esse brado subiram com desespero ao convés e correram, em todos os sentidos; uns gritando: "Fogo!"; outros, "Naufrágio!" Entretanto, o comandante, não perdendo o sangue-frio e a presença de espírito, ordenou prontamente que se virassem as velas a fim de fazerem parar o navio. A proximidade do suspeitado perigo deu asas às manobras, e o navio foi instantaneamente desviado dos escolhos. Assim estávamos, com felicidade, livres do perigo, e cada qual sentiu-se aliviado depois do susto, ao imaginar a iminência de naufragar.

Entretanto, para navegar com maior segurança durante a noite, julgou-se acertado despachar um bote para investigar os supostos rochedos. Ao chamado do comandante, apresentou-se o tenente Logodetti, que desceu com mais alguns marinheiros, levando uma lanterna acesa e alguns viveres ao bote balançante, a fim de seguir para o presumível rochedo. Nesses aprestos, havia a lua saído das nuvens, e iluminava o mar agitado pelo vento S.E. Toda a equipagem do navio que, desde aí, com poucas velas, navegava para trás, seguia ansiosa com o olhar o bote, cuja luz indicava o caminho. A sorte daqueles homens, metidos numa lanchinha aberta sobre a vastidão do oceano, talvez exposta a bater num escolho ali perto, afligia a todos os companheiros de viagem; ora via-se com ansiedade sua luz sumir-se ao longe, ora o seu reaparecimento produzindo uma viva alegria; afinal, porém, ela desapareceu de uma vez de nossas vistas e parecia sumida de todo. Enquanto trocávamos as mais diferentes conjeturas uns com os outros, navegou a lanchinha sem novidade a noite toda com constante caute-

la na expectativa do perigo receado, e voltou na manhã seguinte sã e salva para a fragata, com a notícia de que os supostos rochedos, anunciados pelo vigia, não eram mais do que o reflexo e o tumultuar da forte correnteza.

Seria a 29 de junho, num domingo, que, segundo os nossos cálculos de navegação, devíamos cortar o Equador. Como o mar estivesse bastante calmo, foi esse dia solenizado com uma missa. Ante a solidão do lugar, a gravidade da calma, a vastidão dos elementos, entre os dois hemisférios, e a imensidade do oceano, onde a nossa pequena embarcação vogava desamparada, comoveram-se profundamente todos os ânimos, especialmente aqueles que pensaram então na onipotência da natureza e na misteriosa transformação de todas as coisas, quando o rufar militar do tambor anunciou a transubstanciação. Passou o dia sossegadamente, ao contínuo soprar do vento S.E. favorável; mesmo o próprio Netuno alcatroado e seus companheiros extravagantes não conseguiram alvoroçar o navio com os batismos aliás costumados. A noite estava clara e brilhante; os polos do firmamento estrelado já descansavam no horizonte e a lua cheia espargia acima de nossas cabeças uma resplandecente luminosidade: Vega, Arcturo, a Espiga, o Escorpião, no qual justamente brilhava Júpiter e os pés do Centauro, cintilavam todas lá em cima, na abóbada celeste; o Cruzeiro do Sul havia tomado posição perpendicular e indicou meia-noite, quando, segundo os cálculos, nos achávamos no lugar de equilíbrio do céu e da terra, e, transpondo o Equador, rumávamos para o hemisfério sul. Com que vivas esperanças, com que indizíveis sensações, entramos nessa outra metade do mundo, que nos ia oferecer opulência de fenômenos e descobertas! Sim, esse momento foi um dos mais solenes e mais sagrados de nossas vidas. Nele se satisfazia a expectativa de nossa mocidade, e nos abandonamos, em júbilo extático, ao gozo antecipado de uma natureza estranha, tão rica e maravilhosa.

Achávamo-nos agora na latitude dos Abrolhos. O aparecimento de diversas aves marinhas – do *Phaeton aethereus* e da *Procellaria capensis* – dava indício da vizinhança dos perigosos rochedos, que estão situados entre a latitude sul 16° e 19°, ao longo da costa brasileira. O comandante dava ordens mais frequentes de lançamento da sonda, e, embora achasse apenas fundo na profundidade de setecentos pés, considerou prudente permanecer durante a noite mais afastado da costa.

A 10 de julho, quando estávamos na latitude sul de 20°49' e na longitude 39°24' oeste de Paris, deixamos a declinação ocidental da agulha magnética, que, desde nossa partida da Europa, até aqui, havia regularmente diminuído, e passamos à oriental. No dia seguinte, encontramos um pequeno navio, o primeiro que no alto-mar passava tão perto de nós que o podíamos chamar. Ao tiro de canhão e ao arvorar de nossa bandeira, ele acudiu pressuroso, e participou-nos a tranquilizadora notícia de que o levante que se dera em Pernambuco, e cujo conhecimento tínhamos tido em Gibraltar, estava apaziguado e que a calma política e a ordem pública não se haviam perturbado no resto do reino. Deu-nos ele a sua distância do continente como dois dias de viagem de Cabo Frio e desapareceu em breve de nossas vistas. Na tarde de 13 de julho, anunciou-nos o comandante que, na manhã seguinte, veríamos Cabo Frio. Com que ansiedade esperamos o momento em que, depois de uma viagem de quarenta e dois dias, de novo íamos avistar um continente! Confirmou-se do modo mais rigoroso a predição do comandante, e na manhã de 14 de julho apareceu a oeste, mais ou menos envolvida em névoas, uma extensa serra. Pouco a pouco se dissiparam as enganadoras nuvens e reconhecemos, na distância acinzentada, distintamente, a montanha coberta de matas de Cabo Frio, que, primeiro pelo vigia no cesto da gávea e depois por toda a gente do navio, foi saudada com alegria.

O dia estava encantadoramente claro e límpido, e vento favorável nos levou além do alto cabo. Não tardou a patentear-se aos nossos olhos, embora ainda distante, a grandiosa entrada do porto do Rio de Janeiro. À direita e a esquerda, elevam-se, como portões da baía, escarpados rochedos, banhados pelas vagas do mar; o que domina ao sul, o Pão de Açúcar, é um conhecido marco para os navios afastados. Depois do meio-dia alcançamos, aproximando-nos cada vez mais do mágico panorama, os colossais portões de rocha, e finalmente por eles entramos no vasto anfiteatro, onde o espelho do mar reluzia como sossegado lago; onde espalhadas em labirinto, ilhas olorosas verdejavam, limitadas no fundo por uma serra coberta de matas, como jardim paradisíaco de exuberância e magnificência. Do forte de Santa Cruz, pelo qual a nossa chegada foi anunciada à cidade, trouxeram-nos uns oficiais da marinha a licença para nos adiantarmos. Enquanto se tratava desses pormenores, todos se deleitavam na contemplação

do país, cuja doçura, cuja variedade encantadora e cujo esplendor superam muito todas as belezas naturais, que jamais havíamos visto.

Do azul escuro do mar, elevam-se as margens banhadas de sol e no meio do verde vivo destaca-se a brancura das casas, capelas, igrejas e fortalezas. Atrás levantam-se audaciosos rochedos de formas imponentes, cujas encostas ostentam em toda a plenitude a uberdade da floresta tropical. Odor ambrosiano derrama-se dessa soberba selva, e, maravilhado, passa o navegante estrangeiro por entre as muitas ilhas cobertas de majestosas palmeiras.

Assim se alternavam sem interrupção novos graciosos e espetaculares cenários, diante de nossos olhos admirados, até que, finalmente, a capital do novo reino, iluminada festivamente pelo sol poente, se patenteou à nossa vista; chegando à altura da pequena ilha das Cobras, quase junto dela, deitamos âncora às cinco horas da tarde. Indescritível sensação apoderou-se de todos nós, no momento em que a âncora deu no fundo de outro continente, e o troar dos canhões, com irrupção da música de guerra, saudou o almejado alvo: a feliz conclusão da viagem marítima.

LIVRO SEGUNDO

.....

Capítulo I

NO RIO DE JANEIRO

NA MANHÃ SEGUINTE, 15 de julho, fomos levados à terra, por entre a movimentada azáfama de navios europeus e de pequenos barcos equipados com negros e mestiços.

Sobe-se por uma escada de granito ao belo cais, e alcança-se a vasta praça aberta, a principal da cidade, formada pela residência imperial e diversos edifícios particulares imponentes. Com muita dificuldade nos livramos da barulhenta turba de pretos e mulatos seminus que ofereciam seus serviços com a característica da grande insistência que lhes é peculiar. Passando por diversas ruas, direitas e retangulares, chegamos finalmente ao hotel italiano, então o único da capital do Brasil, onde achamos acolhimento para os primeiros dias. Ao cabo de alguns dias, alugamos uma pequena casa no arrabalde de Santana, que nos atraiu por sua posição elevada na encosta da colina e com vista sobre o promontório do Corcovado. Os nossos livros, instrumentos e bagagens foram para ali carregados às costas dos pretos. A Alfândega não impôs a menor dificuldade desde que soube termos vindo na fragata *Áustria* e sob o patrocínio de S.M. o imperador da Áustria. De fato, parecia tudo concorrer para facilitar-nos, a nós recém-

-chegados, as primeiras diligências a fim de organizarmos o nosso pouso no solo americano.

Com grande prazer fizemos relações com o extremamente afável conselheiro de estado imperial e cônsul-geral russo von Langsdorff, conhecido pela sua circunavegação do mundo em companhia do cap. von Krusenstern, que nos recebeu cordialmente. Também diversos compatriotas alemães que se haviam estabelecido como negociantes no Rio de Janeiro se esforçaram para nos serem úteis em todas as ocasiões. Além de sermos filhos da mesma pátria, éramos também ligados com eles pelo interesse que os prendia aquela natureza rica e estranha, para eles nova. Obrigamo-nos a gratidão a mencionar aqui os nomes dos bravos compatriotas, os Srs. Scheiner, Hindriks, Schimmelbusch, Deussen, Frolich, Dürming, e também os Srs. von Eschwege e Feldner, tenentes-coronéis do serviço real português no Corpo de Engenheiros, o primeiro dos quais se achava então no Rio de Janeiro em licença de sua guarnição de Vila Rica¹. Ambos, por sua residência de anos no Brasil, muito conhecedores do interior, foram-nos preciosos auxiliares com seus amáveis conselhos. Graças ao ministro da Áustria, barão von Neveu, que, com o mais ativo interesse e intuito puramente científico, se prestou a auxiliar a nossa empresa, em breve recebemos uma portaria que nos facultava viajar e explorar livremente a Província do Rio de Janeiro, e nos recomendava, com o máximo empenho, para qualquer futura emergência ao auxílio das autoridades. (**Nota I** no fim do capítulo.)

Quem chega convencido de encontrar esta parte do mundo descoberta só desde três séculos, com a natureza inteiramente rude, violenta e invicta, poder-se-ia julgar, ao menos aqui na capital do Brasil, fora dela; tanto fez a influência da civilização e cultura da velha e educada Europa para remover deste ponto da colônia os característicos da selvajaria americana, e dar-lhe cunho de civilização avançada. Língua, costumes, arquitetura e afluxo dos produtos da indústria de todas as partes do mundo dão à praça do Rio de Janeiro aspecto europeu. O que, entretanto, logo lembra ao viajante que ele se acha num estranho continente do mundo, e sobretudo a turba variegada de negros e mulatos, a classe operária com que ele

1. Hoje Ouro Preto

topa por toda parte, assim que põe o pé em terra. Esse aspecto foi-nos mais de surpresa do que de agrado. A natureza inferior, bruta, desses homens importunos, seminus, fere a sensibilidade do europeu que acaba de deixar os costumes delicados e as fórmulas obsequiosas da sua pátria.

O Rio de Janeiro, ou mais propriamente São Sebastião, em geral conhecida pela simples abreviação de Rio, reclinase à margem da baía, cuja extensão, da cidade em direção norte terra adentro, é três vezes maior que da barra até o ancoradouro. Ocupa a parte nordeste de uma Ponta de terra em forma de quadrilátero irregular, na margem ocidental, que se estende ao norte e está ligada no sul ao continente. A extremidade oriental da língua de terra é a Ponta do Calabouço; a extremidade norte, fronteira à pequena ilha das Cobras, é o Armazém de Sal. Entre ambas as pontas, está a mais velha e mais importante parte da cidade ao longo da margem, na direção N.O. para S.E., formando um quadrângulo oblongo. O terreno é em grande parte plano; porém, na extremidade norte, alteiam-se cinco suaves elevações, tão próximas do mar, que deixam espaço para uma única rua à beira-mar; na direção S. e S.E. dominam a cidade diversos morros, sobressaindo-se o do Corcovado, coberto de matas. A parte mais antiga da cidade, a nordeste, é cortada por oito ruas direitas, bastante estreitas, paralelas, partidas por muitas travessas retangulares, em quadras. Uma grande praça a oeste da cidade velha, o Campo de Santana, separa-a da cidade nova. Esta última, na maior parte construída só depois da vinda da corte, liga-se, por meio da ponte de São Diogo, sobre o braço de mar que forma o Saco do Alferes, com o quarteirão sudoeste ou bairro de Mata-porcos e pelo extenso arrabalde de Catumbi, com a Quinta Real de São Cristóvão, a noroeste. Mata-porcos encosta-se logo nas lombadas do Corcovado que se eleva a sudoeste da cidade. No lugar onde essa série de colinas dá para o mar, ostenta-se a igreja de Nossa Senhora da Glória, no outeiro que domina a parte mais ao sul da cidade. Daí em diante, para o sul, só filas interrompidas de casas ocupam as duas enseadas em meio círculo, a do Catete e a do Botafogo, e casas isoladas aparecem espalhadas nos pitorescos vales vizinhos procedentes do Corcovado, entre os quais o mais aprazível é o de Laranjeiras. A cidade já mede, na sua maior extensão, mais de meia milha.

As casas, de pouca altura e estreito frontispício relativamente ao fundo, são na maioria feitas com granito miúdo, ou com madeira nos pavimentos.

mentos superiores, e cobertas de telhas. Em vez das antigas portas e janelas de grade, agora já se veem por todos os lados portas inteiriças e janelas envidraçadas. As sacadas fechadas e sombrias, à moda oriental, diante das janelas, foram por ordem superior rasgadas em balcões abertos.

Na maioria, as ruas são calçadas com granito e têm passeios; são, entretanto, iluminadas muito escassamente e somente algumas horas da noite, com lanternas colocadas junto das imagens de Nossa Senhora. Dá prazer à vista, depois da regularidade das ruas, encontrar várias praças abertas, como as do Paço Real, do Teatro, do Passeio Público ou a do Campo de Santana. Nas colinas, ao longo da margem nordeste, erguem-se, em parte, grandes prédios e especialmente apresentam magnífico aspecto, sobretudo vistos do mar, o antigo colégio dos jesuítas, o convento dos beneditinos, no outeiro a nordeste, depois o palácio do bispo e o forte da Conceição.

A residência dos antigos vice-reis, que, com a vinda da corte de Lisboa, fora aumentada com o claustro dos carmelitas e preparada para a família real, está na planície fronteira ao cais acima mencionado. Este edifício não foi de todo construído no estilo dos palácios europeus e sua aparência exterior não condiz com a grandeza do monarca de um reino tão promissor e florescente. As construções do Rio são, em geral, de feição mesquinha e semelhantes às da parte velha de Lisboa. Entretanto, parece que a arquitetura, cujas obras são de tão imediata necessidade para a vida, também se aperfeiçoara aqui mais depressa do que as outras artes. A presença da corte já vai começando a influir favoravelmente no gosto arquitetônico; entre outros exemplos, a nova Casa da Moeda e diversas casas particulares no Catete e Mata-porcós dão testemunho disso; incessantemente ainda minam-se morros de granito com explosivos, quer para aplanar e ligar a cidade esparsa quer para embelezá-la com prédios novos. Entre as igrejas, que, aliás, não contêm nem belas pinturas nem apresentam esculturas e ricos dourados, destacam-se em particular a da Candelária, a de São Francisco de Paula por sua boa construção e a de Nossa Senhora da Glória por sua situação elevada. O mais belo e útil monumento de arquitetura, de que o Rio até aqui se pode gabar, é o aqueduto, concluído no ano de 1740, cópia da obra única no seu gênero em Lisboa do tempo de D. João V, por cujos arcos elevados corre, para as fontes da cidade, água potável, que vem do Corcovado. A maior dessas fontes, o chafariz da Praça do Palácio, logo junto do porto, abastece os navios e está sempre rodeado de bandos de marinheiros

de todas as nações. O capitão Cook, sem razão, duvidou da excelência dessa água para longas viagens de mar, pois navegantes portugueses levaram-na, para experiência, até à Índia e daí, de volta ao Rio de Janeiro, sem que se corrompesse. Ainda vão sendo colocados novos chafarizes na cidade, e durante a nossa estada se estava preparando o assentamento de um novo chafariz na grande Praça de Santana, e um novo encanamento de água para o lado sudoeste da cidade. Numa cidade tão quente e povoada, volve-se a atenção do Governo, com justo motivo, para o abundante fornecimento de água fresca para beber; somente a distribuição feita por meio de negros pouco aseados, que oferecem água em vasilhas abertas ou em odres, às vezes expostos por horas ao sol, deveria chamar a atenção da saúde pública, a fim de acabar com isso. Também prestaria o governo um relevante serviço à população se encanasse água para muitas casas particulares.

A baía do Rio de Janeiro, um dos mais belos e vastos portos do mundo e chave para a parte sul do Brasil, foi pelos portugueses cuidadosamente fortificada, desde muito tempo. A súbita tomada da cidade pelos franceses, comandados por Duguay-Trouin (1711), que lhe impôs o resgate de 246:500\$464 (800.000 florins), deve ter primeiro chamado a atenção para a necessidade de tais disposições. A entrada é principalmente, defendida pela fortaleza de Santa Cruz, construída sobre uma ponta de terra oriental na base do escarpado monte do Pico, e pelas baterias fronteiras a esta, ao norte do Pão de Açúcar – de São João e de São Teodósio. O estreito, formado por essas duas pontas, e de apenas cinco mil pés de largura, é defendido, além disso, pelos canhões de um forte construído sobre uma ilha baixa de rochas quase no meio da entrada, a ilha da Laje. No interior da baía estão as fortalezas de Villegagnon e da ilha das Cobras, ambas sobre ilhotas pouco distantes da cidade, as mais consideráveis obras defensivas. Nesta última ilha são também encarcerados os criminosos de Estado. Na própria cidade estão o forte da Conceição, a noroeste, e as baterias do Monte, na parte sudeste da mesma; essas não estão entretanto, no melhor estado. A enseada de Botafogo é protegida pelas linhas da Praia Vermelha².

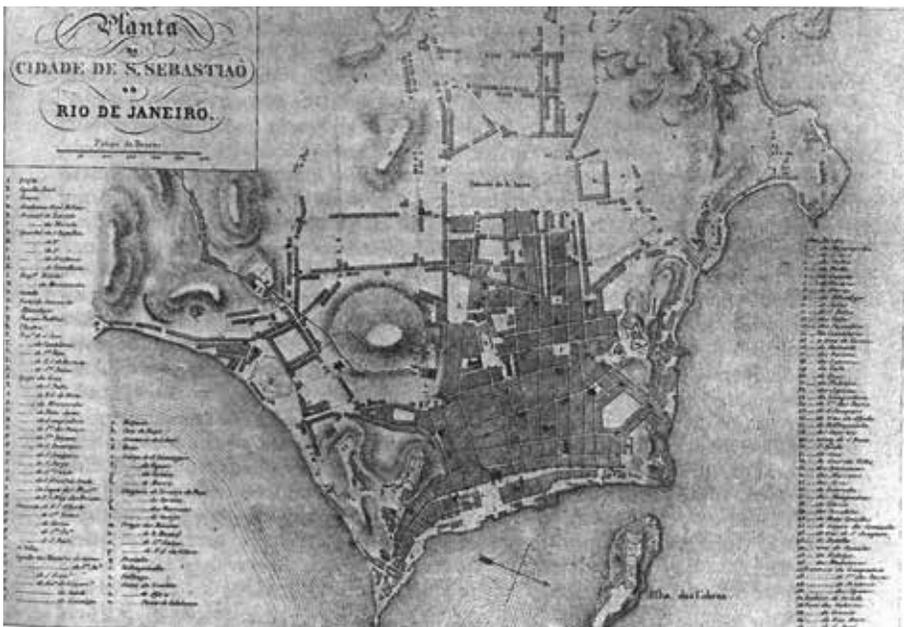
2. Foi aqui onde outrora Martim Afonso de Sousa desembarcou (janeiro de 1531), na viagem de descoberta de que o encarregou D. João III e deu à baía o seu nome atual “Rio de Janeiro”. A Praia Vermelha chamava-se antes Porto de Martim Afonso. Martim Afonso

As águas da baía do Rio de Janeiro participam com o oceano do fluxo refluxo da maré. Nas luas nova e cheia, a preamar se dá às 4 horas e 30 minutos, atingindo a altura de 14 até 15 pés. Dura a vazante, de quando em quando, continuamente um dia inteiro, pelo que a correnteza é mais forte na parte oeste da baía; por outro lado, ao começar a enchente, nota-se o redemoinho da correnteza ao longo da parte leste. O fluxo dura tempo mais curto do que o refluxo, e costuma encher com velocidade de três até quatro milhas marítimas por hora. Em virtude dessa forte enchente, já algumas vezes os navegantes se têm deixado iludir, ancorando próximo demais da margem e sofrerem naufrágio, sobrevivendo a vazante, por não haver mais bastante altura de água para a embarcação. Um navio inglês, chegado com excelente viagem de Liverpool, durante a nossa estada, e que tinha ancorado muito perto da ilha das Cobras, perdeu-se deste modo dentro do porto, e o máximo esforço da equipagem da fragata *Austria*, chamada em seu socorro, apenas pôde salvar uma parte das mercadorias, enquanto o navio se despedaçava em poucas horas de encontro aos rochedos do fundo. O mar, quando está na cheia, sobretudo nos equinócios, em diversas zonas em torno da cidade, ocupa várias baixadas arenosas e mangues, onde crescem arvoredos de *Rhizophora*, *Conocarpus* e *Avicennia*. Assim se transformou algumas vezes em lagoa também o trecho arenoso entre o arrabalde de Santana, onde morávamos, o Saco do Alferes e a rua principal para São Cristóvão, o que limitava as nossas excursões pelo vale. A percentagem de sal dessa água do mar é um tanto menor do que a do oceano, barra fora, nas costas, e por isso, assim como por causa da poluição, não se prepara sal na vizinhança do Rio. A maior parte do sal utilizado é trazido das ricas salinas de Setúbal, e recomenda-se para os climas quentes como preferível ao de Espanha e Sardenha, por ser menos suscetível de derretimento. Uma pequena porção vem dos arredores de Cabo Frio para a capital.

em breve dali se retirou, provavelmente temendo os inúmeros guerreiros indígenas, os tamoios. Só depois de Nicolau Durand de Villegagnon, aqui mandado pelo almirante Coligny, ter-se apossado da baía, é que os portugueses foram advertidos da importância do lugar. Depois de ter o governador-geral do Brasil, Mem de Sá, conquistado e destruído, a 15 de março de 1560, o estabelecimento dos franceses, foi que a baía passou para as mãos dos portugueses, que logo deram começo à construção da cidade no sítio atual. Os indígenas davam à entrada apertada o nome de *Nethero-hy* ou *Nithero-hy*, isto é, “água escondida”. Lery a denominou *Guanabara*.



Rio de Janeiro. A Capital do Brasil, vista da colina de Mata-Cavalos, tirada do lado do sul ou da terra; a baía e, no fundo, a cadeia de montanhas que a cercam.



Planta do Rio de Janeiro, no tempo de Dom João VI.

Com o tráfico comercial de tal extensão como o daqui, é natural que o viajante note por toda parte atividade e burburinho de negócios. Particularmente o porto, a Bolsa, os mercados e as ruas mais próximas do mar, na maioria providas de depósitos para mercadorias da Europa, estão cheios de negociantes, marinheiros e negros. Os diferentes idiomas da multidão dessa gente, de todas as cores e vestuários, se cruzam; o vozerio interrompido e sempre repetido, com que os negros levam de um lado para outro as cargas sobre varas, o chiado de um tosco carro de bois de duas rodas, em que as mercadorias são conduzidas pela cidade, os frequentes tiros de canhão dos castelos e dos navios de todos os países do mundo, que entram, e o estrondo dos foguetes com que os habitantes quase diariamente e já de manhã cedo festejam os dias santos – confundem-se num estardalhaço ensurdecedor.

A população do Rio de Janeiro compõe-se, em sua grande maioria, de portugueses ou de seus descendentes, tanto brancos como os de mistura de cores. Quase não se veem indígenas americanos aqui. Eles evitam, quanto podem, a cidade e, muito raramente aparecem, e só por acaso, como aves de arribação, no tumulto para eles estranho. Os que estão mais perto pertencem, segundo dizem, à Missão de São Lourenço, na baía do Rio de Janeiro, de onde vêm oferecer louças de barro; outros vêm de quando em quando de mais longe, da região de Campos, no distrito de Goitacases, ou de Areias, uma pequena vila no caminho de São Paulo, ou de Minas Gerais, acompanhando as tropas, que põem a capital em constante ligação com essas regiões. Os catraieiros, morenos, que no porto muitos viajantes tomam por índios, são mulatos ou mestiços. O primeiro indígena americano que avistamos aqui foi um menino da tribo antropófaga dos botocudos de Minas Gerais; ele se achava na casa do nosso amigo von Langsdorff. O amigo ministro de Estado português, conde da Barca, havia pedido ao comandante do distrito dos índios em Minas Gerais um crânio de índio para o nosso célebre compatriota o conselheiro Blumenbach; como este último não teve oportunidade de achar à mão tal material morto despachou então ao conde dois botocudos vivos, que seus soldados haviam prendido num ataque repentino. O Sr. von Langsdorff recebeu então um deles, ao qual em breve muito se afeiçoou e este lhe serviu não somente como peça viva de museu, porém, igualmente, como coletor de curiosidades naturais.

Antes da vinda do rei³, consistia o total da população do Rio numas cinquenta mil almas, superando de muito, em importância, o número de habitantes pretos e de cor aos brancos. No ano de 1817, em compensação, contava a cidade e o que se inclui nela, mais de cento e dez mil habitantes. Deve-se crer que, do ano de 1808 em diante, para aqui vieram da Europa uns vinte e quatro mil portugueses. Essa considerável imigração portuguesa, além da vinda de bom número de ingleses, franceses, holandeses, alemães e italianos, que, depois da abertura dos portos, aqui se estabeleceram, quer como negociantes, quer como artesãos, devia por si mesma, abstraindo-se de qualquer outra consideração, imprimir uma mudança no caráter dos habitantes, porque a antiga relação quantitativa entre brancos, pretos e mestiços ficou invertida. Nota-se, porém, sobretudo na classe dos ricos negociantes da capital e mesmo do interior das vizinhas Províncias de Minas Gerais e de São Paulo, como a civilização, as necessidades da vida e a atividade tomaram novo desenvolvimento com os imigrantes. O Brasil não tinha propriamente nobreza sua; os religiosos, os funcionários e as famílias abastadas do interior, isto é, fazendeiros e donos de minas, possuíam todos antes da vinda do rei, por assim dizer, os privilégios e distinções de nobreza. A concessão de títulos e cargos doados pelo rei atraía uma parte deles à capital, e daí, tomando gosto pelo luxo e modo de vida do europeu, começaram a exercer uma influência muito diferente da anterior nas outras classes do povo. Também as províncias mais afastadas do novo reino, cujos habitantes vinham passear no Rio por curiosidade, por interesse próprio ou questões de família, acostumaram-se a considerar esta cidade como sua capital, e adotar os seus costumes e modos de pensar que, depois da vinda da corte, se salientaram como europeus.

Foi, de modo geral, incalculável, em todos os sentidos, a influência da corte real no Brasil. A presença do chefe supremo do Estado iria animar todos os brasileiros com um sentimento de patriotismo, que até aqui lhes era desconhecido, pois, como colônia, haviam sido governados por delegados do rei. O Brasil assumiu para todos nova dignidade; como tivesse aqui o rei e encetasse negociações diplomáticas além-mar, de cer-

3. Em 1808, (Nota da Ed. Melh.).

to modo entrava no concerto das nações europeias. O próprio soberano aprendeu a conhecer, sempre melhor, tanto as vantagens do país, como as imperfeições do governo; serviu-se das primeiras e com isso assegurou a estabilidade de todas as instituições civis e da propriedade. O crédito particular cresceu; o que era incerto, partidário e dependente na administração, deu lugar à ordem autônoma das coisas e despertou vigoroso impulso em todas as atividades oficiais. Por isso, e, sobretudo pela abertura dos portos ao comércio das nações de todas as partes do mundo, fizeram rápido progresso a riqueza e a civilização, graças à competição do tráfico e ao ininterrupto comércio com o estrangeiro, e bem assim ao aproveitamento do solo.

Parece, entretanto, que, em geral, a passagem da colônia dependente para reino autônomo foi considerada muito menos um bem no próprio Brasil que uma consequência adversa de que Portugal se ressentiu. Somente agora depois do alargamento de sua visão pela experiência, e quando a potência deste continente, estimulada por mudanças políticas, se desenvolver mais rapidamente, é que os brasileiros reconhecerão quão depressa atravessaram os diversos graus de civilização, no espaço de tempo dos doze anos que D. João VI permaneceu no Brasil.

Imediatamente assinalou o rei a sua presença no novo reino pela instituição do mesmo Supremo Tribunal e autoridades, como existem em Portugal. No ano de 1808, organizou o Desembargo do Paço, o Conselho de Justiça, o Conselho da Fazenda, a Junta do Comércio, a Mesa da Consciência; a Relação do Rio de Janeiro foi elevada a Casa de Suplicação; para todo o reino instituiu-se uma Intendência Geral de Polícia, e para a capital uma diretoria independente da polícia; também o Erário Público, a Casa da Moeda e o Arquivo foram fundados. No ano de 1805, bispado, existente desde 1676, foi de novo dotado de numeroso capítulo. No ano de 1810, finalmente, criou-se uma Escola Militar. As capitânicas foram delimitadas com maior precisão e tiveram a competente jurisdição. Essas organizações, assim como a melhor definição da competência dos governadores-gerais das províncias, a regularização da jurisdição, a pontual arrecadação dos dízimos e dos demais impostos, são passadas largas para a formação do novo país; e a história do governo de D. João VI provará uma feliz continuação do influxo criador de D. João III, o inteligente e forte monarca, de cujas mãos hábeis a colônia tomou primeiramente forma e vida.

A presença do monarca e a conjunta assistência das autoridades supremas do Estado na sua influência ordeira e metódica no país novo foram efetivamente apoiadas pelo grande número de estrangeiros que mais cedo ou mais tarde acompanharam a corte ao Rio de Janeiro. Maquinistas e construtores navais ingleses, operários em ferro, suecos, engenheiros alemães, artistas e fabricantes franceses foram convidados pelo governo para desenvolverem a indústria nacional e os conhecimentos úteis. Essas tentativas do governo, para desde logo implantar no solo novo as atividades e experiências europeias, são tanto mais dignas de louvor, quanto maiores foram as dificuldades a enfrentar a princípio. Importante início para estimular a indústria foi o estabelecimento do Arsenal, cujo pequeno esboço, de fato, já existia antes da vinda do rei, mas que só foi oficialmente organizado e posto em plena atividade, em 1811. Na comprida fila de casas do porto, destinadas ao fabrico de apetrechos navais, vemos retorcer amarras de cânhamo russo, forjar ferramentas de ferro sueco, cortar velas de tela do norte. Os mais importantes materiais, fornecidos pelo próprio Brasil, são a excelente madeira de construção, a estopa e o breu. De resto, este Arsenal emprega relativamente mais material estrangeiro do que os outros arsenais do país, e os fornece àqueles que, em compensação, constroem muitos barcos. Sem dúvida, custa ainda mais caro ao governo a produção do pano tecido aqui do que o imediatamente trazido da Europa. Os hábeis operários, na maioria europeus, só se mantêm com grandes ordenados, e os aprendizes, pretos ou mulatos, só com dificuldade se habituem à forte atividade e perseverança dos seus mestres: a verdade é que justamente esses sacrifícios do governo são necessários para criar aqui escolas de aprendizagem para tão importante indústria. Serve assim de prova este estabelecimento, como tantos outros, da bem calculada solícitude paternal, que não se cinge exclusivamente ao presente, mas tem em vista a felicidade das futuras gerações. Aqui, num mundo que se apresenta ao espírito ordeiro do soberano, ainda tosco e inculto, ele se sente superior às mesquinhas e egoístas correntes contrárias, e mostra-se convencido da alta responsabilidade, preparando melhor mundo futuro.

Por mais íntimo conhecimento da índole do povo brasileiro e da sociedade do Rio de Janeiro, acha o viajante, sem dúvida, que essas intenções

do governo não foram, ainda que de modo geral, devidamente apreciadas, e que uma constituição colonial de duzentos anos deixou impressão forte demais no caráter do brasileiro, para que ele já pudesse agora dedicar-se com a mesma energia, que distingue o europeu, aos sérios labores da indústria, da arte e das ciências, que asseguram a sorte e o vigor de um Estado. Até aqui tem sido antes o gosto pelas comodidades, pelo luxo e pelas formas amenas da vida exterior, que se espalha rapidamente, do que o amor pelas artes e pelas ciências no seu verdadeiro sentido. Enquanto o desenvolvimento destas últimas nos países do Norte teve, como consequência, o enobrecimento dos gozos da vida, no Sul, ao contrário, com o desenvolvimento mais livre da sensualidade e da vida exterior chega-se tardiamente ao aperfeiçoamento da arte e das ciências. Não se procurem, portanto, ainda, na jovem capital, as grandes e influentes instituições para educação e instrução superior como as que estamos habituados a ver na Europa.

A Biblioteca, como se diz, de setenta mil volumes, presente que o rei trouxe consigo de Portugal para a capital do Brasil, está colocada no edifício dos Terceiros da Ordem do Carmo. Os assuntos de história e jurisprudência seriam os mais fartamente representados. Para nós, foi de especial valor o manuscrito de uma *Flora fluminense*, isto é, do Rio de Janeiro, que contém a descrição e belas figuras de muitas plantas da redondeza, raras ou desconhecidas, e tem como autor um tal Veloso⁴. A entrada na Biblioteca é facultada ao público durante grande parte do dia; entretanto, aqui é tão pouco sentida a necessidade das ocupações científicas que as salas permanecem, por assim dizer, vazias.

Pelo mesmo motivo e pela pouca inclinação de progredir nas ciências, compreende-se que o único jornal publicado depois da vinda da corte ao Brasil, intitulado *O Patriota*, só se pode sustentar alguns anos, embora pela variedade de suas tendências fosse destinado a um largo público. Uma publicação científica que merece, entretanto, menção honrosa, é a *Corografia Brasílica*, do padre Casal, editada em dois volumes, no Rio, obra que, como primeiro compêndio da geografia geral do Brasil, presta grande serviço, ainda que quanto à disposição, precisão e exatidão, especialmente sobre matérias

4. O cientista Fr. José Mariano da Conceição Veloso, nascido a 14 de outubro de 1741 na freguesia de São José d'El-Rei (hoje cidade de Tiradentes, Minas Gerais) e falecido na cidade do Rio de Janeiro, a 13 de julho de 1811. (Nota da Ed. Melh.)

de história natural, muito deixa a desejar. Foi quase que literalmente traduzida em inglês. Em todo o reino, até agora, só se imprimem dois jornais: na capital, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, e na Bahia uma folha intitulada *Idade de Ouro do Brasil*. Pena é não serem lidos geralmente com interesse esses poucos jornais. Sobretudo o habitante do interior, gozando de generosa natureza rica, limitado à comunicação com poucos vizinhos afastados, manifesta pouco interesse pelos acontecimentos do mundo político, e satisfaz-se com a notícia dos principais sucessos que lhe trazem uma vez por ano os guias das tropas, quando regressam da costa. De resto, assim como acontece nas cidades costeiras, também no interior, mais pelas relações comerciais do que pelo interesse cosmopolita, é que se demonstra a participação nos grandes fatos políticos. Não faltam, entretanto, notícias rápidas e exatas da Europa, pois, pelos imigrantes portugueses e pelos ingleses, são espalhados os jornais de Lisboa e da Inglaterra.

Para a instrução da juventude, dispõe a capital de diversas e boas instituições de ensino. Pessoas abastadas tomam professores particulares a fim de prepararem os filhos para a Universidade de Coimbra, o que obriga a grandes sacrifícios visto que são raros os professores competentes. No Seminário de São Joaquim, aprendem-se os rudimentos do latim e do cantochão. Mas o melhor colégio e o Liceu ou Seminário de São José, onde, além do latim, do grego, das línguas francesa e inglesa, retórica, geografia e matemática, também se lecionam filosofia e teologia. A maioria dos professores é do clero, o qual, entretanto, exerce atualmente muito menor influência no ensino do povo do que antigamente, sobretudo no tempo dos jesuítas. Uma instituição muito útil dos novos tempos é a Aula de Cirurgia, que foi fundada para se formarem médicos práticos, pessoal de que há absoluta falta no interior. Ao cabo de cinco anos de estudo, podem os jovens diplomar-se aqui, como mestres de cirurgia. Segue-se aí severo programa⁵, e cuida-se da aquisição de conhecimentos positivos na clínica do Real Hospital Militar vizinho.

Grande parte dos lentes desse instituto são igualmente médicos clínicos na cidade e nas suas preleções seguem em parte os compêndios

5. Segundo o regulamento, eis a série de estudos: no 1º ano, anatomia, química e farmácia; no 2º, as mesmas matérias e mais fisiologia; no 3º higiene, patologia, etiologia e terapêutica; no 4º, cirurgia e obstetrícia; no 5º, prática nas clínicas.

dos mestres franceses, em parte os de Cullen. A História Natural, porém, especialmente a Botânica, é lecionada por frei Leandro do Sacramento, um sábio carmelita de Pernambuco e discípulo do venerando Brotero. Serve-se ele, para as aulas, de uma pequena plantação de vegetais notáveis, feita no Passeio Público, porque o verdadeiro Jardim Botânico se acha situado muito longe da cidade. A coleção de mineralogia, sob a superintendência do Sr. tenente-coronel von Eschwege, não está em condições favoráveis, porque esse senhor, grande parte do tempo, não reside no Rio de Janeiro. No local dessa coleção encontra-se também um começo de museu zoológico, ainda muito sem importância; pois consta de umas poucas aves empalhadas e de algumas caixas com borboletas diversas.

A Real Academia Militar, fundada em 1810, tem por finalidade dar uma formação científica àqueles que, desde a mocidade, querem dedicar-se ao serviço da guerra; embora provida de bons docentes e favorecida especialmente pelo rei, não tem quase eficiência alguma, pois faltam-lhe os alunos. Ao contrário, a recém-fundada Aula do Comércio, zela bem mais pelo ensino de tudo que se refere ao comércio e também à química.

Logo que chegou, pretendeu o rei criar uma universidade na jovem monarquia. Ainda não estava resolvido, porém, onde seria a sede, se no Rio de Janeiro ou no clima mais temperado de São Paulo. J. Garcia Stockler, filho de um cônsul alemão das Cidades Hanseáticas em Lisboa, homem de importante cultura científica e digno membro da Academia de Lisboa, expôs um plano, em parte no estilo da universidade alemã, que obteve muitos aplausos do Ministério; mas, entre os que ainda queriam o Brasil como colônia dependente de Portugal, também para o futuro, encontrou tão grandes obstáculos que todo o projeto falhou. E, todavia, somente com a criação de uma universidade, pela qual se despertem as forças adormecidas do país, poderá o Brasil algum dia, em bela emulação com a mãe-pátria, elevar-se à dignidade de importante reino. Até que isso aconteça, os brasileiros são forçados, embora caro e penoso lhes seja, a buscar a formatura final além-mar, na Coimbra europeia. Essa necessidade até aqui existente não deixa de favorecer, de vários modos, a mocidade estudiosa, sobretudo porque lhe dá oportunidade de conhecer os grandes institutos da Europa, de trazer à pátria o que neles aprenderam e em geral de adquirir a universalidade da cultura europeia. Se, entretanto, futuramente se criar

uma universidade no Brasil, em razão do seu atual estado científico, devem ser chamados da Europa os seus primeiros docentes.

Outra instituição que teve como fundador o ministro Araújo, conde da Barca, formado no estrangeiro, já falecido desde alguns anos, é a Academia de Belas-Artes. Ao passo que a Europa considerava a fundação de tal estabelecimento concludente prova, como parecia, do rápido desenvolvimento do novo Estado, nota-se, todavia, com observação mais rigorosa, que atualmente tal fundação não corresponde, de modo algum, às necessidades do povo, e, portanto, não pode ainda ser aqui desenvolvida.

Diversos artistas franceses, pintores de história e paisagistas, escultores, gravadores e construtores, tendo à sua frente Lebreton, ex-secretário da Academia de Artes de Paris, que pouco depois de nossa chegada morreu em sua propriedade perto do Rio de Janeiro, foram chamados da França para despertar e animar, com as suas obras e lições, o senso artístico dos brasileiros, com o que contava firmemente Araújo; não se tardou, porém, a reconhecer que aqui só se poderiam estabelecer as belas-artes quando as artes mecânicas, que satisfazem às primeiras necessidades, houvessem feito o preparo para aqueles, e que num povo, só depois de fundada e firmada a sua vida externa de comércio, e que pode despertar o gosto para as artes e a cultura artística.

Também a necessária consequência do grau atual de civilização do Brasil é que o habitante deste país tropical, todo cercado das fantásticas, pitorescas e poéticas belezas naturais, sente-se mais perto do gozo espontaneamente oferecido por estes tão ditosos céus, do que da arte que só se atinge com esforço. Essa razão caracteriza a direção que tomam as tentativas artísticas e científicas, em toda a América, e deve ter mostrado ao regente que aqui se devia primeiro cuidar da fundação dos alicerces do Estado antes mesmo de pensar em seu embelezamento pelas artes. O senso artístico da pintura e da escultura ainda não se faz sentir por isso, também nas igrejas, em vez de obras de arte, veem-se ornamentos ricamente dourados.

Por outro lado, é a música, entre os brasileiros, e, especialmente no Rio, cultivada com mais gosto, e nela se chegara provavelmente cedo a certa perfeição. O brasileiro tem, como o português, fino talento para modulação e progressão harmônica, e baseia o canto com o simples acompanhamento do violão. O violão, tanto como no Sul da

Europa, é o instrumento favorito; o piano é um dos móveis mais raros e só se encontra nas casas dos abastados. As canções populares, cantadas com acompanhamento do violão, são partes originárias de Portugal, parte inspiradas pela poesia indígena. Pelo canto e pelo som do instrumento, o brasileiro é facilmente estimulado a dançar, e exprime a sua jovialidade nas sociedades cultas com delicadas contradanças; nas classes inferiores, porém, ela se manifesta com gestos e contorções sensuais como as dos negros. A ópera italiana, até aqui, não tem apresentado, nem da parte dos cantores, nem da orquestra, nada perfeito; uma banda particular de música vocal e instrumental, que o príncipe herdeiro formou com mestiços indígenas e pretos, indica bastante o talento musical do brasileiro. D. Pedro, que parece ter herdado de seu avô D. João IV notável gosto pela música, costuma reger às vezes, ele próprio, essa orquestra, que, assim estimulada, procura executar as peças com muita perfeição. O discípulo preferido de J. Haydn, o cavalheiro Neukomm, achava-se então como diretor da Capela do Paço, no Rio. Para suas missas, porém, compostas inteiramente no estilo dos mais célebres mestres alemães, ainda não estava de todo madura a cultura musical do povo. O impulso que o gênio de Davi Peres deu à música religiosa portuguesa (1752-1779) já passou, e atualmente se exige que a missa tenha melodias de andamento alegre, e, após sustentar longo e pomposo *Gloria*, deve seguir-se curto *Credo*. Nesse estilo, compõe Marcos Portugal, hoje o compositor mais aclamado entre os portugueses. O estado de desenvolvimento em que se acha a música, nas altas camadas do Rio e das outras cidades costeiras do Brasil, corresponde inteiramente ao modo com que se cultivam aqui a poesia e as belas-letas. A literatura francesa, que conquistou também neste país as camadas mais ilustradas, é a preferida. A propagação da língua francesa e a importação de enorme quantidade de seus livros supera tudo que se pode imaginar, tanto mais que no Rio de Janeiro só existem duas livrarias mal fornecidas. Além das novidades do dia, com que as lojas de artigos familiarizam o Brasil com a moda francesa, são lidas especialmente as obras de Voltaire e de Rousseau, e, com tanto empenho, que diversos autores patriotas se viram obrigados a manifestar-se contra essa galomania. O fenômeno é ainda mais extraordinário, porque as relações políticas e mercantis ligam o povo lusita-

no mais à Inglaterra, pelo que se deveria pressupor maior aproximação da literatura britânica. Mesmo em traduções de livros ingleses, não é tão rica a literatura portuguesa, como de franceses. A língua e a arte poética alemãs, porém, são inteiramente desconhecidas dos brasileiros; é raro encontrar-se, e por acaso, um admirador da musa de Gessner ou de Klopstock, que aqui só se chega a conhecer pela interpretação francesa. As citadas influências da cultura francesa, entretanto, ainda não expulsaram a língua materna da sociedade mais alta; excetuando a corte e o seu círculo, as línguas francesa e inglesa são só aprendidas pelos homens, e, portanto, mui pouco faladas em sociedade. O belo sexo, embora incluído na transformação geral que a transplantação da corte produziu, e agora também já mais visível no teatro e nas ruas, ainda conserva, todavia, mais ou menos a mesma posição, que Barrow citou na sua descrição apologética no ano de 1792.

A hospitaleira casa do Sr. von Langsdorff era, para muitos europeus residentes no Rio de Janeiro, um agradabilíssimo ponto de reunião à noite. Ali reinava continuamente alegre e animada conversa, à qual se acrescentavam ainda o encanto do talento musical da dona da casa e o concurso de Neukomm. Semelhante número de naturalistas ou amigos da natureza, como aconteceu justamente no tempo de nossa estada, nunca se havia reunido aqui. A troca de comunicações sobre observações e impressões, que a todos nós forneciam a riqueza e a singularidade da natureza, tomava dobrado encanto pela amenidade do ambiente.

O Sr. von Langsdorff morava numa pequena casa de campo, na encosta dos morros que se estendem a sudoeste da cidade, e gozava entre o perfumado arvoredo do Brasil, de magnífica vista da cidade e de parte da baía. Nada se pode comparar à beleza deste lugar, quando, passadas as horas mais quentes do dia, brisas ligeiras refrescam o ar embalsamado pelos aromas da mata próxima. Esse prazer ainda aumenta logo que anoitece, vendo ao longe estender-se o espelho brilhante do mar e a cidade tranquila a iluminar-se pouco a pouco. Quem não experimentou o encanto do luar na calma das noites, nestas afortunadas latitudes, nem pela descrição mais perfeita poderá sentir a mesma emoção, que tão maravilhosa natureza desperta na alma do observador. Delicada e transparente névoa paira sobre toda a região; a lua brilha clara, entre

pesados grupos de nuvens de formas singulares; as zonas iluminadas pelo luar destacam-se frisantes, ao passo que mágico crepúsculo parece afastar da vista as zonas escuras. Apenas perpassa uma aragem, e as mimosas próximas fecham suas folhas para dormir e ficam quietinhas, ao lado da escura folhagem das mangueiras, das jaqueiras e do etéreo jambeiro; ou então cai súbito vento e ramalham as folhas secas do cajueiro; as grumixameiras e pitangueiras, carregadas de flores, deixam cair uma perfumada neve; as majestosas palmeiras ondeiam seus leques acima dos telhados sossegados, que elas ensombram, como símbolo amistoso e bonançoso da contemplação da natureza; chium estridentes as cigarras, os grilos, e as pererecas coaxam, em conjunto, continuamente, e imergem, com a sua uniformidade, em suave melancolia.

Quase imperceptível murmura, entretanto, um regato pelo morro abaixo, e o macuco⁶ clama, por assim dizer, por socorro, com voz quase humana, ao longe. Com o correr do tempo sopram outras aragens embalsamadas, e de contínuo desabrocham alternadas outras flores da noite, derramando quase entontecedoras fragrâncias; ora são as dos caramanchões de paulínias, ora as do vizinho laranjal, ora as das moitas cerradas de eupatórias, ora o cacho das palmeiras⁷, que de repente desabotoam as suas flores, e assim se mantêm um fluxo e refluxo de perfumes. Ao passo que o mundo tranquilo das plantas, iluminado aqui e ali por milhares de vaga-lumes como por enxame de estrelas volantes, com as suas exalações balsâmicas, glorifica a noite, resplandece o horizonte incessantemente com os relâmpagos, elevando a alma em jubilosa admiração às estrelas que no firmamento cintilam em solene silêncio acima da terra e do mar, inspirando-a com noções de maravilhas sublimes. No gozo de tais noites encantadoras e pacíficas, lembra-se o europeu recém-chegado, com saudade, da sua pátria até que a rica natureza tropical se vai tornando para ele uma segunda pátria.

6. *Perdix guyanensis*.

7. Em muitas palmeiras, notamos que o cacho de flores, no princípio do êxtase erótico, faz rebentar o involúcro que o protege, e a vizinhança até longe fica toda penetrada de fragrâncias.



Vista parcial do Rio de Janeiro, com o aqueduto (Pohl).



Rio de Janeiro, visto da Glória (Rugendas).

Pode-se gozar no Rio de Janeiro do encanto dessas noites, sem receio, não como em muitas regiões tropicais, na Guiné, por exemplo, onde quase infalivelmente se adocece com a exposição ao sereno ou ao vento terral, que sobrevém de repente; entretanto, é aconselhável aqui não se ficar fora de casa depois do pôr do sol, quando a atmosfera se resfria de repente e cai o sereno. A madrugada parece, aliás, menos prejudicial ao corpo do que a tarde, porque a volta do sol faz logo restabelecer a transpiração. Rio de Janeiro é tida em geral, contudo injustamente, como uma das menos saudáveis cidades do Brasil. O clima é quente e úmido, o que é devido em grande parte à sua posição, pois altas montanhas cobertas de matas, a estreita entrada e as muitas ilhas da baía estorvam o livre curso dos ventos; entretanto, as mudanças de temperatura não são tão rápidas que prejudiquem a saúde. Ventos frios, úmidos, que dão motivo a ligeiros reumatismos, não são raros aqui. Embora nas baixadas pantanosas, junto ao mar, se espalhe, na ocasião da vazante, insuportável mau cheiro, elas ficam pouco tempo descobertas, para felicidade dos moradores dessas praias, de sorte que as exalações pútridas não chegam a produzir febres endêmicas.

Também a alimentação das classes inferiores do povo dá pouco ensejo às doenças. A mandioca (*Cassava*), o fubá e o feijão-preto, em geral cozidos com toicinho e carne seca ao sol e salgada, formam a principal parte do embora pesado e grosseiro alimento, mas saudável para quem faz muito exercício e toma vinho português ou cachaça. Os peixes não são tão apreciados como nas costas do Norte (Europa). Nos países quentes, onde os alimentos mais depressa se corrompem, parece que o uso do peixe aumenta com a preguiça, com a pobreza, e com o estado doentio do povo; ao menos, em toda a nossa viagem, existia sempre maior miséria, onde os habitantes se alimentavam exclusivamente de peixe. Na classe média da burguesia do Rio, que ainda não adotou inteiramente os costumes de Portugal, relativamente não é muito animal a nutrição, pois satisfazem-se com as deliciosas frutas e o queijo importado de Minas, que, com as bananas, nunca faltam em mesa alguma. Mesmo o pão de trigo come-o o brasileiro raramente e prefere-lhe a sua farinha. A farinha de trigo, importada da América do Norte e da Europa, conserva-se aqui uns cinco a seis meses. Também as espécies mais fins de legumes europeus, e todas podem ser cultivadas com facilidade, não constituem ainda parte importante da

nutrição do povo; são preferidas, porém, as laranjas, goiabas, melancias e batatas-doces.

Além da simplicidade da cozinha brasileira, também é digna de encômio a sobriedade nas refeições, o que favorece a saúde do povo de país tão quente. O brasileiro não toma muito dos seus poucos pratos, quase não bebe senão água, e come, além disso, de todas as coisas com a maior regularidade, seguindo assim a rigorosa ordem que se nota aqui entre os trópicos, em todos os fenômenos da natureza. À noite, ele não toma quase nada, prudentemente; quando muito, bebe uma xícara de chá ou de café, na falta do primeiro, e priva-se, sobretudo à noite, das frutas frescas. Somente tal dieta e a conformidade com as condições do clima o protegem contra muitas enfermidades, que atacam o estrangeiro incauto ou não informado. É, pois, de todo modo aconselhável aos forasteiros observar dieta igual à dos brasileiros, não praticar atividades fora de casa nas horas mais quentes do dia, quando todas as ruas estão vazias de gente, para evitar a mortal insolação, nem à noite se deve expor ao sereno, fugindo às perigosas consequências dos resfriados, e, ainda menos, entregar-se ao amor físico. Também, ao satisfazer com água a sede insaciável, é preciso cuidado. Aconselharam-nos a tomar água com vinho ou com cachaça; somente servem com vantagem esses meios quando se faz pouco exercício e à sombra, pois o violento afluxo de sangue à cabeça, durante as viagens, quando nos expúnhamos muito ao sol, nos proibiu, sobretudo no primeiro ano, o uso de qualquer bebida espirituosa; refrescávamo-nos, portanto, de preferência, com a água fresca dos regatos, sem lhe acrescentar coisa alguma; quando nos expúnhamos de novo ao calor, nunca sofremos consequência alguma desagradável. Estas observações dietéticas, cremos, não podem deixar de ser bastante recomendadas à atenção dos viajantes.

As doenças mais comuns aqui são as seguintes: a diarreia crônica, a hidropisia, febres intermitentes, a sífilis, a hidrocele; entretanto, de todas essas, talvez só a última deva ser considerada endêmica e própria da cidade. Os médicos daqui opinam que essa enfermidade deriva do uso da água. Essa não pode ser a causa, pois nas classes mais altas, onde tal doença mais aparece, a água de que se servem é quase sempre melhorada com o acréscimo de um líquido espirituoso. De fato, inconsiderado uso de roupa leve, refrescos logo depois de violento aquecimento, excessos sexuais,

tudo isso parece levar à frouxidão da força muscular, a que o clima quente já predis põe como à paralisação dos nervos, dando assim motivo para a hidrocele. Observa-se esta, portanto, especialmente entre os brancos, europeus recém-chegados, como americanos do norte, nos quais as influências acima citadas podem produzir, se não uma completa extenuação, pelo menos falsa direção na atividade do sistema linfático e frouxidão dos órgãos sexuais. Os médicos do lugar recomendam, como preservativo e remédio contra o mal, abluções locais com rum e água fria e o uso de suspensório.

Uma doença muito comum nos climas quentes, a sarna, é coisa frequente aqui. Este mal consiste na supuração, devida à inflamação das glândulas sebáceas da pele, com inchação rósea em volta, e anuncia-se especialmente pelo ardor, tensão e insuportável comichão. Nas pessoas sensíveis, produz não raro inchações simpáticas das glândulas inguinais e outras. As suas principais causas não são, como erradamente se supõe, — falta de asseio e vestuário de lã —, mas sim, aquecimento, supressão da transpiração, irregularidades do sistema gástrico e obstrução das segundas vias quilíferas, que justamente são favorecidas pelas influências climáticas. A picada de milhares de mosquitos assanhados, que se torna mais intolerável ainda depois de grande calor, em dias úmidos com céu coberto, contribui igualmente para o desenvolvimento ou propagação dessa doença. Mais raros são os casos no Rio de Janeiro em que a sarna, depois de longo estado crônico, transforma-se numa erupção generalizada e quase semelhante aos primeiros graus da lepra, e então quase sempre está acompanhada de discrasia sífilítica. Usam-se, como remédio, limonadas e pequenas doses de calomelanos, abluções externas com rum morno muito diluído, banhos e purgantes. Também diarreias crônicas, passando a disenterias ou lipienterias e hidropisias, são comuns no Rio de Janeiro. No primeiro período, as diarreias, que na maioria dos casos procedem de resfriados, muitas vezes se curam tomando limonada quente de vinagre. A diabetes, entretanto, não se observa tanto aqui como nos países frios: ter-se-ia notado que os negros são muito menos sujeitos a essa enfermidade do que os brancos ou pardos; mais sofrem, porém, os primeiros da inchação da pele dos pés (elefantíase). O Rio de Janeiro não há sezões endêmicas; as doenças somente tomam facilmente certa periodicidade, ou o estado febril logo aparece ao menor sofrimento, como consequência da vivacidade com que todas as funções

orgânicas se passam e segue-se-lhe, rápida, a decomposição dos humores. Pudemos em nós mesmos observar, particularmente nos primeiros tempos de nossa estada, quando o corpo ainda não estava enfraquecido pelas fadigas e doenças, quanto o aumento dos estímulos exteriores, especialmente do calor e da luz, influi neste clima sobre a aceleração das funções vitais e no resultante abatimento. Mesmo completamente tranquilos, sem excitação alguma, o nosso pulso indicava maior brandura e aceleração do que na Europa; infelizmente, essa condição passou para o contrário, quando, nas canseiras da viagem, começamos a adoecer. Essa maior atividade vital manifesta-se tanto na saúde, como no estado de enfermidade, pelo mais rápido aparecimento dos sintomas e aceleração do curso da doença. Não é coisa rara no Rio, e em geral nos países tropicais, ver-se um indivíduo, ainda poucos dias antes em pleno viço de saúde, após curto mal de cólicas, diarreia, febre, etc., perto da morte com a fisionomia hipocrática, em plena agonia e na última fase de septicemia. Então só a aplicação rápida dos mais seguros e poderosos remédios pode salvá-lo, e nesse sentido cumpre dizer que os médicos aqui, mais do que nas latitudes mais frias, não devem ser simplesmente *ministri*, porém *inagistri naturae*.

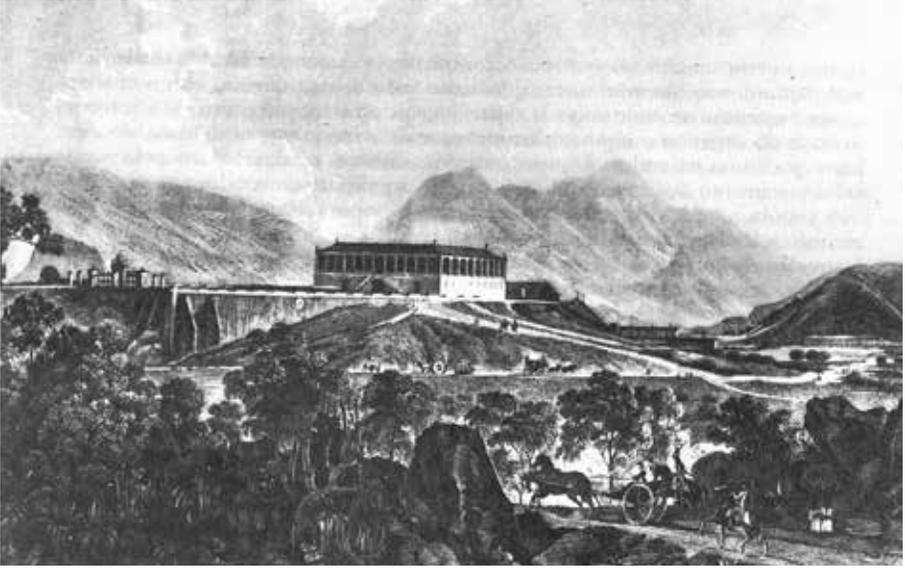
O crupe manifesta-se neste país com a mesma violência de marcha, como na Europa. Tem-se notado que ataca de preferência as crianças brancas. Se há motivo para crer que esta doença se originou recentemente, e também caracteriza o próprio período de desenvolvimento da espécie humana, é duplamente notável que também ela aqui apareça na nova parte do mundo visitada agora por muitos brancos e apenas conhecida de poucos anos, ou pelo menos distinguida de doenças semelhantes. Citam-se exemplos de cura pelo uso rápido do mercúrio doce. Quanto esse remédio corresponde realmente ao clima dos trópicos, aprendemos em nós mesmos, com diversas experiências, e aconselhamos nesse sentido aos viajantes que o empreguem em todos os casos, quando se tornar necessário atuar de modo particular sobre o sistema linfático, cuja função é muito embaraçada aqui por tantas influências nocivas; sim, ele serve em muitas circunstâncias como profilático bem-vindo, pois combate o começo ainda fraco de doença. Também um excelente sucedâneo, especialmente nas obstruções do fígado, ali muito frequentes, são os banhos de mar, estimulantes do sistema nervoso, muscular e linfático. Entre as doenças frequentes, podemos

também incluir aqui, onde as mudanças de temperatura são mais pronunciadas do que nas províncias do Norte do Brasil, os reumatismos e catarros.

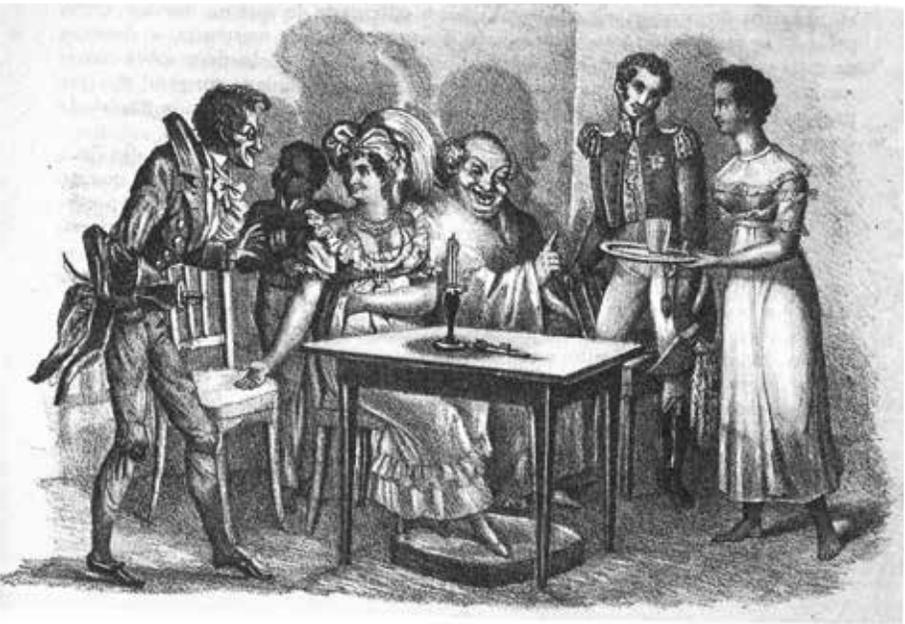
A sífilis, tão dominante em toda a zona quente, tampouco é rara no Rio de Janeiro. Em verdade, a devastação feita por esta doença desconhecida dos indígenas americanos, como mais tarde nos convencemos, não foi tão horrível e violenta como acontece nos países mais frios, especialmente nas ilhas do Oceano Pacífico, onde mais generalizada e grande é sua propagação na população inteira. O clima, o temperamento dos colonos e, mais que tudo, a introdução da raça etiópica como escravos, concorreram de modo pavoroso para generalizar a doença, não só nas costas, porém mesmo no centro do continente. Mesmo que a intensidade deste mal tenha diminuído com a transplantação para a zona quente, ao que parece, muito aumentou ao contrário sua capacidade de difusão; por outro lado, a receptividade do organismo aqui e, além disso, mais forte do que nos países frios, em parte por causa da aceleração dos processos vitais em geral, em parte pelo maior enfraquecimento devido à dissolução reinante, e pelo constante calor.

A varíola, que há dez anos aparece quase só esporadicamente, ataca com não menor violência o organismo dos habitantes do Rio, porque o clima quente e a frouxidão do corpo favorecem a doença. Entretanto não se pode negar que a raça caucásica contrai muito mais facilmente esse mal do que a raça negra ou particularmente a americana. Quer-nos parecer que o vírus das bexigas, durante o longo tempo da sua devastação, foi mais assimilado pelos europeus do que pelas outras raças, cujo organismo ainda não está, na mesma medida, acostumado a tão espalhado contágio, de efeito tão profundo. Os índios, só com muita dificuldade, o que se atribui a dureza e espessura de sua pele, é que assimilam o vírus da vacina contra a varíola, que pegam mui facilmente, e a ela sucumbem quase sempre.

O médico que comparar doenças do Brasil como as bexigas, a sífilis e outras, com as enfermidades de outras partes do mundo, chega à conclusão de que, assim como cada indivíduo, em cada idade está sujeito a doenças de desenvolvimento típicas, também nações inteiras e épocas, conforme o grau de cultura e civilização contraem e desenvolvem mais facilmente certas doenças. À vista disso pode-se concluir que no Rio de Janeiro há certamente doenças perigosas; nenhuma, porém, verdadei-



Real palácio de verão da Boavista, perto de São Cristóvão (Pohl).



No Rio de Janeiro – Dom João VI e Dona Carlota Joaquina (?).

ramente endêmica. Talvez mesmo a hidrocele se deva considerar só condicionalmente endêmica. Que a mortalidade seja, com a concorrência de tantos estrangeiros dos mais diversos climas, maior na cidade do que no interior, compreende-se facilmente; isso, porém, não é segura prova da existência de doenças de mau caráter. Esforçamo-nos debalde por obter dados estatísticos sobre nascimentos e óbitos daqui, o que nos elucidaria sobre a mortalidade em geral. Ao que parece, essa parte do policiamento sanitário não é aqui ainda tomada na devida consideração.

De fato, ainda resta muito por fazer no futuro, quanto a instituições públicas e leis que se referem a este assunto, tal como também a limpeza das ruas, que no momento é cuidada somente pelos urubus (*Vultur aurea*), por esse motivo protegidos. A inspeção das farmácias e o exercício da profissão de médico reclamarão futuramente a atenção do governo. As duas principais providências, que, entretanto, até hoje se têm tomado a sério em prol da saúde geral, são a severa fiscalização dos boletins de saúde dos navios que entram, e a obrigatória vacinação antivariólica sob a vigilância de um médico. Crianças e adultos são vacinados, em determinados dias do ano, num edifício público; pena é, porém, que o controle sobre a disposição para a vacinação, e sobre o desenvolvimento e consequências entre os vacinados, seja até agora muito imperfeito ou falte em absoluto. Para tais tarefas, num país novo, pouco povoado, é necessário aproveitar o concurso do clero, ainda mais do que na Europa melhor regulada; enquanto a vacinação não for rigorosamente levada a cabo por ordem policial do mesmo modo que o batismo o é pela Igreja, fica o país exposto ao perigo de repentinas e quase irresistíveis epidemias progressivas de varíola e ao despovoamento.

O Rio de Janeiro possui atualmente, além do Hospital dos Lázaros, mudado para uma ilha vizinha, duas grandes casas para doentes: o Hospital da Misericórdia e o Hospital Real Militar, ambos na cidade velha, não longe do mar. O primeiro foi fundado por doações caritativas dos cidadãos e é administrado por um conselho gerente de civis. O edifício, de dois pavimentos, abriga em quatro salões principais cerca de uns 200 doentes; poderia, entretanto, acolher maior número. Os doentes são separados conforme as moléstias, e as mulheres ficam reunidas numa grande sala, cujo acesso é proibido aos estranhos. Também alguns loucos se encon-

tram entre os doentes; são, todavia, em número muito pequeno neste país, onde a formação intelectual ainda não progrediu muito. A este hospital está anexado um abrigo para crianças pobres. O Hospital Real Militar, situado num morro, ocupa os prédios do antigo Colégio dos Jesuítas. Tem capacidade para algumas centenas de doentes do sexo masculino e está em melhor ordem e asseio que o hospital civil. A cobertura com telhas finas de madeira é muito apropriada para clima tão quente, porque facilita o arejamento, tanto como por meio de ventiladores. Em ambos esses hospitais, grande parte dos remédios são preparados segundo certas fórmulas tradicionais, adrede adotadas. Além disso, emprega-se a farmacopeia de Lisboa, em parte também as de Londres e de Edimburgo. A regra de marcar os sintomas, princípio e curso da doença, o diagnóstico, medicamentos e dieta numa papeleta diante de cada cama, não é observada com precisão. Cada um desses estabelecimentos possui a sua própria capela e farmácia. Também os ingleses construíram, numa ponta de terra na parte oriental da baía, fronteira à cidade, onde estão os seus armazéns para fornecimento de navios, um hospital marítimo para os seus marinheiros, o qual, sob a autoridade do consulado inglês, é dirigido por um médico inglês, e também acolhe marinheiros alemães.

A beira-mar está o Passeio Público; é um jardim pequeno, cercado de muros e de um cais de cantaria a prumo sobre o mar. As suas alamedas umbrosas de mangueiras, jaqueiras ou da arvore oriental do pão, o itu e do jambo-rosa, entre os quais se ostentam os magníficos buquês da poinciana⁸ são sem dúvida muito convidativas, à tarde; quando sopra a brisa do mar suavizando o calor. Existia dantes, neste jardim, uma criação de cochonilhas sobre figueiras indianas, que estavam plantadas ao longo da margem; atualmente, porém, ninguém em todo o Brasil, se ocupa com este produto, que poderia vir a ser um ramo de negócio extremamente lucrativo.

Na vizinhança do Passeio, os mercados de víveres oferecem interessante espetáculo ao europeu recém-chegado. Especialmente variado nas mais raras formas dos mais diversos peixes, caranguejos, tartarugas

8. *Mangifera indica*, *Artocarpus integrifolia*, *Guarea trichilioides* e *Eugenia jambos*. *Caesalpinia pulcherrima* L.

do mar, e o novo mercado de peixes, junto do mar. No lado oposto dessa praça, chamam a atenção sobre si, com sua gritaria, os papagaios expostos para venda, outros animais do país ou aves das mais belas plumagens, trazidas de outras partes do mundo. No mercado de legumes, estão expostos à venda, ao lado das qualidades europeias de couves, pepinos, alfaces, alhos-porros, cebolas, também hortaliças de origem indiana e africana. O andu⁹ e diversas qualidades de melancias, a raiz do gengibre e outras, deve-os o Brasil ao comércio dos portugueses com as Índias Orientais; igualmente a excelente jaca, a manga e o jambo-rosa. Das colônias africanas, por outro lado, parece que foram introduzidas as diversas qualidades de feijões, vermelho, preto e pintado, e o amigdalino amendoim (*Arachis hypogaea*). (Nota II). Diversas qualidades de batata-doce e inhames¹⁰ a mandioca e o aipim, uma variedade mansa, não venenosa da primeira, grãos de milho e finalmente, a farinha de milho e de mandioca, os alimentos vegetais mais importantes acham-se aqui sempre em grande quantidade. Como comida para o gado, especialmente para cavalos e mulas, trazem ao mercado capim fresco, que é cultivado em terrenos próximos. Como melhor forragem, é tido o capim da guiné; entretanto, conhecem-se nas diversas províncias do Brasil, sob esse nome, espécies inteiramente diferentes¹¹.

Alguns dias depois de nossa chegada, fomos convidados por uns de nossos compatriotas para assistir uma festa de igreja, que os negros celebravam no dia de sua padroeira, Nossa Senhora do Rosário. Uma capela sobre uma ponta de terra na baía, pouco distante da quinta real de São Cristóvão, à qual acudimos, encheu-se à tarde com um sem-número de gente de cor e a orquestra dos pretos de São Cristóvão tocou uma música alegre, quase engraçada, a qual sucedeu um sermão patético; foguetões e bombas, defronte da igreja e do mar tranquilo, realçavam a

9. *Cytisus cyan* L. ou *Cajanus flavus* Dec.

10. *Phaseolus derasus* e *Dolichos sinensis*, planta com sementes vermelhas pequenas, cultivada também pelos cafres e hotentotes, são as duas espécies mais frequentes. *Convolvulus batatas*, *Dioscorea alata* L.

11. *Panicum jumentorum* Pers. *Paspalum stolonyerunz*, *conjugatum*, *decumbens*, *virgatum*, etc.

solenidade. Despertam-se no observador dois sentimentos inteiramente diversos, à vista dos filhos da África, transplantados ao ambiente mais culto da civilização europeia, isto é, notam-se de um lado, com regozijo, os traços de humanidade, que se desenvolvem no negro, pouco e pouco, no convívio do branco; por outro lado, deve-se lamentar que uma instituição tão bárbara e violadora dos direitos do homem, como é o tráfico dos escravos, era necessária para dar a primeira escola de educação humana a essa raça aviltada no seu próprio país. Os mesmos sentimentos tornaram-se mais pungentes, quando tivemos que escolher no mercado de escravos, um negro moço para comprar. A maioria dos escravos pretos, trazidos atualmente ao Rio de Janeiro é de Cabindas e Benguelas. Eles são capturados na sua terra à ordem do chefe da tribo e trocados por mercadorias europeias; antes da entrega ao traficante, manda o próprio chefe marcar-lhes a fogo certo sinal nas costas ou na testa. Com um pano de lã amarrado em volta dos rins, são os escravos então embarcados, às vezes em número desproporcionado, e seguem em navios para o seu novo destino. Logo que esses escravos chegam ao Rio de Janeiro, são aquartelados em casas alugadas para tal fim, na Rua do Valongo, junto do mar. Veem-se ali crianças, desde os seis anos de idade, e adultos de ambos os sexos, de todas as idades. Eles jazem meio nus, expostos ao sol nos pátios, ou fora, em volta das casas, ou separados segundo os sexos, distribuídos em diferentes salas. Um mulato ou preto, já prático do serviço, cuida dos alimentos e presta aos recém-chegados os necessários cuidados. O prato principal é o pirão de farinha de mandioca ou o angu de fubá, cozido com água, mais raramente a carne salgada do Rio Grande do Sul; o preparo desses simples manjares fica entregue tanto quanto possível a eles próprios, que os comem numa abóbora escavada ou nas cuias da árvore de cuité (*Crescencia cujete* L.). Negros e negras que se comportam bem recebem como recompensa fumo ou rapé. Passam à noite sobre esteiras providas de cobertores de lã. Muitos desses escravos pertencem ao regente e são remetidos para aqui, das colônias africanas, como tributo. Quem deseja comprar escravos dirige-se, para fazer a escolha, à Rua do Valongo, onde os guardas os apresentam inteiramente nus, em filas. O comprador verifica o vigor físico e a saúde, ora apalpando o corpo todo, ora fazendo o negro executar rápido movimento especialmente a extensão do punho

cerrado. Defeitos orgânicos ocultos, sobretudo a tão comum disposição para catarata, é o que mais se receia nessas compras. Feita a escolha, e determinado o preço da compra, que aqui monta entre trezentos e cinquenta a setecentos florins por um negro saudável, viril; o vendedor em geral fica responsável ainda por prazo de quinze dias, caso se descobrirem quaisquer defeitos físicos. O comprador leva consigo então a sua aquisição que, segundo a necessidade, ele destina para artesão, tocador de mulas ou criado. O novo dono e agora senhor absoluto do emprego, do trabalho e da produção do escravo. Mas, pelo desumano tratamento do mesmo, fica o senhor sujeito, assim como nos outros crimes civis, às sanções da polícia ou da justiça. Essas últimas também, por seu lado, cuidam de tomar especiais disposições, para prender os escravos fugidos e entregá-los ao seu proprietário legal e castigam os fugitivos em caso de reincidência pela aplicação de uma argola de ferro no pescoço. Quando o senhor não quer castigar ele próprio o mau comportamento de seus escravos, a punição, depois do depósito de determinada quantia, é aplicada pela polícia, no Calabouço. Os negros, afinal, ambientam-se aqui facilmente, como em geral no Brasil. É a consequência do seu temperamento leviano, assim como a semelhança do clima com o de sua pátria, e a brandura com que eles são tratados no Brasil.

Antes da mudança da corte, de Lisboa para o Rio de Janeiro, o comércio desta cidade e de todas as outras do Brasil achava-se limitado exclusivamente a Portugal. A diariamente crescente produção de preciosos gêneros coloniais e a diligente exploração de minas de ouro no interior das terras haviam aumentado muito, desde mais de cem anos, a riqueza, e com isso as pretensões dos brasileiros; o comércio de Lisboa e do Porto com a colônia compensava pois a mãe-pátria da perda das Índias Orientais, onde ela havia dantes obtido o primeiro poderio e grandeza. A estreita associação politico-mercantil de ambas estas cidades com a colônia favorecia o florescimento das primeiras de modo extraordinário e tanto mais porque sua feliz situação na vizinhança do Mediterrâneo e nas costas do oceano, caminho do comércio mundial entre a Europa e as Índias Orientais e Ocidentais, tornava possível e fácil a venda das mercadorias coloniais. O comércio português, nesse período, ditava não só o preço de todos os produtos brasileiros, pois a ele somente podiam ser vendidos, mas, além



O fértil vale das Laranjeiras, para o qual descamba a encosta do Corcovado que fica voltada para Botafogo.



Porto de Estrela (Rugendas).

disso, também podia pagar com os produtos da indústria europeia e nas condições impostas por ele mesmo. Havia assim conquistado Lisboa, nos últimos decênios do último século, uma atividade e opulência, que a elevava, depois de Londres, à primeira praça de comércio do mundo. Porém, depois que o decreto real¹² firmou a independência do comércio brasileiro, esta situação mudou em mui pouco tempo. A partir da libertação do comércio brasileiro, até então paralisado pelo monopólio e ciúme da mãe-pátria, e da abertura dos portos para todas as nações, data uma nova época na história do Brasil. Deve-se supor que, entre todas as medidas que a Regência tomou desde a sua mudança para a antiga colônia, nenhuma trouxe tão memorável mudança e tão grande alteração em todos os sentidos, como justamente esta. Sem dúvida, essa mudança foi mais salutar e proveitosa para o Brasil do que para Portugal. Este último, depois que se desatou o antigo e estreito laço entre ele e a ex-colônia, nunca mais recuperará aquele esplendor comercial primitivo.

Para o Brasil, essa emancipação deu ensejo a desenvolvimentos os mais diversos. Da concorrência das outras nações como Portugal, surgiram novas circunstâncias. Com a liberdade do tráfego aumentou a atividade, e os produtos do país, sendo procurados de muitas partes, subiram de valor; com isso aumentaram a procura do braço para o trabalho, o afluxo de estrangeiros, assim como a importações dos negros, tão necessários para a cultivo da terra. Atraídos pela perspectiva de lucrativo comércio, acudiram então colonos também de outros países, e contribuíram para o aumento dos habitantes, para melhor conhecimento e riqueza do Brasil. Também nas rendas do Estado estabeleceu-se uma ordem de coisas inteiramente nova, sobretudo desde que foram reduzidos muitos direitos alfandegários de 48 para 24 e 15 por cento. O antigo sistema de comércio, existente entre Portugal e o Brasil, foi fundamente abalado pelo tratado concluído agora com a Inglaterra¹³.

Por esse tratado, conquistou o pavilhão inglês favores iguais, mesmo superiores, aos dos portugueses, nos portos de Portugal e de suas

12. A carta régia, pela qual os portos do Brasil foram abertos ao comércio livre, é de 1808.

13. Em fevereiro de 1810, no Rio de Janeiro.

possessões. Um decreto suplementar ainda aumentou a liberdade do comércio britânico (**Nota III**). Os negociantes ingleses conseguiram no *Juiz Conservador* uma autoridade própria para as suas transações com os súditos portugueses. Com a Áustria, igualmente, por ocasião do casamento de S.A. a Arquiduquesa D. Leopoldina, iriam encetar-se relações comerciais, pelas quais ambos os reinos se favoreceriam mutuamente; este projeto não chegou, porém, a realizar-se. Também, seria difícil concorrerem os artigos austríacos, excetuando poucos, com o baixo preço dos ingleses, vista como todos os artigos de comércio, fora os portugueses e ingleses, deveriam pagar 25 por cento.

A importação de produtos naturais e fabricados, da Europa para o Rio de Janeiro, inclui todas as necessidades humanas. Portugal e as ilhas mandam vinho, azeite, farinha de trigo, biscoitos, sal, manteiga, vinagre, bacalhau, presuntos, salsichas, azeitonas e outras frutas conservadas ou secas, aguardente, couro, remédios, algodão grosseiro, chapéus, panos de lã grosseira, ferragens, vidros da Boêmia, linho alemão e holandês, papel em geral italiano, livros portugueses, instrumentos de música, pólvora, louça do Porto, munições militares, cordas, lona, panos para velas, alcatrão, breu e outros apetrechos para navios, aço, artigos de sapataria, cobre, etc. Também mercadorias das Índias Orientais eram, sobretudo antigamente, trazidas para aqui com frequência de Lisboa, mas atualmente são recebidas por tráfego direto. A Inglaterra, isto é, Londres e Liverpool, e suas colônias fornecem igualmente ao Rio de Janeiro todos os objetos de fabricação inglesa especialmente com variados tecidos de algodão, chitas, panos finos, porcelanas e louça de barro, ferro, chumbo, cobre, estanho em estado bruto e trabalhado, âncoras, cordame, pólvora, cerveja Porter, queijos, manteiga salgada, aguardente, etc. De Gibraltar vem muitas mercadorias das Índias Orientais, e, daí em navios portugueses para o Rio, também vinhos espanhóis.

A França tem exportado recentemente, sobretudo do Havre de Grace e do Brest, artigos de luxo, joias, móveis, velas de cera, medicamentos, licores finos, pinturas e gravuras em cobre, livros franceses, tecidos de seda, espelhos, chapéus, finos cristais e porcelanas, frutas secas, azeite e manteiga. A Holanda manda para este mercado cerveja, objetos de vidro, tecidos de linho, genebra, que por suas propriedades diuréticas é muito

usada em todos os países tropicais, papel, etc. A Áustria tem mandado ao Rio muitos artigos a prazo, particularmente relógios, pianos, espingardas, tecidos de linho, tecidos de seda e de meia seda, veludo de algodão, flanela, almofarizes, aros de ferro, anzóis, canivetes, almofaças, mercúrio, sublimado, cinábrio, vitríolo, sal amoníaco, latão, chumbo, cobre, estanho, antimônio, arame de ferro, arsênico, cera branca e amarela, zarcão, pregos, cola de peixe, ouro-pigmento. A Alemanha, que antes fazia muito extenso negócio de cristais da Boêmia e linho com Portugal e Espanha, tem tentado despachar diretamente essas mercadorias para o Brasil e tem feito especialmente bom negócio com objetos de ferro e latão, e com brinquedos de Nuremberg, feitos segundo as formas usadas no país. A Rússia e Suécia fornecem ferro, aço, vasilhame de cobre, pano para velas, cabos, cordame e alcatrão. A América do Norte exporta para o Rio, sobretudo, cereais, sabão, velas de espermacete, biscoitos, azeite de baleia, alcatrão, couros, tábuas, breu, potassa e móveis grosseiros. O comércio com a Costa da África traz para aqui poucos artigos, e esses, por assim dizer, só como bonificação pela compra dos escravos negros. O número desses é considerável: no ano de 1817, teriam sido exportados dos portos de Guiné e de Moçambique, 20.075 indivíduos para Rio, sob a bandeira portuguesa. As mercadorias importadas de Moçambique, além dos escravos, são pó de ouro, marfim, pimenta, raiz de calumba, ébano e grãos de cóculo, às vezes também mercadorias das Índias Orientais. De Angola e de Benguela trazem cera, óleo dos cocos de dendê (*Elaeis guineensis* L.), óleo de amendoim das sementes da *Arachis hypogaea* L., marfim, enxofre, finalmente também alguma goma-arábica. Ambos estes últimos artigos, além do sal, vêm, sobretudo das ilhas de Cabo Verde.

O comércio direto do Rio com a Índia Oriental tornou-se considerável, desde a vinda do rei, pelo fato de se terem estabelecido aqui diversas das mais importantes casas de comércio de Lisboa; a maior proximidade imprimiu às suas transações com a Índia Oriental e com a China ainda maior incremento; por isto, o comércio de Lisboa sofreu não pequena diminuição. Os navios costumam dirigir-se, em geral, a diversos portos ingleses na Índia, depois também a Macau, viagem que em geral se realiza em oito, dez ou doze meses. Goa ou as outras possessões portuguesas no Oriente, cuja importância, pela influência dos poderosos vizinhos, sem-

pre vai se reduzindo, são raramente tocadas. Das possessões dali são trazidas particularmente diversas qualidades de tecidos de algodão, que daqui são recambiadas a Portugal ou aos diversos portos da América do Sul. De Macau vêm finas musselinas e tecidos estampados, sedas, porcelanas, chá, tinta nanquim, canela, pimenta e também alguma cânfora.

O Rio é a escala-depósito para todos os numerosos pequenos portos ao longo da costa brasileira, ao norte, até a Bahia, e ao sul, até Montevideú, que lhe despacham os seus produtos para serem remetidos à Europa, ou para o consumo próprio. Especialmente considerável é a quantidade de gêneros alimentícios; farinha, feijão, toicinho, carne-seca ou salgada, anualmente trazidos de todos estes lugares. Os produtos da criação de gado como peles, chifres, pontas de chifre, carne-seca e salgada, sebo, arroz e farinha de trigo, vêm por mar, especialmente das províncias do Rio Grande do Sul e de São Paulo. Esta última também fornece ainda queijo, casca tanífera de mangue, alguma borracha, algodão, açúcar e rum. A capitania de Santa Catarina remete, além disso, couro para sola, cebola e alho, que ali medram excelentemente, peixe seco, louças. Os pequenos portos ao norte do Rio, como João do Paraíba, São Salvador, Macaé, Porto Seguro, Caravelas, Vitória, etc., abastecem o mercado daqui igualmente com considerável quantidade de gêneros vegetais, peixes e com os produtos de suas belas matas, como pranchões, tábuas, ripas, arcos, carvão, lenha, pau-brasil, cascas taníferas, cocos, também fumo, açúcar, rum e arroz. Cabo Frio fornece tinas e cubas, que são feitas dos troncos de grandes gameleiras, e, como na vizinha Ilha Grande se obtém cal pela calcinação de conchas ou de rocha, dali se fornece, por dispor de excelente material, afamada louça. O tráfego com a Bahia e Pernambuco não deixa de ser importante. Da Bahia vêm fumo, escravos, mós, tucum (fio de palmeira), cocos, artigos de Guiné da Europa; de Pernambuco vêm sal, salitre e igualmente artigos europeus. Buenos Aires e Montevideú fornecem o mercado especialmente com muitas peles, couros, chifres de boi, sebo, carne salgada, farinha de trigo. Esse comércio costeiro é, em grande parte, feito em pequenos navios de um ou dois mastros (sumacas ou escunas) e mantém comunicação muito ativa de toda a costa brasileira com a capital. Da foz de La Plata ao Rio, faz-se em geral a viagem de vinte e dois até trinta dias; de Porto Seguro, em oito até quinze dias, isto conforme sopra o vento do norte ou do sul,

de acordo com a posição do sol. Maranhão e Pará remetem seus produtos diretamente, sem intermediação do Rio de Janeiro.

Também atinge grande volume o comércio por terra entre o Rio e as províncias vizinhas, mas particularmente com São Paulo e Minas, até onde levam estradas toleráveis. Do Rio Grande do Sul e de São Paulo são tocados anualmente muitos milhares de cabeças de gado para o corte, cavalos e mulas que daqui são espalhados pelas vizinhas capitânias. Minas manda a grande maioria dos seus produtos – algodão, café e fumo – ao Rio de Janeiro, para onde a estrada, de algumas regiões, embora diste mais do que da Bahia, contudo é mais agradável, salubre e menos penosa. No ano de 1820, manteve-se a importação desses artigos do seguinte modo: algodão 70.407 arrobas, café 20.000, fumo 54.281. Além desses produtos brutos e das pedras preciosas, Minas remete queijos, marmelada, rapadura e uma colossal quantidade de pano de algodão muito grosseiro, que aqui se emprega para a roupa dos escravos e da população pastoril pobre, nas províncias do Sul. Os habitantes das afastadas províncias de Goiás e de Mato Grosso, que viajam até a Capital, para se fornecerem de artigos fabricados na Europa, levam-nos de volta pelas estradas que passam por Vila Rica e Caeté; para aqui trazem quase que só ouro em barra ou em pó, pedras preciosas, e entre estas diamantes em contrabando.

Não é raro ver chegar à Capital gente dos sertões de Cuiabá e Mato Grosso, que emprendia uma viagem de trezentas léguas e mais para conduzir, na volta, tropas de mulas carregadas com as necessidades do sertão. O brasileiro não se deixa deter pelos perigos e canseiras de uma viagem que, às vezes, o separa oito, até dez meses da família: empreende-a de tempos a tempos para tratar ele próprio dos seus negócios; pois quanto mais ermo é o lugar de sua origem, tanto mais cedo ele se acostuma a dar pouca importância às grandes distâncias. Quem quase semanalmente emprende viagem a cavalo de cinco a seis milhas, para assistir à missa e para visitar os vizinhos, também não se assusta por efetuar uma caminhada de algumas centenas de léguas, quando se trata de fazer a troca das colheitas de um ou mais anos pelos produtos estrangeiros.

A exportação dos artigos de comércio, produzidos no próprio país, para os portos europeus, fundamentou principalmente a riqueza do Rio de Janeiro. Está claro, também a venda dos artigos europeus aos pe-

quenos portos e ao sertão é rica fonte, da qual escoam anualmente para a Capital grandes quantias; porém, não comparável com a grande quantidade de produtos coloniais que do Rio são exportados por mar.

Os três mais importantes artigos de agricultura são: açúcar, café e algodão. O primeiro é especialmente cultivado nos distritos da capitania ao sul e a leste da serra do Mar e mais próximos da beira-mar, portanto nos distritos de Ilha Grande, Cabo Frio e Goitacases. Os de Paraíba Nova e Cantagalo, situados além da outra vertente da serra, não se dedicam tanto ao cultivo da cana-de-açúcar, que marca por assim dizer os limites da parte mais quente e mais úmida das terras, onde ela prospera com exuberância. A maioria das fazendas e engenhos estão nas vizinhanças da capital e em volta de Cabo Frio. Como se sabe, foi espalhado o cultivo da cana-de-açúcar no Rio de Janeiro pelo governador Mem de Sá, logo após a expulsão dos franceses, no ano de 1568. A exportação do açúcar feita pelo porto do Rio de Janeiro no ano de 1817 montou a 17.000 caixas ou cerca de 680.000 arrobas.

O café só desde poucos anos é que tem sido ativamente cultivado na capitania do Rio, e tem-se verificado que a sua produção chega a igualar em excelência à de Martinica e de São Domingos, contanto que se observem as mesmas necessárias cautelas na colheita. O café do Rio não gozava antes de estima na Europa, porque em geral os grãos eram apanhados ainda verdes, e, para limpar os grãos da polpa deixavam-nos apodrecer, o que estragava o bom sabor e dava ao grão um colorido claro, e amolecia-o. Somente nos últimos anos é que melhorou o cultivo do cafeeiro e o modo de colher o fruto no Rio de Janeiro, sobretudo depois que o Dr. Lesesne, um experimentado fazendeiro de São Domingos, foragido de lá por perturbações, fundou uma grande plantação nas vizinhanças do Rio e chamou a atenção dos fazendeiros para o modo mais proveitoso de beneficiar esse artigo. Este exemplo e a grande procura fizeram elevar consideravelmente a produção, de modo que atualmente o Rio de Janeiro é de todos os portos brasileiros, o que despacha mais café e do melhor. Nos últimos anos, a sua exportação tem sido a seguinte: 1817, 9.567,960 libras; 1818, 11.140,350; 1819, 8.087,220 (por causa da seca); 1820, 14.733,540.

O algodão, que é remetido para a Europa e de preferência para Liverpool e Londres, não é somente produto das regiões vizinhas; grande

parte vem também de Minas, particularmente do termo de Minas Novas, carregado por tropas de mulas. Em geral carrega cada animal seis até oito arrobas, metidas em dois sacos de pele de boi bruta. O algodoeiro cultivado no Rio de Janeiro (*Gossypium barbadense* L., mais raro também o *G. herbaceum* L.) prospera muito bem; todavia, dizem que não dá fibra tão resistente como o produzido nos distritos mais altos e mais secos de Minas Novas.

O fumo é cultivado de preferência nas ilhas da baía do Rio, na enseada de Angra dos Reis à beira-mar, como, por exemplo, na vizinhança de Parati; também é trazido para aqui da capitania do Espírito Santo.

As peles secas de boi, em parte esfregadas com sal, que o Rio de Janeiro fornece ao comércio e especialmente remete para a Inglaterra e França, são na maioria importadas do Rio Grande do Sul, de São Paulo e de Minas. Um resumo destes mais importantes artigos de exportação durante o ano de 1817 seguirá adiante (**Nota IV**).

Além desses produtos principais, o Rio de Janeiro despacha para a Europa: sebo, peles de lontra, que, entretanto, aparecem em pequenas quantidades, crina e couros de cavalos, chifres de boi, pontas e lâminas de chifre, rum, melado, azeite de baleia, barbatana, ipecacuanha, arroz, algum cacau e anil, pelo que estão sempre se reduzindo os pedidos; pau-amarelo de muito boa qualidade e pau-campeche. O pau-brasil cresce nas matas da província, porém tendo o Governo o seu monopólio, já desde alguns anos se suspendeu o corte, e não se encontra mais depósito dessa madeira na praça. Pode-se supor que a soma do valor desses artigos, tomados em conjunto, forma um total anual no mínimo de 1.600.000.000 réis ou 2.000.000 de piastras, e pagam ao erário 446.400.000 réis ou 558.000 piastras de imposto de saída. A norma pela qual a produção do país deve em geral pagar em tributos vários é um imposto de dois por cento do valor corrente ao que ainda se acrescentam algumas despesas adicionais, segundo o que referimos a respeito do café, etc.

Para os pequenos portos do Brasil, o Rio exporta os mais diversos produtos europeus; para Pernambuco e Ceará, de quando em quando, manda consideráveis provisões de vegetais quando lá, ao sobrevir a seca, esses produtos não chegam a dar. Também nos últimos anos se têm remetido frequentemente escravos para as províncias do Norte.

As costas oeste e leste da África recebem sobretudo mercadorias inglesas e portuguesas por intermédio da praça do Rio. Finalmente também barras de ouro e ducados espanhóis devem ser considerados artigos de exportação do Rio de Janeiro. Os navegantes das Índias Orientais, tanto portugueses como norte-americanos costumam muito comumente levar, em vez de qualquer mercadoria, apenas quantias de metal, daqui para as Índias. Assegura-se que em muitos anos do metal levado para fora nessas viagens importou numas 500.000 libras esterlinas, talvez 800.000.

A grande diferença entre o valor da importação e da exportação a favor do Rio de Janeiro, que movimenta consideráveis quantias em dinheiro da Europa para cá, caracteriza, por si só, as relações comerciais entre a Europa e este país já tão rico, embora novo. A quantidade de metal que a cobiça dos séculos passados arrancou das entranhas da América refluí agora pouco a pouco ao seu país de origem e, ou fica aqui, ou retoma o caminho das Índias Orientais. A excelente situação do porto, vasto e seguro, num mar geralmente sem perigo durante todas as estações do ano, por assim dizer na porta dos caminhos gerais do comércio mundial; o curto espaço de tempo em que se pode fazer viagem daqui para a Europa, Costa Ocidental da África, o Cabo, Moçambique, Índia e Nova Holanda; a opulência em metais e produtos nacionais; o grande impulso que a presença da corte dá ao país todo, conferem a esta praça tão extensa atividade, que poucos decênios bastarão para elevá-la a um dos mais ricos portos do mundo. Essa vivacidade do comércio na capital do Brasil prova que a quantidade de produtos comerciais, atualmente, já é maior do que devia ser, segundo as notícias que descrevem o Brasil um país totalmente agreste, sem vestígio algum da benéfica influência da indústria europeia.

De fato, os artigos coloniais exportados pelo porto do Rio de Janeiro não são exclusivamente produtos da província, porém em parte são trazidos do interior do sertão; mas o montante da exportação de alguns artigos deste porto para a Inglaterra já proporciona uma noção muito favorável da produtividade do país. A Inglaterra teria embarcado no ano de 1817, 401.700 quintais de café e consumido ela própria uns 60.000 quintais. Se é verdadeira a última informação, somente o Rio de Janeiro exportou quase o dobro da quantidade de café consumido na Inglaterra.

Já antes da vinda do rei se fazia necessária a fundação de um banco. Para o importante movimento de negócios não se acharia nem a metade em moeda cunhada, mesmo que todos os capitalistas da província contribuíssem com os seus pecúlios. Por essa razão reuniram-se diversos negociantes e capitalistas mais consideráveis, assegurando-se com cauções recíprocas, para juntar um capital correspondente a soma das notas emitidas. Sob a gerência de uma comissão eleita pelos fundadores, começou a prosperar a empresa, que era apenas uma instituição particular, e o crédito, que a princípio só valia entre os fundadores, espalhou-se por todo o público de negócios. É provável que o total das notas do banco com essa oportunidade tenha aumentado pouco a pouco, sem se dar suplemento de capital. Mais tarde, quando os negócios tomaram progresso notável, anexou-se ao banco uma companhia de seguros, arrendamento de monopólios da Coroa, etc., e gozou a instituição de tão grande confiança no tranquilo manejo dos negócios, sem interferência de estranhos, que muitos funcionários do Estado logo depositaram no banco uma parte dos seus salários, e ricos fazendeiros do interior do país remeteram os seus capitais ao Rio, a fim de depositá-los ali para os filhos, como mais segura parte de seus bens. Com a vinda do rei ao Brasil, começou com as novas circunstâncias política nova fase para o banco. Os seus estatutos foram sancionados a 12 de outubro de 1808 pelo rei e a empresa, intitulando-se Banco do Brasil, continuou com sempre crescente atividade. Às necessidades, por vezes consideráveis da Corte, assim como do Estado, o Banco socorria em parte contra depósitos realmente valiosos, em parte contra hipoteca de futuras arrecadações do Estado. Parece que alguns negociantes estrangeiros quiseram, então, experimentar a segurança da empresa, apresentando, de repente, avultada quantia de notas do Banco; como, todavia, o pagamento fosse feito com dinheiro à vista, para o que provavelmente também a estreita ligação com a real Casa da Moeda deve ter cooperado, foi assim o Banco obtendo o mais firme crédito, sobretudo na mãe-pátria, embora não fundamentado em sólida garantia que se soubesse, e sem especiais relações com outros estabelecimentos congêneres. Os mais recentes acontecimentos do ano de 1821, quando o rei retirou, antes de sua partida, avultada quantia do Banco, para o que ele empenhou uma parte dos diamantes da Coroa, que mais tarde,

porém, foram levados para a Europa, e, como se assevera, outros grandes desfalques parecem haver abalado fortemente os alicerces da instituição.

A soma de numerário em curso no Rio não se pode determinar com certeza, sobretudo porque, de quando em quando, são levadas para fora do país quantias fabulosas, cuja saída se faz sentir por muito tempo, para toda gente. De preferência, como já acima observamos, os navegantes das Índias Orientais e da China levam deste porto, em geral, dinheiro em moeda, ora piastras espanholas, ora ouro português; por isto produz-se de improviso tão grande falta de numerário, que não só o ouro toma extraordinária alta no câmbio, porém igualmente os juros nas transações por cessão ou endosso sobem a 20 e 22 por cento. Nestas circunstâncias, decorriam às vezes vários meses até que a falta do numerário passasse. Também a operação da Casa da Moeda, de comprar escudos espanhóis e reformá-los em moedas de três patacas para pô-las em circulação 160 réis mais caras, parece ocasionar, às vezes, uma momentânea falta de dinheiro corrente no Rio. A taxa de juros em uso aqui no comércio para contas correntes, não porém para letras de câmbio, é de 160 até 240 réis e para um artesão europeu, é de um até dois escudos espanhóis.

Nem o estado do comércio nem o sistema de direitos alfandegários embarçam as indústrias do Brasil, isto é, embora grande quantidade de mercadorias e produtos manufaturados que poderiam ser produzidos no país sejam importados, até aqui mais se deve à falta de artífices e operários do que a pressão do mercado o encarecimento dos produtos manufaturados nacionais. Com o povoamento, também a atividade nacional ganhará, e com isso tornar-se-á mais favorável a proporção da exportação e importação para o Brasil. Atualmente estabeleceram-se no Rio muitos artesãos, especialmente franceses, favorecidos pelo Governo. Entre os naturais são os mulatos que manifestam maior capacidade e diligência para as artes mecânicas; até dizem que há entre eles decidido talento para a pintura. Os pretos livres, de que existe grande número na cidade, não se mostram tão aproveitáveis e vantajosos para a sociedade como no interior, onde eles se tornam não raro ativos e abastados agricultores. Por outro lado, os artesãos trabalham com os seus próprios escravos pretos, que sob a severa disciplina dos seus senhores aprendem, além da habilidade e aptidão no ofício, também a virtude da ordem ci-

vil. A fiscalização do Estado ainda não se estende com o mesmo rigor sobre todas as indústrias como na Europa. Muitos ofícios são exercidos livremente sem atestado de corporação, por quem quer que tenha para isso disposição; não obstante, são muito altos os preços dos artefatos. A liberdade que tem o dono de escravos, de utilizar-se deles para qualquer ofício como lhe apraz, muito difere da coação das corporações europeias. Entretanto, todas as indústrias que têm relação com a saúde e o bem público estão sob a fiscalização da Polícia. Carne e pão são vendidos a preços legais, mas a desigualdade das provisões e do abastecimento causa grande diferença nos preços. O europeu recém-chegado fica admirado com o sem-número de artífices em ouro e em prata e de joalheiros que aqui, como os outros artesãos, moram juntos numa rua, fazendo lembrar as magníficas Ruas do Ouro e da Prata, de Lisboa. O trabalho desses artífices é, na verdade, inferior ao europeu, porém, não é de mau gosto e tem durabilidade.

Muitos ofícios de grande necessidade na Europa são, no interior, diante das parcas necessidades dos habitantes, até hoje supérfluos, por assim dizer.

Na capital, entretanto, e nas demais cidades costeiras existe grande número de marceneiros e funileiros e outros operários, porém mais raros são os curtidores, saboeiros e os trabalhadores em aço. Sobretudo são muito procurados os mecânicos, para estabelecerem engenhos de açúcar, e outros para assentarem máquinas para exploração das minas de ouro, sendo estes muito bem pagos. Até aqui ainda não se pensou, na capital, em se fundar fábricas de vidro, porcelana, pano e chapéus; também quase não seria aconselhável estabelecê-las num país que pode trocar tão barato os produtos da ativa indústria europeia pelos do seu rico solo.

NOTAS DO CAPÍTULO I

I – A portaria, que mais tarde também foi extensiva às outras capitânicas por onde viajamos, era do teor seguinte: “Manda El-Rei Nosso Senhor a todas as autoridades Militares ou Civis a quem esta for apresentada, e o seu conhecimento, pertencer, que se não ponha embaraço algum à livre jornada de Mrs. Spix e Martius, membros da Academia Real das Ciências de Munique, aos quais Sua Majestade tem concedido a permissão necessária para viajar e demorar-se o tempo que lhes for conveniente em qualquer parte dentro dos limites desta Capitania do Rio de Janeiro. E determina Sua Majestade, que se lhes preste nesta sua digressão toda a assistência e auxílio de que precisarem, logo que o pedirem. Palácio do Rio de Janeiro em 12 de setembro de 1817. – (LS.) João Paulo Bezerra”.

II – *Arachis Hypogaea* L. – Além do interesse que essa planta, por suas sementes oleaginosas, tem para a economia rural nos países quentes, é uma verdadeira maravilha para o naturalista, porque ela esconde as suas flores na terra, logo que deve deitar as sementes.

III – Uma das comissões comerciais em Londres regularizou a 18 de dezembro de 1812 ainda mais alguns pontos, cujas determinações não eram bastante incisivamente declaradas. Os objetos de fabricação inglesa pagam 15 por cento do seu valor de importação nas alfândegas portuguesas. Para diversos artigos, entretanto, deve ser considerado por parte dos funcionários portugueses não o preço corrente, mas o preço estipulado na Pauta, como norma para o imposto, de sorte que, na queda dos preços com o aumento da concorrência, as taxas de importação de muitos artigos sobem assim a 25 por cento do valor. Antes do mandado real sobre os direitos aduaneiros de 2 de maio de 1818, os próprios portugueses pagavam 16 por cento. Muito favorável ao comércio britânico é particularmente à estipulação então firmada, igualmente existente entre Nápoles e a Inglaterra, de que as mercadorias inglesas, cuja avaliação declarada pelo importador parecer abaixo do preço, só podem ser aceitas pelos funcionários da Alfândega quando for restituído o imposto pago e mais indenização de 10 por cento além do valor declarado.

Para dar aos nossos leitores uma ideia exata dos princípios observados pelo governo português, recentemente, na determinação dos impostos, citamos em resumo os principais decretos do último relatório da Alfândega de 2 de maio de 1818, que foi concluído durante nossa estada nas Alfândegas dos Reinos Unidos de Portugal, Brasil e Algarves assim como em todas as mais possessões portuguesas serão pagos os já existentes impostos de importação e exportação de todos os objetos, sem exceção alguma, mesmo quando pertencerem a Casa Real, e todas

as prerrogativas e privilégios nesse sentido deixam de vigorar de agora até daqui a vinte anos.

Vinhos estrangeiros que forem importados pagam três vezes o valor do imposto dos nacionais; o mesmo quanto a aguardente estrangeira que paga duas vezes e meia a mais.

Cada negro novo que, acima da idade de três anos, entrar nos portos brasileiros, importado da África, paga, além do imposto antigo existente, que monta nuns 6\$000, mais 9\$600, cuja metade deve ser depositada no Banco do Rio de Janeiro, para formar ações destinadas à fundação de colônias para colonos brancos.

Cada arroba de carne-seca salgada, quando é exportada dos portos brasileiros em navios estrangeiros, paga 600 réis; quando em navios portugueses, 200 réis.

Jóias de ouro e prata, brilhantes lapidados e outras pedras preciosas pagam dois por cento de imposto de saída.

Todos os artigos do comércio brasileiro, que até aqui não tinham imposto determinado, pagam de agora em diante dois por cento, como equivalente dos chamados Impostos de Consulado, que antes da liberdade do comércio se devia pagar nas alfândegas de Portugal. (Esses determinados impostos são regularizados segundo as diferentes tarifas de cada porto.)

Mercadorias manufaturadas em Portugal, que não gozam de nenhuma exceção como as de fabricação nacional, recebem na importação no Brasil um desconto de cinco por cento.

Produtos asiáticos, que até aqui pagavam oito por cento de exportação de Portugal, daqui em diante terão o imposto de três por cento.

Todas as mercadorias portuguesas, de agora em diante, em vez de 16 por cento pagam somente 15 por cento.

Mercadorias estrangeiras, embarcadas em navios portugueses, gozavam de uma redução de cinco por cento de entrada na alfândega, a qual em geral se faz pagar 24 por cento.

O sal paga por cada moio (20 alqueires brasileiros), quer importado por portugueses, quer por estrangeiros, 800 réis.

Em todas as alfândegas do Reino Unido pagam os navios estrangeiros os mesmos impostos de tonelagem, ancoragem e farol que pagam os navios portugueses das respectivas nações. (No Rio o imposto de ancoragem diário é de uma piastra.)

Escravos e outras mercadorias de qualquer gênero importadas no Brasil, quando de novo são exportadas para parses estranhos devem satisfazer primeiro o imposto de consumo.

No mesmo alvará régio também está ordenada a criação de faróis e das denominadas Capatazias os portos de mar. Consistem estas últimas em associações de estivadores, em geral pretos e mulatos livres que, separados em companhias, sob a direção e autoridade de um funcionário da Alfândega, cuidam do transporte das mercadorias para os armazéns e para bordo e se responsabilizam por elas enquanto estão nas suas mãos. Nas cidades marítimas do Brasil, de grande comércio, já existem essas corporações, tal como em Lisboa, onde são muito numerosas, para fazerem o serviço das cargas em lugar das bestas de carga.

A esses direitos das alfandegas nos portos do Brasil, que perfazem uma considerável quota das receitas, acrescentam-se ainda os impostos das mercadorias que são transportadas de uma província para outra. Esses *direitos de entrada* são muito avultados, porque são determinados, segundo o peso, sem exceção, de todas as mercadorias, sobre chumbo, ferro e outros metais assim como sobre os mais leves estofos, sedas, etc. A entrada, p. e., na província de Minas Gerais paga por arroba 720 réis; somente o sal faz exceção entre todas, pois o seu tributo é de 450 réis a arroba. Para cada escravo que é importado, em Minas pagam-se ao Registro 7\$800; no Rio Paraibuna por peça de gado, por besta ou cavalo, duas patacas (640 réis); cada pessoa, uma pataca; pelo visto do passaporte, duas patacas. Semelhantes impostos são pagos nas alfandegas limítrofes de todas as Capitánias.

As necessidades do Estado satisfazem-se ainda por meio de impostos e taxas, que são diretamente cobrados pelo governo ou pelos contratadores. Esses tributos são em parte diversos nas diferentes províncias, tendo cada uma a sua própria administração de finanças; porém, em geral, são, mais ou menos, com certas modificações arrecadados os seguintes: *dtzimo*, o décimo de todos os produtos da agricultura, da pesca e da criação de gado; – *subsídio real ou nacional*, direitos sobre carne fresca, peles de boi brutas e curtidas, sobre açúcar de cana e sobre estofos grosseiros de algodão que seja fabricado no país; *subsídio literário* (tributo para os salários dos professores de escola) sobre cada boi que for morto, sobre açúcar de cana produzido, em algumas províncias como no Maranhão; também paga imposto a venda de carne salgada do interior; *imposto para o Banco do Brasil*, um imposto de indústria de 12\$800 sobre cada loja ou livraria, cada farmácia, cada depósito de trabalhos em ouro, prata, folha-de-flandres, estanho e sobre fumo e produtos de outras profissões. Somente as lojas dos barbeiros e sapateiros, cujas indústrias são consideradas relativamente inferiores, são excetuadas. Um imposto de luxo sobre cada carro de quatro ou de duas rodas no Maranhão é de 12\$000 e 10\$000) e destinado igualmente ao Banco. Outro imposto de indústria é cobrado dos engenhos de açúcar e alambiques; é diferente em cada Capitania (paga-se no Maranhão 3\$200 por um

engenho de moer cana, na Bahia 4\$000 por um alambique). *Décima*, dez por cento é o rendimento anual das casas e outros bens municipais. Esse imposto é pago somente na costa e nos lugares povoados; da gente do sertão não se cobra. *Sisa* é a taxa de dez por cento sobre a venda de casas e outros bens, na cidade. *Meia sisa*, taxa de cinco por cento sobre a venda de um *negro ladino*. *Novos direitos*, assim se chama o imposto de dez por cento que pagam os servidores do Estado na seção de Finanças e Justiça, sobre seu salário anual. *Os selos, os foros*, taxas para privilégios, etc., *os rendimentos de chancelaria* e rendas do *Correio* não deixam de ser consideráveis. – Afora esses impostos, são cobrados em alguns lugares ainda outros, os dos magistrados, que vão para as caixas municipais; o tributo de 320 réis, pago por cabeça de gado, que é levado para fora da Comarca de Paracatu, e outro na vila de Caeté, de 80 réis, por uma carga de algodão levado para fora, etc.

Uma arroba tem 32 libras¹ portuguesas = 30 1/3 libras de Hamburgo ou 31 3/4 de Berlim. Quatro arrobas fazem um quintal = 129 1/2 libras inglesas. Cereais e sal são medidos por alqueires, que em Portugal tem 681 polegadas² cúbicas de Paris. Um alqueire do Brasil³ é igual a 2 1/4 do português ou mais ou menos 6/7 do *bushel* inglês⁴. Um moio de sal tem 60 alqueires.

Os líquidos são medidos segundo pipas e canadas. Uma canada do Brasil = 5 1/7 canadas de Lisboa = dois galões ingleses⁵. Uma pipa de vinho do Porto é calculada em 60 canadas brasileiras ou 312 canadas de Lisboa. Uma pipa de melado, rum ou azeite de peixe, contém 60 até 75 canadas.

A medida de comprimento é a *vara* (cinco das quais = seis jardas inglesas = 8 côvados de Brabante) e o *côvado*, 27 dos quais têm 20 jardas inglesas⁶ ou 26 1/2 côvados de Brabante.

As qualidades de moedas no Brasil são de cunho e nome diferentes das usadas em Portugal. São igualmente contadas em réis e indicam na cunhagem o seu valor. De cobre são as peças de 10 e de 20 réis. De prata são as de 80 e 160 réis, a pataca, simples, dupla, tripla de 320, 640 e 960 réis. As moedas de ouro, recentemente cunhadas são todas de 4\$000; existem também mais antigas de 1\$000, 2\$000 e 3\$000.

1. 1 libra = 459 gramas.

2. 1 polegada = 2,75cm (1 polegada vale 12 linhas).

3. 1 alqueire (port.) = 13,8 litros.

4. 1 *bushel* inglês = 36,36 litros.

5. 1 galão inglês = 4,5 litros (para medir vinho, só 3,7 litros).

6. 1 jarda inglesa = 0,91 metros.

IV – Tabela dos mais importantes artigos de exportação do Rio de Janeiro no ano de 1817:

Artigo	Quantidade	Preço corrente	Valor de todo o artigo	Direitos de exportação para a unidade	Soma em imposto de exportação pago
Açúcar	680.000 arrobas em 17.000 caixas.	Preço médio entre fino, branco e mascavo; 200 réis por arroba.	1.360:000\$000	160 réis cada caixa e 2% do valor corrente.	29:920\$000
Café	298.999 arrobas	2\$400 por arroba.	687:597\$600	80 réis a arroba e 2% do preço corrente.	37:671\$872
Algodão	320.000 arrobas em 40.000 fardos.	8\$000 por arroba	2.560:000\$000	100 réis pelo fardo e 2% do preço corrente.	55:200\$000
Couros de boi	512.000 peças.	1\$200 por arroba	614:000\$000	20 réis por peça e 2% do preço corrente.	22:528\$000
Fumo	Cerca de 80.000 quintais em 18.000 rolos e pacotes.	Cerca de 6\$000 por quintal.	180:000\$000	20 réis pelo rolo e 2% do preço corrente.	3:960\$000
Total	-	-	5.401:597\$600	-	149:279\$872

.....

Capítulo II

PASSEIOS PELOS ARREDORES DO RIO DE JANEIRO

RESISTIMOS AOS FASCINANTES convites da bela natureza, que se ostentava diante das nossas janelas com todo o esplendor do sul, apenas o tempo preciso para satisfazer as mais prementes necessidades da morada.

Em particular, o que mais fortemente nos atraía, era a vizinha montanha, toda revestida de verde arvoredado, e para onde empreendemos também o nosso primeiro passeio. O caminho levou-nos ainda dentro do subúrbio, pela planície pantanosa, que, sobretudo na lua nova e na cheia, se cobre com a maré, e além do lodo do mar, contém todo o lixo da cidade, animais mortos, etc., e por isso é frequentada por milhares de urubus (*Vultur aura* L.). Embora asqueroso o aspecto, e insalubres as exalações dessa planície, que, em vez de ter altos diques e comportas só é provida de desagadouros superficiais, assim mesmo nos demoramos ali algum tempo, presos por muitas coisas interessantes. Por toda parte onde a água do mar tinha estacionado, via-se agora o solo todo cheio de buracos que servem de toca aos caranguejos (*Cancer uca*, L.). Na beira arenosa observamos diversas plantas da praia, não só dos países tropicais, de ambos os continentes, como a *Avicennia tomentosa* e *Rhizophora mangle* L., mas também mais duas outras, que dão nas latitudes mais altas, *Portulaca pilosa*, que se

encontra nas costas da Ásia Menor, e *Pharnaceum Cerviana*, que ocorre nas do mar Báltico. Cortamos a rua principal, que vai do bairro de Mata-porcós às Quintas de São Cristóvão e de Santa Cruz, e subimos, passando por uma bela casa de campo pertencente ao bispo, pela encosta que antecede o Corcovado. Apenas deixamos atrás de nós as ruas e o rumor da gente, achamo-nos como que enfeitiçados no meio de pujante natureza estranha. Ora passarinhos de diversas cores, ora deslumbrantes borboletas, ora insetos de maravilhosas formas, as casas de vespas pendentes das árvores e as dos cupins, ora plantas do mais lindo aspecto, espalhadas pelo estreito vale e pela rampa suave do morro, seduziam a nossa vista.

Circundados por altas e aéreas cássias, cecrópias de folhas largas e troncos brancos, murtas de folhagem densa, bignônias arborescentes de grandes flores, moitas enredadas de paulínias com cheiro de mel, sarmentos de maracujá, com as flores da Paixão, e da trepadeira securidaca de rica floração, por entre as quais sobressaem as copas ondeantes da palmeira macaúba, parecia estarmos transportados ao Jardim das Hespérides. Passando por diversos regatos cuidadosamente aproveitados e por morros cobertos de mata nova, alcançamos, finalmente, o terraço do morro, ao longo do qual a água da fonte é conduzida para a cidade. Desenrolou-se sob os nossos olhares uma vista maravilhosa da baía, das ilhas verdes, nela flutuantes, do porto com mastros e bandeiras sem número, e da cidade estendida ao pé dos mais garbosos morros, cujas casas e torres reluziam ao sol. Longamente nos reteve presos o mágico espetáculo de uma grande cidade europeia, surgida no meio de rica natureza tropical.

Prosseguimos estrada em fora ao longo das curvas do encanamento. O aqueduto é em grande parte feito com cantaria de granito, porém, a cobertura arqueada, em cujo interior o naturalista encontra uma quantidade das mais raras falanges, é construída com tijolo. Por entre os outeiros cobertos de mato, entreabrem-se vistas variadas e românticas dos vales do fundo. Muitas vezes o caminho oferece clareiras, onde a luz ofuscante do sol reflete no solo florido ou na folhagem brilhante das altas árvores próximas; outras vezes passa-se sob fresca e sombria abóbada de folhagem. Aqui se alastram emaranhados de paulínias, securidacas, micânias, passifloras, ostentando a mais incrível variedade de flores, por entre as copas luxuriantes das céltis, das réxias e melastomáceas cobertas de flores,

das frescas bauínias, das mimosas de delicadas folhas, das deslumbrantes murtas; acolá formam impenetráveis bosques folhudas solâneas, sebastiânicas, eupatórias, crótons, aegífilas e inúmeras outras formas, de onde se destacam os colossais troncos do bômbax lanífero, as cecrópias de folhas prateadas, o espinhoso pau-brasil, a lecitídea com os seus extraordinários frutos, semelhantes a panelas, o esbelto tronco do palmito-juçara e muitos outros mais corifeus das matas, ainda sem nome. O aspecto majestoso, a doce tranquilidade e paz dessas matas, só interrompidos pelo sussurro das asas dos colibris matizados, que voam de flor em flor e pelo canto mavioso de passarinhos estranhos e de insetos, tudo age com magia toda especial na alma do homem sentimental renascido pelo espetáculo do delicioso país.

A fonte, cuja água o aqueduto leva à cidade, em certo lugar, despenha-se em bela cascata sobre rochas de granito. Pés de begônias, de folhas oblíquas, esbeltos, costas e helicônias, cujas hastes floridas vermelhas reluzem na sombra da mata, gramíneas esquisitas e fetos arbóreos, matagais suspensos, carregados de flores de vernônia, murtas e melastomáceas guardam o aprazível local. Borboletas de asas grandes e pequenas brincam adejando sobre a fita d'água e pássaros de plumagem variada porfiam, da manhã à tarde, com a diversidade de seus gorjeios, para vencer o tumulto da cachoeira.

Chama-se *Carioca* essa fonte¹ e dela tiram os naturais do Rio de Janeiro o nome de cariocas, de que eles próprios se orgulham, porém que lhes dão com segunda intenção satírica, os habitantes das outras províncias. Encantados, sobre os arredores dessa fonte, já alguns poetas de talento do Rio de Janeiro se empenharam em celebrar com versos a Náíade que tão benéfico presente leva à capital. Frequentes vezes nos refrescávamos aqui, extenuados do calor e cansaço, na água cristalina, e, protegidos com a vivificante sombra das árvores, diante do panorama do mar longínquo, passávamos em revista a nossa esplêndida colheita de pássaros, insetos e plantas. Inolvidáveis conservamos as sensações que despertavam em nós, e somente o homem sossegado,

1. *Caryoca*, mais propriamente *caryb-oca*, significa, na língua dos indígenas brasileiros, “casa dos brancos”, “casa de pedra”, e era, provavelmente, o nome com que os silvícolas designavam as habitações que os portugueses construíram de pedra, para se protegerem contra as flechas inflamadas dos primeiros.

que se sente alegre na natureza, pode compreender a felicidade suprema que gozávamos, nós, estrangeiros do norte, em sítio tão soberbo. Não distante da nascente aprofunda-se o vale das Laranjeiras, na direção do bairro do Catete. O passeante goza da variedade do cenário, no qual se alternam jardins, novas plantações, mata virgem e casitas de campo espalhadas. No meio da encosta verde, e não longe da estrada, vislumbramos no meio dos arbustos uma choupana solitária. Pertence ao conde de Hogendorp², que, constrangido pelas ocorrências dos últimos tempos, veio viver aqui, longe dos homens e da política, em comunhão com a natureza livre e não considera abaixo de sua dignidade cuidar da existência preparando carvão para a cidade, com as árvores da sua propriedade. Nós já havíamos travado conhecimento com ele anteriormente e admiramos a constância e caráter do homem, que, longe do tumulto das circunstâncias instáveis, na pequena habitação, se sente feliz contemplando o mar, cujas ondas já antes banharam Santa Helena.

Junto da cascata Carioca, o caminho afasta-se do aqueduto e passa por uma elevação seca, cheia de arbustos e árvores baixas, e torna pela mata virgem, que reveste a encosta do Corcovado. A estreita e íngreme vereda sobe, passando por cima de alguns regatos da mata. A vegetação é de incrível pujança e frescura, quanto mais alto se sobe, tanto mais raros se vão tornando pouco a pouco os fortes troncos, e tanto mais aparecem bambus e samambaias, entre estas também um belo feto arbóreo de 15 pés de altura³. Afinal, cortando penosamente pela última brenha, alcança-se o cume verde da montanha, sobre o qual se encontram alguns arbustos isolados e entre eles uma magnífica liliácea arbórea⁴, correspondente à vegetação dos campos mais altos de Minas. Por cima das matas, colinas, vales e a cidade ao longe, goza-se do magnífico panorama do mar, cuja superfície espelhada se some nas névoas do horizonte. Para os lados do sul, a montanha é cortada a prumo, e o olhar se perde no abismo profundo, orlado pela baía azul de Botafogo em redor; mais além, eleva-se o atrevido cone de rochas do Pão de Açúcar.

2. Holandês, general de Napoleão I. Morreu em 1822 no lugar descrito acima. (Nota da rev., Ed. Melh.).

3. *Polypodium corcovadense*.

4. *Vellosia candida* Mik.



*Rancho à beira da estrada do Porto da Estrela para Minas Gerais
(Martius, Genera et species palmarum).*

Nestas alturas, a cerca de dois mil pés, a diferença da temperatura já é tão notável, que se julga ter sido transportado para zona mais fria. Diversas fontes, que nascem na lombada da montanha, indicam sempre alguns graus menos de calor do que a água do aqueduto, e apenas o sol se esconde no horizonte, logo se envolve o cume da montanha em nuvens, que vão pouco a pouco baixando ao longo da serra, para o vale.

Só uma vez subimos ao topo desta alta montanha; mais vezes, porém, repetíamos as excursões ao aqueduto, cujas cercanias contêm o mais rico tesouro de plantas e animais. Sobretudo nos empenhávamos (na zona quente, tudo que vive procura a água) em prosseguir o curso da fonte da Carioca. Nessa busca, fomos dar numa plantação solitária de café, propriedade, como depois nos informaram, do cônsul inglês, o Sr. Chamberlain, que também se ocupa de entomologia e possui uma rica coleção de insetos da redondeza. Justamente quando chegamos aqui, haviam desenterrado do campo uma bela cobra vermelho-carnesim, com listas pretas e brancas (*Colub. venustissimus* Neuw), que por preconceito se considera venenosa. Nesta habitação rural, situada perto da ladeira da montanha, tem-se outro esplêndido panorama da baía e de suas belas ilhas verdes, ao longe. Os cafeeiros estavam plantados nas encostas de um estreito vale, cujos cimos são coroados com o pinheiro brasileiro (*Araucaria imbricata*), de galhos grotescos, escuros, estendidos como candelabros.

Nas matas circunvizinhas da montanha e, segundo nos asseguraram, mesmo na proximidade daquele cafezal, viceja uma espécie de quina, que já desde alguns anos é exportada sob o nome de “quina do Rio”⁵ e cuja eficácia nas febres intermitentes tem sido demonstrada pela experiência dos médicos práticos de Portugal. Entretanto muitas, especialmente, porém, a febre quotidiana, resistem tenazmente ao emprego dessa casca que possui de fato muito menos substância ativa do que a maioria das cascas peruanas; todavia, ela é preferível a várias outras espécies que, misturadas às melhores, vão do Peru para a Espanha. Talvez fosse maior a eficácia desse medicamento se de preferência se empregasse a casca de árvores mais novas, o que até agora não tem sido feito, pois o colhedor ignorante prefe-

5. *Coutarea speciosa* A.?

ria os troncos grossos e endurecidos, que são mais fáceis de descortçar, às árvores e os galhos mais novos e delicados.

Outra planta, que contém muito componente amargo, a qual não dá aqui, mas nas altitudes da serra da Estrela, é a *carqueja* (*Baccharis genistelloides* Lam.), muito frequentemente usada pelos brasileiros contra a febre intermitente. Dos medicamentos genuinamente amargos diferencia-se pela quantidade considerável de matérias resinosas e aromáticas, que contém.

Um passeio não menos interessante empreendemos à Tijuca, lugar antigamente mais procurado pelos habitantes, situado a uma milha da cidade. A estrada passa pela Quinta Real de São Cristóvão, construída depois da vinda do monarca, e que se tornou, com o embelezamento dos jardins vizinhos, uma bela residência. Caminha-se por entre sebes exuberantes de cactos, lantanas, buganvílias, córdias, tournefórtias e mimosas de onde surgem aqui e ali as agaves com as suas altas inflorescências. Até à montanha a região é plana, apenas um rochedo cônico verdejante, isolado na vizinhança da Quinta Real, surge pinturesco de luxuriante jardim e plantas variadas. A oeste da estrada, um novo aqueduto traz água potável para a cidade. Cidadãos e camponeses, a pé e a cavalo, e, não raro, duas pessoas montadas no mesmo animal, dão animação à estrada, que, para as carruagens da gente fina da cidade, só é carroçável até São Cristóvão. Causa prazer notar nestes sítios paradisíacos, já os vestígios da atividade europeia; terras zelosamente cultivadas e bonitas casas de campo. Pela encosta verde da montanha e através de muitas propriedades rurais, ao longo de um regato que aciona diversos moinhos, chega-se, finalmente, à altura onde se é recompensado por maravilhosa vista do arrabalde plano de São Cristóvão.

O dia já se ia findar quando ali chegamos, e almejavamos, cansados da caminhada, achar pouso para a noite. Havia de fato uma venda na estrada, porém só oferecia fumo, aguardente, biscoitos, queijo de Minas, mas sem hospedagem; fomos, portanto, obrigados a procurar agasalho numa casa particular, de um francês nosso conhecido. A estreita picada levou-nos para junto de um vale profundo e finalmente a uma casita no meio do mato. Ali tivemos que contentar-nos com algumas batatas-doces assadas e um banco de pau, para passar a noite. O céu estava majestosamente estrelado; luz baça pairava sobre a escuridão da mata; somente

o fragor de águas longínquas interrompia o sossego daquela solidão, e, mergulhados na contemplação desses esplendores, nos entregamos de bom humor ao sono reparador.

Antes de amanhecer o dia, já seguíamos na direção do ruído das águas, e chegamos, exatamente quando o sol nascia, a uma alta parede de rocha, da qual se despenha um riacho cristalino para uma gruta funda, de quase cem pés, perdendo-se parte do líquido, transformado em poeira de água. O espetáculo desse sublime cenário fez-nos lembrar as cascatas de Nápoles e de Tívoli, os encantos de natureza parecida, porém, muito menos majestosa e luxuriante. No fundo do vale e perto da queda de água, está uma casita singela, hospitaleira, na qual nos saudou o Sr. Taunay⁶, pintor francês muito respeitável, que, retirado na solidão, vive ali com a família, no seio da bela natureza. Com muito pesar deixamos o encantador sítio e prosseguimos na nossa excursão pela fronteira encostada montanha a S.S.O.

Pelos morros acima, cobertos de mata fechada, alcançamos um profundo vale e finalmente o sopé da Gávea, pinturesca rocha de granito, que se eleva junto da margem oriental da lagoa de Camorim, que, ensombrando com as paredes inclinadas de suas rochas matagosas o espelho tranquilo das águas, faz lembrar os lagos solitários da Suíça e de Salzburgo. A Camorim, que também é chamada Jacarepaguá, de águas salgadas interiores, liga-se ao sul com o mar, ao qual leva diversos riachos da montanha, e, por outro lado, recebe dele a enchente nas marés altas. Nas vargens em torno da lagoa, onde a espessura dos mangues⁷ não suplanta qualquer outra vegetação, vicejam as mais esplêndidas plantas de pântano e grandes

6. Nicolau Antônio Taunay, pintor francês, fundador da Escola de Belas-Artes no Rio de Janeiro. Nasceu e morreu em Paris (1755-1830). É avô paterno do famoso militar e escritor brasileiro Visconde de Taunay. (Nota da rev., Ed. Melh.)

7. O mangue (*Rhizophora mangle* L.) que forma os manguezais, é uma árvore baixa, a qual dá em quase todas as costas do oceano, especialmente na América, entre os trópicos, e torna-se notável pela particularidade de suas sementes germinarem ainda no tronco e deitarem de cima as raízes até ao solo onde se enterram; um pé único produz uma densa mata. No tronco e embaixo das raízes do mesmo, habita o caranguejo (*Cancer uca* L.), suspeito, por comer ervas venenosas.

moitas de feto. Entre outras, achamos no pé úmido dos pinturescos grupos de rochas, as lindas campânulas azuis da gloxínia (*G. speciosa*), que foi levada daqui para a Europa por jardineiros ingleses.

Apenas algumas pobres cabanas de pescadores, todos homens de cor, se encontram espalhadas nesta solidão, da qual a arte de jardinagem europeia poderia criar uma maravilha de variedade e novidade de formas. Com a abundância de peixes nem se lembram os habitantes desta região de ganhar o necessário sustento com o cultivo do fértil terreno da floresta que os cerca; a custo plantam o milho estritamente necessário, porém, maior quantidade de melancias, batatas-doces e cana, não sendo, contudo, esta última moída, mas sugada em estado bruto. Com esse modo de vida miserável, num lugar úmido, sem ventilação, sujeito a evaporações insalubres, não admira terem os habitantes aspecto pálido e doentio.

Quando, de volta deste interessante vale, procurávamos alcançar de novo a planície de São Cristóvão, chegamos na outra vertente da montanha ao cafezal do Dr. Lesesne, que arrendou um grande trecho de terras e nele plantou sessenta mil pés de café. Segundo ensina este abalizado fazendeiro, semeiam-se os grãos novos, de preferência à sombra de outros cafeeiros, e retira-se a plantinha, junto com a terra em volta, logo que tiver alcançado dez a doze polegadas de altura. Ter-se-ia observado que, sacudindo a terra das tenras raízes, se atrasa de um ano inteiro o crescimento, pois das arvorezinhas tratadas deste modo se colhem os primeiros bagos somente ao cabo de trinta e dois meses, ao passo que os outros já produzem com vinte meses. Os pés novos são plantados nos quatro cantos de um quadrado e um no centro. Muitos plantadores observam a distância de seis pés; outros porém a de quatro pés, dando como razão disto, o fato de que algumas árvores sempre morrem. Deixa-se a planta crescer até à altura de 12 pés, mais ou menos, cortando os renovos mais viçosos no meio, a fim de facilitar a colheita dos frutos, e para que os galhos se estendam mais horizontalmente. No fim de quatro a cinco anos são as colheitas já bastante consideráveis, e dão-se em grupos de mil pés para um negro cuidar. Antes, quando os cafeeiros ainda não dão ou dão pouco, basta um negro para conservar em ordem dois mil pés e tirar-lhes as ervas daninhas.



Fazenda da Mandioca, propriedade do Sr. v. Langsdorff, ao pé da serra da Estrela, continuação da serra dos Órgãos.



Córrego Seco.

São três as colheitas que dão que fazer quase o ano inteiro; começa a primeira no Rio de Janeiro, no mês de abril. Só se apanham os bagos vermelhos, bem maduros, que facilmente se soltam da haste e cujas sementes se destacam da polpa sem dificuldade. Esses bagos não são mais, como antigamente se fazia, amontoados em pilhas, para apodrecer; mas os frutos inteiros, quando se quer proceder com cuidado especial, vão secar com a polpa, e, depois são despulpados numa espécie de moinho e as sementes limpas são expostas ao sol, durante mais de um mês, até ficarem completamente secas. Para esse fim, constroem-se terreiros de vinte e cinco até trinta pés quadrados, de tijolo ou de barro amassado, em forma convexa, para o escoamento da chuva. Procura-se proteger os grãos, nas ocasiões de aguaceiros súbitos, com esteiras de palha portáteis. Em cada terreiro da extensão supracitada podem ser espalhadas umas trinta arrobas de café. O número de negros, dos quais cada um colhe uma arroba diariamente, determina assim o número dos terreiros necessários. O café, depois de bem seco, é metido em cestos trançados, guardados em lugares secos expostos ao vento. O fazendeiro, no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, goza de vantagem sobre o das Antilhas, pois a maturação da maioria dos frutos cai na época seca do ano, favorável para a colheita.

Algumas vezes tomávamos pela estrada da Praia de Botafogo, na direção da Lagoa Rodrigo de Freitas, uma hora distante, onde está a real fábrica de pólvora e um viveiro para vegetais estrangeiros, que é chamado Jardim Botânico. O caminho ora segue pela encosta da montanha de granito, por entre moitas floridas de murtas, tournefórtias, securidacas e paulínias, em cujos ramos vimos pela primeira vez vivo um escaravelho brilhante⁸, ora coleando pela beira-mar, coberto de altas samambaias⁹, graminéas e orquídeas tropicais, oferecendo a maior variedade, e quase nunca está deserto, porque diversos habitantes da cidade possuem neste lugar as suas casas de campo. A praia forneceu-nos, na verdade, alguns exemplares de estrelas-do-mar, ouriços, diversas conchas, insetos e ervas marinhas¹⁰;

8. *Curculio imperialis*.

9. *Acrostichum aureum* é particularmente abundante.

10. *Ophiurus*. *Scutella sexforis*, *quinqueforis*. *Echinus esculentus*. *Cicindela maritima*. *Fucus maximilianus* Schrad, *Opuntia* L., *Seaforthi* Turn., *Sedoides* Br.

porém já aqui ocorreu-nos uma observação, que se confirmou por toda parte, no prosseguimento da nossa viagem, isto é, que esses animais e plantas, tão abundantes nas costas dos mares do norte, são menos numerosos na zona quente, e sobretudo no Brasil são ainda mais raros do que na Índia Oriental. Quase parece que esses organismos noturnos, e um tanto imperfeitos, existem em maior número nos climas frios, e, pelo contrário, as formas mais perfeitas são abundantes nas regiões quentes. Talvez também a profundidade do oceano nas costas do Brasil, que é muito maior do que a dos mares da Índia Oriental, seja o motivo da maior raridade dos habitantes do mar.

A fábrica de pólvora e a residência do Sr. João Gomes Abreu, coronel do Corpo de Engenheiros, um amável e ilustrado brasileiro, de Minas Gerais, diretor da fábrica e do viveiro, estão circundadas, de um lado, de colinas graníticas cobertas de matas, do outro, pela lagoa Rodrigo de Freitas, que tem um diâmetro de mais ou menos meia hora, num sítio onde pairam o mais perfeito silêncio e sossego.

Atrás das casas está situado o dito Jardim Botânico. Diversas belas alamedas de árvores-do-pão do Oceano Pacífico (*Artocarpus incisa*), itus de folhagem cerrada (*Guarea trichilioides*) e mangueiras cortam a plantação, dividida em quadrados regulares, cujo mais importante objeto de cultivo é o arbusto do chá chinês. Até agora estão plantados seis mil pequenos pés, a três pés de distância um do outro, em filas. O clima parece ser favorável ao seu crescimento; florescem nos meses de julho até setembro, e as sementes amadurecem perfeitamente. Também este exemplo confirma, além de outras tentativas da cultura de plantas asiáticas na América, que, sobretudo a igualdade da latitude é importante para a prosperidade das mudas. O chá é aqui cultivado, de modo ao da própria China, todo igual, colhido e torrado. O governo português dedicou especial atenção à cultura desse vegetal, cujo produto da China é anualmente exportado para a Inglaterra, no valor de 20 milhões de escudos. O ex-ministro, conde de Linhares, mandou vir umas centenas de colonos chineses, a fim de tornar conhecidas as vantagens do cultivo e do preparo do chá. Esses chineses, diz-se, não eram dos habitantes da costa, que por miséria se exilam da pátria para Java e as ilhas vizinhas, e ali, como os galegos da Espanha e Portugal, procuram trabalho; eram gente escolhida do interior, perfeitamente

a par do cultivo do chá. Contudo, a maioria desses chineses não mora atualmente no Jardim Botânico, porém nos arredores da Fazenda Real, de Santa Cruz, a não ser uns poucos, que, sob a direção do cel. Abreu, são empregados no cuidado dos arbustos de chá e na colheita e preparo das folhas. A colheita é feita três vezes por ano, as folhas são levadas a fornos de barro, de calor pouco intenso, onde secam e são enroladas. O diretor do estabelecimento deu-nos para provar chá de diferentes espécies, que também aqui são distinguidas conforme a época da colheita. O sabor era forte, porém, longe de ser tão finamente aromático como o das melhores qualidades chinesas, era um tanto áspero e terroso. Esta desagradável propriedade não deve, entretanto, desanimar em nenhum ramo da incipiente cultura, pois é natural consequência da aclimação ainda não completada. Além do arbusto do chá, mostraram-nos ainda diversas plantas da Índia Oriental, a caneleira (*Laurus Cinnamomum*), o craveiro-da-índia (*Caryophyllus aromaticus*), a pimenteira (*Piper nigrum*), o gneto (*Gnemon gneton*), a noz-moscada (*Myristica moschata*), a caramboleira (*Averrhoa carambola*), cujas frutas ácidas têm muito bom sabor na sopa, etc. Embora parte destas árvores tenham apenas alguns anos de idade, já a maioria deu frutos. Perseverante trato fará aclimar aqui todas essas plantas, pois o novo continente parece apropriado pela natureza para hospedar os produtos de todos os climas e desenvolvê-los como na sua pátria de origem.

A fábrica de pólvora existente na vizinhança do Jardim Botânico é a única no Brasil, além de um pequeno estabelecimento particular em Minas que obteve igualmente o privilégio real. Seu produto não se pode entretanto, orgulhar de já possuir a boa mistura daquele que se importa da Europa, que, aqui é quase proibido. Presume-se que tal aconteça em parte por causa da proporção, não correspondente a este clima, do salitre que vem das colônias portuguesas da Índia Oriental e das cavernas do rio São Francisco para o Rio; e também em parte por causa da qualidade do carvão empregado aqui no fabrico da pólvora. Não sabemos que espécie de carvão se usa aqui; porém na viagem pelo interior, onde a compra da pólvora da costa é muito difícil e cara por causa dos consideráveis impostos sobre a pólvora estrangeira, asseguraram-nos alguns sertanejos, que para seu uso particular preparavam uma pólvora bem resistente ao ar conforme a conhecida mistura com carvões de diversas espécies da corindiúva (*Celtis*).

Todavia é proibido aos naturais o preparo de qualquer pólvora, embora muito inferior à inglesa em força e resistência ao ar.

A região da Lagoa Rodrigo de Freitas, assim como os vizinhos subúrbios de Botafogo e Catete é considerada especialmente saudável, e muitos dos ricos cidadãos do Rio possuem chácaras por esses lados, nas quais passam os meses da bela estação do ano. A estrada que para ali se dirige é muito frequentada por passeantes a cavalo ou de carro. Também a praga dos mosquitos flagela menos aqui, onde as enseadas do mar são menos profundas e mais arejadas pelos ventos, do que no lado oposto da cidade, e, entre outros, no bairro de Santana.

Esses insetos vorazes e enfadonhos residem de preferência nos cerrados dos mangues e perseguem o homem, especialmente antes do nascer e do pôr do sol.

O nosso amigo cônsul-geral von Langsdorff havia comprado, pouco antes de nossa vinda ao Rio de Janeiro, uma grande propriedade na estrada de Minas Gerais ao lado norte da baía, e tinha também iniciado nela uma plantação de mandioca, assim como a construção, para si, de uma casa de campo, além dos necessários prédios para exploração. Aceitamos com gosto o seu convite para percorrer em sua companhia essa nova fundação, de cuja riqueza em maravilhas naturais ele nos fazia descrição sedutora.

Por causa do grande tráfego entre a capital e o porto da Estrela, visitado por todos os viajantes que seguem para Minas, diariamente zarpam para ali barcas, entre onze e doze horas, logo que sopra o vento do mar, onde chegam à tarde; por outro lado, correm regularmente barcas do porto da Estrela, depois do pôr do sol; viajam toda a noite e, ao amanhecer, alcançam a cidade. Numa dessas barcas de construção larga e munida de uma só vela, embarcamos certa tarde. O vento era fraco e levou-nos ao longo de uns rochedos nus que surgem não longe da costa, com o nome de Enxadas, e são cercados por bandos de alcatrazes, gaivotas e biguás (*Pelicanus aquilus*, *Cormoranus graculus*, *Procellaria brasiliensis*), e depois para o lado de diversas ilhas cobertas de mato fechado, espalhadas na baía. Na maior dessas ilhas, a do Governador, situada quase no meio da baía e que se estende de E. para O. em duas milhas, conservou o rei para si a caça; a ilha estaria povoada de veados e porcos-do-mato, porém, até agora, ele nunca lá esteve. Nos países onde os caçadores, além

dos perigos de feras, ainda se veem ameaçados por cobras venenosas e por insetos, onde a espessura do mato só raramente permite que se fique a cavalo, a fim de evitar esses animais hostis menos aparentes, a caçada perde o encanto. Como curiosidade mostra-se aqui um urso, que o rei recebeu de presente da Rússia. Numa dessas ilhas, situada na entrada da barra e que se chama ilha Rasa, foi que *sir* Joseph Banks¹¹, quando esteve no Rio de Janeiro a comitiva de Cook, descobriu a bela *Moraea northiana* (lírio-roxo), que, desde então, é ornamento de jardins europeus. Também o incansável Commerson¹² fez colheitas botânicas nessas ilhas e na terra firme da vizinhança, quando Bougainville entrou no porto do Rio de Janeiro; pisávamos então um solo que se tornara clássico, pelos esforços de ambos esses naturalistas. O viajante gosta de identificar as suas sensações com as de seus predecessores; assim fomos surpreendidos de modo muito agradável, quando achamos nessas ilhas, no meio de bosques, a *Moraea*; e quando nas sebes fora da cidade avistamos os arbustos da *Bougainvillea brasiliensis* de floração vermelha deslumbrante, com a qual Commerson immortalizou o nome de seu nobre comandante. A natureza conserva as suas criações sempre bem, apesar das vicissitudes do tempo, e elas sobrevivem a todos os monumentos da grandeza humana. Neste sentido é belo o costume na botânica de immortalizar o merecimento e o nome de ilustres pesquisadores pelas próprias flores sempre renovadas.

Quando se visitam essas ilhas baixas da baía do Rio de Janeiro o observador fica admirado com a pujança e riqueza da sua vegetação, produzida pela situação baixa, pela umidade do ambiente e pelo considerável calor. As matas, onde pela maior parte aparecem as mesmas espécies de árvores, como em terra firme, tendo porém, de permeio, um número relativamente muito maior de palmeiras, sobretudo a do muito estimado palmito, tornam-se quase impenetráveis pela espessura dos arbustos¹³. A

11. Naturalista inglês; participou da primeira viagem de James Cook no *Endeavour* (1768-1771). (Nota da rev., Ed. Melh.)

12. Naturalista francês; participou da viagem de Bougainville no *Boudeuse* (1766-1769). (Nota da rev., Ed. Melh.)

13. *Euterpe edulis nob.*, Juçara. - Os palmitos das matas do continente e destas ilhas, são despachados em quantidade, para o mercado da capital.

rapidez com que o mundo das plantas perfaz o ciclo de seus diferentes desenvolvimentos e finalmente chega ao fim pela podridão, é tão grande, quanto o seu vigor para novas criações de e sobre os restos das que morreram. Por cima e ao lado de enormes troncos que se estendem como monstruosos esqueletos e depressa voltam ao estado de terra vegetal, aqui se vê surgir um exército de cogumelos de várias cores¹⁴ e uma quantidade infinita de sementes ao mesmo tempo germinar e, com incrível rapidez, desabrochar. Os quadros da morte e da vida mais ativa se sucedem ligeiramente aos olhos do viajante. Os poucos terrenos sem mata virgem, não cultivados, dessas férteis ilhas, são verdadeiros pântanos ou savanas. O capim cresce extremamente cerrado e chega a incrível altura e suculência. A despeito disso, os habitantes desta ilha e das duas maiores, – Ilha Grande e Marambaia –, situadas em Angra dos Reis e apresentando as mesmas condições, até agora mais se têm ocupado com a cultura do milho, anil, açúcar e fumo, pouco, porém, com a criação de gado. Nas praias, onde o mar retirou dos rochedos graníticos a camada de humo, essas ilhas apresentam, não raro, grupos cerrados de agaves e espinhosos cactos, cujos caules rígidos sem folhas se destacam maravilhosos sobre a luxuriante mata virgem de ricas formas. As cabanas rurais são em grande parte situadas na costa e cercadas de plantações de batatas-doces, melancias e de bosques de cajueiros, goiabeiras, bananeiras, laranjeiras, jasmineiros e roseiras.

Quando havíamos saído do Rio de Janeiro, depois do almoço, era nosso intento alcançar ainda à tarde a costa fronteira da baía; porém, a súbita parada do vento, quando já nos achávamos quase em meio, tirou-nos a esperança de passar a noite em terra firme. Seguimos, portanto, o conselho de nosso amigo e guia, sempre de bom humor, de nos ajeitarmos como pudéssemos, nos duros bancos do beliche. Gracejando, ele nos desejou felicidade nas experiências da cansativa campanha, que dali em diante encetávamos no novo país; tivemos, entretanto, oportunidade de aprender, com o bom humor sempre constante do circunavegador, um eficaz recurso contra as desagradáveis provações que ainda nos esperavam. A noite passou depressa com projetos de nossas ocupações durante a estada em Mandioca e pela extática

14. *Boletus sanguineus* Sw.; *Trichia expansa* mob.; *Stemomitis fasciculata*.; *Sphaeria deusta*, *Serpens* Pers., etc.

glorificação com que prorrompeu o nosso amigo, quando se referiu à solidão pacífica da sua propriedade e à beleza e pujança da natureza. Com pena dos indolentes negros, ficamos toda a noite alegres e animando-os a remar pois só desse modo poderíamos prosseguir, embora muito vagarosamente. A noite estava úmida e nublada; às vezes, éramos atacados por densos enxames, de pequenos mosquitos, que, entretanto, sucessivamente passavam adiante. Clareando a madrugada, vimo-nos, finalmente, próximos de uma região muito baixa e pantanosa, com árvores de mangue, *Avicenia*, *Conocarpus*, e de outras pequenas árvores da beira-mar, por entre as quais o Inhumirim, rio pouco importante, se lança de mansinho no mar.

Saímos então da baía, e a embarcação foi tocada para diante pelos negros, por meio de compridas varas. Em breve nos vimos cercados de todos os lados por densa vegetação, e gozamos da alternada variedade dos mais belos grupos, que emolduram o curso da água, entrelaçados por gardênias, bignônias, serjânias e echites floridos. Grande parte da margem da baía está coberta de semelhantes bosques anfíbios, que se estendem profundamente pelo continente adentro, só onde este mal se eleva acima do nível do mar. Assim como o limite, a partir do qual a vegetação toma feição de determinadas florestas dos Alpes, tem os seus representantes próprios no reino da flora, também o ponto onde cessam as formas mais baixas e vizinhas do mar, dando lugar à vegetação mais nobre, caracteriza-se por tipos próprios. Fato notável é que as plantas que dão entre os trópicos, em todas as praias do novo e antigo mundo (*Rhizophora*, *Bruguiera*, *Conocarpus*, *Avicennia*), com as sementes germinando na planta-mãe e com os galhos virados para a terra, pela formação simultânea de raízes de cima, como de baixo, procuram representar no seu plano aquele tipo de vegetação pujante e nobre, que admiramos nestas latitudes.

Do mesmo modo, como toda esta vegetação pertence às praias do mar, também cada um dos rios principais, cuja cabeceira possui uma vegetação mais ou menos característica, também tem uma flora típica ao longo de seu curso até às suas mais longínquas margens, formando assim uma das mais importantes distinções na fisionomia do sistema de um rio. Assim encontramos, por toda a parte, nas margens dos colossais cursos do rio São Francisco, do Tocantins, do Parnaíba, do Amazonas e seus afluentes, determinados tipos, que dão a nota característica de sua formação

vegetal e são de destacado interesse para o pesquisador das relações geográficas no reino das plantas, visto eles constituírem a base de cada flora particular. Os arbustos e as árvores, com raízes nos galhos, necessitam, para o seu regular desenvolvimento, do contato com o mar, e parecem procurar particularmente, com as suas raízes espalhadas muito longe e superficiais, seu fundo lamacento. O seu crescimento é de singular rapidez, embora formem não raro madeira muito rija e entroncada. De modo especial se distingue a *Rhizophora mangle* (mangue vermelho), por formar uma casca muito grossa em tempo relativamente curto. Nos lugares onde não se cortam completamente as matas de mangue para as necessidades de lenha, como, por exemplo, no Maranhão, costuma-se, sobretudo no começo das chuvas, logo que a seiva geradora corre entre a madeira e a casca, arrancar esta última e aproveitá-la para curtir. Por toda parte onde esses arbustos e árvores crescem, toda a região está transformada em brejo ou lagoa, e só serve para morada da anteriormente mencionada espécie de caranguejo. Pousadas nos topos destas matas da margem, avistamos, de passagem, as mais lindas garças brancas¹⁵, entre elas pescadores de diversas cores¹⁶, à espreita de peixes, e, no interior do cerrado, também diversas espécies de frangos-d'água¹⁷, correndo ou nadando.

Pena é que não se possa capturar nenhuma dessas aves todas, que logo se metem no meio do arvoredo, e não se pode também penetrar na espessura do cerrado, nem aventurar-se no solo, pois mal a maré baixa o descobre, é pântano fundo.

Prosseguimos no curso do Inhumirim uma milha adentro, mais ou menos, até alcançarmos a vila do porto da Estrela, cujas casas baixas, mal construídas, ou antes casebres, formam uma rua irregular, na confluência do pequeno Saracuruna com o Inhumirim.

Porto da Estrela é o porto geral entre o Rio de Janeiro e a província de Minas Gerais. Veem-se compridas filas de mulas, carregadas com

15. *Ardea alba, candidissima, Egretta.*

16. *Alcedo torquata, bicolor*, Amazonas.

17. *Parra jacana; Gallinula martinicensis; Scolopax paludosa; Gallinula affinis nob.; Tringa cinclus*; quero-quero, espanta-boiada. *Vanellus cayannensis*. N. T.

caixas e bagagens, chegando do interior, ou indo para lá. O europeu, habituado ao transporte de cargas volumosas em carros que ele, não sem razão, compara a navios terrestres, admira-se à vista de tanta carga repartida em pequenas porções, entregues à discrição de animais cargueiros ou de um tocador incapaz, diariamente descarregada e carregada diversas vezes, ao ar livre ou nos ranchos, mal resguardada da chuva e do tempo, e desse modo levada muitas vezes por centenas de milhas.

Não sem preocupação pensávamos ao observar a confusão de carregar e descarregar das tropas que, futuramente, os nossos instrumentos, livros e coleções tampouco seriam confiados ao cuidado pessoal, mas ao cego destino. Entretanto, as tropas são tão bem organizadas, sobretudo nas melhores estradas de São Paulo e de Minas para a capital, que aqui relativamente pouco se tem que reçar. Cada tropa, constando de vinte até cinquenta mulas, é conduzida por um arrieiro a cavalo. Este homem dá a ordem de partida, de descansar ou de pernoitar da tropa, cuida de equilibrar a carga, do bom estado das cangalhas, melhora-as, quando elas ferem o animal, cura as mulas doentes e trata das ferraduras. Sob as suas ordens estão os tocadores, cada um dos quais toma conta de um lote de sete mulas. Eles caminham a pé, carregam e descarregam, dão de comer e de beber aos animais, levam-nos ao pasto e cozinham a comida. O arrieiro, em geral um mulato liberto, também se ocupa da venda e da compra das mercadorias na cidade, e faz o papel de comissário do dono da tropa. Os tocadores são na maioria negros, que logo se acostumam a esses misteres e preferem esse gênero de vida errante aos trabalhos das lavagens de ouro e das plantações de roças. O mais importante artigo de comércio que os mineiros para aqui trazem, é o algodão bruto; mas, além disso, também considerável quantidade de tecido de algodão muito grosseiro, para roupa dos escravos negros e para exportação ao Rio Grande do Sul e Buenos Aires, vindo sobretudo das comarcas de Sabará e São João d'el-Rei; também queijos, toicinhos e tijolos de marmelada são conduzidos nestas estradas pelas tropas de Minas Gerais. Igualmente toda sorte de pedras preciosas vêm do interior e, como nos asseguraram, faz-se vultoso contrabando com pó de ouro e diamantes, embora numerosos funcionários da polícia exerçam severa fiscalização contra isso. Como todas as mercadorias, que são remetidas do Rio para Minas, Goiás e Mato Grosso, tomam igualmente a estrada pelo Porto da Estrela,

reina aqui, de contínuo, grande movimento comercial; porém, embora isto surpreenda, não existe uma só casa de morada decente, nem mesmo se encontra seguro abrigo para as mercadorias. Cada qual tem que se conformar, para se hospedar, com um pobre telheiro, que também aloja as cargas.

Quando o próprio viajante, como é costume, não leva consigo o alimento, tem que se dirigir a uma das vendas aqui existentes para o fornecimento do que é disponível e cuidar do preparo da comida. Consiste a refeição, em geral, em feijão cozido com toicinho ou carne assada; para sobremesa compram-se queijo e bananas. Como cama serve uma pele de boi, ou há umas ripas estendidas sobre paus fincados na terra e cobertos com uma esteira, ou a rede, e, em vez de cobertas, a própria roupa do viajante.

Depois do nosso amável guia ter cuidado dos necessários cavalos e mulas para a nossa viagem por terra, partimos da movimentada vila e tomamos a estrada de Minas que daqui segue para o norte.

Em breve nos achamos num ambiente inteiramente novo. Cavalgávamos por uma região baixa em estrada larga, entretanto não calçada, ladeada de arbustos os mais diversos, todos floridos; à nossa esquerda tínhamos uma serra coberta de densa mata virgem e à nossa frente uma com vegetação somente no sopé, mais alta, ligada com a anterior, e cujos grupos de audazes rochedos sobressalentes davam feição majestosa à paisagem. Também nessa estrada não encontramos, como antes, na vizinhança da cidade, nenhuma plantação nem fazenda, pois essas estão longe da estrada, nas brenhas; lobrigamos contudo umas casas isoladas com jardins em torno, provando que se sabe apreciar a uberidade desta zona encantadora. O vale largo, que desce até o mar em suave declive é protegido por aquela cadeia de montanhas, a serra dos Órgãos, contra os ventos frios que vêm das terras mais altas banhadas pelo Paraíba, e goza da vantagem de ser duplamente aquecido pelo sol refletido das montanhas. Nas vargens, dá a cana-de-açúcar com incrível fertilidade, e a prova da pujança especial desse solo foi-nos dada pelos troncos de quase um pé de diâmetro, que, despidos de galhos e raízes e divididos em diversos pedaços, depois de enterrados como estacas de cerca, logo deitaram raízes e formaram galhos novos. Eram troncos de pindaíba (*Xylopia frutescens*) e diversos crótons; o fenômeno é ainda mais surpreendente, porque os pedaços que tinham sido enterrados de cabeça para baixo, deram raízes tão depressa como os

outros. Ao passo que as experiências dos fisiologistas das plantas nas nossas latitudes inclementes, somente em penosas condições, deixam averiguar os processos vitais no interior do vegetal, aqui a natureza trata de resolver esses problemas livremente e se deixa à vontade investigar na sua oficina secreta. Nesse sentido, seria certamente trabalho muito importante repetir aqui, sob o favorável céu tropical, as experiências de Hales, Duhamel, Grew, Knight e outros em mais ampla escala, a fim de tirar delas as leis gerais do crescimento.

Em Piedade, um lugarejo que consta de diversas casas espalhadas e de uma capela, distante apenas uma milha de porto da Estrela, saímos das cercas espessas ao longo da estrada, para uma planície verde limitada com jardins, roças e campos, sobre a qual justamente se derramavam agora os raios deslumbrantes do sol matutino, ao passo que no fundo a maciça cadeia da serra dos Órgãos, ainda estava envolta na escuridão da mata não iluminada. Solene, suave tranquilidade pairava nestes sítios aprazíveis, que parecem haver sido criados para o gozo da contemplação serena e solitária da natureza. A diversidade de iluminação e do arvoredo que apresentavam as matas na encosta da montanha, a luminosidade das mais variadas tonalidades, o azul profundo e a claridade do céu davam à paisagem tropical um encanto que falta nas próprias obras de um Salvador Rosa e de um Claude Lorrain. A estrada sobe pouco a pouco; quando ao anoitecer, depois de passarmos por cima de morretes com matagais, chegamos ao sopé da montanha, o guia hospitaleiro saudou-nos no seu próprio território. O Sr. von Langsdorff havia apenas começado a cultivar esta fazenda, que tem a extensão considerável de mais de uma légua quadrada, mas que havia ficado inteiramente no abandono. À beira da estrada havia um rancho espaçoso para acolher as frequentes tropas, um botequim de cachaça, um moinho de fubá de milho e uma casa pequena do dono, construída segundo o costume local. Estas pequenas vivendas rurais consistem em algumas peças sem adorno, levantadas sobre o chão frio, com janelas de grades ou venezianas; o telhado, em geral, sobressai num lado de alguns pés das paredes, e forma, apoiado sobre pilares e um muro baixo, a varanda. Na maioria das vezes constroem-se essas casas com ripas amarradas por cipós, e são rebocadas com barro e caiadas. O solo barrento presta-se, por toda parte, para fabricar boas telhas, ou quando estas parecem muito caras, as folhas largas

de diversas palmeiras¹⁸ fornecem uma cobertura, na verdade leve, porém bastante à prova de água. A natureza generosa oferece aqui todo o material necessário em profusão, e somente a cal é trazida de Cabo Frio.

A Fazenda da Mandioca é assim chamada por causa da excelente mandioca que cultiva. A noroeste, limita-a uma serra cortada por diversas grotas e coberta por floresta que se espalha desde o vale até aos mais altos cumes da serra dos Órgãos. No meio do mato virgem, estão as roçadas, plantadas após a queima das árvores pelo fazendeiro, com mandioca, milho, feijão, café, etc. Essas roças, em geral abandonadas ao cabo de algumas colheitas, se cobrem, no fim de poucos anos, de capoeira fechada, que se distingue em particular pela ausência de grandes árvores de lento crescimento. As matas densas, que existem como testemunho da força criadora do Novo Continente na sua primitiva selvajaria, e ainda não profanadas pelo homem, chamam-se no Brasil “mato virgem”. Dentro dele, o viajante sente a frescura europeia, ao mesmo tempo avista um painel da máxima opulência; vegetação eternamente nova impele as árvores para altura majestosa e, não satisfeita de haver produzido esses gigantes velhíssimos, a natureza enfeita cada tronco com uma nova criação de muitos parasitas verdes e floridos. Quase cada um desses príncipes da floresta, que estão juntos um do outro, se destaca no conjunto dos seus vizinhos. Ao passo que as paineiras¹⁹, parcialmente armadas de fortes espinhos, estendem longe os seus grossos galhos em altura considerável juntando as suas folhas digitadas em massas leves, as sapucaias²⁰ estendem os seus galhos densamente folhados já em menor altura e se reúnem para formar um caramanchão verde. O jacarandá atrai as vistas, pela projeção das suas folhas bipenadas, as grandes flores cor amarelo-ouro deste e do ipê²¹ resplandecem luminosas no meio da folhagem verde-escura. Também os imbus²² abaúlam as suas folhas penadas de formas levemente alongadas. Muito singular e de grande efeito no cenário feito no cenário, distingue-se a embaúba²³ entre as ou-

18. No Sul especialmente as do gênero *Geonoma*.

19. *Bombax pentandrum*, *Ceiba* L.

20. *Lecythis ollaria*, *parviflora* L.; *Idatimon* Aubl., *Anda brasiliensis* Raddi.

21. *Jacaranda brasiliensis* Juss; *Bignonia chrysantha* Jacq.

22. *Spondias myrobalanus* L.

23. *Cecropia peltata* L., *palmata* W.

tras altas figuras da mata virgem. Os troncos cinza-esbranquiçados, lisos, elevam-se levemente curvados, a muito grande altura, e lançam no topo, em ângulos retos, galhos verticilados que trazem à extremidade grandes folhas brancas, profundamente lobuladas. Brandura e dureza, rigidez e flexibilidade aparecem unidas no contorno desta árvore, e constituem para o pintor, tema tão interessante como difícil de reproduzir. As cesalpínias²⁴ de rica floração, as arejadas folhas do loureiro, as geofreias e andiras²⁵ de tronco alto, as árvores de sabão com suas folhas lustrosas, as esbeltas cedrelas, as ormósias de folhas penadas²⁶, as tapiás de casca que cheira fortemente a alho, a maina²⁷ e milhares de árvores ainda desconhecidas, estão reunidas em ordem variada. Aqui e acolá destaca-se, entre o verde vivo, a copa escura de uma araucária chilena²⁸, que parece estranha e perdida na mata tropical, e excepcionais e incomparáveis se alteiam as esbeltas palmeiras com os topos ondulantes, ornamento das florestas, cuja beleza e majestade superam toda descrição. Desviando-se o olhar das figuras altivas daquelas mais velhas habitantes da floresta virgem para as mais modestas e baixinhas que revestem o solo de verde espesso, fica-se maravilhado com o esplendor das flores, que aqui vicejam em grande variedade. As flores violetas das réxias, os cachos floridos das malastomáceas, das murtas e das eugêneas²⁹, a folhagem delicada com lindas flores de muitas rubiáceas e ardísias³⁰, de permeio à singular folhagem da *Theophrasta*, do *Conchocarpus* e da palmeira anã, que parece bambu³¹, a reluzente spadice floral do custos, as sebes rebeldes das marantas³², entre as quais surge o escamoso feto, arborescente,

24. *Caesalpinia brasiliensis*, *echinata* L.

25. *Geoffrea inermis* Sw., *racemosa* Poir., *violacea* P.

26. *Sapindus saponaria* L.; *Cedrela odorata* L.; *Ormosia dasycarpa*, *coccinea* Jacks.

27. *Crataeva tapia* L., chamada pelos portugueses pau-de-alho; *Maina brasiliensis* Raddi.

28. *Araucaria imbricata* Pav.

29. *Rhexia princeps*, *grandiflora*, *holosericea* Humb.; *Melastoma tomentosa*, *lutescens*, *micronata* Humb.; *Myrtus splendens*, *disticha*, *lineata* Sw.; *Eugenia mini*, *guyanensis*, *Cumete* Aubl.

30. *Tetramerium occidentale* G.; *Nonatelia paniculata*, *Pagamea guyanensis*, *Coffea paniculata* Aubl.; *Duhamelia patens* L.; *chrysantha* Sw.; *Ardisia tinifolia parasitica* Sw.

31. *Theophrasta longifolia* Jacq., *Conchocarpus macrophyllus* Mik.; *Geonoma simplicifrons*, *pinnatifrons* W., *pauciflora* nob.

32. *Costus laevis* R.P., *spiralis* Rosc., *Maranta gracilis*, *obliqua* Rudge, *arundinacea* L.

soberbas stífias, espinhosas solâneas, gardênias de flores grandes e coutáreas³³, todas densamente entrelaçadas com as guirlandas das *Mikánias* e bigônias, os extensos sarmentos de paulínias cheirando a mel, as pungentes dalechâmias e as bauhínias com folhagem singularmente lobuladas³⁴, os cordões sem folhas e leitosos dos cipós que pendem livremente das copas elevadas, ou que estreitamente cingem os mais fortes troncos, e a pouco e pouco os matam, finalmente as espécies de parasitas, que guarnecem como que com as vestes da mocidade as vetustas árvores, os grotescos potos e aruns, as magníficas orquídeas³⁵, as bromélias, cujas folhas conservam a água da chuva, as tiânsias³⁶, pendentes como líquens e um sem-número de fetos das mais esquisitas formas³⁷, todos esses magníficos produtos de terra tão nova combinam-se num quadro, que mantém o naturalista europeu num contínuo e alternado estado de assombro e de êxtase.

Empreendendo descrever o interior de uma floresta virgem tropical, não devemos esquecer de apontar o papel que tem o instinto da própria conservação nas relações dos indivíduos entre si, tão grande é a plenitude de vida e tão poderosa a luta para alcançar o desenvolvimento, que, nem um solo de tanta fertilidade e pujança como o daqui, dispõe do necessário nutrimento em quantidade suficiente; daí resulta uma luta contínua para a conservação própria, entre os gigantes desta vegetação, e as árvores se apertam ainda mais do que as das nossas florestas. Mesmo os troncos já muito crescidos e que exigem grande cópia de substâncias nutritivas sofrem

-
33. *Stiftia chrysantha* Mik.; *Solanum violaceum micranthum* Lam.; *violaceum* Jacq.; *paniculatum* L.; *Balbisii* Dun., *chloranthum* Spr., *Gardenia armata* Sw.; *Solena gracilis* Rudge; *Coutarea speciosa* Aubl.
 34. *Mikania stipulacea* Vhl., *viscosa* Spr., *opifera nob.* (*Eupator, crenatum* Gom.); *Bignonia venusta* Ker.; *Paullinia pinnata*, *Cururu* L.; *meliaefolia*, *thalictrifolia* Juss.; *Dalechampia brasiliensis*, *ficifolia*, *pentaphylla*, *triphylla*, *convolvuloides* Lam., *Bauhinia guyanensis* Lam., *aculeata* L.
 35. *Pothos crassinervia*, *digitata* Jacq.; *macrophylla* Sw., *palmata* L.; *Caladium lacerum*, *pinnatifidum*, *grandifolium* Jacq.; *Oncidium barbatum*, *pictum* Humb., *Jonopsis pulchella* Humb.; *Neottia speciosa* Sw.
 36. *Bromelia pinguin*, *Karatas*, *Acanga*, *iridifolia* Nees e M.; *Tillandsia usneoides* L.
 37. *Acrosticum calomelanos*; *Polypodium percussum* Cav.; *submarginale*, *vaccinifolium* Fisch.; *Aspidium exaltatum* Sw.; *Pteris pedata* L.

o influxo dos seus ainda mais poderosos vizinhos, atrasam-se repentinamente no crescimento pela subtração do alimento, e, sucumbindo em pouco tempo às forças naturais, caminham para rápida decomposição. Assim se vê que as mais nobres árvores, após alguns meses de atrofia, são carcomidas por formigas e outros insetos, e atacadas do solo ao topo pela podridão, até que, ante o imprevisito susto do solitário habitante da mata, elas tombam com estrondo fragoroso. Em geral, o agricultor tem observado que os troncos que se acham isolados entre muitos de outra espécie, são mais facilmente oprimidos por estes últimos. Uma silvicultura regular na qual ainda não se pensou até aqui, nestas matas pouco povoadas, futuramente, não favorecerá o crescimento dos indivíduos em apertada vizinhança, mas cuidará, antes, de conservar uma distância adequada entre eles.

Não menos extraordinário que o reino das plantas é o dos animais que habitam as matas virgens. O naturalista para aí transportado pela primeira vez, não sabe o que mais admirar, se as formas, os coloridos ou as vozes dos animais.

Excetuando o meio do dia em que todos os viventes da zona quente procuram sombra e sossego, quando, por isso, majestosa tranquilidade paira sobre a natureza tropical, iluminada deslumbrantemente pela luz solar, cada hora do dia dá ocasião para aparecer novo mundo de criaturas. A manhã é anunciada pelo urro dos bugios³⁸, as notas altas e graves da perereca e do sapo³⁹, o monótono cicio das cigarras e o zuni-do dos gafanhotos⁴⁰. Logo que o sol nascente dissipa os nevoeiros que o precedem, todas as criaturas regozijam-se então com o novo dia. As vespas saem das suas casas do tamanho de um pé, pendentes dos galhos; as formigas⁴¹ deixam os seus formigueiros, engenhosamente construídos de lama amontoada, com que envolvem os troncos, e começam a viagem pela trilha por elas aberta; e igualmente assim fazem os cupins⁴², que

38. *Mycetes fuscus*, nob.

39. *Hyla boans*, *aurantiaca*, D., *Faber* Neuw., *aspera* nob., *Rana cornuta*, *labyrinthica* nob., *Bufo aqua margaritaceus* D., *scaber*, *leucostictus*, *dorsalis*, *ornatus* nob.

40. *Tettigonia*. *Locusta*. *Gryllus*.

41. *Formica leucosoma* nob., *grossa megacephala*.

42. *Termes fatale* L.

longe e alto revolvem a terra. As mais variadas borboletas porfiam em brilho e colorido com o esplendor do arco-íris; sobretudo numerosas são as hespérides⁴³, que esvoaçam de flor em flor, procurando nutrimento nas estradas⁴⁴, ou se reúnem em grupos isolados, nos areais soalheiros dos frescos regatos⁴⁵. A menelaus de azul resplandecente, a nestor, a adonis, a laertes, a ideas branco-azulada e a eurilochus de olhos pintados nas asas adejam como passarinhos pelos vales orvalhados, entre as moitas verdes. A ferônia de asas rangedoras voa de árvore em árvore, ao passo que a noctua⁴⁶, a maior falena, de asas estendidas, fica imóvel, agarrada ao tronco, esperando o anoitecer. Milhares de escaravelhos deslumbrantes⁴⁷ zunem nos ares ou resplandecem como pedras preciosas, no verde novo da folhagem ou sobre perfumosas flores.

Entretanto, deslizam lagartos de formas e tamanhos estranhos e de cores maravilhosas⁴⁸. Lôbregas cobras venenosas⁴⁹ ou inócuas⁵⁰, superando em esplendor a luminosidade das flores, saem das ramadas, dos buracos das árvores ou do solo, aquecem-se ao sol, e, enroscando-se pelas árvores acima, ficam à espreita de insetos ou de passarinhos.

Daí por diante tudo se agita em plena vida. Esquilos, bandos de macacos gregários⁵¹ saem curiosos do interior da mata para as plantações, e balançam-se estalejando, assobiando e pulando de árvore em

43. *Hesperia* Aparte, *Idas*, *Proteus*, *Bixae*.

44. *Hesperia* Fabius, *Alcyonia*, *Numata*, *P. orythia*, *Doris*, *Flora*, *Laena*, *Psidii*, *Piera*.

45. *A. Protesilaus*, *Ajax*, *Policaon*, *Thoas*.

46. *Noctua strix*.

47. *Entymus imperialis*. *Buprestis equestris*, *gigantea*. *Eumolpus nitidus*, *Clamys crystallata nob.*, etc.

48. *Ameiva lateristriga* Cuv.; *Tupinambis*; *monitor*; *Anolis violaceus nob.*; *Polychrus marmoratus* Mer.; *Seps fragilis*; *Ophisaurus striatus nob.*

49. *Bothrops* Neuwiedii, *leucurus nob.*

50. *Natrix abhaetulla*, *cyanea*, *bicarinata nob.*, *lacertina nob.*, *Plumbea* Neuw. *caninana*. *Elaps venustissimus*, *formosus* Neuw., *lemniscatus*, *Lepostemon microcephalus nob.*, *Amphisbaena fuliginosa*, *alba*, *oxyura*, *vermicularis nob.*, *Caecilia annulata nob.*

51. *Midas rosalia* Lin. *Cebus xanthocephalus nob.* *Brachyteles macrotarsus nob.* *Sciurus aestuans*.

52. *Penelope* Marail, *cristata*. *Crax Alector Variet.* *Columba frontalis*.

árvore. Os galináceos jacus, mutuns e as pombas⁵² deixam os galhos e andam de um lado para outro, no chão úmido. Outros pássaros das mais raras formas e da mais brilhante plumagem⁵³, voam sós ou em bandos, nas perfumadas moitas. Os papagaios verdes, azuis ou vermelhos⁵⁴, em bandos nas copas das árvores, ou voando para as roças ou para as ilhas, enchem o ar com a sua gralhada. O tucano⁵⁵ dá estalos com o seu grosso bico oco, lá em cima no extremo dos galhos, e chama chuva com as suas altas notas queixosas. Os ativos melros⁵⁶ esgueiram-se dos seus ninhos em forma de compridas bolsas pendentes, para irem à procura das laranjeiras carregadas, e os seus vigias postados avisam com alta gritaria ruidosa a aproximação do homem. Os solitários papa-moscas⁵⁷, à espreita de insetos, saindo das árvores e arbustos, colhem em voo rápido a flutuante menelaus ou as moscas brilhantes, que passam zumbindo. Escondido nas brenhas, dá, entretanto, o tordo⁵⁸ amoroso sinal da sua alegria de viver em meio de belas melodias; os piprídeos⁵⁹ palradores divertem-se, enganando o caçador, atraindo-o à espessura das moitas, ora aqui, ora ali, com seu canto de notas cheias como as do rouxinol, e o pica-pau⁶⁰, enquanto pica a casca das árvores, faz ressoar longe as fortes bicadas. Mais retumbantes que essas prodigiosas vozes, soam nos topos das mais altas árvores, os sons metálicos da araponga⁶¹, que, semelhantes à pancada do

-
53. *Falco brasiliensis*, *Sparveri*. *Strix flammea*, *Huhula* V. *Vultur aura*. *Crotophaga Ani*. *Tanagra auricapilla* Neuw., *brasilia*, *jacapa*, *mississipensis*. *Euphonia tricolor*, *violacea*. *Emberiza brasiliensis*. *Fringilla flaveola*. *Loxia grossa*. *Lanius undulatus*, *lineatus*, *naevius*, *atricapillus*, *Nycthemerus nob.*
 54. *Psittacus brasiliensis*, *menstruus*, *viridissimus nob.*, *cruentatus* Neuw., *auricapillus*, *severus*, *militaris*.
 55. *Ramphastos Tucanus*, *dicolorus*. *Pteroglossus Aracari*, *Bailloni* V.
 56. *Oriolus minor*, *niger*, *haemorrhous*, *albirostris* Az.
 57. *Cuculus cayennensis*. *Galbula viridis*. *Trogon Curucui*, *viridis*. *Bucco cayennensis*, *leucops*, *tenebrosus* Illig. *Capito melanotis* T. *Muscicapa sulphurata*, *cayennensis*, *audax*, *virgata*, *Pitangua*.
 58. *Turdus Orpheus*, *brasiliensis*.
 59. *Pipra leucocilla*, *erythrocephala*, *strigilata* Neuw., *Manacus*, *pareola*.
 60. *Picus flavicans*, *lineatus*, *robustus*, *Langsdorffi nob.* *Yunx minutissima*. *Dendrocolaptes scandens*, *Picus*, *turdinus*, *guttatus*.
 61. *Procnias ventralis et nudicollis* Illig.

ferreiro na bigorna, segundo a posição ora perto ora longe, assombra o passeante. Enquanto todos seres vivos festejam a beleza do dia com movimento e canto, zunem os colibris⁶² delicados, cujo colorido suntuoso rivaliza com o fulgor dos diamantes, das esmeraldas e safiras em redor das mais pomposas flores. Ao pôr do sol, volta a maioria dos animais ao sossego; somente o elegante veado, o esquivo pecari, o assustadiço aguti e a anta trombada⁶³, ainda andam pastando por aí; os quatis e marsupiais, os pérfidos felinos⁶⁴ deslizam de emboscada atrás da caça, na escuridão das brenhas, até que, finalmente, o bugio rugidor, a preguiça que parece clamar por socorro, os sapos ferreiros e os grilos chiadores fecham o dia com o seu triste canto; o chamado do macuco, da capoeira, do curiango⁶⁵ e as notas de baixo do sapo-boi anunciam a chegada da noite. Milhares de vaga-lumes começam então, como fogos-fátuos, a luzir aqui e ali, e esvoaçam como fantasmas os morcegos⁶⁶ sugadores de sangue, na profunda escuridão da noite tropical.

Majestoso e belo panorama apresenta também a natureza inanimada nas formas de suas cadeias de montanhas extensas, cobertas de vegetação até os cumes. A serra dos Órgãos e todos os membros dessa mesma cadeia, que se ramifica de diversos modos, correndo ao longo do mar, para o norte, através do distrito de Cantagalo, na direção de Porto Seguro e Bahia, e, para o sul, até Santos, etc., compõem-se de granito. Na floresta da Mandioca, junto da montanha, acham-se blocos de tamanho pouco comum desse gênero de rocha, que rolaram dos cumes abaixo, e nas suas fendas oferecem abrigo aos quatis e ao papa-mel (*Mustela barbara*), assim como à sua sombra vicejam um sem-número de begônias, helicônias e dorstênias. À primeira vista, julgamos que o granito daqui e das vizinhanças do Rio era o

62. *Trochilus ornatus*, *Mango*, *Maugaeus*, *Leucogaster*, *viridissimus*, *mellisugus*, *amethystinus*, *hirundinaceus nob.*, *crispus*, *pygmaeus*, *brevicauda*, *albo-gularis*, *leucopygius*, *Helios*, *Mystax nob.* *Grypus ruficollis nob.*

63. *Cervus mexicanus*. *Coelogenys paca*. *Dasyprocta* Agouty, *Acuschy*. *Cavea aperea*. *Lepus brasiliensis*. *Tapirus americanus*. *Var. rufa*.

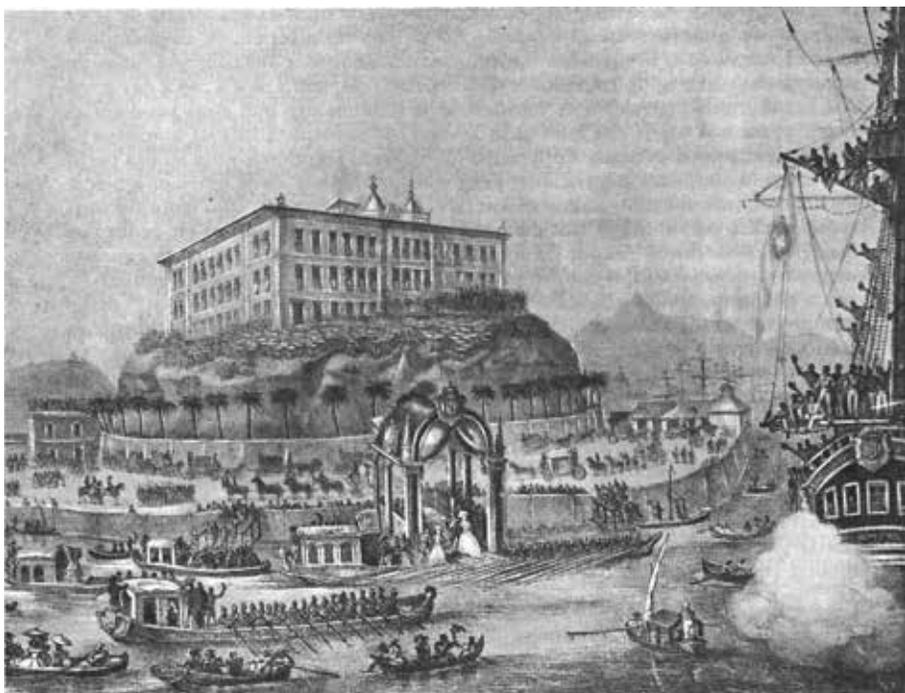
64. *Nasua Quasie, rufa*. *Didelphis cayopollin*. *Felis onca, discolor*.

65. *Bradypus tridactylus*. *Tinamus noctivagus* Neuw. *Perdix guyanensis* *Caprimulgus albicollis*.

66. *Vespertilio brasiliensis* Geof. *Glossophaga amplexicauda* Geof.

mesmo que em nossa pátria forma a cadeia de montanha de Passau, ao longo da fronteira da Boêmia, tão surpreendentemente igual é o do novo mundo ao do velho. Entre as poucas modificações que tivemos ocasião de observar, uma consiste em muito feldspato cinzento, claro, avermelhado ou em um pouco de quartzo acinzentado e em quantidade bastante grande de mica preta finamente folheada. A segunda é um granito de granulação grosseira, com grande predominância de feldspato acinzentado, branco e avermelhado, de quartzo branco-acinzentado e cinzento-enfumaçado e pouca mica preta e cor de cobre escuro. Mais se aproxima do granito chamado gráfico, pois no feldspato aparece em muitos lugares também um brilho de madrepérola. A mais bela variante é um granito rico de feldspato cinza, avermelhado-claro, quartzo cinza-fumaça de granulação fina e prismas isolados inclusos, equiangulares, hexaédricos de mica cor de cobre claro e de granulação média. Não raro o granito, em torno do Rio de Janeiro, assim como em toda a parte de montanhas semelhantes, compõe-se de feldspato ferroso de cor branco-acinzentada, às vezes com manchas de óxido de ferro amarelo-pardacentas, de quartzo cinza-enfumaçado e só com pouca mica negra, e que, ao menor toque, se desfaz em cascalho. A estrutura do granito pouco a pouco se torna chistosa, pelo fato de se juntarem o quartzo cinza-enfumaçado e a mica preta paucifoliada, menos o feldspato cinza-enfumaçado, passando a pedra a ser *gnaisse*. Nesse *gnaisse* granítico estão, em geral, inclusas granadas preciosas mais ou menos grandes, que lhe dão bela aparência. Acha-se ele sobretudo perto da cidade, por exemplo, no Saco do Alferes; avulta, porém, segundo observações de nosso amigo e compatriota, o Sr. Eschwege, em muitos pontos, ao longo da costa marítima, e parece, por exemplo, alternar-se mesmo com o granito granulado na ilha Grande; este último é comum no Rio de Janeiro e especialmente no Catete e Botafogo, onde jazem grandes massas à vista, preparadas para cantaria. Os negros que executam estes trabalhos, com um vigor insuportável ao europeu, fazem os furos com barras compridas de ferro, deixando-as cair sempre no mesmo ponto.

Sobre a formação das montanhas nesta região, observamos que a terra ora se levanta pouco a pouco ao longo da costa, e o granito forma em toda a cadeia apenas colinas de suave rampa, arredondadas, de alturas desiguais, ora aqui e ali se levantam enormes montanhas cônicas diretamente do mar, a considerável altura, porém, ao que parece, nunca ultrapassam quatro mil pés. Elas são, quase por toda parte,



Desembarque da Arquiduquesa Dona Leopoldina no Rio de Janeiro (Debret).

cobertas de camada bastante forte de argila vermelho-ferruginosa que ainda não nos aventuramos a determinar mais exatamente, e que, segundo afirmação de muitos moradores, deve conter ouro. Como as portarias reais proíbem a lavagem do ouro em vinte milhas, do mar para a terra adentro, se torna difícil obter segura informação sobre a proporção de ouro nesta região.

A partir da Mandioca, segue a estrada para tropas, que conduz a Minas Gerais, ladeada por grotescas hastes de piteiras (*Fourcroya gigantea* Vent.) e sebes de flores variadas, pela mata virgem, por íngremes ladeiras em gargantas apertadas, cobertas de vegetação até ao cume da montanha, para o qual existe uma custosa estrada calçada, até agora a única no Brasil, que tem a extensão de quase uma milha. No fim dessa estrada acaba também a possibilidade de utilizar carros, que no terreno desigual só com

muito risco poderiam ser conduzidos. No Brasil, cuida-se tão pouco de facilitar o comércio com estradas carroçáveis, como na Alemanha com a construção de estradas de ferro, pois o transporte das mercadorias sobre mulas basta para as necessidades dos habitantes.

Do cume da montanha, a chamada serra da Estrela, com 3.376 pés franceses acima do mar, avista-se a baía com as suas virentes ilhas e a capital no fundo. O lado oposto oferece mais limitada vista, terreno de colinas, muito desigual, coberto de matas fechadas, que se estende daqui até a margem do rio Paraíba. A estrada na montanha segue do lado do norte, primeiro para Córrego Seco, um pobre povoado, elevado 2.260 pés franceses acima do mar. Aqui pernoitamos uma vez, na miserável venda, que nos deu plena ideia dos incômodos de uma viagem para o interior. Como manjar tivemos farinha de mandioca, carne de vaca dura seca ao sol, como cama, um banco duro sem almofada nem coberta, pondo à prova a paciência e aptidão para uma campanha de cada um. A noite, se fosse na Alemanha, seria uma das mais belas de verão, pois o termômetro nunca baixou além de 14° R.; entretanto, foi-nos quase impossível conciliar o sono pela sensação de frio. É fato tão singular, como comumente observado, que basta viver apenas alguns meses num clima quente para que o organismo adquira uma extraordinária sensibilidade para as variações da temperatura. Provém isto, provavelmente, da maior atividade do sistema nervoso, consequência natural do forte estímulo da luz e do calor. Essa intensidade do impulso e a vivacidade de todas as atividades orgânicas durante o dia, produzem, com a entrada da noite, considerável relaxação das forças orgânicas, de sorte que só a frescura pode restituir aos membros extenuados um novo alento. Assim como o sol nestas latitudes age com maior força sobre o Planeta do que acontece entre nós, e por isso durante o dia toda a natureza está, por assim dizer, mais despertada, também logo que o sol se esconde no horizonte, mais profundo é o descanso e mais pesado o sono. O mundo dos animais dorme aqui mais profunda e demoradamente do que nas latitudes do norte, e também nas plantas isto se verifica mais do que entre nós, pelo encolhimento e inclinação maior das folhas e flores, paralisando-se os movimentos vitais estimulados pelo sol.

De Córrego Seco fomos seguindo a estrada por uma região alta, sulcada, limitada em parte por maciços de granito; passamos por Belmonte e alcançamos finalmente a fazenda do padre Correia, a quem, de passagem por

Mandioca, havíamos conhecido. Este digno sacerdote, brasileiro nato, é, pelas suas atividades agrônômicas, um exemplo para os vizinhos. Demonstrou ele, pela plantação de grandes viveiros, que o clima mais frio desta região alta é favorável ao cultivo de frutas europeias. Em suas plantações sobretudo amadurecem figos, pêssegos e uvas, e de fato em tal profusão, que o fazendeiro abastece com elas o mercado da capital, auferindo grandes lucros anuais. Outra atividade proveitosa fundou este homem empreendedor, baseando-a na habilidade de seus escravos muito humanitariamente tratados, a do fabrico de ferraduras e outros utensílios com o emprego de consideráveis quantidades de ferro sueco. Aqui encontramos, pela segunda vez, o riacho da montanha, o Piabanha, que, embora bastante volumoso, não é navegável por causa de seu leito rochoso até à foz no Paraíba, que vem de longe, de São Paulo.

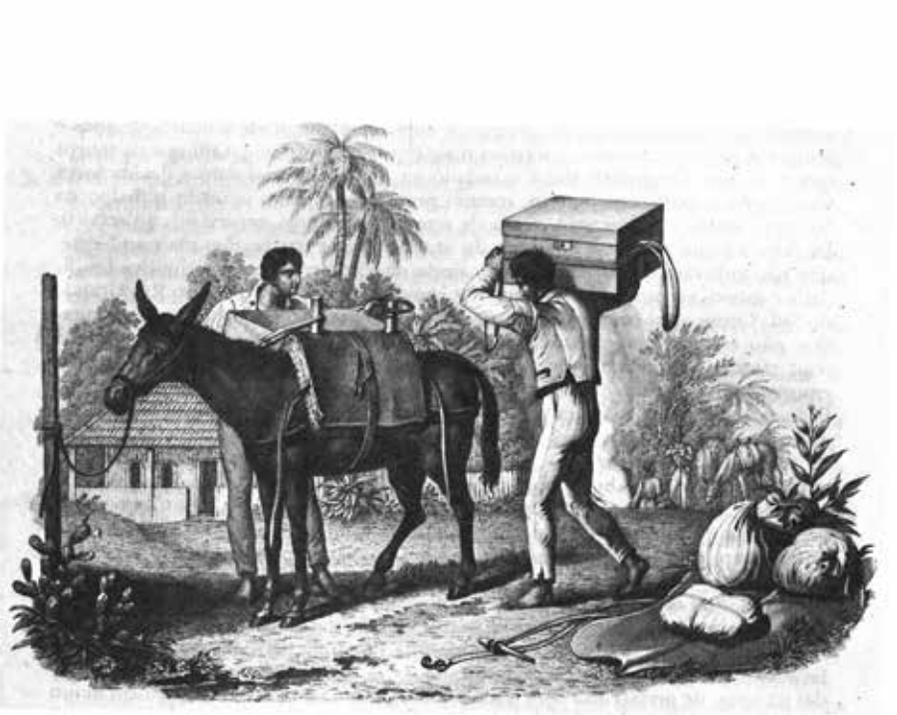
Passando por outeiros de gnaisse e granito que são cobertos por uma camada de barro vermelho, chegamos de noite ao Sumidouro, lugarejo de poucas casas no meio do mato, situado na nascente de um córrego da montanha. Acolheram-nos hospitaleiramente e deram-nos a informação de que daqui ainda distava meio dia de viagem. O Destacamento do Paraíba, onde todas as tropas, que saem de Minas Gerais, são rigorosamente revistadas, por causa do contrabando do ouro como também o são os passaportes de estrangeiros em caminho para o interior da terra do ouro. Para evitar esse exame, rumamos pelas matas espessas, desertas de gente, só até uma fazenda solitária situada não longe do Paraíba. Depois de nos termos restaurado e obtido todas as informações interessantes tanto do dono da casa como de uns mulatos do Registro do Paraíba, que patrulham armados de fuzil e sabre, fizemos os preparativos para a viagem de volta e chegamos de novo, passando por Sumidouro, à fazenda do Sr. von Langsdorff.

Durante a nossa estada na Mandioca foi o nosso amável anfitrião visitado por vizinhos, que olhavam com assombro e não sem inveja para os rápidos progressos de seus empreendimentos. Como a primeira tentativa com o arado europeu para lavrar o solo das queimadas limpas foi mal sucedida em virtude do manejo desajeitado dos negros e por falta de bois adestrados para esse fim, deu-lhes esse fato motivo para provar a impossibilidade de aplicar esse modo europeu de cultivo no solo brasileiro. Muitos nunca tinham visto arado; outros não queriam admitir que o solo adquirisse fertilidade com o revolvimento da terra e a ação química da

atmosfera, dizendo que as matas virgens, cuja superfície desde milhares de anos é sempre a mesma, oferecem o terreno mais fértil; outros duvidavam que os touros que o Sr. von Langsdorff tinha mandado vir de Minas, possuíam a devida força ou resistência para sustentarem, mesmo por alguns dias, o peso do trabalho da lavoura, outros lastimaram a perda de tempo dos negros necessários ao serviço. De fato, ao que parece, o emprego do arado nestas e nas regiões mais ao norte, que não cultivam cereais e até agora ainda não perderam a sua primitiva fertilidade é menos recomendável do que nas capitânicas de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Como aqui em geral os frutos do campo não são semeados, e sim plantados, não se torna necessário tão uniforme preparo do terreno; o negro trabalha mais eficaz e facilmente com a enxada do que seria possível com o arado, cujo emprego seria dificultado pelas frequentes raízes e os troncos não queimados que ficaram na roçada. Embora o nosso hospitaleiro fazendeiro, para começar, só dispusesse de uns vinte negros, já ele havia assegurado com o cultivo do milho e da mandioca não só o suficiente para as necessidades da casa, mas despachava também parte da produção para a cidade. A sua maior esperança, contudo, baseava-se na plantação do cafeeiro que ele havia há pouco iniciado. Como prova da uberdade multiforme da sua fazenda, serviu-nos ele, algumas vezes, batatas que haviam prosperado excelentemente. De fato, não se pode queixar o agricultor nestas paragens de falta de fertilidade e de acolhimento do solo, desde que escolha para o plantio um local que possa ser suficientemente irrigado, e conheça qual o solo, assim como o tempo próprio para a cultura das diversas plantas. A raiz da mandioca, excetuando as vargens úmidas, dá por toda parte na província, muito facilmente, e o seu cultivo não exige grandes cuidados. As *manivas* devem ser metidas na terra, de preferência com o tempo moderado, nem muito úmido nem muito quente, e costumam brotar logo ao cabo de quatorze dias; no fim de dezoito até vinte e dois meses, durante os quais o lavrador cuida sobretudo de eliminar os botões e reduzir o crescimento para cima, as raízes já alcançaram o seu maior tamanho. Cada plantação costuma dar três colheitas no máximo e é logo em seguida abandonada. O milho, que aqui dá geralmente duzentos por um, plantado no princípio das águas, ao cabo de quatro ou cinco meses é colhido; ainda mais rapidamente amadurecem várias espécies de feijões. Hortaliças, batatas-doces e melões têm-se



Serra dos Órgãos.



Carregamento de uma besta (Maximiliano, Príncipe de Wied).

no correr do ano todo, particularmente na época de chuva. Bananeiras, laranjeiras, goiabeiras, etc., florescem no tempo das chuvas, de outubro a março, e frutificam na época seca do ano.

Como acontece em todos os climas, aqui também não faltam influências desfavoráveis, que prejudicam as plantações. Às vezes, vê-se o mais promissor laranjal fenecer, atacado pelas formigas ruivas, que lhe corroem a casca, ou paquinhas que roem as raízes. As roças novas de mandioca e os canaviais são, de quando em quando, invadidos por semelhantes inimigos em números incríveis, desfolhados e destruídos, ou lhes são comidas as raízes pelas vespas, que moram na terra. Também, se acontece amadurecer bem a colheita, tem o fazendeiro que compartilhá-la com muitos intrusos. Bandos de macacos, papagaios e outras aves caem em cima das roças; as pacas, as cutias e outras espécies de porquinhos do mato roem as folhas, hastes e frutos; e milhares de himenópteros e outros semelhantes estragam a colheita.

O próprio lavrador, sobretudo o recém-vindo da Europa e não conhecedor da natureza aqui, tem de sustentar muito duras provações com a importuna bicharia. Se ele não tiver a sua habitação sempre bem fechada, especialmente pela manhã, à tarde e à noite, entram nuvens de mosquitos grandes e pequenos, que, com os seus ferrões, picam mesmo através da roupa grossa e só cortinados de seda ou gaza o podem livrar desses hostis zunidores. Os bichos-de-pé (*Pulex penetrans*), abundantes e escondidos na areia, aninham-se debaixo das unhas da mão e do pé e, ao mesmo tempo que criam uma bolsa cheia de pequeninos ovos, ocasionam as mais dolorosas sensações, às quais se associa, quando há negligência, inchação das glândulas inguinais, e até, muitas vezes, a gangrena. Crescendo a bolsinha, deve ser com cuidado extirpada logo que começa a doer, e o lugar deve ser esfregado com rapé. Ainda tem o habitante, não raro, outros inimigos em casa; o cupim branco barrigudo (*Termes fatale*), um avultado número de baratas (*Blatta orientalis*) e outra bicharada que, com a sua fúria devastadora, obriga a tomar sempre novas disposições. O cupim causa, por onde atravessa, a mais terrível devastação; excetuando os metais, quase nada resiste ao seu ataque e em poucos dias se veem todas ocas as vigas da casa, esfarelada a roupa branca, assim como livros e objetos caseiros.

As baratas são nocivas principalmente para os víveres, e costumam, às vezes, à noite, roer as pontas dos dedos do próprio homem. Sobretudo é

doloroso o prejuízo que esses bichos causam ao naturalista; frequentemente se encontra a coleção, que se havia fechado muito bem e se julgava bem segura de pendurada à parede, reduzida a nada, numa só noite. Ensinados pela experiência, achamos que somente dá garantia autêntica o emprego do unguento de arsênico de Buffon; embrulhamos os pacotes em linho untado com óleo de terebintina, acondicionando-os em caixas de zinco, soldadas antes da remessa. Também costuma-se, fora da habitação, ser atacado aqui por muitos animais hostis. Sem contar as onças ferozes, as cobras venenosas, lagartos, escorpiões, lacraias e aranhas, que, por felicidade, nem em toda parte são frequentes e somente ferem o homem quando provocados, os carrapatos (*Acarus*) devem ser considerados uma das mais terríveis pragas. Esses bichinhos, do tamanho da semente de papoula até ao de uma lentilha, vivem juntos, aglomerados às centenas, nos capins e nas folhas secas. Logo que o viandante roça de leve em tais plantas, investe cada um deles, com a máxima rapidez, pelas roupas junto à pele, onde se agarram especialmente nas partes mais tenras, produzindo um penoso comichão, que aumenta coçando-se, e, finalmente, um tumor inflamado. O mais seguro meio para a pessoa livrar-se, logo a princípio, desse incômodo hóspede, é desprendê-lo do corpo, ou, quando eles ainda não estão metidos muito fundo, matá-los, esfregando a pele com cachaça, ou com infusão de fumo em água, ou com fumigações de fumo em cima do fogo.

Só quem mesmo passou por tais assaltos tão frequentes na zona quente, pode fazer ideia dos males que o naturalista, sempre ao ar livre, tem que sofrer. Todos esses incômodos são, todavia, felizmente da espécie que se pode minorar, senão evitar inteiramente, com o conhecimento do país e mediante o emprego de recursos idôneos. Com o progresso do povoamento e da instrução no país eles irão desaparecendo. Quando os habitantes deitarem abaixo as matas, dessecarem pantanais, rasgarem estradas por toda parte, fundarem aldeias e cidades, e, assim, pouco a pouco, triunfarem da exuberante vegetação e dos bichos daninhos, então todos os elementos virão ao encontro da atividade humana e recompensarão plenamente. Entretanto, até que chegue essa época para o Brasil, o país inculto pode ainda ser, sem dúvida, o túmulo de milhares de imigrantes. Atraídos pela regularidade esplêndida do clima, pela riqueza e uberdade do solo, muitos abandonam as suas terras nativas, para constituir nova pátria numa parte estranha do mundo, numa zona completamente diferente. Não obstante sejam otimistas as

previsões sobre que baseiam o favorável sucesso da empresa, e o entusiasmo com que a encetam, o resultado, porém, pouco corresponderá às esperanças, sobretudo, em se tratando de imigrantes vindos do norte da Europa. Como pode, em verdade, o habitante da zona fria, transplantado de repente como lavrador para o Rio de Janeiro, ou até para as margens do Amazonas, num clima estranho, solo estranho, modo de vida e alimentação estranhos; e em convívio com portugueses, cuja língua não entende nem pode aprender facilmente, como pode ele comprazer-se e manter-se neste país? E particularmente quanto deve sofrer a gente de condição inferior, sem instrução geral nem aptidão para nova língua, novo modo de vida, clima diferente, quando mesmo os recém-chegados de superior educação e maior resistência, vivem a queixar-se desalentados com os inconvenientes do clima quente, do desamparo, da pobreza e das pragas do país, como agora tanto se tem ouvido? Se o homem do povo, que emigra dos países do norte, não encontrar aqui compatriota para guiá-lo e que esteja a par do modo de vida e do cultivo do solo, que nos primeiros anos cuide dele com conselhos e auxílios paternos, certamente o pobre homem estará, mesmo neste rico país, sujeito a quase morrer de fome, e, cheio logo de arrependimento e de saudades da pátria, será vítima do seu empreendimento. Quem, entretanto, vencer as primeiras provações com felicidade, assegurar o seu lar no belo Brasil e habituar-se ao clima tropical, de boa vontade o adotará para segunda pátria; se acaso visitar ainda a Europa, sentirá crescer o desejo de voltar e louvará o Brasil, como o mais belo e magnífico país da Terra, por mais que se duvide da habitabilidade da zona quente.

Depois de alguns dias de demora, voltamos da Mandioca, pelo mesmo caminho, para a cidade, onde nos falhou a esperança de encontrar a esquadra portuguesa, que devia trazer S.A. a princesa real. Este atraso teve grande repercussão no nosso plano de viagem. Havia-se provavelmente conjecturado em Viena, que toda a comissão de naturalistas, reunida, encetaria a expedição para o interior; como porém, até agora apenas os Srs. Mikan e Ender estivessem presentes e queriam esperar os outros naturalistas, não se podia por enquanto projetar um plano de viagem de conjunto. Por outro lado, pelo Sr. conde von Wrbna, que dois meses depois da nossa chegada trouxera a notícia de que o casamento de S. A. a princesa real com o príncipe herdeiro dom Pedro teria sido realizado por procuração, havíamos recebido

ordem de não prolongar a nossa viagem além de dois anos. Penetrados do desejo de estender a nossa viagem neste país, até aqui tão desconhecido e tão altamente singular, ao espaço máximo possível dentro deste prazo, tomamos a resolução de encetar ainda este ano a viagem para o interior; julgamos não nos deixar demover pelo atraso dos outros naturalistas e passar o precioso tempo na capital, cujos arredores já estavam mais que investigados. O prof. Kikan, por sua vez, resolveu percorrer a baía do Rio de Janeiro, em todo o seu contorno, e dirigir-se aos campos de Cabo Frio e ao distrito de Goitacazes.

Desde a nossa chegada, havíamos gozado do mais esplêndido tempo. Pouco a pouco, parecia, porém, que se preparava a época das chuvas; o tempo tornou-se variável, mais frequentes eram os nevoeiros e formavam-se densas nuvens e repentinos pés de vento, e a 3 de outubro desabou um violento aguaceiro, que durou três dias sem cessar. Daí em diante, chovia sempre mais ou menos, de noite ou de tarde; em novembro, afinal, estabeleceu-se com regularidade a estação das águas .

Costuma-se calcular esta época, nesta parte da América, de outubro a março; porém o início, mais cedo ou mais tarde, é modificado nos diferentes locais, segundo as latitudes dos mesmos e pela posição mais próxima ou mais afastada da costa, mais alta ou mais baixa. Ficar à espera no Rio até o fim das chuvas com tão curto prazo para viagem, não parecia conveniente e embora esta, durante os meses de chuva, tivesse de ser duplamente embaraçada por dificuldades, tomamos a resolução de nos aprontarmos para seguir o quanto antes para o interior, porque calculamos que, justamente no tempo das águas, o mundo dos animais e das plantas toma novo vigor e a mais rica plenitude. Em idêntica expedição para o interior haviam-nos precedido, nos últimos anos, diversos viajantes. Mawe⁶⁷, que, vindo de Buenos Aires, chegou ao Rio de Janeiro por São Paulo, tendo continuado daqui sua viagem até Tijuco⁶⁸, do Distrito Diamantino; Eschwege havia partido do lugar de sua morada, Vila Rica⁶⁹, para oeste do rio São Francisco, até o rio

67. John Mawe, geólogo e mineralogista inglês (1764-1829). Fez de 1809 a 1810 viagens no interior do Brasil, sobre as quais escreveu um livro. (Nota da rev., Ed. Melh.)

68. Hoje Diamantina.

69. Hoje Ouro Preto.

Abaeté, onde fundou uma mina de chumbo; S.A. o príncipe von Neuwied achava-se então, com Freyreiss e Sello, em viagem ao longo da costa do rio para a Bahia: Auguste de Saint-Hilaire tinha viajado, um ano antes com o Sr. von Langsdorff, para Vila Rica e depois da volta deste último por motivos de negócio, percorreu ainda diversas regiões da Província de Minas, visitou as povoações da colônia de índios de Peçanha, o Tijuco e o rio São Francisco, perto de Salgado, e estava justamente em caminho de regresso à capital.

Considerando estes homens como nossos precursores e preparadores e, em vista de todas as informações escritas e orais, pareceu-nos mais oportuno emprender primeiro uma excursão por terra à Capitania de São Paulo, situada ao sul, de modo, sobretudo, a nos habituarmos pouco a pouco ao clima das regiões mais quentes e, igualmente vir a conhecer a zona oposta, temperada, do sul. Daí, da capitania de São Paulo, pensávamos viajar para o interior de Minas Gerais, até ao rio São Francisco e Goiás, e finalmente descer pelo rio Tocantins ao Pará, ou do interior regressar para a Bahia à costa, ali embarcar as nossas coleções para a Europa, e, então, penetrar de novo no interior das capitanias do Piauí e Maranhão, a fim de alcançarmos o Pará, alvo de nossos desejos. Nesta viagem por uma parte da zona temperada, assim como por toda a zona quente sul, esperávamos conhecer nesta última os seus variados produtos e poder fazer interessantes comparações com a natureza das diversas latitudes. Com ânimo e rapidez foi este plano ideado. Os nossos amigos, conhecedores do país, duvidavam na verdade que fosse exequível a nossa expedição, que eles comparavam ao voo de Ícaro; não conseguiram, entretanto, abalar a nossa confiança em nós mesmos, baseados na qual nos entregamos à agradável esperança de feliz êxito. A demora na Mandioca e as excursões nos arredores haviam-nos familiarizado com a maioria das necessidades de tal viagem. Por esta razão, logo cuidamos, em primeiro lugar, de obter uma tropa de mulas, os víveres mais importantes e utensílios necessários numa viagem neste país; para isto, servimo-nos dos conselhos de diversos mineiros, que justamente agora tinham chegado ao Rio com as suas tropas. Como primordial necessidade, restava a escolha de um arrieiro, a quem devêssemos confiar o trato dos animais e o cuidado da bagagem. Logo percebemos quanto é difícil achar um homem competente para o ofício, e ainda mais difícil interessá-lo na

nossa empresa. Depois de várias tentativas infrutíferas para descobrir o indivíduo nas condições necessárias, fomos obrigados, por se aproximar o dia marcado da viagem, a confiar a tropa a um mulato que, embora sem oferecer credenciais, declarou ter prática do ofício e lhe demos como auxiliar, além de nosso escravo negro, outro negro liberto. Quanto essa solução precária nos ia dificultar numa terra estranha e nos colocar nas mais desagradáveis situações, não podíamos de todo imaginar então; de outro modo, antes teríamos preferido adiar a viagem por algumas semanas, até que conseguíssemos a posse de um guia capacitado e serviçal. Esta falta de um guia seguro, conhecedor das estradas, tornou-se ainda mais sensível, quando também o nosso criado alemão, na véspera da partida, declarou que absolutamente não nos acompanharia em expedição tão longínqua e arriscada até aos confins dos selvagens, e que preferia ficar no meio dos cristãos.

Durante os nossos preparativos de viagem, entrou no porto do Rio de Janeiro, com felicidade, S.A.R. a senhora arquiduquesa. Que alegria nos animou quando vimos a excelsa princesa fazer sua triunfante entrada na nova cidade real, e testemunhamos o júbilo com que o povo encantado saudava a primeira princesa alemã num trono do novo continente!

Também os nossos colegas, longamente esperados, os naturalistas austríacos, agora chegavam e contávamos empreender em companhia deles a nossa viagem. Este voto não teve realização, pois a imperial embaixada austríaca declarou que os nossos sábios compatriotas deviam demorar-se ainda mais tempo na Capitania do Rio de Janeiro. Tivemos, portanto, de prosseguir ambos sozinhos em nosso plano de viajar pelas províncias de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Bahia, e recebemos logo, mediante pedido da imperial embaixada austríaca, do real governo luso-brasileiro os necessários passaportes e cartas de recomendação. Todos os preparativos para a expedição se concluíram nos primeiros dias de dezembro, e chegava o momento agora de partir da capital. Emocionados, despedimo-nos de amigos e compatriotas, a quem nos ligavam íntimos afetos, gratidão e idênticos ideais, e demos início à viagem ao interior do país, começando por São Paulo.

.....

Capítulo III

VIAGEM DO RIO DE JANEIRO À CIDADE DE SÃO PAULO

DEIXAMOS O RIO DE JANEIRO a 8 de dezembro de 1817. Alguns amigos e compatriotas acompanharam-nos até meia légua fora da cidade¹. O início desta expedição não foi nada animador. Apenas havíamos enveredado pelo caminho que dá para a estrada larga de Santa Cruz, quando uma parte dos nossos cargueiros se deitou no chão, outra se espalhou por entre casas e chácaras, e algumas das mulas se libertaram das caixas que levavam, e procuraram ganhar o campo. Aumentou a confusão, quando o Sr. Dürming, cônsul real da Prússia em Antuérpia, e que se achava então no Rio de Janeiro e agora nos acompanhava, foi atirado pelo animal assustado, e teve de ser carregado de volta à cidade, com o braço fortemente magoado. Este espetáculo de selvajaria desenfreada costuma dar-se na saída de todas as tropas, até que os animais se acostumem ao peso da carga e se habituem a marchar em fila. Somente o nosso compatriota, o Sr. von Eschwege, que

1. Tanto aqui, quanto no correr da narração, referimo-nos sempre a milhas brasileiras (léguas), dezoito das quais perfazem um grau, quer dizer: 1 légua = 6,170 km. (Nota Ed. Melh.)

aqui já tem feito muitas viagens por terra, se mostrou impassível; nós, novatos na experiência, ficamos atarantados de ansiedade e apreensão. Estas ainda aumentaram quando percebemos que uma das mulas, que, além do mais, levava uma carga preciosa, não aparecia mais à vista. Havia corrido com a sua carga para a cidade, onde provavelmente teria logo achado novo dono, se o arrieiro não tivesse a sorte de encontrar finalmente o animal no porto, e, de fato, já em mãos de estranhos, e de no-lo restituir. Exaustos com a busca e correrias de um lado para outro, tivemos que nos deter, embora apenas a uma hora de distância da cidade, não longe da Quinta Real de São Cristóvão, a fim de reunir os animais e os tocadores espalhados. Depois de passarmos em expectativa inquieta a maior parte do dia, partimos, afinal, com a tropa de novo organizada, atravessamos o caminho que leva a Cantagalo e Minas, e ao pôr do sol alcançamos Campinho, uma fazenda situada a três léguas do Rio, e uma venda que tem gêneros de primeira necessidade para as tropas em viagem.

Essas choupanas acham-se na maior parte da estrada do Rio de Janeiro para São Paulo e para os mais importantes lugares de Minas Gerais, e, visto se encontrarem as plantações em terrenos úmidos ou na mata virgem, longe da estrada, são frequentemente as vendas os únicos lugares que ainda fazem lembrar ao viajante a Europa e instituições europeias. A estrada segue na direção S.S.O. por baixadas, aqui e acolá inundadas pelo mar nas marés altas. Ao longo da estrada perfilam-se muitas pequenas palmeiras em florescência e perfumam o ar, com o seu aroma espermático². Como cama, servimo-nos de peles de boi, que, durante o dia, vinham estendidas sobre a carga das mulas, e que agora se dispuseram num quintal pobrememente iluminado por uma candeia de azeite. As mulas foram soltas no pasto, depois de se lhes dar milho num embornal e de se lhes ter dado de beber na poça ali perto. Para esse fim, servem campos abertos ou cercados, aqui como em toda a estrada para São Paulo. Para que os animais não possam fugir e logo se achem no dia seguinte, prefere em geral o viajante os pastos cercados, que se obtêm mediante pequeno pagamento. Nos sítios onde não há cercados, costumam prender-se os cargueiros, amarrando-lhes

2. Na Índia oriental, o pólen da flor do coqueiro é usado como afrodisíaco.

as pernas dianteiras. A nossa gente colheu lenha e água por ali e preparou a frugal refeição de feijão com toicinho e carne-seca. A noite estava toda estrelada; o firmamento, porém, parecia mais escuro que o da zona europeia. Indicou o termômetro 14,60° R. na maior parte da noite, temperatura que, com o pouso nada macio sobre a pedra fria, nos fez lembrar os albergues espanhóis. Ao nascer do dia, reencetamos a viagem pela baixada; não alcançamos, entretanto, a casa de campo real de Santa Cruz, que dista cinco léguas e meia de Campinho, porque o nosso arrieiro insistiu em encurtar os primeiros dias de viagem, a fim de acostumar pouco a pouco e sem detrimento, os cargueiros. Pernoitamos na venda do Santíssimo, cujo velho dono, de origem italiana, nos contou como tinha vindo ao Rio num navio francês, mandado em viagem de descobrimento ao Oceano Pacífico e aí tinha desertado e se estabelecera no país. Encontramos, assim, por mera causalidade, um companheiro de viagem de Bougainville, que, na longa ausência da Europa, não somente havia esquecido a língua materna, mas até os costumes europeus.

No caminho até aqui, observamos um trecho de solo constando de areia grossa, seca, de granito. A mata baixa³, porém, muito bonita, que o recobria, assemelha-se com a sua folhagem verde-brilhante e rija aos nossos bosques de loureiros, caracteriza-se, porém, pela variedade das flores das guirlandas muito extensas, como produto do clima tropical. Nas gargantas da montanha, achamos pedrinhas isoladas e cascalho diorito, que jaziam espalhados no chão de granito.

No dia 10 de dezembro, de manhã, alcançamos Santa Cruz, passando por campos muito úmidos e fomos recebidos do modo mais amigável pelo Sr. tenente-coronel Feldner, nosso patrício, que se achava ali. Este lugarejo, de algumas centenas de habitantes, que só recentemente obteve do rei o título e prerrogativas de vila, está assentado sobre uma colina areenta e chata, numa planície muito extensa, pantanosa em torno; consta, excetuando o castelo real, de casebres miseráveis de barro. O edifício prin-

3. *Schinus aroeira*, *terebinthifolia*, Raddi. *Poblana* (*Langsdorffia* Leandr.) *instrumentaria* nob. *Spixia Heteranthera* Leandr. *Byrsonima nitidissima* Humb., *Sapium ilicifolium* W., *Alsodea Physiphora* nob., *Petrea racemosa* Nees., *Solena grandiflora*, *Serianae*, *Paullinia* sp.

cipal, antigamente propriedade do Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro e, atualmente, propriedade particular do príncipe herdeiro imperial d. Pedro de Alcântara, que o recebeu de presente do pai, contém as necessárias acomodações para a residência campestre da família real, e é circundado por algumas casas de fazenda. Não obstante possuir um pasto muito extenso, um rebanho extraordinariamente grande, com alguns milhares de cabeças, perto de uns mil escravos, destinados ao cultivo da fazenda, e apesar da preferência que a corte dá a essa residência campestre, acha-se a rica propriedade ainda no mesmo estado de abandono, em que Mawe a encontrou e descreveu, há vários anos atrás. Ainda não se cuidou de instalar aqui uma leiteria à maneira europeia, e o rei, que tem tão perto da sua residência uma das mais belas manadas de vacas, precisa contentar-se com manteiga irlandesa salgada, que fez uma viagem marítima de alguns meses. O proveito que um instituto rural desta ordem poderia dar para o cultivo de toda a província, se fosse planejado como fazenda-modelo, seria incalculável. A maior parte do gado criado aqui descende do que, já há muito tempo, foi trazido de Portugal; não se cuidou, entretanto, de melhorar a raça com touros do Rio Grande do Sul, que, vivendo em completa liberdade, se tornam tão extraordinariamente grandes e fortes. Este gado é, por esse motivo, menor e inferior àquele meio selvagem, que vimos nos pastos de São Paulo ou tocado em inúmeras boiadas do Rio Grande do Sul para o Norte. A cor do pelo é, em geral, pardo-escuro e os chifres são pouco arqueados e não grandes. É sabido que as vacas nos climas quentes dão menos leite do que entre nós; por isso, costumam deixá-los aos vitelos, que mamam muito tempo. As próprias vacas europeias perdem aqui pouco a pouco a sua abundância de leite, fato que se pode explicar pela maior atividade do sistema cutâneo e a transpiração em contraste com a inércia das veias e do sistema glandular.

Para beneficiar a Fazenda de Santa Cruz, havia o precedente ministro, conde de Linhares, disposto habitações para uma parte dos colonos chineses, mandada vir ao país. Poucos deles estavam atualmente presentes, pois a maioria tinha ido para a cidade, a fim de andar pelas ruas como vendedores ambulantes, oferecendo pequenas bugigangas chinesas, especialmente tecidos de algodão e foguetes; doenças e saudades da terra já haviam matado a muitos; desgosto do ambiente havia liquidado outros. Aqueles

que ainda viviam tinham feito pequenas plantações de café e de suas flores preferidas, jasmim e alfavaca, em roda de suas cabanas baixas, muito asseadas no interior. Ninguém ignora que os chineses, na sua pátria, exercem a agricultura com grande conhecimento de causa e circunspeção, e até na arte mais fina de jardinagem são muito espertos. Admirou-nos, portanto, encontrar ainda tão poucos vestígios de sua atividade como lavradores aqui, onde já antes tão considerável número de chineses fora incumbido da lavoura. O jardim botânico ou viveiro estabelecido no declive de uma colina, afigura-se terreno inculto, abandonado, e o jardim da quinta, junto da casa real, cresce, na verdade, com mais pujança, devido à sua situação mais baixa e úmida, mas está igualmente descuidado. Mostraram-nos um galho com frutas de grumixama (*Myrtus brasiliensis*) que, segundo o método chinês fora obtido como mergulhão da planta-mãe, quando já tinha alcançado considerável tamanho. Os chineses usam nisso um sistema muito engenhoso, que se recomenda especialmente nas terras quentes, onde a vegetação é mais pujante do que no nosso clima. Consiste em envolver o galho que vai ser alporcado, em geral já da grossura de algumas polegadas, com uma faixa de palha, na qual se deita estrume de cavalo, e cujo volume excede-o cinco a seis vezes em grossura; depois, abaixo da faixa, faz-se um corte em círculo até à madeira, e rega-se por meio de uma vasilha com um furo fino, em geral um coco suspenso a grande altura que deixa pingar água sobre a faixa. O galho deita então raízes no estrume nutritivo as quais em pouco tempo são tão fortes que, em geral, ao cabo de dois meses, pode-se serrar também a madeira e meter na terra a nova árvore, que logo começa a florescer e a dar, como pé independente, os frutos que prometia quando era simples galho. Demonstram os chineses também nisso conhecimentos, que correspondem ao nosso conceito sobre crescimento das árvores, pois a fim de obter plantas que mais depressa cheguem ao pleno desenvolvimento, se utilizam dos galhos superiores mais finos; porém, para fazerem alporcas melhores e de maior produção de frutos, servem-se dos galhos mais fortes e mais próximos do solo.

A fisionomia dos chineses imigrados foi-nos de especial interesse, e com o tempo ainda mais notável pelo fato que julgamos descobrir nela o tipo básico, que também se observa nos índios. Na verdade, a estatura do chinês é um tanto mais esbelta, a testa mais larga, os seus lábios

mais finos e uniformes os traços, em geral, mais delicados e suaves do que os dos americanos das selvas; contudo, são comuns à fisionomia de ambas as raças o formato pequeno, não oblongo, mas arredondado e angular, um tanto pontudo da cabeça, a largura da parte parietal, bossas frontais proeminentes, a testa baixa, as maçãs do rosto fortemente agudas e salientes, a posição oblíqua dos olhos pequenos estreitamente fendidos, o nariz obtuso, pequeno, igualmente achatado, a falta de cabelo basto no queixo e no resto do corpo, o cabelo da cabeça negro, comprido e liso, a cor amarela ou avermelhada da pele: traços claramente idênticos das duas raças. Também o caráter desconfiado, pérfido, como se assegura, não raramente inclinado ao furto, e a expressão de mesquinhez e conformação física aparecem em ambas as raças de modo bastante semelhante. Pela comparação da fisionomia mongólica com a americana, tem o observador bastante ocasião de encontrar vestígios reveladores para a série de desenvolvimentos, pelos quais devem ter passado os asiáticos orientais, sob o influxo de outro clima, para finalmente se transformarem em americanos.

O nosso compatriota, tenente-coronel Feldner, achava-se já, desde alguns meses, em Santa Cruz, a fim de dirigir a carvoaria, que se havia estabelecido ali por conta do rei e para o especial uso do palácio no Rio de Janeiro. Embora residindo numa propriedade real e cuidando de negócios do rei, tinha ele que se contentar com uma miserável cabana de barro para morada e com frugal sustento. Compartilhamos ambos de boa vontade com o nosso amigo, ao passo que a conversa a respeito da pátria e de muitas recordações agradáveis faziam esquecer todas as privações. Passeamos com ele pelos arredores de Santa Cruz, em grande parte prados pantanosos intercalados com alguns trechos de mato baixo, nos quais avistamos pela primeira vez a cegonha americana de perna longa (*jaburu*), andando ali em grande número. Acima de nossas cabeças, voava, com gritaria monótona o quero-quero (*Vanellus cayenensis*), e corriam em bandos de um lado para outro nos brejos as jaçanãs (*Parra jaçana*). Foi-nos, entretanto, proibido caçá-las, porque não é permitido num raio de uma légua ao redor de Santa Cruz. Em outra ocasião estendemos a nossa excursão até Sabati, e achamos nas dunas arenosas entre arbustos peludos de mimosas um réptil ofissauro de quase um pé e meio de comprimento. Nesta região crescem também muitas árvores-do-sabão (*Sapindus saponaria*), cujos frutos são levados em

quantidade para a cidade. A classe mais pobre do povo emprega-os em lugar do sabão, visto que o sabão fino, importado em grande parte da América do Norte, está incluído entre os artigos caros de economia doméstica. Em muitos anos, uma só dessas árvores, em geral do tamanho da nossa nogueira, dá muitos alqueires de frutos, conhecidos pela quantidade de mucilagem saponácea que contêm. Encontram-se aqui diversas espécies de árvores mais altas, que fornecem madeiras para as carvoarias locais. Estas trabalham do mesmo modo que na Europa, sobretudo nos meses mais secos de julho a setembro, e são muito lucrativas, devido à falta de lenha miúda, necessária na capital. São só agora exploradas ativamente desde que o Sr. Feldner provou, com as suas pesquisas nas minas de carvão-de-pedra da Bahia, que pouco proveito dali se poderá tirar.

Ainda inexperientes de viajar aqui por terra, havíamos trazido do Rio muita bagagem supérflua e nos víamos agora na contingência de aliviar o carregamento dos animais. Depois de escolhido e abandonado todo o fardo inútil, partimos de Santa Cruz a 11 de dezembro, e fomos acompanhados num trecho da estrada por nosso amigo. A estrada, cuidadosamente aplanada, segue quase em linha reta a sudoeste até uma ponte onde está instalado um Registro Real para o controle dos viajantes entre Rio de Janeiro e São Paulo, mas especialmente para impedir o contrabando do pó de ouro do interior para a costa. A região é aberta, plana, regada por muitos riachos e lagoas, e é limitada ao sul e a oeste pela serra do Mar, que corre em maior ou menor distância do mar e destaca para aqui uma ramificação quase na direção de oeste para leste, a qual, sob o nome de serra da Ilha Grande, se estende até a baía de Angra dos Reis, e cuja continuação forma o núcleo da Ilha Grande.

A noite de 12 para 13 de dezembro, passamo-la em Itaguai⁴, uma grande fábrica de açúcar, cujos arredores ostentam incrível variedade de vegetação. Uma pequena igreja na colina domina o vale. Não longe se

4. Hoje Itaguai. *Itaguai* é palavra formada da língua brasílica: *tauá*, “amarelo”, e *i* (hy), “água”. Nas províncias do Sul, nota-se, entre as muitas modificações da língua geral, que as vogais, tão numerosas nos vocábulos, sofrem a intercalação de consoantes. Assim é a forma *taguá* de *tauá*, ou *jaguarê* de *jauarê*, “onça”.

encontra uma grande lagoa animada pelas mais diversas aves aquáticas. Pela primeira vez, notamos aqui uma espécie de pica-pau (*Picus garrulus, nob.*), que somente se acha nas regiões semelhantes aos campos e precede o viajante, soltando gritos zangados e traiçoeiros. Na manhã seguinte, quando fazíamos carregar as nossas mulas, tivemos que passar por nova e triste experiência com relação às dificuldades do transporte neste país. Um animal cargueiro, sobre o qual se havia amarrado a lata cilíndrica com os tubos de barômetro, assustou-se de repente, disparou para o mato perto, e só pôde ser apanhado depois de ter alijado toda a carga e arruinado os instrumentos. Esta perda foi-nos tanto mais dolorosa porque durante toda a viagem até São Paulo, não pôde mais ser remediada; felizmente já havíamos despachado, por mar, alguns barômetros para lá. Com as ciências físicas até hoje poucos se têm preocupado mesmo nas principais cidades do Brasil; os barômetros e outros instrumentos, que ainda se encontram aqui e acolá, são considerados, portanto, pelos poucos que se dedicam às observações meteorológicas, como instrumentos preciosísimos.

Ao sopé da montanha, que agora tínhamos que galgar, estava a casa de um fazendeiro holandês. Enquanto mandávamos buscá-lo na mata, e a nossa tropa seguia adiante, tivemos ocasião de colecionar um tesouro de plantas e dos mais belos insetos, especialmente cetônias. O Sr. Duffles, assim se chama o fazendeiro, planta com grande sucesso cana e café, lavouras que, pela umidade do lugar e posição soalheira da montanha, são muito favorecidas. Por felicidade, pouco ali nos demoramos e em breve alcançamos as nossas mulas, que se achavam em completa desordem num terreno argiloso, profundamente esburacado. A maioria tinha-se libertado das cargas ou se tinha atolado nos lameiros. Foi preciso fazer sem demora faxinas para entulhar os atoleiros e dar apoio firme aos pés dos animais. Após ingentes esforços, alcançou-se finalmente o topo da montanha, onde o panorama amplo da planície de Santa Cruz nos fez esquecer as canseiras. Com as mais diversas emoções, deixamos aqui as últimas despedidas à costa marítima e tomamos a estrada para o interior.

A montanha é de granito, de grão bastante fino e de colorido vermelho, que passa de quando em quando para gnaisse, e é coberta de matas espessas. O caminho íngreme contorna a serra de S. a O. e segue por diversos vales de boa aguada, porém solitários e tristes, por falta de

lavoura, até a uma pobre aldeia no meio da montanha, que poderia proporcionar a mais encantadora residência para um naturalista, visto que os seus arredores ostentam a plenitude da mais rica vegetação e dos mais diversos animais. Murtras, rubiáceas, citamíneas e orquidáceas constituem as principais feições destas matas, que se acham, assim como os da serra da Estrela, numa altitude de dois mil e quinhentos até três mil pés acima do nível do mar. Antes de alcançarmos o nosso pouso, a Fazenda de Santa Rosa, passamos por uma granja real, que é uma dependência de Santa Cruz, e especialmente dedicada ao corte de madeiras reais ou de lei, cujo serviço é feito por meio de escravos do rei. A continuação da estrada foi-se tornando cada vez mais penosa e perigosa, por causa dos grandes rodeios que cumpria fazer, por ser muito íngreme a serra e frequentes os morros e as quebradas. De todos os lados se fecham os vales guarnecidos de mato escuro, através dos quais às vezes serpeiam regatos límpidos de águas frescas. Reina aqui a mais completa solidão, e, afora umas miseráveis choupanas de barro ou cortes novos de mato, o viajante não encontra quase nada que lhe faça lembrar a intervenção do homem nesta natureza majestosa. Quando descemos pela encosta escarpada, fora da grave escuridão da mata virgem, avistamos o pequeno lugarejo formado pela vila de São João Marcos, e mais tarde uma solitária, porém importante fazenda no vale.

As novas derrubadas cobrem-se, sobretudo nos pontos altos soa-lheiros, em pouco tempo, com incrível denso revestimento de uma espécie de feto (*Pteris caudata*), que, pela propagação no solo de suas tenazes raízes, semelhante ao nosso feto (*Pteridium aquilinum*), torna-se erva daninha e só a muito custo é arrancada. A tendência dessa planta de meter-se nas terras, logo que são lavradas, é digna de nota para a história da propagação das plantas. Na latitude em que agora viajávamos, notamos ainda diversas outras plantas que nascem logo depois do corte da mata: *Phytolacca decandra* e *icosandra*, *Scoparia dulcis*, *Solanum decurrens* e ainda outras espécies do mesmo gênero, *Gronovia scandens*, *Phlomis officinalis nob.* e diversas espécies de *Hyptis*. Na América do Norte, são as moitas de samambaias transformadas em álcali vegetal graças ao seu grande conteúdo de potássio; no Brasil, ainda não se cuidou de utilizar as samambaias e uma quantidade colossal de madeira se abate anualmente para esse fim, pois se considera necessário deixar as cinzas para adubo das terras, depois das queimadas.

No Retiro, uma pobre fazenda ao lado de São João Marcos, num vale pantanoso, todo cercado de morros cobertos de matas, passamos a primeira noite ao relento. A araponga havia cessado seus sons encantadores, o exército de cigarras ciciava estrídulo, em contínua monotonia, ao escurecer da noite, enquanto ressoavam as notas de timbale de uma rã grande, o lamento da capoeira e o chamado lúgubre do curiango. Estimulados pelas sensações que se repetiam continuamente, sentíamo-nos na selva solitária, transportados a singular enlevo solene, que ainda se acentuou quando o firmamento reluziu em todo o esplendor das constelações do sul sobre a negrura das matas, e milhões de vaga-lumes rutilantes vagavam pelas sebes em círculos luminosos até que afinal um violento aguaceiro cobriu tudo em volta com profundas trevas. A montanha silvestre pela qual havíamos viajado até aqui é a parte mais alta daquela ramificação da serra do Mar, que se eleva a cerca de três mil pés de altitude correndo do maciço principal para a costa marítima no sentido do norte. As montanhas, por nós depois vencidas, são mais baixas, e só se elevam com maiores intervalos. O caminho é, às vezes, profundamente cortado no solo de barro vermelho, muito estreito, e quando nele se encontram tropas de mulas, como frequentemente acontece, é perigoso. Essa espécie de estrada é, afinal, vantajosa na mataria cerrada, porque é limitada a uma só estreita vereda para todos os viajantes, o que impede a sua rápida invasão pelo mato. Quanto a caminhos calçados e pontes, nada se fez naturalmente nestes ermos, embora o terreno na vizinhança dos inúmeros riachos, sobretudo no tempo das chuvas, fique quase intransitável. Nestas brenhas surpreendeu-nos pela primeira vez o canto de um pássaro pardo-grisalho, provavelmente uma tovaca, que pousa nos arbustos e no solo úmido do mato, e canta com repetições frequentes a escala do si, da 3^a linha clave do sol ao lá superior tão regularmente, que lhe não falta uma só nota. Em geral, repete cada nota quatro até cinco vezes e passa então de modo imperceptível à seguinte nota. É costume negar aos cantores das matas americanas expressão harmoniosa, e somente conceder-lhes o esplendor de cores da plumagem. Se em geral, de fato, esses delicados habitantes das zonas quentes se distinguem mais pela beleza do colorido do que pelo canto cheio e forte, o qual parece inferior às notas claras e melodiosas do nosso rouxinol, entretanto, também este passarinho, entre outros, prova que ao menos possui igualmente os fundamentos da melodia. Até que ponto a formação musical do homem já agiu

realmente sobre a música vocal dos animais, não deixa ter interesse para um estudo fisiológico. Ao menos se pode imaginar que, quando não ressoarem mais nas florestas do Brasil os sons quase inarticulados dos homens degenerados, também muitos dos cantores alados entoarão melodias mais apuradas.

Além dos pássaros das matas, também prende aqui a atenção do zoólogo a abundância de cobras, sobretudo a *Ahaetulla* de belo colorido, que deslizam através dos caminhos, ou aparecem mortas pelas tropas de passagem. Nas árvores, especialmente nos lugares úmidos, dá aqui um líquen⁵, que, por sua maravilhosa cor-de-rosa, é verdadeiro enfeite dos troncos. A beleza e brilho particular desse vegetal estimularam o Sr. Taunay a empregá-lo na tinturaria. E Vauquelin, que o examinou sob o nome de *Cochenilhe végétale*, observou que o pigmento vermelho nele contido tem muita semelhança com o da ursele⁶, na verdade menos vivo e brilhante, também existente em menor quantidade, porém aplicável com vantagem para tingir seda e lã, embora menos vantajoso para o algodão.

No vale principal, entre as serras até agora galgadas e a seguinte, corre o Pirai (rio de peixes), cuja água, apesar do leito arenoso e pantanoso, é bastante límpida. Não havendo ponte, nem barca de passagem, foi preciso descarregar as mulas para atravessar a nado, e a bagagem foi levada às costas dos homens. No lugar mais baixo havia anteriormente uma pinguela para passageiros a pé; infelizmente, porém, foi agora arrastada pela correnteza, de sorte que o Sr. Ender, atravessando a cavalo, afundou de repente, com susto nosso, num perau, de onde, só com risco de vida, de novo alcançou a margem.

Na Fazenda dos Negros, a quatro léguas do Retiro, onde pernoitamos, aconteceu-nos um desagradável incidente: um dos nossos homens foi mordido por uma caranguejeira. Embora esses animais sejam em geral acoiados de venenosos, a mordedura, entretanto, não teve piores consequências, depois de haver sido queimada com brasa. Os numerosos escravos da fazenda fizeram festas com danças, cantigas e música barulhenta, que duraram desde o pôr do sol pela noite adentro. O tuntum do atabaque, espécie de tambor, e o ruído do canzá (um tubo com travessas de ferro, sobre o qual eles produzem um som de matraca, mediante um pau tocado de um lado para outro) pertur-

5. *Spiloma roseum* Raddi.

6. *Rocella tinctoria* – um líquen tintorial. (Nota Ed. Melh.)

baram-nos tanto como o aguaceiro que, impellido pelo vento de tempestade, invadiu por todos os lados o nosso rancho, obrigando-nos a mudar de lugar muitas vezes. Com esta noite, começaram para nós os desconfortos de viagem no tempo das águas, que, de agora em diante, caíam contínuas e mais fortes, não somente à noite, porém já também à tarde. Cercados por montanhas matagosas, toda manhã envolvidas em nevoeiro espesso até o vale, encontramos um considerável aumento da umidade atmosférica. O higrômetro de barbata-na, que nos meses antecedentes se havia conservado mais elástico, agora ficava muitas vezes em 60° até 65°, e indicava de tarde e de manhã mais de 70°. Para os próprios habitantes era bem-vinda a época das águas que começava, pois os lugares das derrubadas na mata foram, durante os últimos meses de seca, incendiados, e agora iam ser utilizados para plantações novas. Para nós ao contrário, eram muito incômodas, ora as violentas cargas de água durante a noite inteira, ora a chuvinha miúda, e a decorrente friagem. As nossas bagagens, compostas de coleções naturais, na maioria insetos e plantas, sofreram muito com a súbita umidade penetrante, cobrindo-se de um bolor amarelo⁷, cuja formação não pôde ser impedida, apesar de todos os cuidados. Tínhamos esperança, porém, depois de galgarmos a segunda serra, que se estende na direção N.O. para S.E. no sentido do mar, de encontrar mais favorável clima, entretanto fomos desiludidos, pois nos perseguiu o constante tempo chuvoso durante algumas semanas. Os caminhos, abertos em geral em terreno argiloso, ficaram intransitáveis, e o crescimento dos córregos da montanha, através dos quais a bagagem tinha de ser frequentemente carregada às costas dos tocadores, retardou a viagem de modo extraordinário.

Esta segunda serra, de cujos vales ao norte correm duas principais nascentes do Paraíba, o Piratininga e o menor Turvo, consiste, como a primeira, inteiramente em granito, que em alguns pontos se transforma em gnaíse, por meio de fratura lameliforme. Em alguns lugares, antes de chegar à freguesia de Bananal, encostada num outeiro, indicava a montanha uma inclinação de camadas entre 3° e 4°, numa declinação de cerca de 30°. O granito constava aqui de muita mica cinzenta e prateada, de quartzo branco e feldspato branco ou avermelhado. Estas regiões, embora escassamente povoa-

7. Era o mesmo *Eurotium herbarium* Link., que também na Europa ataca os herbários durante o tempo úmido.

das, parecem, entretanto, mais ativamente cultivadas do que as que havíamos percorrido. Avistam-se num e noutra ponto extensas plantações de milho, o mais importante produto dessa região montanhosa, que dá cinquenta até sessenta por um. Diversos imigrantes europeus tentaram o cultivo do linho com muito bom resultado, nas zonas mais frias desta montanha; contudo, o cultivo desta planta não fará grande progresso, dadas a abundância do algodão e a pouca saída dos tecidos de linho, que entre os brasileiros até agora têm sido menos usados. Numa considerável altitude atrás de Bananal, nota-se uma distinta transição do gnaïsse, que passa para micaxisto com inclinação do 3º grau. Como blocos erráticos, apareceu-nos na estrada amiúde limonito compacto, que passa para hematita drusiforme. Ao sul de Bananal, ainda algumas serras, quase paralelas entre si e todas cobertas de densas matas, correm de oeste para o oceano. As primeiras dessas serras, de contornos mais arredondados e de feição agradável, entre as quais se rasgam alguns luminosos vales com lagoas e campinas luxuriantes, subimo-las, em dois dias de marcha. Nota-se por toda parte o mesmo gênero de montanhas, um granito de grão bastante grosseiro, com muita mica cinzenta e branco-prateada. Nos vales, estabeleceram-se diversos colonos, às margens de pequenos regatos, cujas roças de milho muito extensas apresentaram, nestas regiões solitárias, os primeiros vestígios de cultura. A terceira lombada, Morro Formoso, faz lembrar, pela forma mais audaz, de maciços maiores, mais espaçados e angulosos, a das montanhas em torno do Rio de Janeiro, e marca o limite entre a capitania do Rio de Janeiro e a de São Paulo. Ao longo do caminho, que com muitas curvas segue para o S.S.O. nas montanhas, aparece, em muitos pontos, granito com mica de folhelho grosseiro, muito ferruginoso, e nele inclinam-se pequenos veios de hematita em 2º grau do compasso dos mineiros, com ângulo muito forte de declinação; também aparecem, aqui e acolá, blocos de considerável tamanho de compacto limonito, e grandes maciços de quartzo branco rijo.

De Morro Formoso, que forma tanto a divisa das águas como das capitanias nesta ramificação oriental da serra do Mar, vai descendo o caminho por morros mais espaçados e alegres, nos quais o povoamento e as roças aumentam. Das canseiras que os caminhos estragados e os contínuos aguaceiros nos fizeram passar fomos compensados pela riqueza da natureza; especialmente parece que estas regiões são a pátria das mais belas borboletas, que aos milhares esvoaçavam, com as suas resplandecentes asas multicoloridas, por cima dos regatos iluminados de sol.



Plantação de chá de chineses perto da real fazenda de Sta. Cruz (Rugendas).

No terceiro dia, depois de havermos partido de Bananal, passados o rio e o povoado de Barreiro, alcançamos Santana das Areias, um lugarejo bastante extenso, que só há pouco foi, pelo rei, elevado a vila. O governo procura, em geral, reunir maior número de colonos, concedendo esse título e as prerrogativas decorrentes, obtendo com isso duplo lucro, porque pela proximidade tanto ganham os imigrantes em civilização e espírito patriótico, como ganha o Estado com a facilidade de administração, arrecadação de impostos, regularização da milícia e recrutamento. Em todo o país, que, por sua grande extensão, só possui escasso povoamento, é certamente de maior interesse do governo desenvolver de preferência certas regiões com aumento da população e das indústrias, elevando-as a um grau mais alto de estímulo na grande extensão do país, em vez de deixar

espalhar-se e permitir a cada um levar uma vida longe de toda proteção e observação da lei, sem a influência benéfica da sociedade, o que não fomentaria nem moral, nem patriotismo ou cultura. A tendência do governo português tem, nesse sentido, alguma semelhança com o sistema de colonização militar empregado na Rússia, se bem que este último, como instituição de guerra, tem intuítos completamente diferentes.

A vila de Areias nasceu nesta serra, no meio das matas fechadas, quando muito, há uns trinta e cinco anos, ao se estabelecerem alguns pobres colonos, e não pode ainda apresentar brilhante aspecto de riqueza. As casas baixas, construídas de ripas amarradas com varetas entrelaçadas e barreadas, e a pequena igreja do mesmo modo edificada, são de feição muito efêmera, de sorte que essas habitações parecem construídas para pouco tempo apenas, antes como refúgio de viajantes. A impressão de intimidade e solidez, calculada para grande durabilidade, das habitações europeias, falta aqui de todo, mas, na verdade, elas não são totalmente inadequadas ao clima, onde o morador, cuja residência não tem estabilidade, não precisa de teto duradouro. Semelhantes a este povoado, encontramos a grande maioria das vilas no interior do Brasil, sendo rara uma casa de família bem construída e confortável, o que muitas vezes despertou a viva saudade do encantador asseio e das comodidades da pátria. Na vizinhança de Areias acha-se ainda atualmente uma insignificante aldeia de índios, resto de numerosas tribos, que, antes de os paulistas se apossarem da serra do Mar, habitavam em toda a extensão da mata, nesta montanha; esses índios, agora em parte exterminados, ou misturados com negros e mulatos, vivem meio incultos, espalhados entre os colonos. Eles se destacam, ainda, pela indolência e a quase invencível obstinação de seus antepassados, mantendo poucas relações com os colonos, cujas roças e gado têm de sofrer às vezes as depredações desses maus vizinhos.

Os habitantes designam estes índios com o nome geral de *caboclos*, e distinguem-nos assim dos outros não civilizados e selvagens, *gentios*, *bugres*, *índios bravos*. É provável que estes restantes, que habitam ao longo da costa, pertençam a diversas tribos, cujos nomes em parte se perderam. Não sabendo os portugueses distingui-los uns dos outros, deram-lhes o nome geral de *coroados*, porque eles costumam raspar o topo da cabeça, só deixando uma coroa de cabelo, em volta das têmporas. Atualmente, a sede dos

coroados é nas margens do rio Pomba, um tributário do Paraíba, e como os índios costumam fazer as suas migrações sempre ao longo dos rios parece que eles originariamente se espalharam pelo litoral, vindos do interior. Restos da mesma nação são também os que moram, juntos, na aldeia de Valença, não distante do caminho do Rio para Vila Rica, entre o rio Paraíba e o rio Preto. Este lugar era ainda, há poucos anos, o único, na capitania do Rio de Janeiro, onde vivia considerável número de índios, quer batizados, quer pagãos. O sítio do estabelecimento favorecia a tendência desses homens primitivos a voltarem, de quando em quando, para a solidão da grande mata virgem, no Paraíba, e mais ao norte, para Minas Gerais de onde, entretanto, eles sempre se apresentaram de novo aos padres da missão. A imigração de uma colônia de suíços no Rio de Janeiro, que chegou logo depois de nossa partida da cidade, e a ordem do governo a esses índios de fazerem os cortes de mato para os recém-chegados, eis a razão, que se dá, por que grande parte destes últimos desapareceu, para sempre, da aldeia.

O capitão-mor em Areias, regozijando-se com a chegada de diversos estrangeiros da nacionalidade da sua princesa hereditária, e vindos de tão longe, ofereceu-nos à nossa passagem, com muita bondade, os seus serviços para melhorar o transporte da nossa carga, pois, com sua prática, logo reconheceu o mau estado de nossos cargueiros, que, pelo desleixo do desajeitado arrieiro, se tornavam quase imprestáveis. Mas, como este nos assegurou que não precisávamos recorrer a auxílio de estranhos, e as mulas, embora um tanto machucadas pelas cangalhas, se achassem apesar de tudo em condições perfeitamente boas, reencetamos logo a viagem. A estrada real segue sempre para o sul, por vários vales estreitos com vegetação cerrada, banhados por regatos que correm para o sul e se lançam no Paraíba. Compõe-se a montanha de um gnaisse em parte muito decomposto em cima do qual se acham depósitos de uma siderita, em camadas, que se inclinam no 3º até 4º graus do compasso dos mineiros. Do mais alto ponto avistamos, atrás de nós, três cadeias de montanhas paralelas, amontoadas em formidáveis degraus, umas atrás das outras; porém, à nossa frente, tínhamos uma única mais baixa, a serra do Paraíba. Ao pôr do sol, após a descida da alta montanha, alcançamos uns pobres casebres no fundo baixo do vale de Tacasava, à margem de um grosso ribeiro que se lança no Paraíba. Muitas tropas que levavam galinhas para o Rio já haviam ali acampado.

A desproporção entre as necessidades de uma grande cidade e a escassa produção dos arredores, em grande parte ainda não cultivados, torna indispensável o abastecimento de regiões muito remotas. Os industriais paulistas trazem por isso, numa distância de mais de cem léguas, a sua produção viva ao mercado do Rio onde a vendem com lucro. Desta vez tivemos que pagar, com uma noite sem descanso, a vizinhança desses viajantes emplumados. Nessa ocasião, observamos que o cacarejo que as galinhas descendentes das europeias soltam, um som simples, assobiante, ou áspero, afrouxado aos poucos em força e altura, é mais áspero e desagradável que o cacarejo das nossas. Essas galinhas são metidas em cestos feitos de timbó, de hastes e sarmentos flexíveis de diversas espécies de paulínias, e as tigelas são feitas de taquara (bambu).

Quando, no dia seguinte, quisemos partir de Tacasava, verificamos que o capitão-mor de Areias, com razão de sobra, havia julgado mau o estado de nossa tropa. Os cargueiros estavam machucados de modo bastante grave pelas albardas, que o arrieiro inábil não sabia adaptar, e, no momento, estavam imprestáveis para continuar em serviço, obrigando-nos a ficar no pouso. A inchação produzida nos animais pela desigualdade da albarda, ou o desequilíbrio do peso, é, às vezes, tão maligna que chega a gangrenar, e acarreta a morte; era preciso, portanto, tratar dos animais com o máximo de cuidado para não nos expor à perda de toda a tropa. O guia, entretanto, atribuía todo o mal ao nevoeiro intenso da noite, ao forte orvalho da manhã e, sobretudo, ao efeito agravante do luar sobre as feridas dos animais, pois esses são os principais elementos morbígenos na opinião da gente do povo; porém não quisemos confiar a cura, como ele aconselhava, aos raios do sol, e assim se passou o dia nas desagradáveis operações de veterinária, aplicando fogo, sarjando, lavando as feridas com um cozimento de fumo ou com urina, e sangrando, trabalho no qual arrieiros bondosos, aqui também pousados, nos auxiliaram com conselhos e práticas. De manhã, indicava o termômetro à sombra 15°, ao meio-dia 28° e no rio próximo 20°R. De tarde, vimos passar um imponente comboio. Era a tropa do bispo de Nova Córdova, que, expulso pelos abalos políticos das possessões espanholas, viajava sob escolta portuguesa, de Montevidéu para o Rio de Janeiro, e daí devia regressar à Europa. Ele já se achava desde quase quatro meses em caminho, para percorrer um estirão de onze graus. Por mar, teria podido, em menos tempo, alcançar a pátria europeia.



Pouso de uma tropa (Rugendas).

Somente à tarde do dia seguinte recebemos as novas mulas cargueiras, que nos mandou o amável capitão-mor de Areias. Resolvemos, então, a fim de recuperar o tempo perdido, continuar a viagem imediatamente, à luz do luar, do que em breve nos arrependemos. Ainda estávamos na povoação, quando uma das novas mulas alijou a carga no meio do córrego e disparou, o que deu motivo para nova e ainda mais desagradável demora. Com muito trabalho foram de novo reunidas todas as peças da carga das coleções botânicas, espalhada e nela empacotadas. Faltou, no fim, unicamente, um frasco com flores guardadas em álcool; este, porém, foi mais tarde encontrado pelo dono da venda e entregue ao nosso companheiro Sr. Ender, na viagem de regresso de São Paulo para o Rio e, por seu intermédio, chegou com felicidade a Munique. Men-

cionamos esta pequena circunstância com prazer, por ser também uma prova de boa sorte, que favoreceu todas as nossas coleções de história natural, pois, embora submetidas a inúmeros acasos e perigos, chegaram, contudo, sem exceção ao local do destino, felicidade de que se podem raramente gabar os viajantes. A viagem à noite tem um grande encanto nos trópicos, particularmente pela agradável frescura que reanima o viajante depois do calor esgotante do dia. Também a paisagem expõe novos e surpreendentes quadros que, pelo vago dos contornos, excitam a fantasia do europeu, de modo particular. Somente a viagem noturna não é conveniente para as mulas cargueiras, porque elas têm o costume de dormir de preferência de meia-noite até a manhã.

Nos últimos dias, havíamos descido cada vez mais dos estreitos vales silvestres e avistávamos agora, de quando em quando, ao luar, à direita defronte de nós e ao nosso lado, os píncaros de uma parte da serra da Mantiqueira, que saindo de Minas, seguem para o sul, por trás da serra do Mar. Os seus contornos azulados formavam um mágico fundo de cenário, no qual se alternavam matas e lugares abertos. As altas árvores do mato, entre as quais transitávamos, estavam envoltas em sombras negras, e frequentes vezes ali ressoavam estranhos sons de vozes noturnas, nunca antes percebidas; tudo se combinava para transportar-nos a um raro, tanto quanto singular, estado de alma. A condução da tropa, à noite, exige dupla atenção do tocadador, a fim de que nenhum dos cargueiros se esconda e fique atrás da mataria. Os nossos companheiros, alegres paulistas, não deixavam de trocar chamados animadores e cantigas. Gracejavam sobre a possibilidade de encontros com alguma cobra venenosa no caminho, até que o mais velho dentre eles, com cara importante, declarou que isso seria impossível, porque ele, com uma oração diária a São Tomé⁸, afastava todos esses bichos malignos. Realmente, o encontro com cobras venenosas, que saem durante a noite em busca de presa e preferem à mata os caminhos mais claros, constitui grande perigo para os que viajam de noite, sobretudo nestas regiões, onde a pequena jararaca (*Bothrops leucurus nob.*) é muito

8. O santo da Igreja Católica, na qual acredita o nosso povo como especial advogado contra as cobras, é São Bento. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

comum. Alguns dias antes havíamos encontrado, nas horas mais quentes do dia, quando descansávamos, uma destas cobras malignas numa árvore oca; com muita sorte, ela pôde ser apanhada e metida em álcool. Em Melada, lugarejo que constava de alguns pobres casebres, procuramos em vão um pouso para a noite, pois o homem do povo no Brasil só fica acordado até alta noite quando há diversões. Em Silveira, a duas léguas de Tacasava, achamos finalmente idêntico pouso para tropas: um pasto fechado para as mulas e um rancho espaçoso, onde penduramos as nossas redes.

Continuávamos ainda na montanha, embora já se espacejassem os cumes arredondados, aparecendo risonhas roças de milho, mandioca e cana, de maior extensão, que davam agradável impressão ao viajante, em vez das matas virgens tenebrosas, cuja uniformidade silenciosa, o angustia e oprime contra a vontade. Respirávamos, pois, com mais liberdade, quando no dia seguinte, sempre seguindo rumo S.S.O., afinal nos achamos na última altura desta cadeia de montanhas, pertencente à serra do Mar, e ostentou-se aos nossos olhos um profundo vale alegre. Na distância de cerca de duas léguas, este vale é formado ao oeste por uma parte da serra da Mantiqueira, que aqui em geral toma a direção S.O. para N.E. Daí, ela parece uma longa serra ininterrupta sem declives abruptos nem gargantas, porém, de agradáveis contornos pinturescos, com muitos outeiros de lombadas suaves, cobertas parte de mata serrada, parte com pastos. O próprio vale, no qual finalmente entramos, depois de termos passado as choupanas de Paiol e o Iripariba, rio que se lança no Paraíba, estende-se entre as últimas encostas da serra do Mar e da acima mencionada Mantiqueira, para o sul. O Paraíba corre nele, depois de sair dos estreitos vales da primeira cadeia de montanhas em direção norte, e toma em Jacareí direção justamente oposta à anterior. Suas margens são cobertas parte com matos, parte com campinas.

Ao meio-dia atravessamos um caminho que segue para Minas e, por isso, se chama Mineiro, e alcançamos, finalmente, a vila de Lorena, antes chamada Guaicaparé, sítio pobre, sem importância, constando de umas quarenta casas, apesar dos férteis arredores e do tráfego, entre São Paulo e Minas Gerais. A estrada de São Paulo para Minas passa, aqui, em dois pontos: Porto de Cachoeira e Porto do Meira, sobre o Paraíba, que corre meio quarto de hora a oeste da vila. O comércio principal de São Paulo para Minas consiste em mulas, cavalos, sal, carne-seca, ferragens e todos

os demais produtos de fabricação, que costumam ser despachados da costa para o interior. Contudo, atualmente, quem abastece quase Minas inteira são as praças do Rio e da Bahia; a importação de Santos é insignificante, ainda menores são as de Angra dos Reis e Parati, na província do Rio de Janeiro, que estão mais próximas da entrada de Minas. Minas despacha, sobretudo, tecidos de algodão grosseiro para a capitania de São Paulo.

No nosso prosseguimento pelo fértil vale ao sul de Lorena, que o sol poente iluminava feericamente, notamos surpreendente mudança na vegetação. Desaparecia a feição selvagem das matas e, pouco a pouco, ia ressaltando a natureza mais livre, suave, aberta, dos campos, quanto mais avançávamos. Em vez das altas e densas florestas de montanha, tínhamos agora, à nossa frente, planícies alternadas com outeiros de suaves declives, cobertas de alguns arbustos e extensas campinas. A forma esquisita de jarriinha (*Aristolochia ringens*) e de uma branca convólvula em forma de funil (*Ipomoea Krusensternii* Lebed), duas flores gigantescas, treparam aqui nas sebes, compostas de várias espécies magníficas das famílias de Melastomataceas, Mirtáceas e Euforbiáceas. Também a *Ambrosia artemisiaefolia*, uma planta das margens dos lagos de Virgínia e de Carolina, acha-se aqui e acolá, em moitas cerradas na margem do Paraíba. A planície, embora parcialmente muito pantanosa, pertence à região mais fértil de São Paulo. Em particular, prospera aqui excelentemente o fumo, e o seu cultivo é um dos principais trabalhos dos habitantes de Lorena e da vila de Guaratinguetá, distante duas léguas, onde pernoitamos. Como o calor úmido favorece especialmente a secreção da substância específica nas folhas do fumo, o que determina antes de mais nada a excelência do mesmo, pois goza de preferência o fumo cultivado ao longo da costa do mar e no vale mais quente do Paraíba e com o nome de “tabaco da marinha” é distinguido da qualidade inferior, o “tabaco de serra acima”. O mais apreciado no país, porém, é o da Ilha de São Sebastião, que é exportado também para fora da província como rapé. É muito simples o tratamento das folhas, que são colhidas diversas vezes no ano. Depois de secarem ao ar, são reunidas em grandes pacotes ou retorcidas em rolos, o que constitui um dos mais importantes artigos de permuta com os navios negreiros de Guiné, em troca de escravos.

Acha-se Guaratinguetá situada num extenso campo, não longe do Paraíba, fronteiro a alguns contrafortes da serra da Mantiqueira, sobre

risonha colina, cercada de bananeiras e laranjeiras. O nome indígena da vila dá boa prova do talento de observação dos primitivos habitantes; o comprido nome significa “lugar aonde o sol volta”. De fato, passa o Trópico de Capricórnio apenas um grau ao sul da vila, que, por seu aspecto simples e afável, e por alguns indícios de vida mais civilizada, agrada bastante. Desde a nossa partida do Rio, notamos aqui as primeiras vidraças, que no Brasil sempre significam abundância e, no interior, até mesmo luxo. Muito surpreende, por outro lado, ao viajante a falta de sistema e de ordem entre as profissões. Encontram-se aqui como por toda parte, no interior do Brasil, excetuando os lugares populosos, muito poucos ofícios organizados em grêmios. Por outro lado, tampouco se pode dizer que haja liberdade de profissões, pois ainda não existem em grande parte os próprios ofícios. Somente fazendeiros ricos podem empregar operários de modo lucrativo e os pobres se contentam em suprir as necessidades desse gênero com a própria habilidade. Os primeiros costumam reunir em geral entre os seus escravos todos os artesãos necessários ao governo de uma casa. Como inevitável consequência, dificulta-se a fiscalização policial e administrativa das profissões. Não era de estranhar, pois, que mesmo numa vila de alguns milhares de habitantes, tivéssemos que nos contentar, na frugal refeição, com um tatu (*Dasypus septemcinctus*) que havíamos matado no caminho. A carne deste animal tem sabor agradável, semelhante à carne de galinha, porém mais gordurosa.

Da vila segue o caminho a sudoeste, sempre no vale do Paraíba. Tem-se à esquerda uma série de colinas, bem plantadas com feijão, milho, mandioca e fumo. À direita, alarga-se o vasto vale até à serra da Mantiqueira, e apresenta aspecto desolado, deserto, quase sem vestígio de cultura, coberto de densa vegetação baixa de murta, goiabeiras, etc. Só a esperança de que milhares de felizardos venham a habitar um dia estas ricas paragens, reanima o viajante. Após uma milha de marcha, chegamos ao sítio de romarias, Nossa Senhora Aparecida, capela situada num outeiro, cercada de algumas casas. Para o capitão-mor de Guaratinguetá, que aqui reside, havíamos trazido cartas do Rio. Ele acolheu-nos com mostras de grande prazer, e favorecendo-nos com tudo de que dispunha em sua casa. A cordialidade do acolhimento a desconhecidos, o zelo solícito com que todos da casa acodem a servir, causam agradável impressão no ânimo do viajante

européu. Habitados no estrangeiro a tudo comprar, que não é oferecido de graça, julgávamos aqui estar transportados à patriarcal hospedagem oriental de outros tempos, quando o nome do hóspede impunha por assim dizer direitos a tal recepção, e o incômodo ocasionado à tranquilidade da família era mais que desculpado. Primeiro que tudo, fizeram-nos visitar a capela. Ela data de setenta anos atrás, época já remota para este país; é só parcialmente construída de pedra e guarnecida com dourados, más pinturas a fresco e algumas a óleo. A milagrosa imagem de Nossa Senhora atrai muitos peregrinos de toda a província e de Minas Gerais. Dessas romarias encontramos diversas, quando, na véspera de Natal, seguimos viagem.

Aqui, o modo de viajar tanto para mulheres como para homens, é sempre montados a cavalos, ou em mula; frequentemente também o homem leva mulher atrás, montada na garupa do animal. O traje desses roceiros é inteiramente adequado às condições do local: chapéu de feltro cor de cinza com abas muito largas, que serve igualmente para proteger contra o sol e contra a chuva; um poncho azul comprido, muito vasto, tendo no meio uma abertura por onde passa a cabeça; calças e paletó de tecido escuro de algodão; botas altas, não engraxadas, seguras embaixo do joelho por uma correia e fivela; facão comprido, com cabo prateado, que, como arma defensiva, mete-se no cinturão ou no cano da bota, é também de muita serventia à mesa como para outros misteres. As mulheres usam vestidos de pano, largos e compridos, e chapéus redondos desabados.

Todos os que passaram por nós, montados em mulas, mostravam-se excelentes cavaleiros, sobretudo pela pressa com que procuravam fugir às trovoadas, que ameaçavam de todos os lados. A nossa tropa vagarosa, porém, teve que aguentar três violentos aguaceiros, e chegou precisamente quando escurecia a um miserável rancho com uma venda, denominada “As Taipas”, onde apenas achamos espaço para descarregar a nossa bagagem encharcada. Choveu a cântaros a noite inteira, e as rãs do brejo ali perto, no seu elemento, reuniram-se, coaxando em coro monótono, sombrio. Embora o ambiente não fosse nada animador, todavia, o sentimento de proteção confortável diante dos elementos desencadeados produziu em nós boa e alegre disposição. Conversando sobre agradáveis recordações, comparando o que sofriamos no Brasil, nesta noite de Na-

tal, com os gozos que essa data costuma proporcionar na culta Europa, a nossa alegre disposição fez-nos achar em tudo ainda um lado bom.

Entre Nossa Senhora Aparecida e “As Taipas” acham-se grandes blocos de um granito avermelhado de grão fino, semelhante ao da serra do Mar. São muito arredondados e fazem-nos lembrar dos blocos de rochedo que se encontram espalhados muito longe do mar, ao norte da Alemanha, no vale do Pó, na Itália, entre o alto maciço dos Alpes e o Jura, na Suíça, etc. É possível que antigamente uma grande parte do vale, por onde hoje corre o Paraíba, estivesse ligada ao mar, e estas rochas tomassem a forma e situação atuais graças a invasões e correntezas formidáveis. Ademais, verificam-se no vale do Paraíba diversos vestígios de ter esse rio mudado muitas vezes de leito.

No dia de Natal, seguimos viagem na direção S.S.O., para Pindamonhangaba, cinco léguas distante de Guaratinguetá. Os três regatos, Parapitinga, Água Preta e Ribeirão da Vila, estavam, com a enchente, tão perigosos, que só com risco para as nossas coleções os transpusemos. A chuva caía a cântaros, sem interrupção, e todo o vale estava quase sempre imerso em densa neblina. Não tivemos, portanto, oportunidade nem gosto para examinar detidamente a região, abundante em selvas e aguadas. Viajar nos países tropicais durante a época das chuvas, além de muitos outros dissabores e perigos, tem também o duplo inconveniente de destruição não só de dificultar muito para o viajante a observação dos arredores, como também o resguardo da destruição dos livros, instrumentos e coleções.

Consta Pindamonhangaba de algumas filas de casebres baixos, espalhados num morro, e apresenta pouca prosperidade. O capitão-mor da localidade recebeu-nos, todos encharcados, muito amavelmente, como hóspedes seus, e convidou-nos para vermos depois a igreja que, apenas meio acabada, está cheia de decorações de madeira sem gosto. Encontramo-la festivamente iluminada e com um presepe, onde o Menino Jesus estava reclinado. Achar esse símbolo religioso também aqui tinha algo de comovente para nós, pois enterneceu-nos a ideia de que também nestas regiões desertas e de beleza selvagem a doutrina do Salvador está estabelecida e o espírito cristão aqui se desenvolverá sempre mais puro.

Desde que havíamos descido das montanhas para o vale do Paraíba a feição da paisagem tinha mudado cada vez mais de aspecto, e os

seus característicos diferentes se destacavam mais nítidos e salientes, à medida que nos afastávamos das sombrias matas virgens da serra do Mar. A estrada levava-nos, de agora em diante, pelo vasto vale do Paraíba, sobre colinas baixas, a princípio cobertas de toda sorte de moitas e árvores isoladas, entretanto, além, estavam mais abertas e livres, apenas revestidas de capim e ervas rasteiras, ou de compridas filas de abacaxis. Manadas de gado ou de mulas pastavam nessas aprazíveis regiões. O brasileiro distingue as duas feições principais de vegetação, floresta e campina, com o nome de *mato* e *campo*, mas a variada diversidade deste último, que caracteriza mais ou menos a feição local da paisagem, tem muitos outros nomes. A maior parte do vale do Paraíba está coberta de prados verdadeiros que vêm descendo das alturas e raras vezes são interrompidos por mato baixo. Embora esses campos não ofereçam à vista o adorável verde-claro de nossos prados do Norte, contudo maravilham o observador pela abundância variada e novidade de formas da sua vegetação. Sobre o solo de barro duro, em geral vermelho, misturado com muitos fragmentos de quartzo, estão touceiras isoladas de capim verde-acinzentado, peludo, ora mais juntas, ora mais distantes umas das outras; por entre elas eleva-se um mundo de lindas Herbáceas, Rubiáceas, Malpigiáceas, Apocíneas e Compostas⁹, da maior variedade, tanto em colorido como em elegante forma das flores. Onde entre estes pequenos filhos de Flora, o solo favorece vegetação maior, vicejam árvores¹⁰ isoladas, de casca espessa, espaçadas, raras vezes de mais de

9. *Declieuxia satureoides*, *spergulaefolia*, *myricoides*, *oenanthoides*, *cordigera*, *mollis* nob., *Hamelia*, *Rhexia* e *Melastomae herbaceae* e *Banisteria* sp. plur., *Gaudichaudia tuberosa*, *triphylla*, *marginata*, *Croton fulvum*, *antisiphiliticum* nob., *Wedelia longifolia*, *sessilifolia*, *cordifolia*, *Lippia bracteosa*, *Calystegia campestris*, *Bignonia micrantha*, *Cnemos-tachys myrtilloides*, *herbaceae* (*Tragia corniculata* Vahl), *Echites campestris*, *velutina*, *Oxypetalum flavum erectum*. *Baillera graveolens*. *Vernonia grandiflora*, *rosmarinifolia* nob. *Kleinia Porophyllum* W., *Molina sessiliflora* Vahl. *Bidens asperula*. *Eryngium Lingua Tucani*. *Celastrus cymosus*. *Hedera ternata*. *Hydrophylax valerianoides*. *Sauvagesia ovata*, *Clitoria angustifolia*. *Mimosa hirsutissima*. *Sweetia nitida* nob.

10. As árvores mais importantes destes campos são: *Laplacea parviflora* nob. (pão-de-são-josé), espécies de *Clusia*, *Havettia*, *Panax*, *Melastoma*, *Rhexia*, *Myrtus*, *Psidium*, *Schinus*, *Annona*, *Gomphia*, *Malpighia*, *Spixia* (Leandri), *Ternstroemia*, *Marcgrafia*, *Rapanea*, *Vochisia*, *Qualea*, *Salvertia*, *Solanum*, *Byrsonima dasyantha macrophylla* H., *Erythroxylon havanense* Jacq., *Clethra tinifolia* Sw. etc.

quinze a vinte pés de altura, com galhos muito espalhados e fortemente sinuosos, de folhagem seca, verde-acinzentada, sem brilho, formando um matagal baixo, ralo, no qual facilmente se distinguem os contornos de cada pé. Esta forma de mato chama-se, no Brasil, *tabuleiro*, e, quando as árvores crescem juntas, que os galhos de uma tocam nos da outra, *tabuleiro coberto*. Além das árvores destacadas, crescem murtas de rica florescência, trepam banistérias, eritróxilos de folhagem compacta e várias espécies de saborosas guarirobas (*Psidium*), aqui e ali, em entrelaçados carrascais fechados, nos quais raramente surge algum cacto grotesco. Esta planta, de feição tão característica da América, é aqui muito menos comum do que nos ardentes sertões de Pernambuco, Ceará e Caracas. Quase tudo o que aqui vimos do reino de Flora era para nós novidade, e a nossa atenção estava sempre alerta para estas lindas formas dos campos, que se destacam, em vivo contraste, do arvoredo maciço e succulento da mata virgem e mais se assemelham aos delicados filhos das campinas alpestres.

Taubaté, que alcançamos à noite, está situada sobre um outeiro chato, três milhas a sudeste de Pindamonhangaba. Avista-se do seu alto uma grande parte dos campos, por onde estão dispersos pequenos capões e moitas. O convento franciscano, à esquerda do caminho, circundado de algumas filas de majestosas palmeiras, produz muito agradável impressão, e deixa presumir um lugar importante. Sem dúvida, Taubaté, que consta de uma rua principal com casebres cerrados de ambos os lados e algumas ruas laterais, é uma das mais importantes vilas de toda a província. Rivaliza em idade com a capital da província. Na época em que a cobiça do ouro incitava grande número de paulistas a se aventurarem em bandeiras perigosas a Minas e Goiás, distinguiam-se os habitantes de Taubaté¹¹. Aqui se estabeleceu também, por esse motivo, uma fundição real de ouro. Os taubateanos, com isso, puseram-se em zelosa rivalidade e irreconciliável hostilidade com os vizinhos piratininganos, de sorte que sempre, onde quer que se encontrassem ambas as tropas, logo se empenhavam em sangrentas brigas. Essa inimizade parece que persiste ainda hoje em segredo, embora

11. Um dos que primeiro descobriram ouro em Minas Gerais (1693), Antônio Rodrigues, era de Taubaté.

os taubateanos tenham abandonado de todo a extração do ouro fora da província e exerçam na sua terra, pobre de ouro, somente a agricultura e criação de gado. As mulheres tecem, com uma grande aristida-brava e outras gramíneas da vizinhança, esteiras que mandam vender no Rio.

Descansamos um dia em Taubaté, para deixar enxugar a nossa bagagem encharcada. A casa, que um morador da vila compartilhou conosco, era, aliás, pouco própria para nos fornecer teto conveniente. As casas em geral são raramente de mais de um pavimento, as paredes são quase que geralmente de vigas fracas ou ripas amarradas com cipós, barreadas e caiadas com tabatinga, que se encontra aqui e acolá, à margem dos rios; o telhado consiste em telhas côncavas ou tábuas finas de madeira, raras vezes de palha de milho descuidadamente colocada, e nas paredes abrem-se uma ou duas janelas de rótula. O interior corresponde à efêmera construção e ao material pobre. A porta de entrada, em geral meio ou inteiramente de rótula, dá logo na peça principal da casa que, sem soalho e sem paredes caiadas, mais parece um paiol. Este compartimento serve de sala de estar e de visitas. A despensa e algum quarto contíguo para hóspedes ocupam o resto da frente da casa. Na parte dos fundos estão os quartos da mulher e do resto da família, que aqui, segundo o costume português, logo deve retirar-se para esses cômodos, quando chegam pessoas estranhas. Dessas peças passa-se à varanda coberta, que em geral, ocupa quase toda a extensão e dá para o quintal. Às vezes, também existe uma varanda idêntica na frente da casa. A cozinha, e o rancho dos empregados, em geral um pobre telheiro, acham-se no fundo do quintal, atrás da casa.

O mobiliário dessas casas limita-se igualmente ao estritamente necessário; amiúde, consiste, apenas, em alguns bancos e cadeiras de pau, uma mesa, uma grande arca, uma cama com tabuado assentado sobre quatro paus (jiraus), coberta com esteira ou pele de boi. Em vez de leitos, servem-se os brasileiros, quase por toda parte, de redes tecidas ou entrelaçadas (maqueiras), que, nas províncias de São Paulo e Minas, são mais fortes e caprichosamente feitas com fio de algodão branco e de cor. Tampouco encontra o viajante em parte alguma poços, e tem que servir-se para todos os fins de águas pluviais, ou água de fonte ou de rio. Os habitantes de Taubaté mostram, de resto, mais abastança e educação do que os das pequenas vilas por onde havíamos passado antes, isto certamente graças às relações comerciais intensas com o Rio de Janeiro e São Paulo. Cultiva-se

aqui também alguma videira cujos bagos, justamente maduros agora, são de sabor agradável.

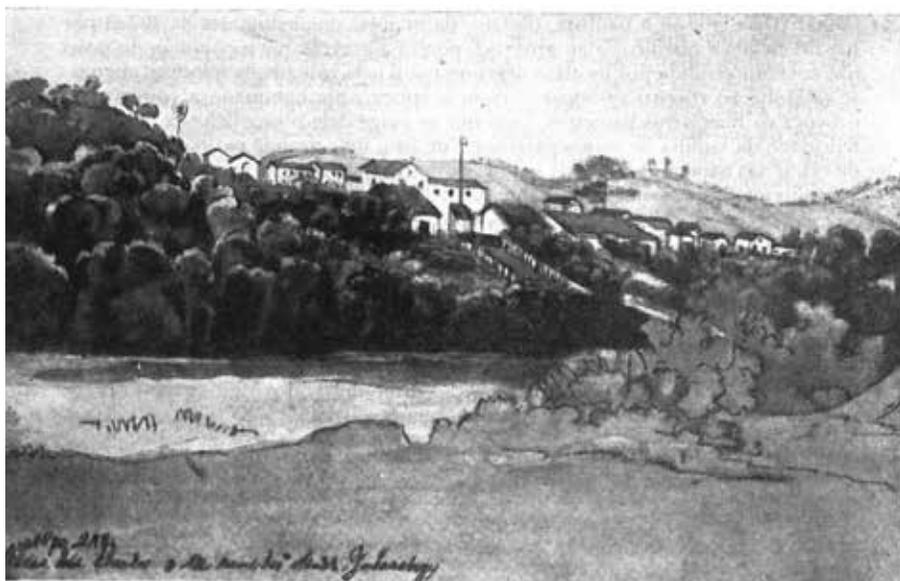
Ao sul de Taubaté, a estrada do vale do Paraíba vai subindo sobre colinas úmidas, cobertas de matas, com belos fetos arbóreos, aróideas e melastomáceas, hidrófilas. A baixada tem igual riqueza das mais belas plantas e de insetos; entre outros, achamos aqui o *Cerambyx longimanus*; entre as aves um novo *Tyrannus* pardo, de comprida cauda, e o *Cuculus guira*. Após dois dias de viagem por campinas verdes, alternadas com mato baixo, nas quais passamos por Vendas de Campo Grande, Saída do Campo, Paranangaba e pela pequena vila de São José¹², chegando à vila de Jacareí (rio dos Jacarés, na língua geral), onde resolvemos descansar um pouco. Aqui encontramos de novo o Paraíba, que faz uma grande curva, e, em vez de continuar na direção primitiva para o sul, volta-se para o norte. As pessoas transpuseram o rio, em canoa, porém os animais, a nado; a fim de que estes tomassem a devida direção, foi um deles conduzido amarrado na canoa, e outros o acompanharam, estimulados pelos gritos dos barqueiros, durante toda a travessia. O Paraíba, por causa da enchente, com correnteza impetuosa, produzida no momento pelas chuvas contínuas, estava com 170 pés de largura. A navegação deste rio, por enquanto, não tem ainda importância alguma, sem dúvida, por causa das diversas cachoeiras consideráveis no trecho inferior, ou talvez porque o comércio nos seus arredores é ainda insignificante, e os habitantes ribeirinhos, por falta de pontes, não podem com facilidade transportar seus produtos. A navegação mais animada é feita entre Aldeia da Escada e Pindamonhangaba.

Entre os habitantes dessa região observa-se uma inchação endêmica da glândula tireoide em tão alto grau, como nunca talvez aconteça na Europa. Às vezes, todo o pescoço fica tomado da inchação, o que dá a essa gente, na maioria de cor, que sem isso já não tem fisionomia agradável, uma horrível aparência. Parece, entretanto, que no país se considera o bócio mais embelezamento do que deformação, pois não é raro verem-se mulheres com o monstruoso bócio enfeitado de correntes de ouro e prata a se exibirem, de cachimbo na boca ou com um fuso na mão, para fiar algodão, sentadas diante de suas casas.

12. Hoje a cidade de São José dos Campos. (Nota da Ed. Melh.)



Taubaté; Convento de São Francisco (Ender).



Aldeia da Escada, pequena vila sita a três milhas ao sul de Jacaré (Ender).

Negros, mulatos e mamelucos, que aqui formam a maior parte da população, sofrem particularmente desse mal; entre os brancos, as mulheres são mais sujeitas do que os homens. As causas dessa deformação parecem ser aqui as mesmas que em outros países, isto é, a doença não dá nas altas regiões mais frias e ventiladas, porém, no vale profundo do Paraíba, quase sempre coberto de nevoeiro denso. A direção de ambas as serras do sul para o norte não permite bastante saída das exalações; as mesmas neblinas, que se formam durante o dia acima do rio e dos brejos vizinhos, em parte cobertos de matas, caem novamente à noite, no vale. Ao lado disso, o calor é intenso, e a água do rio muitas vezes turva, impura e morna, tem de substituir a água límpida de fonte; também são pouco asseadas as casas úmidas e expostas aos ventos. A alimentação, feita com fubá grosseiro, que aqui é mais comum do que a farinha de mandioca, de fato mais nutritiva, por outro lado mais indigesta, e o emprego de muito toicinho, talvez concorram para o desenvolvimento da doença; finalmente, devem ser considerados os excessos sexuais, assim como no Rio de Janeiro, a causa conjunta da sarcocele e da hidrocele, e igualmente a do bócio, embora não se veja aqui o triste espetáculo do cretinismo, que na Europa anda de par com o bócio endêmico, nota-se, entretanto, no aspecto das pessoas atacadas pela doença em alto grau, não só moleza e falta de energia, características do cretino, mas também verdadeira estupidez. Tratam a doença, a princípio com cataplasmas quentes de abóbora, e internamente com água exposta durante alguns dias sobre massa socada de casas de cupins. O material dessas casas de cupins, da altura de 5 a 6 pés, para cuja construção o inseto se serve de uma substância viscosa própria para cimento, parece ter virtude curativa contra o bócio. Talvez também o ácido fórmico produza influência benéfica sobre o sistema nervoso relaxado do doente, assim como também sobre o sistema linfático enfraquecido. Os negros empregam frequentemente com vantagem, aqui, como na África, substâncias viscosas, como lá, por exemplo, a goma-arábica, na cura do bócio, parecendo esse fato indicar que se trata de anomalia da nutrição.

No caminho além de Jacareí, encontramos-nos com vários fugitivos espanhóis do séquito do bispo de Córdova. Estas vítimas de partidos políticos em Buenos Aires e no Paraguai foram acolhidas pelos paulistas com sincera simpatia e, durante a longa viagem, tratados com humanida-

de. Com a remessa de tropas de São Paulo para a ilha de Santa Catarina e daí para Montevideú, tomaram os paulistas interesse nos acontecimentos políticos do Sul, e julgavam que, pelo acolhimento hospitaleiro dado aos fugitivos, mereciam igual tratamento os seus patrícios do Sul.

A expedição portuguesa a Montevideú havia custado grandes sacrifícios a São Paulo, pois não foram somente remetidas tropas regulares do exército, mas também um regimento de milícias, o que ocasionou sensível falta na classe dos trabalhadores e consequências funestas para muitas famílias¹³. Como uma grande parte daqueles milicianos pereceu em Santa Catarina, porém ainda mais em terra firme na guarnição de Montevideú, uns na guerra, outros de saudade, de disenteria, e ainda outras enfermidades, em consequência das canseiras extraordinárias, nota-se geral descontentamento na capitania inteira por esse empreendimento militar. Distingue-se o paulista, de fato, da maioria dos habitantes do Brasil por sua fidelidade e obediência ao governo, porém a guerra, que na opinião do povo não foi empreendida por motivos urgentes e sim pela vontade da minoria, afigura-se estranha ao roceiro sossegado, naquela época nada habituado a combater, e provoca os mais vivos protestos, logo que se exige dele o sacrifício da vida, e da felicidade da família de vários parentes. Por isso, uma grande parte de milicianos desertou das bandeiras, antes de se pôr em marcha, e refugiou-se às vezes com toda a família nas remotas matas da capitania de São Paulo, ou de Minas Gerais, onde se estabeleceram, e de onde, embora reclamados, em vista das prerrogativas de cada capitania, não foram entregues.

Na Aldeia da Escada, pequena aldeia três milhas ao sul de Jacaré, situada não distante de um velho hospício de carmelitas, antigamente populoso, hoje deserto, no sopé de um monte de gnaiss e à margem do Paraíba, tivemos o prazer de encontrar um padre da roça muito sensato, que dirige a missão de índios da vizinhança. Referiu-nos ele que o seu raio de ação diminui dia a dia, em consequência da ordem régia, que aboliu

13. Informaram-nos que, para a Guerra de Montevideú, seguiram ao todo uns 12.000 homens, dos quais 4.000 eram paulistas. Da referida luta, cuja necessidade, sustentada pelo conde da Barca, foi muito censurada, tirou-se, entretanto, vantagem passageira para o Brasil, pois ela fez do rio da Prata um limite natural.

toda a catequização dos índios e lhes concede direitos absolutamente iguais aos outros habitantes livres.

Esse decreto é de efeito desastroso por toda parte onde existem índios sob a vigilância ou tutela dos portugueses, pois eles se retiram, cada vez em maior número, para o interior das matas. Atualmente conta a missão apenas sessenta paroquianos; os demais já se haviam dispersado quase todos pela província. Não são restos de uma só nação, porém mistura de diversas que existiam nesta região, antes da conquista pelos portugueses. O seu semblante nada tem de agradável. O traço geral da raça, melancolia e reserva taciturna, que se traduz, sobretudo pelo olhar soturno e pelos modos acanhados dos indígenas americanos, ainda mais se acentua aos primeiros passos, quando começam a refletir sob o constrangimento da civilização, que lhes é ainda totalmente estranha, e ao contato com negros, mestiços e portugueses, chegando até ao ponto trágico de descontentamento surdo e degeneração. O modo como os tratam muitos dos atuais fazendeiros também contribui para tal decadência moral e física. Nem características nacionais ou deformações físicas espontâneas (tatuagens), nem hábitos e costumes peculiares destes pobres restos dos primitivos habitantes revelam a que tribo eles pertenciam outrora.

Também a língua que falam os índios desta missão não parece singela, mas uma mistura de diversos idiomas; assimilaram, muitas também, como parece, palavras da língua guarani. Segundo os historiadores, é provável que aqui tivesse vivido, tanto como na planície de Piratininga ou São Paulo, a tribo dos goianás. Parece que estes se distinguiam de seus vizinhos, os tamoios e carijós, pelo costume de morar em covas debaixo da terra e não trucidar os inimigos vencidos, tratando-os, porém, como escravos; e, tal como os parentes da mesma tribo, os goitacás, que moram mais ao norte, formavam os goianás um raça bela, robusta, guerreira e dócil. Se esses índios moradores na Aldeia da Escada, nas vizinhas matas da Mantiqueira e da serra do Mar, fossem restos daqueles goianás, então esta lenta decadência do corpo e do semblante, do que havia sido a raça primitiva, chegando até à deformidade e fealdade que em geral apresentam atualmente, em consequência dos poucos séculos de convívio com os brancos, representa fenômeno muito curioso. Custa a crer que essa nação vigorosa e guerreira pudesse ter sofrido, no curto espaço de tempo,

tão grande redução em número e haver degenerado a tal degradação e insignificância, que a torna objeto mais de compaixão do que de interesse histórico. Mais provável é serem estes índios restos da nação mais fraca e menos numerosa, inimiga dos goianás, os carijós ou guarus, dos quais ainda subsistem espalhados outros restos, sob o nome de sacurus, na serra dos Órgãos. Talvez se tenham misturado com aqueles carijós, também alguns descendentes dos tamoios, canibais rudes e guerreiros, que os portugueses primeiro estabelecidos na região do Rio de Janeiro desprezaram com as mais terríveis cores, e contra os quais o dr. Antônio Salema fez, no ano de 1572, a última guerra de extermínio. Os povos do continente americano empreenderam, na época primitiva de sua história, migrações semelhantes às que fizeram os habitantes da Ásia Central para a Europa. Que a direção tomada em geral por essas migrações foi do norte para o sul, isto parece fora de dúvida, segundo as investigações de um célebre viajante. Além das grandes e gerais transmigrações de povos, também houve ainda outras parciais para diversas direções; a chegada dos europeus às costas do Brasil enxotou provavelmente algumas das mais poderosas tribos para o interior do país, de sorte que somente ficaram nos seus antigos pousos as tribos mais fracas, que se julgavam mais em segurança com a sua submissão e junção aos portugueses. A mais poderosa de todas as nações, os tupinambás, que os europeus encontraram na costa, prova essa opinião, em virtude de suas extensas migrações e sucessivas retiradas das costas da Bahia e Pernambuco para Maranhão, Pará e ao longo do Amazonas, rio acima, até à foz do rio Madeira, onde vemos desaparecer os últimos vestígios, que as suas guerras incessantes ainda deixaram na Vila de Tupinambarana (hoje Vila Nova).

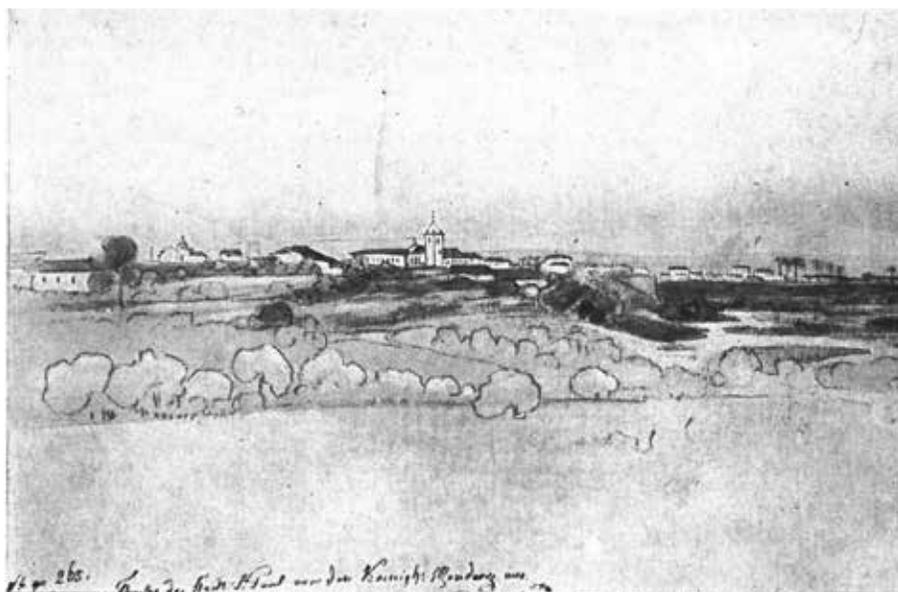
Pernoitamos em Tarumã, em rancho solitário situado numa planície cercada de matas, pois não podíamos mais alcançar a vila de Mogi das Cruzes. Nesta região notamos diversas famílias dos chamados *cafuzos*, que são bastardos de negros e índios. O seu aspecto é dos mais estranhos que um europeu possa encontrar. São homens de estatura esbelta, larga, e de forte musculatura; os músculos do peito, e sobretudo do braço, são muito desenvolvidos; ao contrário, têm os pés relativamente finos. Os traços da fisionomia fazem em geral lembrar mais a raça etiópica do que a americana. A cor da pele é de cobre escuro ou

pardo café. O rosto é oval, as maçãs são muito salientes, porém menos largas e separadas do que nos índios; o nariz é largo e chato, sem ser virado para cima nem muito recurvado, a boca larga tem lábios grossos, iguais, e, assim como o queixo, pouco salientes. Os olhos negros são de olhar mais franco do que nos índios, entretanto um pouco oblíquos, embora não tão fortemente juntos como nestes; por outro lado, não são tão virados para fora como nos etíopes. O que, porém, dá a esses *cafuzos* aspecto todo singular é a cabeleira extremamente comprida, e que se encrespa algo perto das pontas; no meio da testa, eleva-se até pé e meio de altura, quase a prumo, formando um monstruoso, horrendo topete. Essa forma extraordinária de cabeleira, que à primeira vista parece mais artificial do que natural e quase faz lembrar o coque polonês, não é doença, porém consequência exclusiva do cruzamento das raças, figurando meio-termo entre o cabelo lanoso dos negros e o cabelo comprido e escorrido dos índios americanos. É, às vezes, tamanha a cabeleira natural, que os portadores precisam abaixar-se profundamente para entrar e sair da porta da cabana, e também essa cabeleira é tão emaranhada, que nem se poderia pensar em desembaraçá-la com um pente. Com tal trunfa, parecem-se esses *cafuzos* com os Papuas da Nova Guiné.

Os morros baixos em Aldeia da Escada são as últimas ramificações da serra do Mar. Uma pequena série de outeiros sem importância liga aqui as primeiras montanhas desta serra com a da Mantiqueira. A vegetação é rica e extremamente pujante; reúne as formas das selvas da serra às mais delicadas dos campos e dos brejos. Grandes plumérias, echites e outras apocináceas de rica floração, brilhantes hamélias e réxias de tronco alto, cobertas de magníficas flores roxas, fazem desta região um reino de fadas. Em animais, sobretudo insetos, pareceram-nos, contudo, pobres estes campos, na ocasião de nossa viagem. A montanha consiste em gnaiss e às vezes com muita turmalina negra. Antes de chegar a Mogi das Cruzes, pequena vila distante duas milhas de Tarumã, aparece em diversos lugares um grés avermelhado, que alterna com jazidas de argila. Vai-se pouco a pouco efetuando considerável descida, e encontramos no vale profundo o rio Tietê, cujas águas pardo-escuras têm aqui correnteza mais lenta do que mais além a noroeste, onde até sua confluência com o rio Paraná, forma muitas cachoeiras.



Colina de Nossa Senhora da Penha (Ender).



Cidade de São Paulo, vista do Brás; no centro, o mosteiro de São Bento (Ender)

Em Mogi fomos acolhidos com muita cordialidade pela família do capitão. Essa boa gente fazia dos alemães a mesma ideia que antigamente os gregos faziam do hiperbóreo. Interessava-os não somente a distância de nossa pátria remota, porém igualmente o nosso aspecto. A parte feminina da família, com a ingenuidade e graça das paulistas, revistou o nosso fato, exaltando a cor branca da nossa pele, aqui tão apreciada. Poucos dias antes, tinha morrido um empregado da casa, mordido por uma jararaca. Uma garrafinha de Água de Luce, que deixamos na hospitaleira casa, como meio contra semelhantes acidentes, mereceu-nos as bênçãos de toda a família. Os arredores de Mogi, na verdade, já têm alguma lavoura, mas parece ali, sobretudo sensível, atualmente, a falta de braços, causada em parte pela partida das milícias para o Sul.

No último dia do ano, quando deixamos atrás de nós uma mata, um campo deserto, em grande parte pantanoso, e uma bonita fazendola, chamada *Casa Pintada*, distante três léguas e meia da capital, patenteou-se às nossas vistas, da colina de Nossa Senhora da Penha, a cidade de São Paulo, que se eleva num outeiro, e que na planície abaixo tem, num e noutra ponto, moitas de arvoredo ou capões. Diversos edificios altos dão-lhe deste lado muito imponente aspecto, distinguindo-se, sobretudo o antigo colégio dos jesuítas, hoje residência do governador, o convento dos carmelitas e o palácio episcopal. Quando chegamos à cidade, encontramos, graças às atenções de um patrício nosso, uma casa à nossa espera e provida de tudo quanto permitiam as circunstâncias. O Sr. Daniel Pedro Müller, tenente-coronel do Real Corpo de Engenheiros, cujo pai fora a princípio pastor da colônia alemã protestante, depois secretário da Academia das Ciências de Lisboa; embora desde a infância educado em Portugal, conservou, entretanto, a mais viva simpatia pelos seus primitivos compatriotas, e acolheu-nos com franqueza e cordialidade alemãs, que logo despertaram a nossa mais sincera estima e gratidão, sentimentos que temos o prazer de publicamente manifestar aqui.

LIVRO TERCEIRO

.....

Capítulo I

NA CIDADE DE SÃO PAULO

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, na ocasião da nossa chegada, era governada por um triunvirato, porque o conde de Palma¹, que justamente tinha assumido o governo da Bahia, ainda não tinha sido substituído, ao tempo, pelo barão de Oeynhausen, antigo governador de Mato Grosso, filho de um alemão².

Segundo antiga prática, em semelhante caso, regem a capitania as mais altas autoridades, eclesiástica, militar e civil. Nesse conselho presidia o bispo D. Mateus³ digno ancião de oitenta anos, natural da ilha da Madeira e que estudou em França. Assistiam-no o brigadeiro de Santos e o

-
1. D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde de Palma, foi governador e capitão-general de São Paulo de 1814 a 1817. (Nota Ed. Melh.)
 2. João Carlos Augusto Ulrico de Oeynhausen-Gravenburg, que já havia sido capitão-general do Ceará (1803-1807) e de Mato Grosso (1807-1818), governou São Paulo de 25 de abril de 1819 a 3 de junho de 1821, data em que passou a ser o presidente eleito da Junta Provisória, permanecendo em tal posto até 24 de agosto de 1822. Por seus serviços ao Brasil, prestados até 1831, foi visconde e marquês de Aracati. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)
 3. D. Mateus de Abreu Pereira, bispo de São Paulo a partir de 1797, onde faleceu em maio de 1824. (Nota Ed. Melh.)

ouvidor de São Paulo. Fomos recebidos com muita cortesia por estas autoridades, e tivemos ao mesmo tempo o prazer de encontrar os nossos patrícios, o Sr. príncipe de Taxis, conde de Wrbna e conde Palfy, que já se achavam aqui desde oito dias. Estes senhores, sem motivo para se demorar no caminho do Rio para aqui, tinham feito a viagem em tempo mais curto e, na ocasião de nossa chegada, já se preparavam para regressar. Tivemos, portanto, só por pouco tempo o prazer de sua companhia, vindos eles também ao interior do país pela nobre curiosidade de conhecer as maravilhas da mais velha cidade do Brasil. Sua despedida nos foi tanto mais sensível, porque também o nosso amigo pintor Th. Ender, com quem tínhamos convivido no Rio, regressava à capital em companhia dos outros.

Acha-se a cidade de São Paulo situada numa elevação na extensa planície de Piratininga. A arquitetura de suas casas amiúde com sacadas de gradil, que ainda não desapareceram aqui, como no Rio, indica mais de um século de existência; contudo, as ruas são muito largas, claras e asseadas, e as casas têm, na maioria, dois pavimentos. Aqui raramente se constrói com tijolo, ainda menos com cantaria; levantam-se as paredes com duas filas de fortes postes ou varame entrelaçado, entre os quais se calca o barro (*casas de taipa*), sistema muito parecido com o *pise* francês. O palácio do governador, antigamente colégio dos jesuítas, é de belo estilo, mas agora ameaça ruína; também o palácio do bispo e o mosteiro dos carmelitas são edifícios grandes e imponentes; a catedral e algumas outras igrejas são grandes, embora ornamentadas sem bom gosto; no mais, a feição da arquitetura é insignificante e burguesa. Possui a cidade três conventos de frades: franciscano, carmelitano e beneditino, dois claustros de freiras e dois hospitais. O Sr. tenente-coronel Müller tem construído, fora da cidade, um circo de madeira para touradas, ao que parece de boa categoria, e merece elogio pela construção de três pontes de alvenaria sobre os riachos Tamandataí e Inhabaguaú⁴, que se juntam abaixo da cidade.

Nos anais do Brasil, São Paulo possui maior interesse histórico do que todas as outras cidades. Aqui trabalharam antigamente (1552) os

4. A pronúncia corrente dos dois cursos de água sempre foi Tamanduateí e Anhangabaú. O primeiro quer dizer “rio do tamanduá grande” e o segundo significa “rio da diabrura”. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

piedosos padres jesuítas Nóbrega e Anchieta, na catequese de uma tribo pacífica de Goianás, sob o mando do cacique Tibiriçá, e, depois de muitas provações, que lhes valeram o título de taumaturgos caridosos, fundaram, com o auxílio de colonos portugueses de São Vicente, onde existia desde 1527 uma feitoria, a primeira colônia de religiosos no interior do Brasil. Muitas circunstâncias, e primeiro que tudo, porém, o clima temperado e o gênio bondoso, fleumático, dos índios que se cruzaram com os europeus, favoreceram em breve esta colônia; apenas decorrido um século, já encontramos os paulistas na atividade de arrojadas empresas. Ora levam eles, com espírito intrépido, depois que a pátria ficou sob o domínio espanhol, a guerra às distantes províncias espanholas, incitados pelo desejo da independência e liberdade portuguesas; ora aventuram-se, levados pela cobiça do ouro, em todas as direções aos desertos do interior, e exercem por seus felizes descobrimentos decisiva influência sobre o país inteiro, e até sobre a mãe-pátria. Em consequência dessas façanhas, nota-se de um lado mais livre desenvolvimento das instituições civis, ainda que de outro lado haja rixas entre famílias, quase do mesmo gênero que os feudos entre os pequenos estados da Itália, na Idade Média, luta esta exacerbada e exteriorizada contra a colônia rival vizinha de Taubaté; assim, no espaço de cento e cinquenta anos, pouco mais ou menos, desenrola-se diante da vista do observador a sua história, cujo desenvolvimento, com todos os elementos, se forma por dentro. Nesse sentido, distingue-se São Paulo entre todas as cidades do Brasil, e aqui mais do que em qualquer outro lugar, nota-se essa ligação do presente com o passado. Esse sentimento tem-no o paulista, e ele diz a si mesmo, não sem orgulho, que a sua cidade pátria possui uma história própria, exercendo poderosa influência sobre a de seus vizinhos, embora remontando a poucos séculos apenas.

Deve-se levar em conta sobretudo esta circunstância, para atenuar e corrigir o juízo desfavorável que se costuma fazer sobre o caráter do paulista. As narrações de escritores mais antigos descrevem os paulistas como um povo sem leis, avesso a qualquer restrição regulada pelos costumes e sentimentos, e que, por isso mesmo, se separou do domínio português e formou uma república autônoma. Este juízo originou-se também dos relatórios dos jesuítas, os quais sem dúvida tinham razão de estar descontentes com o procedimento dos paulistas de então. A partir de 1629,

com efeito, invadiram estes últimos, diversas vezes, os redutos índios dos jesuítas no Paraguai, e, com incrível crueldade, trouxeram consigo todos os índios como escravos. Essas expedições flibusteiras, assim como as empresas incitadas pela cobiça do ouro em Minas, Goiás e Cuiabá, deram ao caráter dos paulistas daquela época feição de dureza egoística e insensibilidade, inculcando neles menosprezo por todas as instituições sagradas e por sentimentos humanos; isto devia atrair sobre eles a mais viva reprovação dos padres, devotados ao bem da humanidade. Atualmente, porém, essa natureza rude se suavizou, e o paulista goza, em todo o Brasil, da fama de grande franqueza, coragem invencível e romântico gosto para aventuras e perigos. Na verdade, com esses dotes favoráveis, o seu caráter adquiriu também uma inclinação para a impetuosidade, para as cóleras e as vinganças, traços de orgulho e inflexibilidade e, por essa razão, é temido pelos vizinhos; o estrangeiro não vê no seu modo altivo senão seriedade e caráter; acha que a sua franqueza cordial e hospitalidade são traços amáveis, que a sua indústria é atividade própria de zona temperada e fica conhecendo menos que os vizinhos os seus defeitos. O orgulho dos paulistas pode somente ser desculpado por poderem eles gabar-se de que as façanhas de seus antepassados lhes dão, sobre o novo continente, direitos que não tem o colono europeu. Que os primitivos imigrantes se cruzaram frequentemente com os índios da vizinhança, ninguém duvida, e, pela cor da cútis e fisionomia, o povo daqui faz lembrar, mais do que em outras cidades do Brasil, por exemplo, Bahia e Maranhão, esse cruzamento. Ademais, aqui se têm também estabelecido sempre muitos brancos. Antigamente foi a capitania de São Paulo, então chamada São Vicente, procurada por muitos espanhóis, que, entre outros, aqui foram ter depois do insucesso da expedição do *adelantado* d. Pedro de Mendoza ao Paraguai (1538-1546), assim como mais tarde, no princípio do século dezoito, e cujos vestígios ainda se reconhecem nos nomes espanhóis de certas famílias. Muitos paulistas conservaram-se sem a mistura com os índios, e são tão brancos, mesmo mais claros, do que o colono europeu puro nas províncias do norte do Brasil. Os mestiços, filhos de brancos e índios, *mamelucos*, conforme o grau da mistura, têm a pele cor de café, amarelo-clara, ou quase branca. Fica, porém, sobretudo no rosto largo, redondo, com maçãs salientes, nos olhos negros não grandes, e numa incerteza do olhar, a revelação, mais ou

menos clara, do cruzamento com o índio. No mais, os principais traços do paulista são estatura alta, peito largo, feições fortemente acentuadas, que indicam franqueza e desembaraço; os olhos são pardos, raras vezes azuis, cheios de vivacidade e enérgicos; o cabelo basto, preto e liso; a musculatura rija; agilidade e segurança de movimentos. Com razão se considera o paulista como o mais forte, saudável e enérgico habitante do Brasil. O vigor muscular com que amansam cavalos bravios e o gado selvagem por meio de laço é tão maravilhoso, como a facilidade com que suportam contínuos trabalhos e canseiras, fome e sede, frio e calor, intempéries e privações de toda sorte.

Nas suas viagens pelos rios do interior a Cuiabá e a Mato Grosso, eles demonstram ainda hoje o mesmo arrojo e resistência de outrora nos perigos e fadigas contínuas, e um irresistível pendor para viajar incitavos sempre a afastar-se da terra natal. De província alguma andam por todo o Brasil espalhados tantos colonos como os de procedência paulista. Pode-se em geral descrever o caráter do paulista como melancólico e de gênio um tanto forte. De certo modo indica no sentido moral a zona em que habita; pois, quanto mais próximo do Equador, tanto mais pronunciado se encontra o gênio suscetível de cólera e irritável.

As paulistas da capital têm em comum com o sexo masculino ingenuidade e bondade. O tom da conversa em sociedade é jovial e natural, animado por vivacidade e pilhérias engraçadas. É injustiça acoimá-las de levianas. Embora a sua conversação faça vivo contraste com o modo mais requintado de suas irmãs europeias, a quem a severa etiqueta não permite expansões ingênuas, entretanto, a sua jovialidade sem afetação não destoa nesta província do Brasil, na qual, mais do que em qualquer outra, se conservaram a naturalidade e a franqueza. As paulistas são esbeltas, de constituição forte, porém graciosas nos gestos, e nos traços fisionômicos do belo rosto redondo se demonstra alegria e franqueza. Também o colorido de sua cútis é menos pálido do que o da maioria das brasileiras, e, por essa razão, são consideradas as mais formosas mulheres do Brasil⁵.

5. Um ditado popular, que trata dos característicos humanos de certas províncias, enaltece as paulistas. Reza o seguinte: “Na Bahia, merecem gabo *elas* e não *elas*; em Pernambuco, *elas* e não *elas*; em São Paulo, *elas* e *elas*!”

Reflexão e inclinação para investigações sutis são qualidades atribuídas particularmente aos paulistas; também eles e os pernambucanos têm, entre os brasileiros, o maior número de inventores e letrados. O estudo da teologia era aqui antigamente muito fomentado pelos jesuítas, de cujos colégios saíram diversas personalidades eminentes. Os clássicos latinos são estudados com afincio no ginásio, se é que se possa dar tal nome ao instituto aqui existente para a instrução da mocidade. Também o estudo da filosofia, que era antes, assim como na maioria das escolas brasileiras, ensinado por um livro antiquado, modelado pelas teorias de Brucker, tomou outro rumo recentemente, desde que a filosofia de Kant se tornou acessível aos pensadores brasileiros, pela tradução de Viller. O lente substituto de filosofia, Antônio Ildefonso Ferreira, a quem fomos apresentados pelo pai, em Ipanema, depois de nossa partida de São Paulo, havia-se imbuído do sistema deste filósofo do norte, e foi para nós agradável surpresa encontrar palavras e conceitos da escola alemã implantados no solo da América. Assim, o sul mais frio de novo continente, em seguimento à civilização que se expande rapidamente, não só se dedica a estudos e conhecimentos chamados práticos, mas, igualmente, às aspirações mais abstratas de ciência pura. A disseminação da sabedoria humana deu, nos últimos séculos, mais rápidas passadas de um para outro continente, do que nas eras antigas do Egito para a Grécia, ou daí para Roma.

A única biblioteca da cidade, além da que existe no convento dos carmelitas, é a do venerando bispo, que, embora muito idoso, ainda conserva vivo interesse pelos assuntos científicos, e, com franco entusiasmo, mostrou-nos ele próprio os seus livros. Contém ela bom número de obras históricas, canônicas, velhos clássicos, e é um importante meio de instrução para os jovens clérigos que fazem, durante alguns anos, seus estudos teológicos no seminário.

O número de habitantes da cidade de São Paulo, segundo as mais recentes estimativas, incluindo as freguesias subordinadas, eleva-se a pouco mais de 30.000, sendo metade de brancos, ou supostos brancos, metade de pretos ou gente de cor. O total da população da capitania de São Paulo, segundo os dados oficiais que anexamos no fim deste capítulo, era, no ano de 1808, de 200.478 almas; no ano de 1814, 211.928; e, no ano de 1815, de 215.021.

E, sobretudo é surpreendente o resultado dado pela tabela estatística, quanto à proporção da natalidade. Conta-se, em geral, um nascimento sobre 28 habitantes e a proporção mais alta de natalidade, conhecida, é citada a de quinze aldeias dos arrabaldes de Paris = 1:22,7, e a de trinta e nove aldeias holandesas = 1:23,5; aqui, porém, conta-se já um nascimento sobre vinte e um habitantes. A proporção da mortalidade, que é de 1:46, segundo a estatística, é também menor, se bem que menos extraordinária do que a verificada nas nossas povoações dos campos. Os escravos negros têm extremamente poucos filhos, o que, pela proporção do sexo feminino para o masculino (16:22), ainda não se explica bem. Em parte, talvez, seja devido a serem os escravos homens empregados, em geral, na lavoura e na pecuária, e viverem a maior parte do ano a sós nas distantes chácaras e fazendas de criar gado; as mulheres, ao contrário, permanecem ocupadas nos misteres caseiros. Como não nos foi possível obter uma informação de toda a confiança sobre o número dos escravos negros introduzidos anualmente na capitania, tampouco ousamos citar a progressão havida no incremento dessa parte da população. Um fato, porém, é certo: que apenas poucas províncias do Brasil, como o Rio Grande do Sul e Rio Negro, recebem número menor ainda de escravos da África, ao passo que as restantes recebem número muito maior. Também se teria notado que o ar frio da montanha e as noites frescas, que são a regra numa grande parte da província, são prejudiciais à saúde de certas tribos negras, acostumadas a maiores calores. Pretos vindos dos altos campos, mais facilmente se aclimariam aqui.

Entre os moradores de São Paulo, o gosto pelo luxo europeu nem de longe se desenvolveu tanto como entre os ricos baianos, pernambucanos e maranhenses. Cuida-se mais do asseio e do conforto na disposição da casa do que de elegância e suntuosidade, e, em vez do mobiliário leve americano e dos espelhos franceses daquelas províncias, encontram-se nas salas cadeiras pesadas, enfileiradas, que datam de longos decênios, e um espelho pequeno com sua moldura da manufatura de Nuremberg, no qual um alemão imaginará reconhecer um compatriota. Em vez das grandes lâmpadas de vidro ou castiçais com velas de cera, campeia no meio da mesa um lampião de latão, no qual se queima, em geral, azeite de mamona (*Ricinus communis*). No tom da sociedade, nota-se igualmente, ainda pou-

ca influência da Europa. Mais raro do que nas demais capitânias, o jogo de cartas é aqui o animador do entretenimento, sendo, porém, um tanto mais alta a conversa, alternada com danças e cantigas.

Durante a nossa estada, houve uma tourada no circo. Mandam vir os touros do sul da província, e, particularmente, de Curitiba, onde, criados em plena liberdade nos vastos campos, conservam a necessária braveza. Desta vez, entretanto, não pareciam muito bravos os animais e também os *matadores* (em geral, gente de cor), inferiores, em agilidade e coragem, aos seus colegas espanhóis. Este divertimento, aliás, é avesso ao gênio do português, e, num país onde a natureza arma tantos inimigos possantes contra o homem, é duplamente com má vontade que se vê o útil animal doméstico servir de comparsa em tão cruel espetáculo.

Também não faltavam, então, espetáculos dramáticos em São Paulo. Assistimos, no teatro construído em estilo moderno, à representação da opereta francesa *Le Déserteur*, traduzida para o português. A execução evocava o tempo em que a carruagem teatral de Tespis andou nas ruas de Atenas pela primeira vez. O conjunto de atores, pretos ou de cor, pertencia à categoria daqueles aos quais Ulpiano ainda dá *Levis notae maculam*. O ator principal, um barbeiro, emocionou profundamente os seus concidadãos. O fato de ser a música, igualmente, ainda caótica, e à busca dos seus elementos primitivos, não nos estranhava; pois, além do violão predileto para acompanhamento do canto, nenhum outro instrumento é estudado. Quanto ao próprio canto, o gosto do paulista já é mais desenvolvido. Fomos levados uma noite, por um compatriota europeu do extremo norte, o Sr. Dankwart, capitão sueco aqui residente, a um sarau, que nos deu opinião muito favorável sobre talento musical das paulistas. O seu canto é todo de singeleza e ingenuidade, e, pela extensão da voz não muito forte de alto-soprano, corresponde perfeitamente aos idílios poéticos. As modinhas são de origem portuguesa ou brasileira. Estas últimas distinguem-se das primeiras pela naturalidade do texto e da melodia; são inteiramente ao gosto do público, e revelam, algumas vezes, verdadeira inspiração lírica dos poetas, na maioria, anônimos. Amor desprezado, tormentos do ciúme, dores da despedida, são os assuntos da sua musa, e a referência, cheia de fantasia, à natureza dá a esses desafogos da alma uma trama genuína, tranquila, que ao europeu parece tanto mais adorável e verdadeira, quanto

mais ele mesmo se sentir num enlevo idílico, pela riqueza e o gozo pacífico, proporcionados pela natureza que o cerca.

Toda a província de São Paulo é especialmente adequada para criação de gado. Dispõe das mais extensas campinas nas quais excelentemente se cria toda espécie de animais, de modo particular, porém, o gado bovino e equino. Quando imaginamos que das 17.500 léguas quadradas, de que consta a capitania, apenas 5.000, portanto, duas sétimas partes da totalidade de terreno são cobertas de matas, e, que, por outro lado, 12.500 léguas quadradas são de pastos e campinas, poder-se-ia atribuir a uma família de cinco pessoas 116/1.000 de légua quadrada com mato, para a lavoura, e 292/1.000 de légua quadrada de campo, para pecuária.

Portanto, assim que a província, sobretudo no interior, for mais povoada, também tomarão impulso proporcional os produtos da agricultura da criação de gado; atualmente, onde, especialmente ao longo da costa e nas zonas apropriadas para o plantio da cana e de outros produtos coloniais, a população é mais densa, o rendimento da lavoura, comparado com o da criação de gado, é quase de quatro para um. Se calcularmos para o ano de 1814, segundo a tabela oficial, o rendimento total da lavoura em 1.005:764\$440, cabem apenas 178:678\$800 à indústria pastoril. Relativamente ao número da população de São Paulo, é, de resto, a produção de gêneros, particularmente coloniais, já bastante menor que nas províncias mais ao norte, e não se dão muito bem nesta latitude o algodão e o café, e a cana, sofrivelmente. De fato, no ano de 1808, citam as listas oficiais nada menos de 458 engenhos de açúcar e 601 alambiques para fabricação de aguardente, porém muitos desses engenhos preparam açúcar, sobretudo melado, apenas o necessário para o consumo próprio, e os alambiques, em muitas fazendas, são tão insignificantes que somente podem dar alguns quintos de cachaça. Esses pequenos aparelhos encontram-se, na maioria das 190 fazendas de criar, como parte indispensável da mobília, tanto quanto a natureza do terreno permite a cultura da cana.

Mais ou menos a metade da produção da capitania é consumida ali mesmo, e a outra é exportada tanto por mar como por terra. Os produtos propriamente coloniais, como café, açúcar, fumo, aguardente, um pouco de algodão, óleo de copaíba, peles de boi, chifres e pontas de

chifre, sebo, etc., vão para a Europa, diretamente, ou passando pelo Rio de Janeiro.

Planta-se aqui pouca mandioca, porém algum tanto mais de milho. Os habitantes locais dizem que a farinha de mandioca é pouco saudável, tal como os habitantes do norte dizem da farinha de milho. Para o Rio de Janeiro despacham-se muito milho e outros gêneros alimentícios para o uso local; para o Rio Grande do Sul, Montevidéu, Buenos Aires, vão açúcar e aguardente; para Pernambuco, Ceará e Maranhão, sobretudo carne-seca ou salgada (paçoca); Goiás e Mato Grosso recebem de São Paulo, além dos produtos estrangeiros, também sal e ferro. O único porto da província, que tem comunicação direta com Lisboa, Porto e as ilhas portuguesas, é Santos; embora distante apenas doze léguas da capital de São Paulo, está, entretanto, tão separado pela alta e íngreme serra do Mar, que se estende de Morro Formoso, ao longo da costa, para o sul, que é o mesmo como se distasse dela cinquenta léguas. O caminho por Cubatão (assim se chama esta parte da montanha) que em alguns pontos se elevaria a três mil e mais pés acima do nível do mar, é extraordinariamente escarpado e apenas transitável por mulas. Embora muito melhorado pelo senhor governador-geral França e Horta, só permite a saída dos produtos da terra repartidos em pequenos volumes, e a importação se faz do mesmo modo. Para fornecer a cidade de um só sino ou alguns canhões pesados são precisos um esforço e um gasto extraordinários.

Os dois outros portos de mar da província, Paranaguá e Cananeia, o primeiro a 58 léguas, o outro, a 67, de São Paulo, são ambos insignificantes. Eles fornecem à comarca de Curitiba⁶, a verdadeira campina da província, o necessário que recebem dos portos de Santos e Rio de Janeiro, ou dos portos do norte, para onde navegam grandes barcaças e escunas. A sua exportação limita-se ainda, mais do que a de Santos, à farinha de trigo, peles de boi, carne-seca e algum mate ou chá do Paraguai. Este último é artigo de consumo diário do povo no sul desta província, assim como no Rio Grande do Sul, e nos países do Prata. Faz-se o chá com as folhas secas e pulverizadas dum arbusto (*Cassine Congonha nob.*), cuja infusão se costuma chupar por um fino canudo, munido de coador.

6. A província do Paraná foi separada da de São Paulo em 1853. (Nota Ed. Melh.).

Por essa exposição do comércio de São Paulo, prova-se que a proporção de riqueza em moeda circulante deve ser aqui muito menor do que nas províncias do norte, onde, devido a comércio extenso e lucrativo, resultou extraordinária inclinação para o luxo. Até na própria capital se nota quase que falta de meio circulante, ao que muito pouca importância dá ainda o provinciano, pois, na sua simplicidade patriarcal, desconhece muitas das necessidades europeias e considera-se mais rico com a produção de suas grandes manadas do que pelo afluxo do dinheiro e dos objetos de luxo europeus.

A condição das fábricas em São Paulo corresponde à do comércio. Além da fabricação caseira de pano de lã grosseiro, do qual se confeccionam roupa para a população rural e chapéus de feltro branco grosso, não se conhece ainda outra atividade industrial. Os criadores mais abastados costumam curtir, eles próprios, considerável porção de couros, ou salgam-nos brutos para a exportação. Empregam para o curtume, aqui, como no Rio de Janeiro, a casca da *Rhizophora mangle*. Os respectivos operários estão aí, embora não sejam sempre hábeis profissionais.

Poucos meses antes de nossa chegada, foi transferida, pelo governo, uma fábrica de armas do Rio de Janeiro para cá e posta sob a direção do Sr. tenente-coronel Müller⁷. Uma de nossas espingardas, que tinha ficado imprestável na luta com uma grande cobra, foi consertada bastante bem, por um negro aprendiz. Usam aço inglês ou aço fabricado aqui mesmo com o ferro de Sorocaba. Os produtos de fabricação, na verdade, são muito bons, porém saem para o governo, até agora, tão caros como as armas vindas da Europa por causa da falta de saída e do número reduzido de operários, o que torna impossível a boa organização do serviço. Como primeira escola para indústria nacional é, entretanto, a fábrica, muito útil.

7. O tenente coronel Daniel Pedro Müller, engenheiro militar, filho de um casal alemão e falecido em São Paulo em 1842, foi ajudante de ordens do governador França e Horta e deixou seu nome ligado a vários serviços da sua profissão na capital paulista, entre os quais a ponte do Carmo e a pirâmide de Piques. Brigadeiro em 1830, foi quem então organizou a estatística da província. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

O bispo d. Mateus de Abreu Pereira cuida, na sua chácara (ou quinta), também da criação do bicho-da-seda, que se propaga facilmente e produz um fio extremamente belo. Como a amoreira prospera muito bem neste clima, pode-se confiar que a indústria da seda algum dia seja explorada com grande vantagem. Existe também no país outro bicho-da-seda, que se encontra em abundância, sobretudo no Maranhão e no Pará, em um arbusto do gênero das Lauráceas, todavia não foi utilizado em parte alguma, embora de fácil cultivo; e o fio do seu casulo promete seda ainda mais brilhante que a europeia. O que, porém, poderia fornecer um ramo ainda mais lucrativo de cultura é a criação da cochonilha, porque vegeta aqui o *Cactus coccinellifer*, com o seu respectivo inseto, em muitos lugares da província de São Paulo, especialmente em campos ensolarados. Contudo a indolência do povo, quando já tem à disposição outros ricos dons da natureza, que pode colher sem trabalho, impedirá por enquanto a criação da cochonilha.

São belos os arredores de São Paulo; entretanto, de aspecto mais campestre que os do Rio de Janeiro. Em vez do grandioso panorama do mar e das imponentes montanhas, que se elevam ali com formas pitorescas, encontra aqui o viajante uma extensa vista sobre a região, cujos alternados outeiros e vales, matos ralos e suaves prados verdejantes, oferecem todos os encantos da amável natureza. Talvez, além do clima ameno, a beleza natural tenha despertado no paulista o gosto pelos jardins, dos quais existem diversos, muito graciosos, perto da cidade. Além das frutas nacionais – goiaba, guabiroba, grumixama, jabuticaba, caju, etc. – cultivam-se aqui também melancia, laranja, figos e outras frutas europeias. Dão bem principalmente o marmelo, cerejas, ginjas, pêssegos e algumas qualidades de maçãs. Também com nozes e castanhas se fizeram favoráveis experiências. Por outro lado parece que não se dão muito bem, na nova pátria, a videira e a oliveira, ou até agora não tiveram o devido tratamento. As uvas, que aqui provamos, eram ácidas. Para a videira, talvez o solo seja gordo e úmido demais. A oliveira quase nunca dá frutos, talvez também porque a sua época de frutificar recai nos meses das chuvas. As hortaliças europeias dão excelentemente; as cebolas de São Paulo, assim como as da ilha de S. Catarina, são famosas pelo tamanho e pela quantidade.

Embora já se note aqui a diferença entre as estações do ano, que se manifesta no desenvolvimento das flores e das frutas, parece, contudo,

que ela nenhuma influência tem na formação da madeira. Encontra-se, com efeito, também aqui, como logo abaixo do Equador, madeira de grande densidade e quase sem vestígio dos anéis anuais.

As condições geológicas oferecem, nos arredores da cidade, pouca variedade. A qualidade dominante de montanha é grés ferroso, no qual aparecem, não raro, fragmentos, em parte redondos, em parte angulares, de um quartzo branco, e que por isso apresenta brecha. Em profundidade pouco considerável, jaz esse minério no granito gnáissico que só raras vezes aflora, e com o qual são em parte calçadas as ruas da cidade. Entremeadas e acima dele, aparecem diversas camadas de caulinita cor de tijolo, pardo-avermelhado, amarelo de oca e azul de alfazema, tal como se vê ao longo da estrada do Rio de Janeiro num e noutro ponto, por exemplo, ali em Paranangaba.

Estas camadas pertencem a uma formação muito comum, que encontramos de novo em muitos lugares de Minas Gerais, e que por toda parte contém ouro. O metal está disseminado em grãos de tamanho maior ou menor, sobretudo no cimento ferruginoso. Antigamente, foram estas minas de ouro abundantemente exploradas, tanto na próxima vizinhança, como particularmente nas montanhas de Jaraguá, duas milhas ao sul da cidade. Segundo a narrativa de Mawe, também agora costumam os pobres procurar com cuidado o ouro, que, pelos fortes aguaceiros, é lavado do calçamento da cidade. A casa de fundição de São Paulo fornecia, outrora, considerável quantidade de ouro, mas hoje se acha extinta, e o pouco metal que ainda aqui se pode achar, é mandado para as fundições de Minas. Agora já perderam os paulistas o gosto pela mineração, ou antes, ao que parece, a parte da população, que se sentia atraída para tão duvidoso trabalho, pouco a pouco emigrou para as mais ricas províncias de Minas, Goiás e Mato Grosso. A parte restante, que ficou esquecendo felizmente a riqueza de ouro sob os seus pés, dedica-se toda à atividade segura de criação de gado e à lavoura.

O clima da cidade de São Paulo é um dos mais amenos da Terra. Tanto pela sua posição, quase abaixo do Trópico de Capricórnio, que passa apenas a légua e meia ao norte, como por sua altitude de 1.200 pés acima do nível do mar, perto de Santos, é favorecida a cidade com todos os encantos da zona tropical, sem os inconvenientes do calor em grau ele-

vado. Durante a nossa estada, o termômetro variou entre 15° e 18° R. e o higrômetro entre 67° e 70°.

A temperatura média anual segundo as informações que obtivemos de nosso patrício Sr. Müller e alguns moradores, indica 22° até 23° do termômetro centígrado. A diferença da temperatura no inverno (maio até setembro) e no verão (os meses das chuvas, outubro até abril) é maior do que nas províncias mais ao norte.

Não raro, nos mais altos pontos da região, quando não nas imediações da cidade, cai geada durante a época fria do ano; esse frio, todavia, nunca é tão rigoroso, nem tão persistente, que seja preciso, além dos fogareiros, instalar lareiras. Nas grandes planícies, que se estendem a oeste e ao sul da capital, nota-se regular correspondência do vento com a posição do Sol, isto é, quando este se acha do lado do norte, dominam os ventos S.S.O. e S.E. Quando o Sol vira para o sul, são os ventos menos constantes. A época das chuvas começa ao longo da costa, assim como no Rio de Janeiro, nos meses de outubro ou novembro e dura até abril; a maior quantidade de chuva cai no mês de janeiro. Neste mês, quando residíamos na cidade, víamos de manhã, muitas vezes, os morros próximos, envoltos em neblina espessa e muito fria, que só se dissipava perto do meio-dia, ao aparecer do sol. No interior do país, no sertão, o tempo das águas começa mais tarde. A princípio só chove à noite, depois também à tarde, e, finalmente, alterna-se ora de dia, ora à noite, ou chove dias seguidos, e, às vezes, semanas, e a cântaros.

Os característicos das doenças em São Paulo divergem singularmente das do Rio, o que deve provir tanto da diversidade da constituição física dos habitantes, como do clima. Aqui se encontram, mais comuns do que nas províncias do norte, o reumatismo e estados inflamatórios, sobretudo dos olhos, peito, pescoço, e, por consequência, tuberculose dos pulmões e da laringe, e blefarites. As doenças gástricas são, pelo contrário, mais raras e aqui não existem a fraqueza geral do sistema digestivo, assim como cardialgias, que parecem andar de par com o calor do país, e tornam-se quase diátese geral dos habitantes das regiões situadas mais perto do Equador. As afecções do fígado não são muito raras aqui; parece que particularmente influi para isso o temperamento melancólico ou colérico do paulista, e, também, como é provável, não é sem influência

o cruzamento com o índio. É impressionante que seja a constituição do habitante primitivo americano tão sujeita a afecções do fígado e do baço. São muito frequentes o endurecimento e a hipertrofia desses órgãos ou sua obstrução, e, embora se deva procurar no desleixo para com as doenças um dos motivos da gravidade a que chegam às vezes, também se deve atribuir às modificações fisiológicas específicas do sistema vascular do fígado e do sistema cutâneo da raça indiana importante papel, que influi no gênero de doenças, a que eles e seus mestiços são sujeitos especialmente. Aqui sofre-se menos da pele do que nas províncias do norte; por isso, vê-se menos gente atacada de furúnculos, erupções crônicas e sarna. Também as febres intermitentes (sezões) são raras em São Paulo, e quando aparecem, são frequentemente devidas a catarrros e reumatismos, a que predispõem o menor calor local e as mudanças rápidas de temperatura. O bócio, que já citamos como doença endêmica nas margens do Paraíba, não é comum na cidade, e tampouco chega a tamanho tão monstruoso como ali. Além de inflamações, são comuns as hidropisias; em geral, parece que o clima tropical favorece, sobretudo o desenvolvimento das inflamações, resultando em acumulação de águas.

A capitania de São Paulo, formada no reinado de d. João V (1710) com a de Santo Amaro e de uma parte da de São Vicente, era antes dividida em duas comarcas, isto é, a de São Paulo, com a capital de igual nome, e a de Paranaguá ou Curitiba. Da primeira se separou, há uns dez anos, por causa do crescimento da população, a comarca de Itu (Hytú), cuja localidade principal é a Vila de Itu. Na comarca do sul, é hoje Curitiba, situada no interior, a sede das autoridades, em vez de Paranaguá. A primeira autoridade judicial de cada comarca é o ouvidor. À exceção do distrito onde o governador reside, ele preside não só às funções judiciárias como às administrativas, e tem na junta da Real Fazenda, depois do governador, o primeiro voto. Nas questões do fisco, o juiz de fora lhe é adjunto, como fiscal da Coroa. Na cidade de São Paulo, assim como nas vilas da província, existe uma organização municipal, idêntica às de Portugal, que especialmente dirige os negócios administrativos da cidade. São os membros desse tribunal escolhidos pelos cidadãos entre si, isto é, um juiz da Câmara, diversos vereadores, um escrivão da Câmara e um tesoureiro. Nas ocasiões importantes o juiz de fora comparece às sessões da Câmara; é ele, na maioria das cidades, também juiz de órfãos. A adminis-

tração das instituições de caridade está a cargo da municipalidade. Idêntica organização encontra-se em todo o Brasil. A capitania de São Paulo apresentava, no ano de 1808, numa população de 200.478 almas, 418 sacerdotes, dos quais 331 regulares e 87 seculares; aqueles ocupam quinze mosteiros. Conventos de freiras, só existiam dois, nos quais estavam 53 reclusas. Desde aquele tempo, não se alterou a proporção e o governo parece não querer fomentar a vida claustral.

Por outro lado, cuidou com grande zelo da organização do serviço militar da província. De tropas regulares, há um regimento de dragões e outro de infantaria, que são distribuídos pela costa, pela capital e por alguns outros pontos do interior, sobretudo pelas alfândegas das fronteiras e como destacamentos contra os índios bravos. Os capazes cidadãos da população servem, ou nas milícias, das quais há oito regimentos de infantaria e três de cavalaria, ou nas ordenanças. As milícias são obrigadas a marchar, em caso de necessidade, não só dentro dos limites da capitania, porém também a fazer fora o serviço militar. As ordenanças não precisam sair do seu lugar de residência; a elas pertencem, com exceção dos funcionários públicos, todos os cidadãos da idade de dezesseis até sessenta anos, que já não estiverem alistados no exército regular nem nas milícias. Estas ordenanças formam o verdadeiro núcleo militar da nação inteira, e entram em atividade particularmente para a manutenção da ordem interna. Assim como as milícias, fazem as ordenanças exercícios militares, de quando em quando; todavia a sua utilidade principal é manter certa disciplina militar entre o povo e zelar com energia pelo cumprimento das ordens das autoridades administrativas, como a autoridade judiciária, que sem sua colaboração, nunca o conseguiria num país tão pouco povoado. Dispõe a província de São Paulo de 157 companhias de ordenanças. Os denominados capitães-mores são os oficiais de mais alta patente dessa tropa, quase coronéis, e acham-se em comunicação direta com o governo sobre muitas questões, por exemplo, o policiamento do país. Os chefes da milícia são coronéis; eles cuidam, como os capitães-mores, da ordem entre as milícias. A atribuição de ambos esses chefes é inteiramente separada. Os milicianos podem ser julgados, mesmo em crime de alçada não militar, perante um conselho de guerra, e eles preferem em geral o conselho ao tribunal civil. As ordenanças, ao contrário, são sujeitas à jurisdição civil. O intento do governo ao tempo da organização foi que as ordenanças despertassem e mantivessem o espírito militar entre o povo,

mas até agora parece que ainda não se produziu tal efeito, e na realidade mais confia cada qual na sua arma e antes cuida de empregá-la com vantagem no seu próprio interesse, do que por patriotismo servir com sucesso nos perigos da pátria. Ademais gozam as milícias de São Paulo da especial fama de manter o espírito da solidariedade militar; disto deram provas na recente expedição contra Buenos Aires. Os oficiais de ambos os corpos não recebem soldo do Estado, à exceção dos maiores de milícias, que são sempre oficiais do Exército e dirigem os exercícios militares.

A capitania de São Paulo não está em condições de fazer os gastos da administração com sua própria receita, mas precisa de um auxílio de sessenta contos de réis anuais. Desde a vinda do rei, que, com paternal desvelo, desejara introduzir, em todo o país, mais rigorosa e pronta justiça, mais equitativa arrecadação de impostos, e uma instrução pública mais ampla e por isso mais dispendiosa, cresceram na verdade os gastos da província sem que se elevassem em igual proporção as rendas, cujas principais fontes são os direitos de exportação dos produtos coloniais e os impostos das indústrias. Idêntica experiência teve o governo português de fazer daí em diante em diversos pontos, o que parece indicar que a organização conveniente e feliz de um país novo depende mais do aumento da população do que do desenvolvimento do comércio e da riqueza interna. Talvez em nenhuma outra província do Brasil haja tão sólidos e esperançosos fundamentos para a felicidade futura dos seus habitantes como aqui, onde as condições naturais e do clima patenteiam fontes inesgotáveis de bem-estar. Em São Paulo, nos campos frescos apropriados, sobretudo para criação de gado, certamente teria florescido logo a colônia suíça de Cantagalo, cujo estabelecimento custou tanto dinheiro, sem resultado apreciável; mas o empenho do governo de recuperá-lo sem demora, por meio de direitos de exportação cobrados dos gêneros coloniais cultivados pelos imigrantes, parece ser contrário ao aproveitamento, de fato demorado, mas também seguro e rendoso das terras, por meio da criação de gado.

Uma instituição bastante benéfica, que se iniciou também com o estabelecimento da corte no Rio, é o serviço regular do correio de São Paulo para a capital, por meio de estafetas a cavalo ou a pé, que entregam as malas fechadas pela agência do Correio Real dentro de 15 dias ao lugar ao destino. Desde que um corpo do Exército português se acha no extremo sul do Brasil, organizou-se também um serviço postal entre São Paulo e Montevidéu.

NOTAS DO CAPÍTULO I

I - Lista da população da capitania de São Paulo em 1815.

	Povoações		Freguesias	Fogos	Branços	
					Homens	Mulheres
Comarca de São Paulo	São Paulo (cidade), fundada	1554 — cidade 1712	12	4.142	5.822	6.452
	São Vicente (vila)	1531	1	100	83	107
	Santos	1546	1	689	647	704
	Itanhaém	1561	2	195	162	143
	Mogi das Cruzes	1611	4	1.443	2.118	2.419
	Paranaíba	1625	4	1.081	1.343	1.606
	São Sebastião	1636	1	575	835	892
	Ubatuba	1638	1	507	977	1.049
	Taubaté	1640	2	1.819	2.815	3.701
	Guaratinguetá	1651	1	966	1.807	2.174
	Jacarei	1653	2	1.262	1.360	1.296
	Jundiá	1656	1	849	906	897
	Pindamonhangaba	1713	1	759	1.444	1.539
	São José	1767	1	589	854	965
	Atibaia	1779	2	1.521	2.338	2.409
	São Luís de Paraitinga	1773	1	504	1.126	1.164
Cunha	1785	1	372	606	585	
Lorena	1788	4	1.847	3.417	3.593	
Nova Bragança	1797	1	1.842	3.811	3.621	
Vila Bela da Princesa	1805	1	399	610	697	
Numa cidade e 19 vilas	Soma	44	21.461	33.081	36.013	
Comarca de Paranaguá e Curitiba	Curitiba, fundada	1654	3	1.783	2.589	2.925
	Paranaguá	1640	1	1.058	1.858	1.967
	Cananéia	1587	1	242	273	275
	Iguapé	1611	2	939	1.906	1.850
	Guaratuba	1771	1	110	62	71
	Lages	1774	1	116	240	275
	Castro	1781	1	682	1.319	1.450
	Antonina	1797	2	662	419	424
	Vila Nova do Príncipe	1806	1	408	778	788
Em nove vilas	Soma	13	6.000	9.444	10.025	
Comarca de Itú	Itú	1654	1	807	1.454	1.622
	Sorocaba	1670	1	2.011	3.120	3.760
	Itapeva	1769	1	472	615	556
	Mogi-mirim	1769	5	1.912	3.891	4.006
	Apiaí	1770	1	201	145	152
	Itapetininga	1770	2	892	1.032	1.140
	São Carlos	1797	1	711	858	902
	Porto Feliz	1797	3	1.108	1.943	1.934
Em oito vilas	Soma	15	8.114	13.058	14.072	
Numa cidade e 36 vilas:	Total	72	35.575	55.583	60.110	
População em 1808, 200.478; em 1813, 209.219; em 1814, 211.928.						

Pretos				Mulatos				Soma	Nascimentos	Casamentos	Mortes
Livres		Escravos		Livres		Escravos					
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres				
360	485	2.215	2.158	2.659	3.580	749	833	25.313	703	262	569
40	40	97	91	50	60	25	16	609	31	1	14
101	161	1.662	618	562	779	180	219	5.633	215	67	205
6	7	22	9	252	321	104	99	1.125	48	6	25
47	43	559	500	704	920	174	221	7.705	259	92	123
58	79	696	650	772	1.047	176	182	6.609	377	121	148
22	29	609	453	302	369	151	179	3.841	194	42	98
9	19	257	227	121	140	55	65	2.919	164	32	71
19	35	709	642	402	601	173	196	9.293	271	140	126
23	30	829	649	256	373	184	175	6.500	777	62	298
12	25	428	352	1.283	1.501	29	48	6.334	304	122	106
39	33	668	497	824	1.025	84	88	5.061	144	52	91
23	26	637	445	251	263	112	119	4.859	155	62	52
7	8	62	48	322	410	68	66	2.810	118	98	45
60	56	560	456	646	731	275	271	7.802	242	51	54
1	4	506	254	170	211	51	57	3.544	133	50	51
12	21	775	425	209	213	103	90	3.039	45	10	51
83	89	1.577	1.019	969	1.002	190	197	12.136	646	167	313
5	4	308	290	664	1.040	212	198	10.153	288	57	74
11	12	621	444	136	195	70	62	2.858	118	14	72
988	1.206	13.797	10.227	11.554	14.781	3.165	3.381	128.143	5.152	1.568	2.586
82	132	540	554	1.192	614	244	250	9.122	492	180	121
174	188	357	327	249	292	177	212	5.801	406	106	182
65	76	228	223	152	201	41	58	1.592	50	18	26
416	462	687	433	107	106	292	283	6.542	251	181	164
0	1	40	46	10	3	199	231	663	11	8	1
23	37	54	41	159	167	25	14	1.035	94	10	8
27	50	429	363	365	463	167	198	4.831	171	44	26
164	129	212	199	1.021	1.092	92	152	3.904	288	27	95
15	18	123	124	222	191	47	45	2.351	148	20	36
966	1.093	2.670	2.310	3.477	3.129	1.284	1.443	35.841	1.841	594	659
51	88	1.867	1.047	257	364	142	145	7.037	502	189	318
41	44	934	736	546	763	210	237	10.391	583	128	395
18	6	97	83	522	558	26	34	2.551	115	22	18
33	37	891	583	746	785	152	175	11.299	782	185	181
87	82	247	170	231	252	83	88	1.537	58	27	55
10	13	197	149	1.299	1.456	40	54	5.390	354	116	167
1	3	1.185	625	904	878	36	9	5.401	380	178	161
65	84	1.532	882	744	839	158	180	8.361	339	113	146
306	357	6.950	4.275	5.249	5.895	847	922	51.931	3.113	958	1.391
2.210	2.656	23.417	16.812	20.280	23.805	5.296	5.746	215.021	10.106	320	4.636

II – Lista dos produtos da lavoura e criação de gado, na capitania de São Paulo em 1814¹

Artigo	Quantidade	Preço corrente	Valor de todo o artigo
Açúcar	122.993 arrobas	{ O redondo 1\$600	{ 98:394\$400
		{ O mascavo 1\$280 por arroba	{ 78:775\$520
Cachaça	2.521 pipas	40\$000 por pipa	100:840\$000
Óleo de mamona	179 canadas	5\$200 por canada	930\$000
Farinha de trigo	5.050 arrobas	960 réis por arroba	4:848\$000
Farinha de mandioca	111.460 alqueires	560 réis por alqueire	62:417\$600
Milho	723.939 alqueires	240 réis por alqueire	175:757\$360
Feijão	59.166 alqueires	480 réis por alqueire	28:399\$680
Arroz	120.860 alqueires	960 réis por alqueire (descascado)	116:025\$600
Toicinho	24.376 arrobas	1\$280 por arroba	31:201\$280
Peixe	100 arrobas	5\$000 por arroba	500\$000
Fumo	9.596 arrobas	{ 2\$000 por arroba (da Marinha) ..	{ 9:596\$000
		{ 960 réis por arroba (de serra acima)	{ 4:606\$080
Anil	128 libras	760 réis por libra	97\$280
Algodão	54.222 arrobas	1\$600 por arroba com os caroços	86:755\$200
Café	4.867 arrobas	2\$200 por arroba	10:707\$400
Porcos	16.545 peças	2\$000 por peça	33:090\$000
Gado vacum novo	17.933	2\$000 por peça	35:866\$000
Cavalos bravios	5.330	4\$000 por peça	21:320\$000
Mulas chucras	7.504	7\$000 por peça	52:528\$000
Carneiros e ovelhas	1.249	1\$000 por peça	1:598\$720
Couro	1.300	720 réis por peça	936\$000
Diversas miudezas	3:074\$800
		Soma	1.005:764\$440

1 Esta mesma lista, que nos deu o sr. tenente-coronel Müller manuscrita, havia o sr. von Eschwege, publicado, em 1813, no seu *Diário sobre o Brasil* (caderno 2, pág. 100), onde se pode consultar diversas tabelas sobre estatística e comércio de São Paulo.

III – Exportação da capitania de São Paulo no ano de 1807.

Artigos	por meio de	Valor em réis
Para Lisboa foi exportado em	5 navios	o valor de
Para o Porto foi exportado em	5 navios	o valor de
Para Madeira foi exportado em	1 navio	o valor de
Para o Rio de Janeiro foi exportado em	45 embarcações	o valor de
Para a Bahia foi exportado em	4 embarcações	o valor de
Para Pernambuco foi exportado em	6 embarcações	o valor de
Para o Rio Grande foi exportado em	19 embarcações	o valor de
Para o Rio São Francisco foi exportado em	5 embarcações	o valor de
		63:298\$000
		75:313\$400
		13:513\$600
		87:066\$600
		117:197\$170
		9:300\$890
		12:067\$450
		2:577\$420

Artigos	por meio de	Valor em réis	
Para Parati foi exportado em	2 embarcações	o valor de	519\$900
Para a Ilha Grande foi exportado em	2 embarcações	o valor de	283\$400
Para Santa Catarina foi exportado em	1 embarcação	o valor de	388\$710
Por terra, para o Rio de Janeiro	o valor de	108:776\$000
Por terra, para Minas Gerais	o valor de	2:685\$000
Por terra, para o Rio Grande	o valor de	5:086\$000
Por terra, para Goiás	o valor de	2:875\$000

Artigos	Quantidade	Exportação por mar		por terra		Total	
		Soma	Valor em réis	Soma	Valor em réis	Soma	Valor em réis
Acúcar	Arrobas ...	162,110	228:575\$100	21,550	19:520\$000	183,660	248:095\$100
Aguardente ...	Pipas	233	7:922\$000	57	1:710\$000	290	9:632\$000
Café	Arrobas ...	2,184	7:644\$000	520	1:860\$000	2,804	9:504\$000
Arroz	Alqueires .	45,927	75:517\$770	—	—	45,927	75:517\$770
Farinha de mandioca	Alqueires .	7,825	4:538\$500	—	—	7,825	4:538\$500
Farinha de trigo	Alqueires .	2,008	2:610\$400	—	—	2,008	2:610\$400
Trigo	Alqueires .	188	214\$320	—	—	188	214\$320
Milho	Alqueires .	—	—	2,000	800\$000	2,000	800\$000
Mate	Alqueires .	1,056	369\$600	—	—	1,056	369\$600
Toicinho	Arrobas ...	4,395	4:614\$750	24,500	24:500\$000	28,895	29:114\$750
Banha	Arrobas ...	1,820	2:912\$000	—	—	1,820	2:912\$000
Vitelas	Peças	—	—	6,200	24:800\$000	6,200	24:800\$000
Porcos	Peças	—	—	2,100	6:720\$000	2,100	6:720\$000
Galinhas	Peças	—	—	12,300	1:476\$000	13,300	1:476\$000
Couros meio curtidos	Peças	593	519\$700	—	—	6,600	9:900\$000
Couros de boi	Peças	6,600	9:900\$000	—	—	593	519\$700
Couros finos	Peças	200	150\$000	—	—	200	150\$500
Anil	Arrobas ...	126	2:318\$400	—	—	126	2:318\$400
Polvilho	Arrobas ...	232	185\$000	—	—	232	185\$000
Salitre	Arrobas ...	32	640\$000	—	—	32	640\$000
Fumo	Arrobas ...	666	1:065\$600	10,700	10:712\$000	11,375	11:777\$600
Cordame	Peças	10,680	4:165\$200	—	—	10,680	4:165\$200
Madeiras de construção ..	Peças	—	9:010\$980	704	10:164\$000	960	18:748\$000
Tecidos de algodão	Arrobas ...	256	1:702\$000	—	—	240	1:072\$000
Fio de algodão	Arrobas ...	240	5:836\$800	—	—	76	5:836\$800
Azeite de peixe	Peças	76	—	—	—	2,850	—
Barbatanas	Peças	2,850	—	390	3:315\$000	390	3:315\$000
Mulas	Peças	—	—	1,010	7:070\$000	1,010	7:070\$000
Cavalos	Peças	—	7:691\$300	—	1:775\$000	—	9:466\$300
Miudezas	—	—	—	—	—	—	—
Soma	—	—	381:687\$420	—	114:422\$000	—	496:109\$300

IV – Exportação da capitania de São Paulo para a Europa, nos anos de 1801-1807.

Artigos	1801		1802		1803	
	Em 2 navios para Lisboa		Em 2 navios para Lisboa		Em 3 navios para Lisboa	
	Soma	Valor em réis	Soma	Valor em réis	Soma	Valor em réis
Açúcar (arrobas)	13,359	19:141\$200	39,760	60:015\$500	39,470	60:171\$400
Aguardente (pipas)	—	—	12	480\$000	36	1:440\$000
Cafê (arrobas)	132	396\$000	116	230\$400	675	1:625\$000
Arroz (alqueires)	60	79\$500	396	537\$660	818	2:018\$000
Farinha de mandioca (alqueires)	—	—	120	84\$000	270	189\$000
Farinha de trigo (alqueires) ...	—	—	—	—	—	—
Carne salgada (barris)	—	—	—	—	—	—
Banha (arrobas)	—	—	—	—	—	—
Couros (peças)	297	298\$400	480	480\$000	5,620	8:958\$240
Couros curtidos (peças)	—	—	—	—	50	75\$000
Couros de boi meio curtidos (peças)	—	—	—	—	—	—
Couros finos (peças)	—	—	—	—	—	—
Anil (arrobas)	—	—	—	—	—	—
Quina (arrobas)	—	—	—	—	—	—
Polvilho (arrobas)	—	—	—	—	—	—
Salitre (arrobas)	—	—	—	—	—	—
Madeira	—	280\$000	—	128\$000	—	100\$000
Algodão	160	640\$000	—	—	13	78\$000
Sebo	—	—	—	—	—	—
Pontas de chifre (peças)	—	—	—	—	—	—
Miudezas	—	400\$000	—	600\$000	—	1:648\$000
	—	21:235\$000	—	66:555\$000	—	76:282\$640

1804 Em 4 navios para Lisboa e o Porto		1805 Em 4 navios para Lisboa, 2 para o Porto 1 para Figueira e 1 para Madeira		1806 Em 3 navios para Lisboa e 4 para o Porto		1807 Em 5 navios para Lisboa, 4 para o Porto e 1 para Madeira	
Soma	Valor em réis	Soma	Valor em réis	Soma	Valor em réis	Soma	Valor em réis
65,533	141:944\$480	93,924	196:254\$200	59,600	103:227\$200	58,210	86:732\$000
46	2:300\$000	53	2:363\$800	16	576\$000	40	1:400\$000
1,243	3:725\$270	954	3:749\$220	1,060	4:240\$000	1,270	4:895\$850
9,543	19:000\$110	14,694	33:208\$440	23,420	39:298\$760	25,010	45:618\$240
450	270\$000	4,300	2:781\$700	650	416\$000	1,720	1:062\$400
—	—	—	—	—	—	594	816\$000
—	—	—	—	—	—	555	3:552\$000
176	281\$600	247	350\$000	1,510	2:416\$200	1,580	2:528\$000
8,686	17:372\$000	15,277	26:543\$790	17,962	33:948\$180	50,673	52:389\$480
600	960\$000	—	—	1,000	1:000\$000	—	—
—	—	100	112\$000	320	320\$000	333	333\$000
—	—	1,133	913\$000	269	269\$000	200	150\$000
46	1:029\$000	9	216\$000	155	3:915\$000	126	2:319\$030
—	—	—	—	—	—	706	15:786\$160
620	508\$680	1,134	1:213\$380	220	221\$400	232	185\$600
84	1:680\$000	58	1:160\$000	24	480\$000	32	640\$000
—	351\$000	—	557\$000	—	300\$000	—	1:408\$000
10	60\$000	44	140\$800	20	102\$400	—	—
—	—	210	268\$800	705	1:480\$500	1,540	3:141\$600
2,300	69\$000	3,910	181\$500	1,730	309\$200	24,500	931\$800
—	418\$000	—	3:916\$160	—	2:940\$000	—	5:124\$800
—	194:041\$140	—	273:930\$540	—	195:460\$140	—	229:020\$060

V – Comércio da capitania de São Paulo no ano de 1813

Exportação		Importação	
Artigos	Quantidade	Artigos	Quantidade
Açúcar	578.657 arrobas	Vinho	3,445 pipas
Aguardente	1,214 pipas	Aguardente portuguesa .	52 ½ pipas
Azeite de peixe	180 pipas	Vinagre	27 pipas
Farinha de trigo	6,044 arrobas	Azeite de oliveira	5 pipas
Milho	23,758 alqueires	Cerveja	1,957 garrafas
Feijão	6,799 alqueires	Mercadorias	1,113 fardos
Arroz	38,518 alqueires	Chapéus	200 caixas
Toicinho	19,990 arrobas	Pólvora	44 arrobas
Conservas de doces	142 arrobas	Chumbo	353 quintais
Queijo	344 dúzias	Ferro	1,080 quintais
Mate	963 alqueires	Aço	130 arrobas
Tabaco	7,018 arrobas	Cobre	549 arrobas
Café	9,223 arrobas	Utensílios de ferro	158 caixas
Anil	3 arrobas	Louças e cristais	379 caixas
Couros	1,074 peças	Escravos	565 peças
Cal	18 moios	Sal	57,669 alqueires
Polvilho	24 alqueires	Bacalhau	149 quintais
Algodão bruto	1,224 arrobas	Azeitonas	54 barrilinhos
Tecidos de algodão	66 peças	Presuntos	3 arrobas
Tecido listado de algo- dão	4,634 peças	Peixes	185 arrobas
Amarras de imbê	40 peças	Carne salgada	4,447 arrobas
Porcos	11,263 peças	Manteiga	412 arrobas
Gado vacum	1,402 peças	Chá	74 arrobas
		Sebo	52 arrobas
		Cera	855 arrobas
Madeiras no valor de 4:604\$060 réis.		Artigos de farmácia e drogas no valor de 7:612\$980	
Diversas miudezas no valor de 1:006\$300.			
Exportação desses artigos para:		Importação desses artigos de:	
Lisboa, no valor de	2:635\$600	Porto, no valor de	53:270\$000
Porto, no valor de	49:907\$600	Rio de Janeiro, no valor de	646:584\$928
Rio de Janeiro, no valor de	536:006\$600	Bahia, no valor de	24:362\$560
Bahia, no valor de	13:042\$880	Pernambuco, no valor de	15:500\$800
Pernambuco, no valor de	5:085\$000	Rio Grande, no valor de	6:604\$800
Rio Grande, no valor de	34:420\$880	Cabo Verde, no valor de	9:033\$600
Rio da Prata, no valor de	25:844\$680	Cotinguiba, no valor de	6:876\$760
		Rio da Prata, no valor de	3:870\$680
Total da soma de exportação:	666:942\$840	Total da soma de importação:	766:105\$028

.....

Capítulo II

VIAGEM DA CIDADE DE SÃO PAULO À FÁBRICA DE FERRO DE IPANEMA¹

FIRMOU-SE COM MAIOR regularidade a estação das chuvas, durante a nossa estada em São Paulo. Chovia a noite inteira, quase incessantemente e, durante o dia, encobria-se o céu, depois do meio-dia, com pesadas nuvens, que se descarregavam de repente, tornando-se o céu em breve de um lindo azul; o ar, portanto, raras vezes, era muito abafado; à noite, descia mesmo tanto a temperatura, que tivemos que arranjar cobertores mais grossos. Para o nosso desejo de investigar as curiosidades da história natural da região era o tempo atual em extremo desfavorável, pois se desejávamos alongar os nossos passeios até os arredores da cidade, tínhamos que voltar para casa, todo encharcado. O mundo das plantas começou pouco a pouco a despertar com renovado vigor; os animais, entretanto, apareciam ainda em menor número. Resolvemos encurtar a estada na cidade, aliás algo enfadonha para naturalistas, e dirigir-nos para a fábrica de ferro São João de Ipanema, vinte léguas distante, cujos belos arredores e considerável tesouro

1. Hoje Araçoiaba da Serra.

em plantas e animais nos havia descrito, atrativamente, o próprio diretor, Sr. tenente-coronel Varnhagen², no Rio de Janeiro. O governo forneceu-nos cartas de recomendação para as autoridades com as quais teríamos que tratar, e o nosso solícito patrício Sr. Müller arranhou-nos um tropeiro paulista, com fama de bom guia de tropa. Assim aparelhados, depois de ter mandado reconduzir para São Paulo os cargueiros que estavam no pasto, para onde tinham sido tocados durante nossa estada aqui, partimos a 9 de janeiro de 1818, desta cidade, que, pela franqueza e hospitalidade de seus habitantes, já nos era muito cara.

O caminho para Ipanema segue a S.S.O. por um terreno montanhoso, em parte cultivado. À direita, tínhamos o monte de Jaraguá, propriedade do general França e Horta no Rio, que, nos havia convidado para passar ali uns dias, a fim de investigarmos a formação e suas antigas lavagens de ouro, que ele de novo explorava. Este monte constitui um dos contrafortes mais meridionais da serra da Mantiqueira, que nesta latitude se perde, depois de estender-se por mais de cinquenta léguas para o norte. Fazem-se ali as lavagens de ouro, tirado de um conglomerado de grés ferruginoso, no qual aparece o metal, ora em grânulos ora em pequenos folhelhos.

De Jacareí, pequena povoação, vai-se subindo pouco a pouco. O terreno apresenta outeiros graciosamente dispostos, alternados com vales estreitos. Os montículos são cobertos de capim alto, verde-acinzentado, por entre os quais se elevam disseminadas as moitas de murtas, melastomáceas, réxias, etc.; nas baixadas mais frescas, ao contrário, cresce mato baixo.

Em Cotia, freguesia distante cinco léguas de São Paulo, abandonamos a nossa tropa e apressamos o passo, para chegar a Ipanema quanto antes. Quase teríamos de nos arrepender dessa pressa, pois mais tarde soubemos que alguns dos nossos homens mostraram tenção de abrir as nossas malas e fugir com o roubo. Deu-nos essa experiência uma lição: nunca mais nos separarmos da nossa tropa, nestas paragens. A região, que percorríamos, tornava-se sempre mais montanhosa e mais coberta de mata; a estrada era na verdade larga e bastante aberta pela passagem de muitas manadas amiúde de milhares de cabeças de mulas que vindas do Rio Grande,

2. Pai de Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro.

por aqui transitam; todavia achamo-nos num certo ponto, de improviso, fora dela e nos perdemos na espessura do arvoredo. O silêncio dessa mata, interrompido só por vezes pelas notas soantes da araponga, faz tétrica impressão no extraviado, que receia, com cada passo, mais se afastar da sua direção. Depois de havermos andado ao acaso na mata, durante algumas horas, deparou-se-nos finalmente num trilho lateral um homem amável que, com a máxima prontidão, nos reconduziu à estrada distante. Era o pároco de São Roque, ponto de nosso destino então, o qual, mesmo à tarde ia para sua fazenda. Vestido à moda paulista, com um vasto *poncho*, chapéu de feltro branco de abas largas, e com o sabre à cinta, ninguém o tomaria, em outro país, por um pacífico pregador do Evangelho. Aqui neste país é, entretanto, necessário viajar desse modo, porque no caminho solitário, pelo meio da mata, pode-se às vezes encontrar alguma onça ou cobra venenosa ou mesmo algum fugido escravo salteador.

Em São Roque, insignificante povoado, cuidou logo o cabo das ordenanças, como primeira autoridade do lugar, de alojar-nos numa pequena cabana ruínosa, forneceu-nos frugal refeição e indicou-nos, finalmente, um tabuado com cavaletes para cama (jirau).

O elemento orogênico nesta região é um grés amarelado de granulação grosseira que alterna num e noutra ponto com camadas de limonita. Na estrada aparecem não raro blocos de hematita. De qualquer modo o aparecimento espalhado de ferro, embora apenas em fragmentos, tanto mais se torna notável, quanto mais se passa do granito para a formação de grés; nas encostas, acham-se, às vezes soltos, cristais de limonita octaédricos.

No dia seguinte, tivemos que atravessar outra vez diversas matas baixas, porém cerradas, nas quais apanhamos o pequeno lepidóptero noturno atlas (*A. aurora*) e uma nova espécie de escaravelhos, *Lampurina*, com mandíbulas muito curvas, aforquilhadas à frente. Ao anoitecer, saímos da mata e alcançamos a Vila de Sorocaba, passando por campos altos, cobertos de abundante capim. Essa bonita vila está à margem do rio do mesmo nome, pouco considerável e que se lança a oeste no Tietê, e se transpõe por uma ponte de madeira. Esperavam-se desde muito tempo, operários alemães para a vizinha fábrica de ferro de Ipanema, e fomos logo interpelados, à chegada, com indagações sobre a vinda deles, sua habilidade e o modo como se fabrica o metal na Alemanha.

Tão evidentes mostras de interesse pelo real estabelecimento deram-nos muito favorável opinião sobre o espírito cívico dos sorocabanos. Com o tempo, fomos informados também de que eles gozam, em toda parte, da fama de honradez e confiança, onde quer que apareçam com as suas tropas de mulas xucras, cuja venda é o seu mais importante ramo de negócio. O capitão-mor ofereceu-nos logo uvas frescas e, ao provarmos essas frutas, ocorreu-nos esta observação: por que são tão pouco doces aqui nesta terra, ao passo que os ananases na província de São Paulo primam pela doçura e pelo delicioso sabor? Talvez porque o solo seja pobre de cal, e muito mais argiloso e granítico, ou porque a videira em geral ainda pouco se tenha aclimado aqui. Antigamente foi proibida aqui no país, por decreto real, a viticultura, para não prejudicar o comércio de Portugal. Agora já é permitida, sem ainda ter encontrado muitos amadores.

Esperamos em Sorocaba apenas a frescura da tarde, a fim de seguirmos para a fábrica de São João de Ipanema, que ainda distava duas léguas. Passamos por campos com morros baixos, cobertos de capim rasteiro e de algumas árvores anãs por entre as quais se eleva, nas baixadas aqui e acolá, arvoredos cerrados e baixos, e alcançamos ao pôr do sol o lugarejo. Reclina-se apoiado numa elevação em anfiteatro, à margem do rio Ipanema, que aqui se alarga como lagoa; lindos campos formam o primeiro plano, e a montanha de ferro de Arrasojava (Guarasojava)³, coberta de mato escuro, que desce pela encosta noroeste abaixo até o vale, constitui o fundo do cenário.

As casas caiadas de fresco, espalhadas ao longo da colina, ao pé da qual se elevam os imponentes prédios da fábrica, e a impressão de atividade e de indústria ruidosa que aqui se experimenta, transportaram-nos a nós europeus, por assim dizer, a uma região laboriosa de beleza selvagem de nossa pátria.

3. É *Araçoyaba*, que significa “o amparo contra o tempo”, “chapéu”, “cobertura”. Teodoro Sampaio, que é quem dá essas expressões, acrescenta-lhes a seguinte explicação: “Nome dado a montes isolados com a forma da copa de um chapéu. A denominação *Morro do Chapéu* é tradução de *araçoyaba*”. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)



Mameluca com bócio exoftálmico. Habitantes da província de São Paulo, os mamelucos descendem de pai caucásico e mãe da raça indígena americana. A papeira foi comum em muitas regiões dessa província, e era quase considerada como ornamento.

Cafuza. Raça intermediária entre o indígena americano e o negro. Fumar, especialmente entre as classes inferiores, é hábito geral na província de São Paulo.

Vínhamos recomendados pelo amável coronel Toledo, de São Paulo, ao contador da fábrica, Sr. Francisco Xavier Ferreira. A hospitalidade desse honesto paulista e a bondade natural com que a sua numerosa família nos acolheu, a nós estrangeiros, tornou a nossa demora em Ipanema um dos mais belos períodos da nossa viagem, de que não nos podemos recordar sem enternecimento. Nosso hóspede destinou-nos uma casita próxima da fábrica, onde tivemos bastante espaço para arrumar as nossas coleções, arejá-las e secá-las.

A residência dele era uma quinta situada na elevação, uns dez minutos distante do local; deixava-nos, porém perto, à disposição durante todo o dia, diversos cavalos selados, para facilitar as nossas visitas.

A estada no meio dessa família tão hospitaleira e simples ter-nos-ia sido logo de princípio muito agradável, se não fosse a inquietação pelo atraso de nossa tropa, que devia chegar à tarde, depois de nós. Passaram-se três dias em ansiosa expectativa, e, só depois de termos despachado um tropeiro com animais descansados, vimos chegar no quinto dia os nossos cargueiros, no mais lastimável estado. Um preto liberto, que havíamos ajustado no Rio de Janeiro como tropeiro, era natural desta região e escapuliu sem escrúpulos, logo que se achou de novo na sua terra. Este incidente despertou em nós invencível desconfiança contra toda a gente de sua cor, o que determinou o nosso modo de proceder com acerto em muitas ocasiões idênticas a esta. Por isso, recomendamos aos viajantes pelo interior do Brasil o maior cuidado na escolha de auxiliares; quanto menos dependerem os viajantes da gente do interior, tanto mais segura e agradável correrá a viagem.

Toda a povoação de Ipanema deve a sua origem às grandes jazidas de magnetita do monte de Araçoiaba, cuja riqueza em metal na verdade já é conhecida desde muito tempo; entretanto, somente depois da vinda do rei é que tem sido explorada sistematicamente e segundo as regras da metalurgia. O empreendedor ministro conde de Linhares mandou vir para aqui, no ano de 1810, uma turma de fundidores suecos, que começaram construindo a casa da fábrica, de madeira, à margem do Ipanema, e tratando o minério em duas pequenas forjas de refinação. Atualmente, acham-se aqui ainda três mestres suecos, que têm elevado a produção da fábrica, por eles construída a quatro mil

arrobas. Segue-se na carga e na fundição o método sueco. Entretanto, a falta de um alto-forno como a dificuldade de transportar o metal em grandes quantidades e a procura de ferramentas já prontas, induziram a administração a mandar fazer da maior parte do metal obtido ferraduras, pregos, ferragens, fechaduras, etc. Os operários suecos procuraram ensinar o ofício aos indispensáveis auxiliares negros e mulatos, e estão muito satisfeitos com a aptidão prática destes; todavia, a sua indolência e irregularidade no serviço são constantes motivos de descontentamento para essa boa gente, que, mesmo na fartura e sem desassossego no clima do sul, não pode esquecer sua pátria; e, ao imaginar ter algum dia que descansar em terra profana, como acontecera aos companheiros já falecidos, sente-se empolgada pela mais amarga nostalgia. Sob o governo do conde de Palma, um dos esclarecidos promotores da indústria, foi traçado o plano de uma nova fabrica de ferro, maior e mais duradoura; e a sua realização foi confiada a um patricio nosso, o Sr. tenente-coronel Varnhagen. A bela e extensa obra, cujo custo montou a 300.00 cruzados, acabava de completar-se, quando chegamos a Ipanema, porém ainda não se havia ali fundido coisa alguma porque se esperavam da Alemanha, para o trabalho, os necessários fundidores de alto-forno. Os novos prédios da fabrica são construídos com bom gosto e sólidos, com o grés amarelo daqui. A usina consiste em dois altos-fornos e diversas forjas de refinação; os ventiladores são movidos a água. Para depósito de carvão e dos utensílios acabados, foram levantados armazéns espaçosos, muito adequados, perto do edifício principal que recebe a água necessária do rio Ipanema, por um canal de alvenaria munido de comportas. Também para os operários doentes tem a fábrica um hospital com dois cirurgiões. Sobre a resistência ao fogo do grés daqui, predominavam dúvidas, no tempo de nossa estada, porque ainda não se havia tentado fundir. Uma dificuldade que se vai opor à ampliação do fabrico é a falta de boa lenha, pois, embora as baixadas dos vales, as margens dos córregos e a própria montanha de ferro de Araçoiaba sejam cobertas de matas, decerto em breve se esgotarão, com os contínuos trabalhos da fábrica. A administração, de fato, ordenou que todo o morador desta região deve fornecer à fabrica uma quantidade de carvão correspondente ao tamanho do terreno por ele cultivado; mas essa

disposição, sem o regular reflorestamento e o cuidadoso uso das matas que existem, não poderá evitar no futuro a carência de lenha. Com o plantio de uma qualidade de madeira que se distingue por seu bom carvão, a *Paraúna* (*Acácia?*), poder-se-ia evitar a necessidade do emprego de qualidades diferentes de carvão que, pelo desigual desprendimento de carbono durante o processo de fundição, tornam o ferro de desigual densidade e, portanto, em certos pontos, quebradiço. Pelo aspecto, o minério parece bom e contém teor até noventa por cento; entretanto, ouvimos no Brasil frequentes queixas de que o ferro dele obtido é quebradiço e de pouca duração para muitas ferramentas. Quando se conhecer a manipulação apropriada do minério, sobretudo na refinação, e quando for construída uma estrada carroçável ou um canal para a costa, para facilitar a exportação, então estará Ipanema em condições, por sua incrível riqueza em minério, de abastecer com o seu ferro, não só todo o Brasil, mas, igualmente, todo o continente americano.

A montanha que poderá fornecer essa quantidade extraordinária de material eleva-se a oeste, um quarto de légua atrás do povoado, e estende-se bastante isolada, por uma légua de sul a norte. A sua altitude acima do Rio Ipanema é de uns mil pés. Quase por toda parte é coberta de denso mato, de onde se fazem ouvir de noite e de manhã os urros fortes dos bugios pardos (*Mycetes fuscus*).

Subimos pelo morro, tomando uma trilha entre arbustos pela qual as mulas trazem o minério para a fábrica. Depois da ascensão de um curto trecho através do matagal, achamo-nos, de improviso, diante de algumas gigantescas rochas de magnetita que se levantam quase a prumo, em quarenta ou mais pés de altura. Jazem em volta delas, espalhados, parte em cima, parte embaixo do solo, que é de gordo humo, inúmeros pedaços soltos, do tamanho de um punho até blocos grandes. A superfície da rocha é por toda parte achatada e plana, ou só pouco cavada e côncava, apresentando uma casca de minério de ferro meio oxidado, da espessura de algumas linhas. Uma agulha suspensa acima dos grandes blocos, não fez movimento algum; porém, sobre alguns pedaços menores, especialmente os recentemente cortados, produziu-se alteração bastante forte na agulha. A massa desta magnetita é, ou inteiramente compacta, ou contém veios de ocre de ferro. Esta mag-

netita parece ser encaixada num grés quartzoso amarelo, com pouco cimento argiloso; pelo menos, este último aparece em diversos lugares, no sopé da montanha, assim como na própria povoação de Ipanema. Uma ardósia de cor azul alfazema, turva e parda do lado ralado que se inclina de E. a O., jaz no cume da montanha aqui e acolá, acima da magnetita. Também no morro de Araçoiaba aparece, e provavelmente em gangas de magnetita, uma rocha quartzosa porosa de um castanho claro, cujas cavidades são revestidas de calcedônia branco-azulada e de superfície cristalina.

As matas virgens, que se ostentam mais densas e luxuosas nas baixadas do que nas regiões mais altas, possuem riqueza fora do comum, das mais diversas qualidades de madeira. Colecionamos, em companhia de um lavrador do lugar, num só dia, cento e vinte qualidades, entre as quais se acha relativamente grande porção de madeira muito rija, resistente e própria para a construção de prédios e de navios⁴. Admiramos a facilidade com que o guia, à vista do caule e da casca de cada qualidade, nos dizia não só o nome vulgar no país, mas, igualmente, o uso, a época da florescência e gênero de frutos. O contínuo lidar com a natureza aguça o sentido desses homens simples, dando-lhes percepção tão exata dos característicos físicos, que, neste ponto, eles superam geralmente o europeu, muito ilustrado, mas pouco observador da natureza. O sertanejo de São Paulo distingue diversas formas aparentadas de loureiros, que pretende cortar para seu uso, pela comparação das folhas, com uma certeza que faria honra a um botânico.

Igualmente o sertanejo é notável pelo conhecimento perfeito das plantas medicinais de sua terra; sobretudo as mulheres, entre os habitantes desta província, têm fama de grande proficiência na prática da medicina. Em quase todas as casas, uma ou outra exerce as funções de *curandeira*, que não lhe são disputadas por nenhum médico, nem cirurgião; na época em

4. As mais importantes qualidades de madeira dessa região são as seguintes: sebastião-de-arruda, coração-de-negro, ambas preferidas para móveis finos, por causa do seu cerne vermelho; jacarandatã, que também dá uma excelente madeira para móveis, semelhante ao mogno; maçaranduba, cabiúna, peroba, paraúna, jequitibá, cedro, etc.



Lavagem de ouro (Rugendas).

que percorremos a capitania de São Paulo, não existia na capital nem fora, medico diplomado algum. É erro julgar que esses conhecimentos práticos das virtudes curativas de plantas tenham sido herdados, por tradição, dos primitivos indígenas americanos pelas atuais gerações. Longo convívio com os índios convenceu-nos de que a indolência desses infelizes os impossibilita de investigar as propriedades curativas da natureza. Superstição, indiferença pela vida e insensibilidade pelos sofrimentos do próximo não deixam que os índios se utilizem dos dons com que por toda parte os cerca a generosa natureza, cujo conhecimento não seria, aliás, difícil aos seus sentidos aguçados para simples observação se se interessassem deveras pelo assunto. O maior merecimento no achar e aplicar a virtude curativa das plantas, assim como o descobrimento das minas de ouro, compete, pois, aos paulistas. O seu gênio ativo e curioso, estimulado pela rica natureza, fê-los prosseguir nas descobertas casuais, ou, mesmo raramente, por alusão dos indígenas, com a perspicácia própria do europeu. O espírito humano, neste domínio das pesquisas, serve-se por toda parte dos indícios da natureza, e, pelos característicos físicos dos objetos, pelo aroma, pela cor, pela semelhança de certas formas com as partes do corpo humano, etc., tira conclusões por analogia sobre as virtudes íntimas dos primeiros e sua atuação como remédio. Assim raciocinava o paulista dotado com vivo senso de natureza, achando em todo o encarnado vivo uma relação com o sangue, nos amarelos, relação com a biliar e o fígado; ele atribui ao vermelhão do urupê (*Boletus sanguineus*), que aparece de repente nas árvores podres e muitas vezes só dura um mês, virtude especial para estancar hemorragias uterinas, encontrou na madeira amarela da butua (*Abuta rufescens*) um indício para sua eficácia nas doenças do fígado; nas raízes em forma testicular da contra-erva (*Dorstenia brasiliensis*) e nas folhas cordiformes do coração-de-jesus (*Mikania officinalis nob.*) o sinal de propriedades fortificantes dos nervos e do coração, e considerava a grande e magnífica flor da *Gomphrena officinalis nob.* como expressão das muitas e excelentes virtudes da sua raiz, pelo que a designou com o nome significativo de paratudo. Poderíamos citar ainda mais produtos semelhantes da natureza, que, por suas qualidades externas, os paulistas consideraram eficazes e que foram experimentados pouco a pouco de modo empírico (na verdade, muito grosseiro), e empregados cada vez mais nas suas doenças. Entre esse povo de

colonos, abandonado à própria ingenuidade e à munificência da natureza que o cerca, começou a medicina com experiência prática e tradições populares, e tomou a mesma feição que tinha na Europa durante a Idade Média e da qual ainda subsistem em algumas farmacopéias antiquadas, como testemunhas, o *Cornu cervi raspatum* e o *Scincus officinalis*, etc. Assim como outrora Hipócrates se utilizava dos ex-votos do templo, também deve o médico cientista aproveitar as singelas informações e a experiência dos roceiros, para ampliar o tesouro da farmacologia. Sobretudo feridas e doenças externas das mais diversas espécies são, aqui na província, tratadas, às vezes, com surpreendente êxito.

Tanto a rapidez com que nos países quentes evoluem todos os processos orgânicos, como o modo muitas vezes demasiado audaz com que o médico, meio ignorante, corta a doença com remédios heróicos e doses exageradas, podem determinar um resultado favorável de muitos tratamentos, que na Europa seriam condenados como ousadia. Também o fato de se empregarem para uso medicinal desses remédios caseiros, na maioria plantas frescas, é de grande importância, ao passo que na Europa, por se estar mais afastado da natureza pelo modo diferente de vida, talvez não se aprecie bastante essa circunstância. Os remédios europeus do reino vegetal, quando aqui chegam, em geral, já perderam grande parte de sua força, e o médico brasileiro substitui, portanto, sem escrúpulo, muitos do que vêm de fora pelos produtos nacionais. Somente para alguns poucos remédios não se conhecem substitutos perfeitos, por exemplo, o musgo islandês, a *scilla*, o acônito, digitalis, o ópio, dos quais o último nem sempre dá bons resultados.

Poucos dias apenas estávamos em Ipanema, já o boato da vinda de dois médicos estrangeiros se espalhou até longe, nestas regiões desertas e, de todos os lados, foram chegando doentes, que nos vinham pedir conselhos e remédios. Também o dono da casa, homem cheio de patriotismo, julgou dever aproveitar, para os seus vizinhos e amigos, a presença benéfica dos hóspedes, e encaminhou grande número de consultantes. Demos, no espaço de duas semanas, umas quinhentas receitas à multidão que acudia, o que esgotou a metade de nossa farmácia de viagem. A grande maioria das doenças, que aqui observamos, eram de origem sifilítica ou ligadas à discrasia sifilítica. As formas que toma aqui essa doença multiforme, são, sobretudo, a infinidade das afecções da pele, e algumas delas, talvez, ainda

não tenham sido observadas na Europa. Em geral, a feição das doenças aqui é inflamatória, e modifica-se pelo temperamento colérico-melancólico do paulista. A esta categoria pertencem os casos extremamente comuns de inflamações de olhos, de erisipelas com complicações hepáticas, de hidropisia aguda, especialmente de anasarca, de hidrotórax como consequência de pneumonias que, por vezes, ocorrem simples ou com complicações gástricas, estas às vezes muito disfarçadas, de apoplexias com gota serena precedente, etc. Em parte alguma do Brasil se encontram tantos melancólicos e histéricos, como aqui. A hidrofobia já tem sido observada, porém, raras vezes. Entre as circunstâncias que predispõem às doenças, nesta região do Brasil, devemos, sobretudo, citar também a alimentação, que diverge muito da usada nas províncias do norte. Em vez da farinha de mandioca, quase exclusivamente se come a farinha de milho grosseira. Vem à mesa, em cestinhas, como o pão, na Europa, e, somente a pedido do hóspede, é substituída pela farinha de pau (mandioca). Raras vezes se fazem pães ou bolos com ela. No mais é a canjica, igualmente preparada com milho: e nunca falta na sobremesa essa comida nacional dos paulistas. Põem-se de molho, na água, os grãos de milho, socados por um pilão movido a água (*Negro velho*), depois são cozidos com água ou leite, em forma de papa, e então servidos com açúcar ou melado. A canjica, de cujo invento se ufana o paulista, é comida gostosa, porém indigesta, por causa do calor do clima. Não raro se ouve dizer nesta província: se não houvéssemos sido os primeiros a descobrir as minas de ouro, teríamos bastante merecido da pátria, inventando a canjica e as redes, que primeiro imitamos dos índios.

Do magnetismo animal os simples moradores desta zona ainda nada sabiam e ouviram, com certa incredulidade, as nossas narrações a respeito desta terapia, segundo eles, diabólica. Se tivéssemos proposto o tratamento magnético para mulheres histéricas, os maridos delas, certamente, não ficariam indiferentes durante o tratamento; porém, ofereceu-se outra oportunidade para tal experiência. Um jovem escravo negro, que, por causa de resfriamento súbito perdera o uso do braço direito, foi-nos trazido por seu dono, para consultar-nos sobre a doença. Depois de detida investigação das circunstâncias, achamos apropriada a aplicação do magnetismo no braço doente. Um de nós fê-lo colocar o braço sobre a mesa, e, apenas magnetizado alguns minu-

tos, o doente prendeu a atenção de todos os presentes pelo movimento vivo dos músculos. O médico, animado com o resultado, redobrou os esforços; quando, depois de algum tempo, ordenou com voz de comando ao negro: “Levanta-te! Estende o braço!”, o doente ainda hesitante, levantou o braço, mas, quando pôde fazer todos os movimentos, livremente, a cena que se apresentou ao observador seria digna de um pincel de mestre. Quadro muito expressivo foi o do espanto e medo tímido dos espectadores diante dessa feitiçaria, o triunfo respeitoso do dono da casa, a alegria do escravo e a gratidão do seu senhor. Não nos demoramos bastante em Ipanema, para averiguar a duração da cura do preto magnetizado; notável foi-nos, em todo caso, a rapidez do efeito produzido numa só sessão.

Esta experiência pareceu-nos confirmar a opinião, pela qual o fisiólogo é levado a crer, e por muitas outras razões, que o europeu é superior aos homens de cor pela intensidade da vida nervosa, e supera de modo todo específico, tanto somática como psiquicamente, as demais raças. Já foi observado por diversos autores talentosos que algumas raças, embora organizadas de modo idêntico, são, entretanto, qualificadas mais ou menos perfeitamente em diferentes sentidos, e que o europeu compensa as faculdades físicas inferiores com um desenvolvimento superior dos órgãos e forças intelectuais. Se, por exemplo, o homem da raça caucásica é de fato inferior ao negro em mobilidade e potência sexual, ao indígena americano em constituição robusta e vigorosa, em força muscular, resistência e longevidade, e a este, como ao mongólico, em agudeza dos sentidos; todavia, ele supera a todos em beleza do corpo, em precisão simétrica das proporções e atitude, e no desenvolvimento moral livre, independente e universal do espírito.

A bela harmonia de todas as diferentes forças, produzida e mantida somente pelo predomínio das faculdades mais nobres no homem, é que determina melhor a sua dignidade do que a formação predominante, e talvez também excessiva, de alguns órgãos inferiores. O resultado dessa bem organizada e perfeita unidade das forças humanas é que se pode considerar a verdadeira humanidade, inseparável da ideia de liberdade. A liberdade, fundamentada na viva consciência moral e desenvolvida pela delícia da religião e da autêntica ciência, imprimiu ao

européu o cunho de dignidade e grandeza, que até aqui o tem guiado quase involuntariamente por todas as partes do mundo, sempre vitorioso; mesmo no meio dos rudes filhos da natureza isso o protege, mesmo lá onde desenfreada audácia substituiu a primitiva simplicidade, e, por toda parte, ele sempre infunde respeito. Também tivemos ocasião, quando nos demoramos mais tempo entre os índios, de experimentar a preponderância que a natureza do branco exerce sobre eles. Essa raça demonstra, assim como também a etiópica e seus mestiços, secreta timidez diante do branco, de sorte que basta um simples olhar deste, mesmo a sua simples presença, para amedrontá-los, e um branco governa tacitamente centenas deles. Maior ainda é essa ascendência sobre o negro, que rápido ataca, não sendo, porém, dotado de verdadeira e firme coragem, e somente por isso, diante da inata superioridade do branco, deixa-se submeter e subjugar psiquicamente pela vontade firme deste.

Depois de investigarmos as mais próximas cercanias de Ipanema, estendemos os nossos passeios a mais distantes regiões. Especialmente importante pareceu-nos uma visita à Vila do Porto Feliz no rio Tietê, onde poderíamos colher muitas informações sobre o comércio entre São Paulo e Mato Grosso, que se faz daqui para lá. Entre Ipanema e esse porto há cinco léguas e meia de distância. A estrada passa em geral para N. O. sobre campos ondulados e por baixadas revestidas de mato, onde não topamos com casa alguma. O capitão-mor informado de nossa vinda por nosso amável hóspede e guia, acolheu-nos com extrema cordialidade e prontificou-se a mostrar-nos as curiosidades do lugarejo, que consta de poucos casebres numa eminência. O rio Tietê, antes chamado Anhembi, corre a oeste, ao pé da vila. As suas águas são igualmente pardo-escuras e feias, como na vizinhança de São Paulo. Aqui, pela afluição de diversos rios pequenos e entre estes o rio dos Pinheiros, do Jundiá e do Capivari, tomou já grande volume de água, que corre para o sul numa largura de doze até quinze braças, entre margens montanhosas e cobertas de matas sombrias. Junto do porto, que não é senão uma enseada limpa de mato e de pedras, e que, a não serem umas canoas postas em seco, não apresenta vestígio de comércio nem atividade, eleva-se uma alta penha, que na língua geral é chamada *Arara-ita-guaba* (isto é, o lugar onde as araras comem pedra), e antigamente dava o seu nome à vizinha vila. Estas rochas

são da mesma formação do arenito que se encontra também em Ipanema. A sua superfície é revestida de uma camada fina, de marga cinzento-amarelada, contendo, misturados aqui e acolá na massa, fragmentos de grés que aparece também em outros lugares, por exemplo, na própria colina da vila, e segrega na decomposição um sal branco provavelmente alume. Contam haver-se notado que, no fim do tempo das chuvas, as araras e outras aves de toda a região aqui se reúnem para raspar com o bico e lambe a eflorescência salina da pedra. Não pudemos testemunhar o insólito espetáculo, antes, pelo contrário, nos pareceu como morta esta região, triste sem mais pela cor sombria das águas do rio. Ademais, lambe os animais o chão nas zonas quentes do Brasil, onde a superfície, em grandes extensões, contém sais, sobretudo salitre, é aspecto comum ao qual voltaremos mais tarde. A pequena distancia da vila, aflora o diorito em seixos mais ou menos grossos, na argila vermelha; parece haver também cal pelas vizinhanças.

De Porto Feliz partiram os paulistas, nas suas primeiras expedições para investigar os sertões a oeste. Sede de ouro e amor de aventuras já os incitavam, no fim do século 17, a seguir pelo curso do Tietê. Depois de haverem transposto com felicidade suas muitas cachoeiras, foram eles descendo para o Paraná, e deste passaram ao rio Pardo, pelo qual foram então subindo. As águas cristalinas do rio Sanguessuga, uma das nascentes principais do rio Pardo, pareceram prometer-lhes farto lucro de ouro. Eles percorreram a região, lavaram a terra em busca do almejado metal, alcançaram na divisa das vertentes da serra de Camapuã as nascentes do Embotataí (Imboteteí), e desceram este rio abaixo, até se acharem, finalmente, nas amplas águas do Paraguai. Na verdade, a princípio não deram com ouro algum nessas regiões pantanosas e insalubres; mas a fama de riqueza das vizinhanças, sobretudo a oeste, as exageradas lendas de tesouros, que as expedições dos espanhóis, entre outros de Cabeza de Vaca, e as do arrojado português Aleixo Garcia, teriam achado nesses países; finalmente, o conhecido costume de cativar índios, atacando as tribos menos poderosas aqui espalhadas e trazendo-os presos como escravos, foram motivos bastantes para incitar diversos paulistas a empreenderem as longas e arriscadas viagens. Antônio Pires de Campos havia tornado pelo mesmo caminho no ano de 1718, e descobrira, quando tentava aprisionar índios da tribo dos

cuchipós, as minas de ouro de Cuiabá⁵. Em poucos anos acudiu tão grande número de faiscadores a esse novo Eldorado, que surgiram repentinamente diversos povoados e começou um animado tráfico comercial entre a colônia rica de ouro e a mãe-pátria. O caminho pelo Tietê foi, a princípio, o único conhecido; por ali era conduzido todo o suprimento para o interior. À vista do colossal tesouro que as minas produziam naquela época (em Cuiabá, segundo dizem, foram desenterradas no primeiro mês do descobrimento, quatrocentas arrobas de ouro), era natural que os aventureiros não pensassem em trabalho algum que não lhes satisfizesse imediatamente a sede de ouro. Abandonou-se até a plantação do milho e da mandioca, tão necessários, e a colônia, por isso, ficou muito tempo na maior dependência da importação de São Paulo; chegou mesmo a tal ponto a carência de gêneros, assim como de outros artigos indispensáveis, que só se podiam obter a preços fabulosos. A colônia achava-se também toda cercada por tribos inimigas.

Os guaicurus, povo cavaleiro também numeroso, que morava nas planícies ervosas entre os rios Embotataí e São Lourenço, atacavam os colonos nos seus domicílios e nas minas, e, depois de terem conseguido algumas canoas, perseguiam as embarcações dos paulistas, onde quer que as avistassem. Por essa razão, abandonou-se a navegação do rio Embotataí (Imboteteí), que, sobretudo, era inquietada pelos paiaaguás, e adotou-se a do Tacoari, que corre mais ao norte e desemboca no Paraguai; este roteiro foi mais tarde geralmente frequentado. Por esse motivo, do ano de 1723 em diante era comum zarparem juntas na ocasião da cheia, depois do tempo das chuvas (nos meses de fevereiro ou março), as embarcações dos paulistas, de Porto Feliz, para levarem as mais importantes necessidades, víveres, munição e ferramentas para a exploração das minas em Cuiabá. Constavam essas flotilhas, às vezes, de mais de cem canoas, e levavam consigo escolta militar. Mesmo essas expedições consideráveis foram nos primeiros anos atacadas pelos índios belicosos, e, somente com o cresci-

5. Não foi Antônio Pires de Campos o revelador das riquezas metálicas da capital mato-grossense. Ele apenas delineou para lá o rumo que haviam de tomar as bandeiras posteriores. O descobridor de Cuiabá foi Pascoal Moreira Cabral Leme. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

mento da população na terra do ouro, foi possível pouco a pouco contê-los. O descobrimento e a exploração das ricas minas de Vila Bela (1735) aumentou a afluência dos colonos. No ano de 1736, foi aberta uma estrada partindo de Goiás, cujas minas haviam sido descobertas doze anos antes. Mil e quinhentas pessoas abandonaram essas minas para se enriquecerem ainda mais depressa em Mato Grosso; mais tarde, as viagens de Cuiabá ao rio Amazonas e ao Pará (no ano de 1742, por Manuel de Lima, pelos rios Guaporé e Madeira; e no ano de 1744, por João de Sousa, pelo Arinos e Tapajós) provaram a possibilidade de comunicação direta entre Mato Grosso e Pará. Sempre, porém, foi muito mais frequentado o caminho pelos rios, partindo de Porto Feliz. Também o primeiro governador de Mato Grosso, dom Antônio Rolim de Moura, tomou por esse caminho para ir à nova província (1751). Somente, ao crescer a população de Goiás, começou a ser mais frequentada a estrada por terra, sendo a do Tietê, pouco a pouco abandonada; hoje, saem anualmente apenas seis a dez canoas de Porto Feliz para Cuiabá.

O capitão-mor de Porto Feliz havia, anos antes, empreendido também algumas viagens para ali, e fez-nos descrição desanimadora das canseiras e dos perigos que nelas ocorrem. As embarcações, utilizadas para essa viagem, são cavadas de modo igual àquelas dos lagos nas montanhas bávaras, num só tronco de peroba ou timbouva; têm de cinquenta a sessenta pés de comprimento, cinco e meio pés de largura, três até quatro pés de fundo e podem levar uma carga de quatrocentas arrobas, além das necessárias provisões. A maioria delas são fabricadas nas belas matas virgens do rio Piracicaba, que se lança no Tietê onze léguas ao noroeste de Porto Feliz. Em geral, a tripulação é de oito homens, que empregam remos curtos e empurram com compridos varejões, visto a estreita embarcação não permitir velas. A viagem pelo Tietê, por causa das extraordinárias curvas, é demorada; insalubre pelo denso nevoeiro, que só se dissipa ao cabo de algumas horas, depois do nascer do sol, e, pelas consideráveis cachoeiras que é preciso vencer, arriscada e penosa. Embora diste a foz do Tietê apenas quarenta e cinco léguas em linha reta de Porto Feliz, avaliam os navegantes o caminho, que têm de fazer, em cento e trinta léguas. O rio é cheio de violentas corredeiras, rochedos e cachoeiras, das quais treze só podem ser passadas retirando-se metade da carga. Os saltos de Avanhandaçu e Itapuré, este último apenas sete léguas

acima da embocadura do Tietê no Paraná, são ainda muito mais perigosos; em ambos precipita-se o rio de uma altura de 30 pés, e torna-se, portanto, necessário descarregar completamente a canoa e transportá-la além por terra. Quando os viajantes chegam ao Paraná, cujo grande salto é o Urubu-Punga, três léguas mais ao norte, uma vez passada a corredeira do Jupuíá, ele leva-os sem perigo águas abaixo até a foz do rio Pardo, que, em geral, se alcança no quinto dia. O Paraná espraia o enorme volume das suas águas, lento e majestoso, num vasto leito, e já teria, aí, meia légua de largura. A navegação nesse rio é agradável se bem que arriscada, quando cai forte ventania, arrebatando vagas furiosas contra o baixo costado da canoa. A sua margem oriental é, em geral, alta, a ocidental, baixa; e ambas são cobertas de areia branca e matas. Estas últimas cessam logo que os viajantes se afastam do rio principal e navegam pelo rio Pardo acima, o qual corre com grande impetuosidade e forte declive, interrompido por trinta e duas cachoeiras, numa região de campinas. A viagem nesse rio é extremamente cansativa, de sorte que a expedição leva não raro dois meses para percorrer as oitenta léguas do seu curso. No porto de Sanguessuga, são as Canoas descarregadas e puxadas em carros de boias de quatro rodas por duas léguas e meia para o porto de Camapuã, do outro lado. Os viajantes ali encontram, naquele sertão, o primeiro povoado onde podem abastecer-se dos necessários gêneros, como milho, toicinho, feijão e carne-seca. A Fazenda de Camapuã, que está mais ou menos no meio dessa viagem penosa e solitária, serve, às vezes, de refúgio para a tripulação, que frequentemente adocece toda, por causa da continuada fadiga e do clima úmido de brumas, das regiões percorridas com as sezões malignas. O governo estabeleceu ali também um destacamento de soldados, que protegem a fazenda contra os assaltos dos vizinhos *caiapós* e devem auxiliar os viajantes no transporte sobre o istmo. Dessa fazenda em diante, desce-se pelo riacho Camapuã pouco profundo, com meia carga, até chegar às águas mais fundas do rio Cochim. Neste último, que serpeia num leito de rochas escarpadas e escolhos, têm os viajantes outra vez de vencer vinte e duas corredeiras e saltos, dos quais alguns exigem descarregar inteiramente, e outros aliviar as Canoas da metade do peso. Saindo do Cochim, entra-se no Taquari, rio considerável, que em geral tem setenta braças de largura e apenas duas cachoeiras, entre as quais a mais baixa, Belliago, é a última das cento e treze com que topa o navegante de Porto Feliz até Cuiabá. Este rio corre fazendo constantes

curvas por entre alegres campinas verdes nas baixadas em rumo do Paraguai e lança-se por muitas bocas nesse rio principal. Aqui a navegação, embora subindo o rio, é fácil; quase sempre o percurso até a embocadura do rio São Lourenço ou dos Porrudos é feito em oito dias; daí se chega finalmente, ao rio Cuiabá, pelo qual se sobe até a Vila de Cuiabá em dez dias. A viagem completa dura quatro até cinco meses. Quando ainda florescia o comércio no Tietê, despachava-se por esse caminho, para Cuiabá e Mato Grosso, armas, panos, tecidos tintos de algodão e brancos, louça de barro e vidro, sal e todos os demais artigos europeus. O carregamento de retorno consistia em óleo de copaíba, feijões pichurim, tamarindos, resinas, cera, guaraná, pó de ouro e peles, especialmente de lontra e de onça. Os artigos, transportados em caminho tão demorado e arriscado, eram a princípio extremamente caros; pouco a pouco, entretanto, caíram de preço equiparando-se aos da costa, sobretudo depois que a entrada por terra foi tornando sempre mais supérfluas ambas as viagens de Porto Feliz pelo Tietê e do Pará pelo Tocantins e Araguaia. Ademais, a Vila de Cuiabá, que por seu bom clima é superior em habitantes e riqueza à Vila Bela, hoje cidade de Mato Grosso, escolhida pelo governador para a residência metade do ano, é a principal da província pelo comércio por terra, assim como pelo fluvial.

As hordas de índios, que a princípio assaltavam os viajantes nos rios, retiraram-se desde então quase todas para regiões mais afastadas, ou tornaram-se mansas e só vão de quando em quando ao rio para negociar com os viajantes. Oferecem, em troca de artigos europeus, mel, cera, copal e frutos de diversas palmeiras. São, sobretudo, *caiapós* os que procuram as canoas no caminho do Tietê até o Taquari, e *guaicururus* os que as visitam na parte restante da viagem. Os *caiapós*, também chamado *caipós*, são a tribo mais poderosa da província de Goiás. Os *guaicururus*⁶ ou *quaicururus*, também chamados pelos portugueses índios cavaleiros, habitam, em grande parte, as planícies abertas e cobertas de capim, em

6. Citamos textualmente aqui alguns dos traços característicos da vida e costumes dos *guaicururus*, em parte por notícias que obtivemos oralmente e em parte conforme relatórios sobre essa tribo, publicados no jornal *O Patriota* (julho e meses seguintes, de 1813), da autoria do major do corpo de engenheiros, R. F. de Almeida Serra, e citados literalmente por Casal.

ambas as margens do Paraguai, e particularmente na parte leste, entre os rios Taquari e Ipané, e na parte oeste ao sul da serra de Albuquerque. Eles formam a mais numerosa e poderosa nação em Mato Grosso e são temidos por todos os seus vizinhos. As suas constantes guerras têm por fim aprisionar inimigos, que levam consigo como escravos e conservam em duro cativo. Talvez não se encontrem, em qualquer outra tribo de índios sul-americanos, condições de escravidão tão nítidas. Presa de guerra e nascimento são os dois motivos que condenam à escravidão. Ambas determinam uma certa diferença de casta, que é observada com grande rigor. O escravo ou seu descendente nunca se pode casar com pessoa livre, porque essa união seria desonrosa. Ele é destinado aos trabalhos caseiros, e não lhe é permitido tomar parte nas guerras de seus senhores. Entre os *guaicurús* não existiria possibilidade de seus escravos recuperarem a liberdade. A grande preponderância dessa nação sobre a maioria de seus vizinhos determinou muitos destes últimos a se entregarem, por livre vontade, à servidão. Os *guaicurús* estão em constante pé de guerra com seus vizinhos, vencendo quase sempre, por lhes prestarem também os cavalos grande supremacia. Antigamente, nas suas caçadas ao homem, eles se apoderavam só das crianças, matando todos os adultos, agora, porém, seus costumes se suavizaram nesse sentido. Era entre eles sempre desconhecido o canibalismo. A maior parte da tribo que habita a margem oriental do Paraguai é, desde 1791, aliada dos portugueses, cuja amizade alcançaram por meio de uma embaixada e lhes foi assegurada, então, por tratados escritos.

Servem-se eles do arco e da flecha, de um porrete de dois a três pés de comprimento, e de uma lança de doze a quinze pés, armada com uma ponta de ferro. Fazem suas expedições de guerra quase sempre a cavalo, que eles governam, em vez de freio, por meio de simples corda, feita com fibra das folhas do ananás. Parece que conheceram os cavalos em suas guerras contra a possessão espanhola de Assunção, em cuja região esses animais se propagaram com incrível rapidez. Embora em constante trato com cavalos, não são eles, entretanto, muito bons cavaleiros e só arriscam amansar e ensinar os animais selvagens dentro da água, onde têm menos que recear dos corcovos e das quedas.

A terceira nação poderosa que no tempo das descobertas das terras apavorou os paulistas com suas flotilhas, os *paiaçós*, são hoje raros nas águas do alto Paraguai.

O nosso muito experiente hospedeiro de Porto Feliz acabava de receber do governo de São Paulo a ordem de aparelhar diversas canoas grandes, para levarem pelo Tietê munições a Mato Grosso. Como já desde muito tempo todo material de guerra era despachado por Minas e Goiás para Mato Grosso, essa ordem surpreendeu os habitantes, que se cansaram de fazer suposições sobre o motivo de tal remessa. Opinavam uns que as munições eram destinadas ao Paraguai para os portugueses empenhados na guerra com Buenos Aires; outros supunham que se tratava de expedição contra as províncias orientais do Chile. Numa região onde se está completamente cortado dos Estados vizinhos e até da capital, raramente chegando alguma notícia sobre sucessos políticos, qualquer novo, mesmo insignificante, movimento bélico causa temor e consternação.

Em Porto Feliz, tanto a má construção das casas baixas, cujas paredes de barro exsudam não raro sal, como a vizinhança das matas e do rio quase sempre coberto de neblina, favorecem as sezões, a papeira, a hidropisia, a clorose e afecções catarrais, que são quase endêmicas. Encontramos inchadas as pessoas adultas; os filhos do dono da casa e de alguns vizinhos sofriam de uma coqueluche maligna, *tosse comprida*, que aqui não raro degenera em tuberculose pulmonar. As mesmas condições, que são prejudiciais à constituição animal, favorecem, todavia, o desenvolvimento dos vegetais. Milho e arroz dão excelentemente e produzem, em geral, na razão de duzentos e cinquenta por um. Semeia-se o arroz nas baixadas, sobretudo à margem do rio, em tufos enfileirados. Na volta de Porto Feliz para Ipanema, avistamos um terreno de mato pantanoso, onde crescia cerrada a *Canna indica*, agradável descoberta, porque nos tirou toda a dúvida sobre a região originária dessa planta de ornamentação, tão espalhada por toda parte. Em todo este mato baixo notamos frequência da bela gralha preta, de pescoço vermelho (*Corvina rubricollis* Vieill.), e três espécies de gralhas azul-celeste e brancas (*Corvus cyanopogon* Neuw.); por outro lado, são mais raros os papagaios, assim como os macacos, nesta latitude, o que tem sua razão de ser, sobretudo pelo calor relativamente menor do clima. Das regiões do rio Ipanema estendem-se campinas, apenas interrompidas

por poucas matas, para o sul, até Curitiba e até à capitania de São Pedro⁷, que igualmente apresenta semelhantes condições de solo, de elevação acima do mar e de vegetação, e se presta para idêntico aproveitamento econômico. Em toda esta extensa parte da América do Sul, emprega-se em geral o mesmo sistema de agricultura, que Azara descreveu como usual nos pampas de Buenos Aires.

Criação de gado é a mais importante ocupação dos habitantes. Cada fazendeiro possui, segundo a extensão de sua fazenda, algumas centenas, duas mil e mesmo até quarenta mil cabeças de gado, que todas andam à solta nos campos. Numa propriedade de duas léguas quadradas de bom pasto, em geral, calcula-se que se criam umas três a quatro mil cabeças. Além desse número de gado bravo, sustenta o fazendeiro o necessário número de bois de carro e vacas leiteiras, quanto precisa para o transporte de cargas e a fim de ter leite para o consumo e para fazer queijos. O cuidado com o gado bravo exige pouco trabalho; consiste em *ferrar* com a marca do dono, castrar os touros e pegar os animais destinados ao corte. Quatro ou seis peões, sob a direção de um *vaqueiro*, executam todos esses serviços; eles contêm as manadas para que não saiam fora da zona, e defendem-nas contra ataques de onças, lobos e cães bravos. Essa gente quase sempre está a cavalo, pois o seu serviço os obriga a correr, às vezes, mais de vinte léguas num dia.

Todos os anos toca-se todo o rebanho, algumas vezes, para um lugar alto, ocasionalmente cercado (*rodeio*). Nesta ocasião, marca-se cada animal de um ano (que numa criação de cinco a seis mil, orça por mil) com ferro em brasa, estampando o sinal do dono na coxa traseira; os novinhos de dois anos são castrados de modo bastante bárbaro, e os animais de quatro e mais anos são escolhidos para matar. A captura destes, trabalho cansativo e, às vezes, arriscado, faz-se como nos pampas de Buenos Aires, por meio de compridos laços de couro, que os peões manejam com incrível habilidade. O gado manso permanece em roda da fazenda; de dia, fica solto no pasto, e só à noite é tocado para o curral.

Prefere-se a carne do gado manso, que, por seu modo de vida sossegado e tranquilo, engorda mais depressa com menos pasto do que o

7. A capitania do Rio Grande de São Pedro ou do Rio Grande do Sul. (Nota Ed. Melh.)

bravo. O leite do gado manso é pela excelência do pasto, muito saboroso; porém, uma vaca dá apenas a terça parte da quantidade que produz uma boa vaca leiteira na Europa. A pele é sempre a mais preciosa parte na matança do gado; esfolado o animal, é a pele estendida no chão, por meio de curtas estacas, salgada e seca ao sol. A carne, cortada em tiras estreitas, esfregada com sal e seca ao ar, é um importante artigo de comércio dos portos de São Paulo e Rio Grande do Sul para as cidades do Norte, sobretudo para o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão, onde, com o nome de *carne seca do sertão*, *paçoca* ou *carne charqueada*, constitui uma parte essencial da alimentação de todo o brasileiro, especialmente dos escravos negros.

Além da criação de gado vacum, alguns fazendeiros da capitania de São Paulo cuidam também da criação de cavalos e de mulas, esta, porém, é exercida em muito maior escala, sobretudo no Rio Grande do Sul, pois pode asseverar-se que dali são levados para o norte do Brasil, anualmente, quarenta a cinquenta mil cavalos e mulas. Os cavalos de São Paulo são de tamanho mediano, corpo elegante, e adquirem, quando tratados com cuidado, um porte agradável, tornando-se excelentes corredores.

Durante a nossa estada, veio um negociante de cavalos de Curitiba para Ipanema, de cuja manada diariamente eram apanhados alguns cavalos e amansados à moda do país. Em geral, correm juntos, em bando, vinte ou trinta desses animais bravos e nunca se separam. Passavam-se horas, antes que os peões pudessem encurralar uma manada e, por meio do laço, apanhar alguns deles. Os animais laçados esforçavam-se, ora trêmulos de medo, ora soprando cheios de furor, com os mais extravagantes pulos e contorções, por defender-se do amansador. Se este consegue finalmente segurar o cavalo pelas orelhas e pelo beíço, por meio de torquês, adaptarlhe o cabresto e ajustar-lhe sobre o lombo, em vez do selim, um pelego, um dos peões pula sobre ele e procura forçar a teima do cavalo com o rebenque. Depois de muitos corcovos e pulos, o animal dispara em fúria louca, a correr com o cavaleiro, e, só depois de cansado da disparada, obedece até certo ponto à força do cabresto. Depois dessas humilhações, fica parado, triste, com a cabeça inclinada, pelo que todos os outros se afastam. No dia seguinte, repetem-se as mesmas escaramuças: depois de algumas repetições, está o cavalo amansado e pronto para a sela.

Os paulistas do povo, os peões, sobretudo, costumam usar uma sela pequena, chata, de madeira, que nem sempre é forrada de couro (selim), com estribos tão pequenos, que neles só cabe o dedo grande do pé. As esporas são adaptadas ao pé descalço. No mais, consiste a roupa do peão em um curto gibão, perneiras justas e um chapéu em forma de prato, preso ao pescoço com uma correia, tudo de couro pardo de veado ou de capivara. Este vestuário protege-o muito eficazmente contra as cercas de espinheiros, que tem de atravessar na perseguição aos animais. Os cavalos, assim como o gado, são de tempos a tempos reunidos, ora para os *contratadores* (arrendatários do dízimo) averiguarem o crescimento das manadas, ora para ferrarem os animais no primeiro ano com a marca do dono e para castrá-los na idade de dois anos. Os cavalos bravos são comumente castanhos, raríssimos brancos ou malhados, e revelam em geral, pela cabeça muito pequena e grossa e pela estatura mediana, a sua origem extraeuropeia. O corpo das mulas, neste país, é mais belo que o dos cavalos; em geral, igualam em tamanho aos nossos cavalos europeus; na cor são pretas, baias, ruças ou zebradas. Para as longas viagens são preferíveis aos cavalos, pois resistem melhor à fome e à sede, e aguentam cargas maiores com mais segurança, na média de oito arrobas. Também não se passa por fazenda alguma nestas regiões, onde não se criem alguns jumentos ordinários para procriação; esse ramo de pecuária é, contudo, muito menos explorado do que na capitania do Rio Grande do Sul e em Buenos Aires, razão por que não tivemos oportunidade de observá-lo de perto e temos que deixar a sua descrição aos viajantes daqueles países.

Já se mencionou que é costume geral espalhado por todo o Brasil empregar para as roças somente lugares de matas, depois das derrubadas e queimadas; a agricultura, por isso, ainda não tomou o devido desenvolvimento, sobretudo na província de São Paulo, tão rica de campos. A mandioca não dá muito bem e apodrece facilmente nos solos pesados, barrentos e mais frios das baixadas cobertas de mato; o milho, pelo contrário, produz, quase por toda parte, espigas grandes e ricas de farinha. Uma fruta que especialmente se adapta a esta terra e a este clima é o ananás; às vezes cresce silvestre, ajuntado em extensos trechos, em plantações apropriadas, porém, perto das fazendas, alcança extraordinário tamanho e sabor excelente. Em geral, é servido ao natural ou em compota, como sobremesa, e

até se faz dele um vinho muito agradável e saudável. Também dos frutos de jabuticabeira (*Myrtus cauliflora nob.*) se fabrica um vinho leve. Das matas do Tietê e do Paraíba foram essas árvores transplantadas para os pomares dos colonos. A jabuticaba é considerada uma das melhores frutas do país.

Nosso hóspede gabava-se de muita experiência na arte de fazer vinho americano; por isso, a refeição acabava em geral ao toque das taças cheias de *champanha* nacional. Além de todos os membros da família patriarcal, também tomavam parte todo vizinho, amigo ou estranho, de passagem. Na mesa, eram servidos pratos simples, porém abundantes, como ensopado de vaca ou de porco, um assado de paca, cutia ou tatu, que os filhos da casa haviam trazido do mato; em seguida a gostosa canjica; finalmente, quantidade de frutas em calda, que na Europa seriam sobremesa de grande luxo. Na alegre companhia levantava-se, não raro, um conviva no fim, para saudar, com versos improvisados, especialmente as senhoras, e todos os convivas cobriam de elogios o poeta, sem reparar na métrica nem na rima, assim como as pessoas a quem os versos eram endereçados.

O tempo, durante a nossa estada de duas semanas em Ipanema, foi mais favorável para as nossas atividades do que poderíamos esperar. Mesmo se chovia quase todos os dias, era um aguaceiro de poucos minutos só. O ar era notavelmente mais seco do que em São Paulo, o que explicamos pelo vento reinante do interior. Alguns dias também eram muito abafados, especialmente quando a chuva só vinha de tarde com a trovoada. O termômetro variava entre 12 e 20°R., sendo as manhãs e as tardes geralmente frescas. A vegetação, rejuvenescida pelas chuvas, começou pouco a pouco a destacar-se, sobretudo entraram em floração as árvores dos campos. Ainda encontramos, nesta época, poucos animais relativamente. Dos macacos só vimos o bugio pardo e de mamíferos, a capivara, a cutia, o caititu pequeno, o papa-mel (irara) e o veado; das aves quase nenhum papagaio, porém tucanos de bico grande e diversas espécies de gralhas de pescoço vermelho e azul (*Coracina scutata* Temmink, *Corvus cyanoleucos*, *cyanopogon* Neuw., *decristatus nob.*), de insetos, especialmente muitos escabeídeos (*Copris*), que vivem embaixo da terra.

Seguindo daqui para o norte, observamos que a variedade no reino animal, assim como no vegetal, aumenta na direção do Equador. Antes de partirmos daqui, despachamos tudo que havíamos colecionado

como curiosidades naturais, em caixas, para o Rio de Janeiro, por São Paulo e Santos, e deixamos, a 10 de janeiro de 1818, a lindamente situada Ipanema e o nosso generoso hospedeiro.

As seguintes plantas são bem conhecidas na capitania de São Paulo pelo seu uso medicinal: aíapana (*Eupatorium ayapana*), erva-de-cobra (*Mikania opifera* Mart.), mil-homens (*Aristolochia ringens* Sw., *grandiflora* Gomez), jarrinha (*Aristolochia macroura* Gomez), caiapiá, carapiá, contra-erva (*Dorstenia brasiliensis* L.), jaborandi (*Piper reticulatum* L.), para-tudo (*Gomphrena officinalis* Mart.), casca-de-anta (*Drymis winteri* L.), pacová (*Amomum cardamomum* L., *Alpinia nutans* Rosc.), gengibre (*Zingiber officinale* Rosc.), açafão-da-índia (*Curcuma longa* L.), pariparoba, caapeba (*Piper umbellatum* L.), orelha-de-onça (*Croton* sp.), raiz-de-pipi ou da-guiné (*Petiveria tetrandra* Gomez), fumo-bravo ou suá-suaiá (*Agerati* sp.), carachichu ou erva-moira (*Solanum nigrum* L.), trepoerava ou trapueraba (*Tradescantia diuretica* Mart.), assa-peixe (*Behmeria caudata* Sw.), cordão-de-frade (*Phlomis nepetifolia* L.), juripeba (*Solanum paniculatum* L., *Solanum cernuum* Vell.), douradinha-do-campo (*Palicourea speciosa* Humb.), erva-mular ou curraleira (*Croton antisiphiliticum* Mart., *Croton fulvum*, Mart.), cotó-cotó (?), caroba (*Bignonia antisiphilitica* Mart.), raiz-da-china branca e rubra ou japecanga ou inhapetanga (*Smilax glauca* Mart.), sassafrás (*Laurus sassafras* L.), caapeba ou butua (*Cissampelos pareira* L.), carqueja doce e amarga (*Baccharis genistelloides* Lam. e *venosa* Pers.), coração-de-jesus (*Mikania officinalis* Mart.), gajamarioba (*Cassia occidentalis* e *falcata* L.), fedegoso (*Cassia hirsuta* L.), urgevão ou jarbão (*Verbena jamaicensis* L.), barbasco (*Budleva connata*, *Sida carpinifolia* L.), unha-de-boi (*baubinia* sp.), quiabo ou quingombó (*Hibiscos esculentus*), carrapicho-da-calçada (*Triumfetta lappula* e *semitriloba* L.), vassourinha (*Scoparia dulcis* L.), caruru e caruru-vermelho (*Amaranthus viridis* e *melancholicus* L., *Phytolacca decandra* L.), erva-de-andorinha (*Euphorbia linearis* Retz. e *hypericifolia* L.), jataí ou jateí, copal ou jatobá (*Hymenaea courbaril* L.), bálsamo de copaíba, cupaúva (*Copaifera langsdorffii* Desf. e *C. coriacea* Mart.), erva-pombinha (*Phyllanthus niruri* L. e *Ph. microphyllus* Mart.), pinhões-de-purga (*Jatropha curcas* L.), anda-açu, indaiáçu, purga-de-gentio, coco ou purga-dos-paulistas, fruta-de-arara (*Johannesia princeps* Veloso e *Anda brasiliensis* Raddi), congonha (*Cassine congonha* Mart.), jabuticaba (*Myrtus cauliflora*

Mart.), poaia (*Polygala poaya* Mart.), figueira-da-índia, jamacaru (*Cactus* sp.), crista-de-galo (*Heliotropium curassavicum* L.), picão (*Bidens leucantha* W. e *graveolens* Mart., *Spilanthes brasiliensis* L., *Perdium brasiliense* L.), cipó-jobotá (*Fewillaea* ?), cipó-de-chumbo (*Cuscuta umbellata* H., *C. racemosa* Mart., *Psidium guayava* Raddi, *P. pyriferum* L. e *P. pomiferum* L.), acaju (*Anacardium occidentale* L.).

.....

Capítulo III

VIAGEM DE SÃO JOÃO DE IPANEMA A VILA RICA¹

NO PROSSEGUIMENTO DA VIAGEM, era nosso intuito alcançar Vila Rica ao findar-se o tempo das chuvas e, então, percorrer o sertão de Minas Gerais na estação da seca. O caminho passa por Itu. Mas fomos primeiro mais uma vez à Vila de Sorocaba, onde o capitão-mor já tinha preparado uma casa para nós, esperando que ali nós morássemos também algumas semanas, para exercer a clínica. Entretanto, não pudemos aceitar o seu convite, ainda que a nossa estada na vila fosse agora mais necessária, por estar doente o único cirurgião. Levaram-nos a esse doente; era um mulato, hipocondríaco, que, apenas com algumas aplicações magnéticas caiu em convulsões gerais e, em seguida, adormeceu. Depois de lhe termos dado as necessárias receitas, tratamos imediatamente da compra das mulas que nos faltavam.

Em Sorocaba é que se acham mulas melhores e mais baratas para comprar, por ser a mais ativa praça desse negócio, reunindo-se aqui os animais destinados ao Norte. Segundo nos informaram, são trazidas do

1. Hoje Ouro Preto.

Rio Grande do Sul a Sorocaba mais de trinta mil mulas por ano, depois de se pagar à Coroa o tributo de mil e duzentos e oitenta réis até dois mil réis de entrada por animal na nova capitania. Este imposto é um dos mais rendosos para o governo, porque é cobrado na fronteira de cada província, com determinadas limitações. Com isso duplica-se e triplica-se o preço inicial de cada animal, de doze a vinte e cinco piastras, até chegar às capitanias do Norte, Bahia, Pernambuco e Ceará, para onde são levadas as manadas, de quando em quando, pelo interior de Minas, sobretudo ao longo do rio São Francisco. As mulas da América espanhola, que são muito mais belas, maiores e mais fortes, não se veem senão raro no Brasil, por constituírem contrabando. Quem quiser viajar do Rio para o interior do país, deve, de preferência, ir a Santos por mar e, então, vir até aqui, onde poderá reunir mais rapidamente e barato a sua tropa e tudo o que necessite para a viagem.

De Sorocaba seguimos pela penosa estrada a noroeste, sobre terreno montanhoso, coberto de arbustos alternados com capim, para a Vila de Itu, seis léguas distante. A montanha de Araçoiaba domina a região, na qual aparece em muitos lugares um grés semelhante ao de Ipanema. Fora dois lugarejos com casebres, numa bela planície de campos abertos e floridos, não se encontra aqui quase vestígio de atividade humana, pois as matas, em cujo roçado se acham as plantações dos habitantes, estão longe da estrada, situadas nas baixadas e nos vales. Asseguram-nos que nestas matas existe a árvore que dá o bálsamo-do-peru (*Myroxylum peruiferum* L.), e que se chama capriúna ou casca-de-itu. Infelizmente, não chegamos a avistá-la. A Vila de Itu, cabeça da comarca do mesmo nome e sede de um ouvidor, a quem já tínhamos sido apresentados em Ipanema, está situada ao pé de uma região montanhosa e bonita, e tem diversas filas de casas pequenas, regularmente construídas. Algumas ruas são calçadas com lajes do tamanho de uma braça, de pedra calcária compacta, cinzento-azulada, que parece ter sido tirada da vizinhança.

De Itu segue-se a noroeste ao longo de belas matas cerradas, e goza-se da agradável vista do vale do Tietê, já roçado completamente do mato e plantado com cana, feijão, milho, etc. Também aqui prospera a videira, como em Sorocaba. A um quarto de hora de Itu, transpusemos uma ponte de madeira sobre o Tietê, que, não muito longe, rio abaixo, forma o seu primeiro salto importante. Daí em diante, o caminho sobe pela monta-

nha, que aqui consiste, igualmente, em um granito de granulação grosseira, com feldspato vermelho, quartzo e pouca mica. Grandes blocos de rocha, soltos e arredondados pela ação da água, jazem espalhados no caminho e na mata. Quanto mais alto subíamos, tanto mais inclemente e sombria se ia tornando a região; numa altitude de cerca de mil e oitocentos pés acima do mar, topamos de novo com as grandes touceiras fechadas de bambus (taquara), que ocupam, nesta zona de montanhas graníticas cobertas de mata, o terreno entre a mata virgem e os campos, e imprimem traço característico à região. A vegetação é, aqui sobretudo, semelhante à dos mais altos pontos da serra do Mar, para a qual se alonga a cadeia de montanhas, como ramo de ligação da serra da Mantiqueira. Achávamo-nos justamente na parte mais agreste e solitária da montanha, quando se desencadearam diversos temporais, que o vento tocava com tal violência que pareciam tormentas terríveis. Encharcados e exaustos, alcançamos, à entrada da noite, uns pobres ranchos, chamados Jacaré, no meio da planície agreste, coberta de arbustos. A solidão e selvajaria do lugarejo ainda pareciam aumentar as dificuldades da viagem. Na manhã seguinte, verificou-se que diversos cargueiros, embora presos em laços uns aos outros, haviam escapado do pasto; quando, afinal, foram encontrados, faltou o arrieiro, que havíamos trazido conosco do Rio de Janeiro. Cansado das dificuldades da viagem, escapulira, levando consigo o que pôde achar de valor. Nessa penosa situação, não nos restava outro alvitre senão fazermos nós mesmos os indispensáveis trabalhos do tropeiro e seguir adiante com os peões que restavam. Depois de cinco léguas de marcha, chegamos à Vila de Jundiáí, completamente molhados pela chuva, durante todo o caminho pela floresta.

A Vila de Jundiáí, pequeno povoado sobre uma colina baixa, é só importante por sua situação favorável para o comércio do sertão. Todas as tropas que partem da capitania de São Paulo, para Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Cuiabá, são aqui organizadas. Os habitantes possuem grandes manadas de mulas, que fazem essas viagens algumas vezes por ano. O fabrico de cangalhas, selas, ferraduras e tudo que é necessário para equipamento das tropas, assim como o incessante vaivém das caravanas, dão ao lugar feição de atividade e riqueza, e, com razão, dão-lhe o título de porto seco. Daqui partem estradas trilhadas para as províncias acima citadas. A viagem para Vila Boa de Goiás se faz num mês, a de Cuiabá

em dois. Para São Paulo, distante dez léguas, e para Santos, levam-se daqui especialmente raízes de mandioca e farinha, milho e açúcar; por outro lado, vem de volta sal, ferro e artefatos europeus (fazenda seca), para o comércio no interior. Nos arredores, alternam-se outeiros com vales úmidos de arvoredo médio, e com campos abertos onde crescem diversas plantas medicinais de valor. Entre outras, mostraram-nos aqui a poaia (*Polygala poaya nob.*), cuja raíz é geralmente empregada no lugar da verdadeira ipecacuanha e quase nas mesmas doses. Também uma espécie de quina se vê aqui, de uma árvore de porte mediano, com folhas grandes que tem muito amargor, mas pouco aroma, cuja casca, não raro, é despachada para o Rio de Janeiro.

Graças à atividade do capitão-mor de Jundiaí, achou-se um novo arrieiro, que logo melhorou as cangalhas, e nos guiou, na tarde do dia seguinte, até duas léguas adiante, na estrada para Minas. O caminho vai pouco a pouco subindo, ao sair da região pantanosa, coberta de arbustos cerrados. Além, ao norte, abria-se um campo largo, que ostentava rica flora de belas plantas de montanha².

Duas serras mais altas, que correm paralelas de norte a sul, de contornos pitorescos um tanto semelhantes aos dos contrafortes dos nossos Alpes, em parte cobertas com matas ou capoeira, circundam a planície. O mais alto ponto, por onde passa a estrada, e o morro de Catetuva; daí se desce a um vale mais largo, coberto de capoeira nova, que é limitado a leste pelo Parapixinga, montanha bastante alta, com mato, e de contornos abruptos. Na proximidade da pobre Vila de São João de Atibaia, alarga-se a região. Encontramos aqui um aluno da Escola Cirúrgica do Rio de Janeiro, que nos fez a observação ingênua de que esta região não merecia ter médico, porque raras vezes aqui se fica doente. Essa região saudável é, de fato, habitada por uma raça de homens fortes, e somente a sífilis é que faz aqui grande progresso, sobretudo por ser imperfeitamente combatida. Ao norte de São João de Atibaia, correm diversas serras quase paralelas, uma ao lado

2. Aqui aparecem entre os tufos do *Paspalus chrysostachyos* Schrad., característico para estes campos, muitas wedélias, gaudicháudias, buettnerias, cnemidostachys, palicureas, decliêuxias, *Escobedia scabrifolia*, *Eryngium lingua tucani nob.*, etc.

da outra. É granítica a pedra, e a grande difusão da samambaia (*Pteris caudata*), desfavorável ao cultivo, assinala a falta de lavradores ativos.

A parte mais alta da montanha que galgamos, Boa Vista, deve ter uns dois mil e quinhentos pés de altitude. Dali se patenteia encantador panorama sobre um vale vizinho, em cujo fundo está uma capela solitária. O morro do Lobo, coberto quase inteiramente de selvas escuras e, no mínimo, de três mil pés de altitude, domina toda a serra. Antigamente eram estas paragens infestadas por muitos lobos americanos (*Lupus mexicanus*); parece, porém, que essas feras agora se acham mais em Minas Gerais, onde também as encontramos pela primeira vez. A estrada faz muitas voltas pela montanha, cujos vales se vão cada vez mais estreitando, quanto mais alto se sobe. A principal formação é ainda de granito, no qual aparecem depósitos de anfibólio. Afora uns miseráveis ranchos, habitados por mamelucos e outra gente de cor, não se encontra vestígio do homem nestas terras solitárias. As araucárias, que crescem nas encostas das montanhas, harmonizam-se com a feição sombria da paisagem. Seus altos troncos, retilíneos, estendem os galhos regularmente espaçados, só em considerável altura, e, guarnecidos de agulhas chatas, formam uma vasta copa piramidal verde-escura. Sempre distanciadas tocam-se só pelas frondes essas majestosas árvores, formando colunatas extensas com teto plano, onde moram milhares de verdes papagaios (*Psittacus aestivus*). A araucária é a única árvore da família natural das coníferas que encontramos em toda a nossa viagem; esta família parece ser em geral mais rara no hemisfério sul do que no do norte.

Após dois curtos dias de viagem, a partir de Atibaia, chegamos à fronteira da capitania de São Paulo, na qual está estabelecido ao pé da serra um registro, onde os passaportes dos viajantes são visados, cobrados os direitos reais de entrada das mercadorias e dos escravos, e onde guardas exercem vigilância para impedir o contrabando do ouro em pó e dos diamantes. O imposto de entrada por um negro bronco foi recentemente elevado, de sorte que o dono tem que pagar por ele cerca de dez mil réis. Semelhante tributo é pago na fronteira de cada capitania, prova de que o vasto reino ainda não foi convenientemente organizado num todo. Foram os empregados aqui muito amáveis conosco, e, à vista da portaria, ofereceram os seus serviços para o que precisássemos. Como em

toda parte no Brasil, costuma-se também aqui não visar os passaportes dos viajantes, quando estes, como os nossos, contém uma ordem especial do rei, costume aliás favorável para o viajante, permitindo-lhe escolher e alterar a seu gosto o itinerário. A fronteira é formada em todo este lado por altas montanhas na maior parte cobertas de selvas fechadas, por onde passam, na direção de Minas, somente poucos caminhos secundários, impraticáveis durante grande parte do ano. O granito, que consiste em quartzo avermelhado, feldspato e mica preta de folhelho miúdo, tem, num e noutro ponto, correndo por baixo, depósitos de sienito. Depois de termos transposto o morro Grande, por um caminho perigoso, chegamos embaixo a uma campina ao sopé da continuação do morro do Lobo, que se eleva em quatro outeiros pinturescos, onde está a primeira povoação de Minas Gerais, o arraial de Camanducaia. Os poucos habitantes logo se adiantaram ao nosso encontro; limitaram-se, porém, boquiabertos a olhar para nós e a tomar o nosso tempo com perguntas. No vasto rancho, que aqui encontramos primeiro, segundo o costume de Minas, esperamos poder descansar das fadigas da viagem, porém, tivemos que nos desenganar, pois, quando íamos entregar-nos ao sono, fomos atacados por tão enorme quantidade de pulgas, que, na Europa, seria considerada fenômeno da natureza.

Ao norte de Camanducaia, depois de passar Roseta e Campinho, alcançamos de novo serras interrompidas, que correm cobertas de campos de sul a norte, formando, na direção oeste, profundos vales. A qualidade da pedra é em geral granito avermelhado. Investigar mais minuciosamente o terreno era impossível, pois, desde a nossa partida de Jundiá, perseguiam-nos sem cessar todos os males da temporada de chuvas. Calvalgávamos quase sempre envolvidos em espessa cerração; com isso, a temperatura era baixa; vários dias seguidos, marcava o termômetro, de manhã e à noite, 14° R., e elevava-se ao meio-dia apenas alguns graus mais. Os inúmeros regatos da mata haviam transbordado até longe, escavando a estrada, arrancando pontes, transformando as baixadas em lagoas improvisadas. Quem nunca longe da Europa teve que sustentar tais lutas contra o tempo e os caminhos, e, além disso, preocupar-se pelo transporte de materiais importantes, não poderá avaliar as canseiras de tais viagens. De manhã à noite, sob chuvas torrenciais, tínhamos que

concentrar toda nossa atenção na direção da tropa, que, nos caminhos intransitáveis, mal podia caminhar; era preciso passar a vau ou a nado os ribeiros transbordados, que se antepunham à nossa marcha. Se, finalmente, topávamos à noite com um telheiro aberto ou casebre em ruínas, era mister, na maior parte da noite, tratar de secar a nossa roupa encharcada, retirar das caixas as coleções, para de novo as arejar. Muitas vezes não nos era concedido o almejado descanso junto da fogueira, pois a lenha molhada dava mais fumaça do que chamas. Somente poucas miseráveis cabanas, habitadas em geral por mulatos, encontramos nestes ermos sombrios e, além de um pouco de leite e feijão preto, não se podia contar com mais alimento algum.

Para o habitante da região, porém, este tempo inclemente, antes de cujo início já a sementeira ou plantação está feita, e durante o qual são privados de trabalhos fora de casa, caçadas e viagens, parecia justamente dar ensejo para folguedos em casa. O brasileiro tem disposição alegre, pronto para divertir-se. Quase por toda parte aonde chegávamos à noite, éramos recebidos com as toadas das violas, a cujo acompanhamento se cantava ou dançava. Na Estiva, uma quinta com vastos campos magníficos, circundados ao longe de montanhas isoladas, estavam os moradores em festa, dançando o batuque; mal souberam da presença de viajantes estrangeiros, convidaram-nos para entrar e presenciar os divertimentos. O batuque é dançado por um bailarino só e uma bailarina, os quais, dando estalidos com os dedos e com movimentos dissolutos e pantômimas desenfreadas, ora se aproximam ora se afastam um do outro. O principal encanto desta dança, para os brasileiros, está nas rotações e contorções artificiais da bacía, nas quais quase alcançam os faquires das Índias Orientais. Dura às vezes, aos monótonos acordes da viola, várias horas sem interrupção, ou alternado só por cantigas improvisadas e modinhas nacionais, cujo tema corresponde a sua grosseria. Às vezes aparecem também bailarinos, vestidos de mulher. Apesar da feição obscena desta dança, é espalhada em todo o Brasil e por toda parte é a preferida da classe inferior do povo, que dela não se priva, nem por proibição da Igreja. Parece ser originária da Etiópia e introduzida pelos escravos negros, no Brasil, onde criou raízes como muitos outros hábitos deles.



Vila Rica (Pohl).



Batuque.

Debaixo de chuva incessante e forte cerração, ao dia seguinte, só pudemos percorrer quatro léguas na estrada atoladiça, e ainda nos considerar felizes por topar, à boca da noite, com uma vila abandonada, da qual tomamos posse, depois de enxotar os morcegos. Caminhar adiante era perigoso, segundo aconselhava o nosso guia, pois o rio Mandu, com a chuva, estava tão cheio, que só de dia se poderia fazer a passagem. As cercanias de nosso pouso noturno, embora asselvajadas, mostravam vestígios de culturas de outros tempos. Algumas goiabeiras e cuitzeiras (*Psidium pomiferum* e *Crescentia cujete* L.) estavam por ali cobertas de frutos, e a cabaceira (*Cucurbita lagenaria* L.) entrelaçava-se em altas sebes.

Quando, no dia seguinte, descemos ao vale do rio Mandu, transpondo diversos ribeiros cheios, encontramos o rio, antes insignificante, transbordado agora de suas margens por um quilômetro e meio de largura, e árvores inteiras e ilhas de arbustos de murtas, sebastianas e chomélias, arrancados das margens, rolavam nas suas águas turvas. Depois de muito repetidos chamados, apareceu, finalmente, uma pequena canoa, tripulada por dois mulatos, a qual não podia conter nem a sexta parte de nossa bagagem. Nós mesmos cavalgamos, com grande risco, mais um quarto de hora, pelos campos inundados e não raro esburacados, e mandamos que os cargueiros fossem tocados atrás de nós, até chegarmos a um lugar seco, junto ao qual nos esperava a canoa, e onde deviam ser embarcados pouco a pouco os homens e as bagagens. Os cargueiros foram então amarrados uns aos outros em longa fila e tocados ao rio, e seguiram a canoa, nadando, e o tocador procurava animá-los todo o tempo com um alto vozerio. Felizmente alcançou tudo a outra margem, e também em breve sossegávamos, vendo pouco a pouco chegar a bagagem a salvamento. Felicitamo-nos mutuamente, por haver escapado ao perigo, tanto mais porque à nossa chegada soubemos que, na véspera, uma tropa tinha perdido algumas mulas na travessia.

A aldeia de Mandu³, numa região baixa e em grande parte coberta de matas, havia sido fundada vinte e cinco anos antes por um capitão, por sua situação favorável para o comércio de Taubaté e Gua-

3. Hoje Pouso Alegre.

ratinguetá com Minas. Os paulistas transportam por essa estrada mercadorias europeias e trazem de volta queijos, marmelada, algum fumo e tecido grosseiro de algodão. As Caldas da Rainha, fonte termal sulfurosa, distante daqui para oeste dois dias de viagem, que alcançou há pouco grande fama, aumenta também a frequência do lugarejo, que consta, de resto, apenas de uns miseráveis casebres de barro. Ao norte do Mandu, tivemos que fazer, no dia seguinte, idênticas passagens por causa do transbordamento do rio Cervo.

O solo da mata estava quatro a seis pés debaixo d'água, e a estrada igualmente inundada e cheia de profundos caldeirões. Como fosse preciso passar os animais um a um, nesse dia não pudemos fazer mais do que três léguas até o bonito outeiro, sobre o qual está o arraial de São Vicente, que consta de algumas casas. Daí em diante, começou uma nova praga, isto é, os carrapatos (*Acarus*), inseto asqueroso, achatado, pardacento, com tromba pontuda, do qual existem diversas espécies, alguns extremamente pequenos, do tamanho da ponta de uma agulha (carrapato miúdo, micuim) e outros, maiores; estes sugadores de gado e de cavalos, chegam às vezes ao tamanho de meia avelã. A gente da terra pensa erradamente que os pequenos e os grandes são da mesma espécie, e que a diferença do tamanho é devida à idade. Em geral, eles estão suspensos aos milhares no capim e, ao mais ligeiro contato, agarram-se ao transeunte, que não tarda a ficar em desespero, pela violenta comichão que produzem.

Ao norte do rio Cervo e a cerca de duas léguas de Mandu, apareceram os primeiros vestígios da lavagem de ouro. A montanha é de micaxisto quartzoso branco ou branco-esverdeado, que num e noutro ponto se inclina de S.O. para N.E. e sobre o qual está considerável massa de pesada argila vermelha, da qual é lavado o metal. O micaxisto, no qual aparecem depósitos de quartzo com turmalina preta comum, parece estar por cima de sienito, que, em alguns pontos, sobretudo nos vales fundos e encostas, se vê solo. A maior parte desta região é coberta de mato baixo, que cerca as novas plantações de milho, mandioca e alguma cana. Os restantes produtos da lavoura são aqui desleixados porque os habitantes adquirem por compra, com o ouro lavado, a maior parte das suas necessidades.



Aldeia dos coroados. Moradia comum a diversas famílias, na mata virgem, perto da fazenda Guidoal, banhada pelo rio Xipotó. Algumas mulheres pisam o milho em cochos; outras mastigam a farinha de milho torrada e restituem-na de novo para a fermentação, a fim de preparar uma bebida alcoólica. O grupo de homens entrega-se a diferentes ocupações, em volta do fogo, onde se prepara a farinha, enquanto alguns índios descansam em redes.

Em Santana de Sapucaí, duas léguas ao norte de São Vicente, encontramos as *lavras* de ouro já de considerável extensão. De longe parecem trincheiras cavadas. Nas encostas, formando terraços, estavam abertos fossos de alguns pés de profundidade e de largura, pelos quais era levada a água da chuva pelos flancos abertos do barro vermelho. O barro lavado estava amontoado num e noutro ponto, ou cobria o solo em planícies ou em declives artificialmente sulcados. Tudo dá um aspecto triste de destruição selvagem; as próprias estradas estão danificadas, e esta paisagem entristece o viajante penosamente, pois no primeiro lugar onde se vê tirar ouro, em vez do metal precioso só se tem papel-moeda e miseria dal decorrente. Na capitania de Minas Gerais puseram-se em circulação, há cerca de 15 anos, em vez das pequenas moedas correntes de dez, vinte, quarenta, oitenta, cento e sessenta, trezentos e vinte réis, cédulas impressas, que valem segundo a base do ouro (um vintém de ouro = trinta e sete réis e meio, não vinte réis), produzido em quatro fundições da capitania. Com essa medida queria o governo remediar em parte a verdadeira falta de moedas de cobre, e em parte era-lhe vantajoso chamar a si as mínimas quantidades de ouro em pó que se encontrava em curso, como moedas divisionárias, em lastro, contra esse papel-moeda. O prejuízo, que esse decreto produziu no crédito particular e na moralidade, ainda redobrou em breve, com o aparecimento de grande quantidade de notas falsas. Por ser muito singela a impressão desse papel-moeda era fácil a sua falsificação, que o ódio dos habitantes logo atribuiu aos ingleses; a província está até agora abarrotada por considerável quantidade de papel-moeda, e sofre ainda mais, porque nem diminui com o troco por parte das casas de fundição, nem com a saída casual para outras províncias.

O rio Sapucaí, que corre nestas regiões antes de se reunir ao rio Grande, opôs à nossa tropa insuperável obstáculo, quando chegou a noite; em diversos pontos onde o quisemos transpor, pois a ponte havia sido arrancada, as águas eram tão fundas e impetuosas, que só com extrema dificuldade pudemos salvar a primeira mula que entrava no rio. Com isso, tivemos que desistir do nosso intento de chegar ainda naquele dia à fazenda, na outra margem, e acampamos ao ar livre, num valado cercado de mato baixo. Nevoeiro fino e úmido, que pairou a noite inteira e ameaçava continuamente apagar a nossa fogueira, fez-nos tiritar de frio. Estes inconvenientes ainda aumentaram quando, de manhã, demos pela falta do escravo negro. A peno-

sa viagem, em grande parte feita por terrenos inundados, havia provocado descontentamento no jovem preto, que não sabia apreciar o nosso humano tratamento, e aproveitava-se da primeira noite favorável para escapular, coisa de que os escravos novos são costumeiros. Como não havia vestígio algum para procurá-lo, prosseguimos viagem até à Fazenda de Santa Bárbara, onde, na véspera, deveríamos ter chegado, a fim de ali tomar as disposições para achar o preto fugido. Fomos recebidos com verdadeira hospitalidade de tempos idos e o fazendeiro José Antônio de Almeida, sargento-mor e administrador da Real Fazenda, que somente à noite chegou de volta da inspeção das roças distantes, nos sossegou acerca do fugitivo. Em toda Minas Gerais, assim como em várias outras províncias, onde a quantidade de escravos negros toma necessária redobrada vigilância, existe um corpo especial, os *capitães-do-mato*, em geral mulatos ou outros mestiços, que perseguem todo escravo fugido e o entregam a seu dono ou à competente autoridade. Só o fugitivo que conhece perfeitamente o terreno e se retira para lugar muito afastado, escapa, às vezes, à atenção desses capitães-de-mato; consolaram-nos, portanto, prometendo que não tardaria o regresso do nosso escravo, pois ele era ainda *negro bruto*. De fato, foi-nos restituído de uma fazenda vizinha, ao terceiro dia; ao recebê-lo, seguimos o conselho de nosso hospedeiro; em vez de dirigir-lhe palavras injuriosas, tratamo-lo, segundo o costume daqui, com bondade, e mandamos dar-lhe um copo cheio de cachaça. Longa experiência ensinou aos brasileiros que a concessão de ampla anistia, acompanhada do cálice da bebida, produz melhor efeito na índole do negro novo do que o castigo rigoroso.

Os arredores próximos de Santa Bárbara são de matos baixos e belas campinas cujo solo alagadiço é habitado por galinholas, curiangos e uma espécie de coruja onde também prosperam grande número de magníficas murtas, réxias, melastomáceas e labiadas. O Sapucaí, cujas margens são cobertas por arbustos de ingazeiros e sebastianas, serpeia ora na planície, ora entre outeiros com matas, e abunda de peixes; também são comuns aqui a jiboia, uma espécie pequena de jacaré e a *Lutra brasiliensis*⁴.

4. Ariranha. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

Nas matas notamos muitas daquelas árvores, de que provém a resina anime (*Hymenaea courbaril* L.)⁵. Aqui, chamam-na *de jatobá* ou *jataí*. Entre a casca e a madeira desta árvore, que se assemelha ao nosso olmo, encontram-se relativamente poucos vãos cheios de resina líquida; a maior porção da resina aparece embaixo das raízes axiais da árvore, quando descobertas, o que em geral acontece ao ser abatido o tronco. Embaixo das árvores velhas encontram-se às vezes bolos redondos de um amarelo-claro, pesando seis a oito libras, e que são formados pelo contínuo gotejar da resina líquida. A pureza e colorido desta substância dependem sobretudo da terra em que se formam os bolos, pois o humo pardo, ou terra do brejo, impregna-os de certas substâncias solúveis que não existem no solo seco, argiloso ou arenoso. A mais fina resina é, porém, a que ressuma da casca, sobretudo no fim da estação seca, nos meses de setembro e outubro; a gente do lugar colhe-a às gotas, que são fundidas sobre o fogo. A formação das grandes massas de resina entre as raízes parece deitar alguma luz sobre a origem do âmbar, pois é lícito supor que aquela substância vegetal em parte se acumulou de igual modo na terra sob os troncos, que a produziam antes de ser colhida e arredondada pelo mar. Também se acham insetos, sobretudo formigas, tanto em pedaços de resina *de jataí* como no âmbar. Os caiapós e outras tribos de índios junto ao rio Grande, em cujas márgens a *Hymenaea* forma extensas matas, empregam a resina como ornamento, usando pedaços cuneiformes ou fusiformes nas narinas furadas ou no lábio inferior. Porém da casca espessa da árvore eles fabricam pequenas canoas, que, especialmente pelo seu pouco peso, prestam-se a ser carregadas por terra de um rio para outro. Também muitos *crótons* de tronco alto crescem na margem do Sapucaí. Obtém-se destas árvores uma matéria resinosa vermelha, que os indígenas chamam “sangue-de-dragão” e usam como corante.

Observamos na vasta Fazenda de Santa Bárbara a aplicação dos princípios de uma lavoura inteligentemente administrada, que somente agora, no declínio da produção das minas de ouro, se está fazendo valer na província. Antigamente era a lavagem do ouro a única fonte de riqueza de Minas e os fazendeiros descuidavam-se até de cultivar os necessários

5. Encontramos várias espécies de *Hymenaea*, que dão resina.

gêneros, para alimentar os escravos, que eram exclusivamente empregados no outro mister. A sucessiva míngua do rendimento do ouro, porém, levou ao aproveitamento das terras férteis. O nosso fazendeiro entregava ainda, é certo, ouro no valor de cerca de mil cruzados como tributo real anual; todavia a principal produção de sua fazenda consistia em milho, farinha, feijão, e alguma cana-de-açúcar. A provisão de milho era colossal e enchia diversos grandes paióis até ao teto. A cana era espremida em pequeno engenho da fazenda, parte utilizada para *cachaça*, parte para melado e parte vendida aos vizinhos. As cinzas da palha seca do feijão, batido com varas compridas no terreiro enxuto defronte da casa, para retirar os grãos, utilizam-se para fazer sabão, que, entretanto, é pouco puro e nunca toma consistência sólida. Também não é desleixada aqui a criação de gado, especialmente gado bovino. Uma manada de seiscentas cabeças fornece carne, leite, queijos e couros para a economia doméstica inteira. Assim se encontra nos próprios produtos da fazenda todo o abastecimento para satisfazer as mais importantes necessidades da vida, circunstância que influi favoravelmente não só sobre o bem-estar, mas também sobre a moralidade dos habitantes. Nota-se esse efeito, sobretudo na condição dos escravos, que são saudáveis e alegres e mantêm com os donos relações verdadeiramente patriarcais.

Depois de se transpor o Sapucaí em canoas e de ter pago o pedágio de alguns vinténs para cada mula, chega-se, depois de transpor dois morros cobertos de matas, a um lindo vale embaixo, formado à esquerda pela serra de São Gonçalo, à direita pela serra da Paciência. Ambas são belamente revestidas de vegetação, e, pelos seus contornos, assemelham-se inteiramente aos contrafortes dos nossos Alpes. A própria região, pela qual se passa, é alta, e a vegetação do campo é de gênero alpino, as extensas colinas são cobertas de touceiras de capim verde-acinzentado, de várias compostas: lisiantas, decliêuxias, buetnérias, escobédias e apocináceas, de folhas pequenas; as baixadas, ao contrário, estão cheias de árvores pequenas de folhagem espessa. A montanha é, em geral, de granito amarelo-claro com mica preta de folhelho pequeno, sobre o qual está o barro vermelho que contém ouro.

A aldeia de São Gonçalo, que dista a N.N.E. três léguas de Santa Bárbara, tinha, há uns trinta e tantos anos, consideráveis lavagens de ouro

e gozava de grande riqueza, de cujo caráter efêmero dão testemunho diversos edificios imponentes, já meio arruinados. Entretanto, a maioria dos habitantes aqui ainda auferem dois até quatro mil cruzados das suas minas, o que é para eles considerável lucro, quando com isso não abandonam a lavoura. Ao longo do caminho de São Gonçalo para a Vila da Campanha, encontram-se por toda parte vestígios da principal ocupação da lavagem de ouro, sobretudo os fossos pelos quais a água necessária é encaminhada das regiões mais altas, de extensão às vezes extraordinária e correndo na distância de várias horas pelas encostas da montanha. A montanha consiste também aqui em granito, que não raro passa a gnaïsse, e cujo feldspato fortemente se decompõe em argila. Frequentemente se encontram grandes extensões, decompostas em argila branca ou violeta-clara, porque a cor branca tem o feldspato, que é aqui em geral o maior componente da pedra, e a cor violeta provém pouco a pouco pela decomposição. A mica é prateada ou esverdeada; a massa de quartzo é aqui relativamente pouca; num e noutro ponto, nas mais diversas direções pela montanha, estendem-se filões de quartzo e estes são sempre ricamente salpicados de ouro. Todavia, são pelos mineiros somente procurados e seguidos nos pontos onde a pedra em volta já esta em decomposição, e se acha tão solta, que dê o desejado rendimento sem mineração própria.

A Vila da Campanha, ou, propriamente, Vila da Princesa da Beira, que alcançamos cedo, no mesmo dia, pois dista apenas quatro léguas a noroeste de São Gonçalo, está situada sobre alto outeiro, e é, depois da Vila de São João d'el-Rei, a mais importante e populosa da comarca do rio das Mortes. As minas de ouro, que, em parte só há poucos anos, foram abertas na vizinhança, incluem-se entre as mais ricas das atualmente exploradas, e deram grande opulência aos habitantes, entre os quais travamos relações com o capitão-mor, um compatriótico nosso, irmão do Sr. Stockler, governador das Ilhas dos Açores. Aqui, vimos diversas e bonitas casas de dois pavimentos, providas de janelas envidraçadas, um dos mais custosos artigos do interior do Brasil.

Com a riqueza e o comércio, porém, parece-nos que o luxo e a corrupção dos costumes andam de par. Como médicos, tivemos, sobretudo, oportunidade de observar a incrível difusão da sífilis e as suas incalculáveis consequências funestas no físico e no moral dos habitantes. Não só

a generalização do contágio vai reduzindo consideravelmente a população, mas também o despudor, que dela se apossa abertamente, ofende o sentimento moral, além de lesar sobretudo os direitos do sexo feminino, ao qual não é permitido exercer influência sobre o modo de pensar dos homens, nem sobre a consolidação da felicidade conjugal. Estas tristes condições, que são a mancha mais sombria na pintura do caráter do brasileiro, ainda mais se agravam pelo grande número de escravos negros e concubinas (mulheres de cama), papel ao qual sobretudo os mestiços de ambas as raças se aviltam⁶. Como o trabalho manual da lavagem do ouro é exclusivamente executado pelos escravos negros, a perversão dos brancos recusa como desonroso qualquer serviço, mesmo o da lavoura e criação de gado. São tantos aqui os ociosos que se costuma chamá-los como a uma classe própria: a dos *vadios*. Aqui, portanto, observa o viajante, ao lado da maior opulência, os mais tristes quadros da miséria humana, da indigência e da depravação. Os habitantes, cujas necessidades o solo, embora rico e fértil, não satisfaz, estão sempre, por isso, descontentes, comparando a sua região com a das comarcas de Minas mais ao norte, para ali mandando os estrangeiros, como para o verdadeiro Eldorado, onde, com o gozo de maior abundância, já encontrariam os costumes europeus, cultura de espírito e prazeres da vida, enquanto eles mesmos estavam muito desfavorecidos.

Partimos da Vila da Campanha na manhã seguinte, depois de termos cedido o nosso aborrecido escravo fugitivo, para não nos expormos ao risco de o perder de novo, ao juiz de fora, que, justamente por causa de um desmoronamento de montanha na sua mina, havia perdido diversos escravos negros.

Parecia, então, ter passado quase inteiramente a estação das chuvas (14 de fevereiro) nesta latitude. Este fato, assim como a capacidade do nosso bravo guia, um paulista de Jundiáí, que tomou sobre si todo o cuidado com os animais cargueiros, com a provisão dos viveres e com o enfardamento conveniente de nossas caixas, muito aumentou os atrativos da viagem por regiões cuja beleza e interesse pareciam a cada passo ir cres-

6. Nesse sentido, ouve-se no Brasil, em geral, o seguinte provérbio popular: “As brancas são para casar; as mulatas para...; e as negras, para servir.”

cendo. Em Minas, é costume completar o dia de marcha sem fazer pouso. Cavalgávamos, pois, diariamente, das 6 ou 7 horas da manhã até 2 ou 3 da tarde; então descarregava-se a tropa num rancho, mais raramente em campo aberto, em sítio onde houvesse água; depois de se dar ração de milho às bestas cargueiras e examinar o estado de saúde de cada uma, eram tocadas para o pasto. Preparava-se refeição igual à da manhã, servindo-nos das aves e dos macacos caçados. Resguardávamos o carregamento, segundo o local, de modo que melhor ficasse protegido contra a chuva. Quando se receava assalto de onça durante a noite, era o acampamento rodeado de fogueiras por todos os lados, e já de dia se tratava de fazer grande provísio de lenha. Durante a marcha, tínhamos ensejo de observar a zona em que viajávamos, e tudo que existia perto da estrada, em matéria de minerais, plantas, animais, etc. Depois de acampada a tropa, passávamos o resto do dia em incursões pelas vizinhanças para o mesmo fim, e as horas do crepúsculo e da noite eram empregadas em tomar apontamentos nos nossos diários, no preparo, seca e empacotamento das nossas coleções. Esta vida no seio da natureza tinha seus encantos peculiares, que ainda se enalteciam com a alegria de cada um sobre os nossos achados, ou com as conversas nas quais não raro lembrávamos os nossos amigos europeus, tão distantes. Afinal, também a música fazia parte da nossa vida diária, pois não se passava noite alguma, sem que, antes de nos recolhermos, soasse o violino de um dos viajantes, ora com ingênuas modinhas regionais brasileiras, ora com melodias alemãs, que ao agradável sentimento do presente ligavam a lembrança da pátria.

Nosso primeiro acampamento, depois da Vila da Campanha, foi o Arraial do Rio Verde, pequeno povoado na verde campina circundada de matas, à margem do pequeno rio Verde, que, tendo metade da largura do Paraíba, corre daqui para o Sapucaí, e sobre o qual se passa por uma regular ponte de madeira. O portão da ponte não se fechava à noite, e diversas de nossas mulas cargueiras, como é costume dos animais de tração, tinham fugido pelo caminho percorrido antes; por isso, não pudemos, na manhã seguinte, reencetar logo a viagem. Era justamente um dia de festa, e perto de uns cem habitantes dos arredores acudiram todos à igreja, para assistir à missa. O prédio é, como a maioria das igrejas da roça, em Minas, pequeno, feito de pau-a-pique simplesmente, sem torre, nem órgão, nem

ornamentos interiores. Com essas imperfeições, o culto ganha uma singularidade que, com a presença de todos e até das crianças da família, lembra nessas reuniões de igreja, num país ainda inculto, a feição enternecedora das primeiras cerimônias cristãs.

Ao norte do Arraial do Rio Verde, seguimos por campinas de fresca vegetação e por vales cobertos de arbustos cerrados. Muitos macacos, chamados *miriki*, ou também *monos* (*Brachyteles hypoxanthus*), habitantes do mato vizinho, soltavam os seus gritos fortes e nada melodiosos; não nos foi possível, entretanto, chegar até perto do barulhento bando, pois que, ao mínimo movimento que percebiam na folhagem, debandavam em gritaria furiosa. Outro objeto interessante que ao zoólogo se deparou neste caminho, foi uma das mais venenosas cobras do país, a urutu, de um côvado de comprimento, de cor parda-escura listrada, e que traz na cabeça o desenho de uma caveira. Ela vive, como todas as outras das espécies notáveis pelo seu veneno, como por exemplo a surucucu, a jararacucu, também a jararaca, e a jararaca-mirim ou rabo-branco⁷, sobretudo nos lugares úmidos do mato, em lugares escuros, embaixo das pedras ou de paus podres, e a sua picada é tida como infalivelmente letal. Coisa alguma causa tanto susto ao brasileiro como a picada funesta desses animais, que se dá amiúde por causa da sua frequência. Os poucos cirurgiões no interior do país desistem quase totalmente de tratar pessoas picadas de cobra e preferem deixá-las aos *curadores*, que empregam um método misterioso de curar, e, por isso, o povo tem neles muito maior confiança do que em qualquer médico, embora nem sempre obtenham feliz sucesso. Espasmos nos membros, irresistível cansaço, vertigens, vômitos, dores nos olhos e nos seios frontais, ardor nas costas, cegueira, hemorragia pelos olhos, pela boca, nariz e orelhas, às vezes salivação violenta, tumefação do rosto, inconsciência, letargia, ansiedade, angústia mortal, tremor e convulsões, sucedem-se em poucas horas, quando o envenenamento é completo e o paciente, ao cabo de vinte e quatro horas depois da picada da cascavel, e ainda em mais curto espaço de tempo na da jararaca-mirim, expira entre as mais terríveis convulsões, às vezes também com sintomas de hidrofobia, de sorte que, frequentemente,

7. *Bothrops sucucuru nob.*, *B. newiedii nob.*, *B. leucurus nob.*

o curador, que mora longe, embora chamado a toda pressa, chega tarde demais. Se o envenenamento foi menos forte, e se o curador ainda acha possibilidade de intervir, então começa geralmente chupando a ferida, faz o doente recolher-se a um quarto perfeitamente escuro vedado contra corrente de ar, e trata-o com grande quantidade de cozimentos de certas folhas e raízes, de uso interno, assim como com cataplasmas das mesmas folhas, aplicadas sobre a picada. Um dos meios mais eficazes e mais usados são as folhas e raízes de uma rubiaceae (*Chiococca anguifuga* Mart.), conhecida no país sob o nome de raiz-preta ou de cobra, e que, pelas suas virtudes físicas, mas sobretudo pelo cheiro penetrante e nauseabundo, tem grande semelhança com a polígala e a valeriana. O doente deve tomar grandes quantidades da decocção, e as cataplasmas das folhas frescas e raízes esmagadas alternam-se com as de diversas outras plantas, por exemplo o loco (*Plumbago scandens* L.) que forma ampolas, o picão (*Bidens graveolens* nob. e *leuncantha* W.), a erva-de-santana (*Kuhnia arguta* H.) e o *Spilanthes brasiliensis*⁸, frequentemente renovadas. Quando o emprego da raiz-preta produz fortes dejeções por todas as vias, então há esperança de cura; os sintomas favoráveis seriam sobretudo abundantes transpirações e evacuações. Persiste-se no uso desses meios, sem cessar, durante vários dias, até que o doente, embora extremamente enfraquecido, pouco a pouco recupere a sua fisionomia natural, que no começo quase sempre mostra desfiguração cadavérica. Nos primeiros dias do envenenamento, o curador não abandona um instante o doente. Sobrevindo angústia ou desfalecimento, ele fricciona-o com líquidos alcoólicos ou procura reanimar o doente com fumigações e inalações de plantas aromáticas. Os curadores declaram que a cura só se pode considerar completa no fim de sessenta dias após a picada, pois até esse prazo o doente está ainda sempre em perigo, se não de morte rápida nas condições tétricas acima mencionadas, pelo menos por lenta febre nervosa. Eles proibem durante este tempo que o doente fique na proximidade de mulheres em menstruação, e que saia da cama por mais tempo do que o sol permanece no horizonte; e de tomar outro alimento que não seja de animal muito tenro. Os processos do curador são sem-

8. *Spilanthes brasiliensis* – Agrião-do-pará, agrião-do-brasil, pimenteira-do-pará, botão-de-ouro (da Bahia). (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

pre acompanhados de certo charlatanismo e indicam, por várias razões, a sua procedência africana ou índia. Também os que exercem essa arte são, sobretudo, negros libertos e mamelucos. Ao contrário, as mulheres, que, aliás, em questões de medicina são ouvidas em primeiro lugar no Brasil, só em ocasiões de todo excepcionais, encarregam-se de curar picada de cobra, e nesse caso, como nos assegurou um mulato, só são aptas para isso na idade de cinquenta anos, porque antes, como ele explicava, elas próprias são venenosas. Vimos muitos que, depois da picada de cobras venenosas, foram arrancados a morte próxima, mas permaneceram, para o resto da vida sempre inválidos e tiveram com sua perna muito inchada, muitas vezes esburacada, contínuas dificuldades.

O rio do Peixe, que é menor que o seu vizinho rio Verde, igualmente deságua no rio Grande, e corre não longe da fazenda da Santa Fé, desce pela ramificação da Mantiqueira, e teria dado antes muito ouro. As poucas casas que encontramos nas suas vizinhanças, não davam indício de riqueza dos donos; todavia, parece que os habitantes desta bela e saudável região, dominada pelos píncaros românticos da Mantiqueira, acham a felicidade e satisfação de seus desejos nos produtos dos numerosos rebanhos. A agradável frescura e tranquilidade que se respiram aqui fazem lembrar as pastagens dos contrafortes de nossos Alpes. Prosseguimos além, com tanto maior prazer e mais vivo interesse, quanto mais perto chegávamos ao centro de Minas. Ao norte e quatro léguas além do rio do Peixe, junto de uma capela solitária, chamada Campo Belo, onde encontramos certa quantidade de granadas soltas, do tamanho de uma avelã, a estrada para Vila de São João do Príncipe se separa em duas; a oeste, ela segue mais pelo vale, passando por Boa Vista, Brambinho e Arraial das Lavras do Funil; tem mais povoamento e é um tanto mais comprida. A leste, vai outra pela montanha, por veredas pouco frequentadas. Tomamos por este último caminho, pois contrariava-nos descer desta região serena, onde, sem sermos perturbados, podíamos entregar-nos aos sentimentos alegres com que na montanha a alma do viajante se sente rejuvenescida. O acolhimento amável, verdadeiramente patriarcal que nos deram no alto da montanha solitária, numa quinta isolada, a fazenda do Córrego dos Pinheiros, condizia com a nossa disposição de espírito. Parecia que aqui se estava acostumado a sociedade dos vizinhos, e cada qual, a quem o dono da fazenda tinha dado

licença de descarregar, hospedava-se na fazenda, sem ser permitido pagar qualquer coisa a não ser o milho necessário às bestas cargueiras. Esse costume hospitaleiro e igual bondade encontram-se em grande parte de Minas.

Mal tínhamos entrado na casa, desencadeou-se uma trovoadade de violência sem comparação e duplamente nos felicitamos por haver achado proteção sob tão hospitaleiro teto. Foi uma tempestade repentina, como nesta zona temperada só raras vezes acontece. Um quarto de hora depois, todo o alvoroço dos elementos havia cessado, e as lombadas por onde as águas da chuva se precipitavam agora em torrentes no vale, depois de poucos minutos, estavam secas pelo sol. Os inúmeros filhos da casa esforçavam-se, entretanto, por nos entreter com cantigas singelas nacionais, que acompanhavam ao som da viola. O mais celebrado poeta de Minas é Gonzaga, que foi ouvidor de São João d'el-Rei, porém, depois, ao estalar a revolução francesa, deixou-se arrastar a um movimento sedicioso⁹, e foi banido para Angola, onde morreu. Além da coleção *Marília de Dirceu*, impressa, muitas canções desse poeta andam na boca do povo, – canções que, como aquelas, são inspiradas pela doce musa do infeliz. Uma destas, entre outras, é a que se acha no apêndice com o texto: “No regaço, etc.” Quando um dia o Brasil tiver literatura independente, a Gonzaga caberá a glória de ter ensaiado os primeiros arpejos anacreônticos da lira, às margens idílicas do rio Grande e do romântico Jequitinhonha.

No Córrego dos Pinheiros, que se assemelha a um cume dos Alpes tirolezes, começa uma nova formação de montanha. À formação de granito e gnaïsse de até aqui, segue-se agora a forma de micaxisto ou xisto quartzítico comumente chamada grés elástico, ou itacolomito, cujas camadas delgadas se inclinam de N. a S. e têm uma declinação de 60° até 70°. Embaixo, no fundo do vale, apareceu-nos pela primeira vez semelhante xisto quartzítico azulado, e talcoso. Quando, no dia seguinte, reencetamos a nossa viagem, fomos colhidos de novo, não longe da capela de Santo Antônio, por uma borrasca; agasalhou-nos a fazenda de Parapitinga, dis-

9. A “Inconfidência mineira”, a luta pela liberdade, liderada por Tiradentes, na perspectiva do europeu, quase que contemporâneo. (Nota Ed. Melh.)

tante meia légua do córrego dos Pinheiros. Ela está situada no sopé da serra Branca, uma alta montanha de itacolomito, cujos contornos audazes já desde alguns dias formavam o fundo da nossa paisagem.

Daí, subimos por essa serra, em cuja crista nosso caminho continuou várias léguas além. Aqui se podia ter, no extenso panorama, noção exata da formação da montanha principal. À esquerda, tínhamos a montanha de Capivari, à direita a serra de Ingaí, ambas inclinando-se paralelas com a serra Branca de S.S.O. e S.O para N.N.E. e N.E., todas se estendem quase em ângulos retos, como ramificações da serra da Mantiqueira, tronco principal do sistema de montanhas em Minas. Estas serras, em grande parte cobertas, até ao cume, de agradáveis campos ervosos, apresentam lombadas planas, longamente extensas, das quais saem ramificações para os vales, e reúnem as cadeias entre si. Abismos tremendos ou gigantescos píncaros, dispostos em escarpas ameaçadoras, aqui não se veem; ao contrário, a vista aqui se tranquiliza ante o aspecto agradável de vales não muito profundos, de cabeças de colinas guarnecidas de pastos, sobre cujos pendores suaves correm aqui e ali claros regatos. Não se tem a impressão dos altos Alpes europeus sublimes, denteados; todavia, também não é aspecto de natureza menor o que o viajante encontra aqui: ao contrário, o característico destas paisagens é de grandiosidade, a par de simplicidade e suavidade; elas contam-se entre as mais encantadoras que apreciamos nos trópicos. Como os largos cumes da serra, que se apresentam com a forma de sarcófagos, elevam-se em quase igual altitude (entre três e quatro mil pés), e por sua vez os vales, em forma de calha, também) não são muito profundos, poder-se-ia chamar toda esta parte da serra de platô ondulado, por se ir perdendo nele pouco a pouco a serra da Mantiqueira, do lado ocidental. A serra das Letras, que, por suas admiráveis figuras dentríticas de grés elástico, corroído amiúde, branco (o denominado *itacolomito*), despertou o interesse do povo, está situada apenas poucas léguas distante daqui e pertence inteiramente à mesma formação. Aqui e acolá, como por exemplo, junto dos ranchos chamados Capivari, ao sopé da serra do mesmo nome, encontramos depositado sobre esse micaxisto quartzítico um sisto argiloso fortemente corroído, vermelho carne ou esverdeado, que contém granadas; efetivamente, a indinação desse xisto argiloso é mais meridional (isto é, sudoeste- e su-sudoeste) do que a do micaxisto. O xisto quartzítico ou

micaxisto é branco ou amarelado, de estrutura granulosa fina, e aparece depositado ora sobre granito ora sobre gnaiss granítico lilás, no qual se encontram granadas e turmalinas pretas. Especialmente vistosas entre a rica floração são as réxias. Há inúmeras espécies, todas arbustos baixos, cujas numerosas hastes finas e folhentas são cobertas de flores de agradável vermelho e violeta. Imponentes caules de velósias azuis e barbacênias¹⁰, variedades representantes da família das Liliáceas, ornamentam sobretudo os cumes pedregosos. Da família das gencianas, avistamos muitas espécies de lisiantas, que fazem lembrar a igualdade de distribuição de certas famílias por regiões muito distantes.

No fundo do vale, transpusemos o pequeno rio Ingaí, que, assim como o Capivari reunido a ele, pertence aos afluentes do rio Grande. A deserta região estava justamente animada por numerosas tropas, que levavam toicinho do interior de Minas para o Rio de Janeiro, e tinham armado acampamento no vale. Este ramo de comércio vem sobretudo da região de Pitangui, em grande escala, para a capital. Havíamos apenas alcançado um rancho, junto daqueles desconhecidos, e mandado dispor em volta o nosso carregamento, quando fomos convidados pelo morador da cabana única que existe no vale a compartilhar do seu lar. A razão concludente que deu, que o teto de um soldado português seria preferível a acampar ao céu aberto, mesmo no paraíso, determinou-nos, sem dúvida, a aceitar o convite. O velho, que quarenta anos antes havia servido no exército e havia acompanhado muitas *entradas* contra os caiapós em Goiás e os puris em Minas, era um exemplo de lealdade, e julgava-se feliz por poder exercer na solitária zona o policiamento, pelo amor do rei e da pátria. Alguns dos arrieiros das tropas aqui acampadas sofriam de diarréia crônica de fundo reumático, contra a qual debalde se tratavam, tomando guaraná. Este remédio consiste em uma pasta feita com os frutos de planta ainda não descrita¹¹; é o remédio usual dos viajantes, que estão em comunicação com Goiás e Mato Grosso, contra semelhantes desarranjos, disenteria, etc., e do qual, no correr da nossa narração de viagem, teremos ocasião de falar detalhadamente.

10. *Velloisia aloaefolia* Mart., *Barbacenia tomentosa*.

11. *Paullinia sorbilis* (Mart.): “guaraná”.

A estrada para São João d'el-Rei segue na direção N.N.E. obliquamente sobre a montanha de Capivari, cuja encosta noroeste é muito menos íngreme do que a de sudeste. Na encosta noroeste, junto de uma capela, aparece um granito com feldspato amarelado, mica preta e quartzo branco, em vez do grés elástico que sempre é fortemente corroído. Numa profunda garganta do vale, alcança-se depois o rio Grande, que nasce não longe daí, a sudeste, na montanha de Juruoca¹². O rio que aqui não tem ainda mais de cinco toezas (10m) de largura, passa num alto leito de rocha, cercada toda em volta pelos mais lindos campos e colinas, e forma aqui um salto muito grande cujo estrondo repercute ao longe, no vale. Diretamente em cima do salto, está uma ponte de madeira, que com o tumultuar das águas embravecidas, ameaça ruína continuamente. Nesta chamada Ponte Nova, por onde se tem que passar no caminho de São Paulo para as principais cidades de Minas e de Goiás, levantou-se um registro, em volta do qual se estabeleceram alguns colonos. As contínuas defraudações dos direitos alfândegários e sobretudo a saída do pó de ouro e diamantes de Minas parece que determinaram essa providência. Quando, futuramente, com o progresso do povoamento, o comércio entre Goiás e Minas se tornar mais considerável, pode este ponto vir a ser de grande importância, como escala da navegação do rio Grande. Não somente para o sul, isto é, para o Paraguai, e daí para Buenos Aires, pode-se viajar nesse extenso rio, mas igualmente pelos seus afluentes ao norte é possível a viagem até poucas léguas da Vila Boa¹³, capital de Goiás. Os braços do rio Grande que descem do norte, dos montes Pireneus e das serras vizinhas de Santa Marta e Escalvado, até hoje ainda não são bastante conhecidos; todavia, particularmente a viagem fluvial que empreendeu o capitão José Pinto em 1816, partindo de Vila Boa, a fim de achar uma via fluvial para São Paulo, esclareceu bastante a geografia dessa região, podendo-se pensar numa comunicação entre as nascentes principais do rio Grande e os rios de Goiás. Isto é, quando se embarca no porto de Anicuns, doze léguas distante de Vila Boa de Goiás, no rio dos Bois, segue-se rio abaixo e pelo forte declive do rio Turbo e do rio dos Pasmados, aos quais se reúne o primeiro citado, chega-se em breve ao Rio Paranaíba.

12. Hoje Aiuruoca, de *ajuru*, “papagaio”, e *oca*, “casa”. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

13. Hoje Goiás.

Três léguas abaixo da junção desses rios com este último, têm as canoas que transpor um grande salto até onde os índios nômades caiapós, que habitam junto do baixo Paraná, estendem de quando em quando as suas incursões. A confluência do Paranaíba com o rio Grande, de onde o rio toma o nome de Paraná, segundo a notícia do capitão Pinto, deve distar umas vinte léguas daquela catarata, e a navegação pelo rio Grande acima até Ponte Nova é, na verdade, penosa, por causa dos impetuosos saltos, mas nem por isso interrompida. As quase imensas extensões dos rios do sertão e a tão favorável proximidade de afluentes cujas águas tomam as mais diversas direções, abrem as mais auspiciosas perspectivas para o comércio do sertão, nestas lindas zonas.

Tão interessante, porém, como examinar as condições geográficas do rio Grande e suas ramificações para quem prevê as possibilidades futuras de muito extenso comércio do sertão, é, para o naturalista, a situação física da sua bacia. Todo o sistema de rios que ele e seu confluente, o Paranaíba, acolhem no seu extenso percurso, vem de montanhas, que se distinguem tanto por altura e extensão, como também por pertencer à sua formação a prodigiosa riqueza de ouro. A leste, está a pinturesca serra da Mantiqueira, o principal limite da bacia desse rio. A nordeste, formam as serras Negra, da Canastra, da Marcela e dos Cristais, a vertente das águas entre ele e o rio São Francisco. Ao norte, as principais montanhas de Goiás, isto é, os montes Pireneus e suas ramificações, separam os grandes vales dos rios Araguaia e Tocantins daquele do rio Grande. Todas essas montanhas, cuja consistência fundamental é sobretudo o itacolomito, contêm em ambas as suas escarpas as mais ricas jazidas do metal precioso. Elas formam o centro de todas as montanhas do interior do Brasil, e do seu seio três vastos rios – o Tocantins, o rio São Francisco e o Paraná – partem em três direções completamente diversas para o mar.

Só a parte mais a nordeste desse território do qual nasce o rio Paraná, e o limite oriental são atravessados por aquelas montanhas, por onde nós até agora viajamos, e cuja natureza e formação procuramos descrever. Além, para oeste, é ou plano o terreno, ou somente se eleva em outeiros de declives suaves e solitárias lombadas, pelos quais está em grande parte disseminado o itacolomito, em contínuo seguimento do ferro, da platina e do ouro. No lado oriental do rio deságuam diversos afluentes importantes,

o Tietê, o Paranapanema e o Iguaçu ou Curitiba, todos com forte declive e às vezes interrompidos com cataratas; na parte oeste está o rio Pardo, com a sua nascente nas montanhas de Camapuã, o único afluente considerável. As baixadas e sobretudo as margens daqueles rios estão cobertas de mato cerrado, embora não muito alto, porém a grande maioria da superfície tem arbustos e gramíneas peludas verde-acinzentadas, e constituem aqueles campos a perder de vista, pastagens de rebanhos sem conta, aos quais os habitantes deram o nome de Campos Gerais por sua uniformidade e extensão. Entre os arbustos, que num e noutro ponto ocupam grandes trechos dessas campinas, estão o mate ou congonha (*Cassine congonha* Mart.), o cajueiro nanico (*Anacardium humile* Mart.) e inúmeras espécies de malpíghias, de murtas e guabiobas (*Psidium*), constituindo as formas dominantes e características. A espécie de montanhas segundo as informações que pudemos obter, é na maior parte desta região idêntica à que observamos na nossa viagem, isto é, primitiva, e consiste de micaxisto ou granito. Cal aparece mui raramente, ao que se diz, razão por que o povo da Província do Paraná emprega na construção de paredes uma argila, *tabatinga*, que aqui e acolá forma depósito à margem dos rios e queimada ao fogo torna-se branca. Também, quanto ao clima, toda a bacia do rio caracteriza-se pela grande uniformidade, pois a maior elevação acima do mar na parte mais ao norte, e mais montanhosa dela, compensa a maior distância do Equador da parte meridional. Nem o calor nem o frio são excessivos nesta saudável zona; todavia, não raro nos meses frios (maio a outubro), cai geada nas montanhas. O calor médio do ano mais parece ser abaixo do que acima de 15° ou 16° do termômetro Reaumur. A diferença entre a temperatura da água e do ar, assim como entre a da noite e do dia, é relativamente maior do que em latitudes mais baixas. As trovoadas vêm em geral de N. e de N.O.; o vento dominante, durante o tempo frio, vem de S.O. e de O. O cultivo da cana prospera nas baixadas dos rios, mas não é muito espalhada; o cultivo do café foi ainda pouco tentado; ao contrário, dão ricas colheitas o milho e diversas espécies de feijões, assim como, na parte mais ao sul, trigo, centeio e linho. Frutas de origem caucásica, especialmente maçãs e pêssegos dão muito, e igualmente todas as espécies de legumes europeus.

O viajante, que vai de São Paulo para Vila Rica, facilmente notará, com observação mais rigorosa, que a feição geral da região se vai pou-

co a pouco mudando, depois de haver transposto o divisor das águas que, para o sul, dirige as do rio Grande, e, para o norte, as do São Francisco. Ao pasto que o rio Grande, ao troar do tumulto de sua queda, despede-se aqui, por assim dizer, da montanha nativa, para se dirigir às regiões baixas a oeste, prepara o viajante, ao mesmo tempo, para grandiosos panoramas, que o esperam, quando ele prossegue além para o norte. As montanhas se vão tornando mais altas e escarpadas, os vales mais profundos; rochas maciças nos cumes ou no vale interrompem mais frequentemente as lindas encostas verdes e as campinas; as fontes precipitam-se mais rápidas embaixo; ora o viajante se acha em alto ponto de vista, de onde descortina panorama da maior diversidade de cumes isolados e vales profundos, ora se vê fechado entre paredes de montanhas, ameaçadoramente abruptas. Tudo vai tomando sempre mais verdadeira feição alpina, heroico-romântica.

Nós seguimos, a nordeste da passagem do rio Grande, sobre outeiros que ligam a serra de Capivari à de Viruna¹⁴, e mostram na superfície diferentes fragmentos soltos de minério de ferro e, entre esses, hematita. É idílica a região, porém solitária e deserta. As cercas muito extensas, que correm pelas encostas dos vales e separam os pastos de cada fazenda, são quase que os únicos vestígios de que o país é habitado; as casas das quintas, porém, estão em geral escondidas nos valados laterais. Numa destas fazendas, a da Vitória, onde pernoitamos, há um grande rancho, construído de pedra. A construção desses abrigos coletivos assemelha-se às dos caravançarás da Pérsia ou às dos Khans, da Índia. Qualquer viajante tem direito a eles, e não contrai por isso compromisso algum com o fazendeiro, a não ser o pagamento que lhe faz, em geral, de vinte a sessenta centésimos, pelo pasto, durante a noite, no cercado.

A estrada segue daqui na direção N.N.E. sobre diversas montanhas de cabeços arredondados, áridos, ou guarnecidos esparsamente de algumas compostas, réxias e gramíneas, constituindo ligação das principais ramificações da serra da Mantiqueira, que correm de sudeste e nordeste. Pouco antes da última destas montanhas altas, o morro do Bonfim, transpusemos o rio das Mortes, cujas águas escuras serpeiam pelo vale bastante largo, pan-

14. Provavelmente, *Vituruna* (atualmente *Ibituruna*), de *ibyty*, “serra”, e *una*, “negra”. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

tanoso e, engrossadas por tributários, reúnem-se vinte léguas a oeste de São João d'el-Rei, com o rio Grande. Foi neste vale que, antigamente, os paulistas, desavindo-se pela cobiça do ouro uns com os outros se empenharam em sangrentas rixas, daí se originando o nome dado ao rio. O morro do Bonfim é muito escarpado, e, por isso, extremamente penoso de subir para as bestas cargueiras; consiste em camadas de itacolomito, e na sua lombada árida, larga e extensa, há, espalhados em quantidade, fragmentos de quartzo. Do seu cume, goza-se esplêndido panorama de todo o vale do rio, e, logo que se desce pela outra extremidade, descortina-se estendida ao pé da montanha, igualmente nua, do Lenheiro, a Vila de São João d'el-Rei, antes chamada Vila do Rio das Mortes, de cujo rio ela dista meia légua.

As muitas montanhas que rodeiam a pequena cidade, as numerosas casas de um branco deslumbrante e o pequeno rio Tijuco, muitas vezes quase a seco, que a corta pelo meio, dão-lhe aspecto de beleza romântica. Passando por muitas casas de campo, espalhadas na encosta, chega-se a sólida ponte de pedra, que está construída sobre o pequeno rio acima mencionado e liga a parte da cidadezinha, edificada na ladeira com a outra maior, na planície. O estrangeiro vê-se, com prazer, em uma pequena cidade comercial, sobretudo depois das tão longas privações da viagem no interior. Ruas calçadas, belas igrejas guarnecidas com pinturas de artistas nacionais, lojas fornecidas de todos os artigos de luxo e do comércio europeu, muitas oficinas, etc., indicam a riqueza do lugar que, por suas transações com o sertão, é considerado entre os mais animados do Brasil. A Vila de São João d'el-Rei, assim chamada pelo rei D. João V, e, assim como Vila Rica, do príncipe, Salará e, recentemente, Paracatu, um dos lugares principais das cinco comarcas da capitania de Minas Gerais, isto é, da comarca do Rio das Mortes, que tem umas cinquenta léguas de diâmetro. A própria vila tem uma população de seis mil habitantes, dos quais apenas um terço é de brancos; tem um ouvidor, uma Casa de Fundição de Ouro, uma escola de latim, um hospital, uma Casa de Correção, que abriga na maioria assassinos, diversas capelas e quatro igrejas, entre as quais se destaca a bela matriz. Embora os arredores próximos da cidade, muito montanhosos e áridos, pareçam pouco povoados, acham-se, entretanto, nas gargantas e no fundo dos vales, muitas fazendas espalhadas, que fornecem o necessário em milho, mandioca, feijão, laranjas, fumo, como também algum açúcar

e algodão, sobretudo queijos, muito gado vacum, porcos, mulas; e com os regatos ricos de peixes, oferecem bastantes meios de alimentação.

Antigamente, os habitantes daqui se ocupavam, sobretudo, na busca do ouro. Eles obtinham-no, parte da areia dos riachos, parte de *calderões* chatos isolados, que eram abertos, em geral, nos pontos maciços dos veios de quartzo da montanha do Lenheiro, que é de itacolomito branco. Atualmente, com a diminuição e incerteza do rendimento do ouro, esse trabalho decresceu, e somente a gente pobre continua a lavar o pó de ouro do cascalho dos córregos, a fim de, com a sua venda, prover a premente necessidade de alimento. A maior quantidade do pó de ouro que é derretido aqui, em barras, na casa de fundição, vem da Vila da Campanha e da vizinha São José¹⁵, nas quais o ouro é lavado do barro ali abundante. Em vez da mineração de ouro, é agora o comércio do sertão que aumenta diariamente a riqueza dessa pequena cidade; dizem que, noutros tempos, a comarca devia ao Rio de Janeiro quarenta mil cruzados; atualmente, porém, depois da vinda do rei, a antiga dívida foi não somente remida, mas ali ela tem depositado um capital de igual importância. Quanto é aqui animado o comércio, logo se vê pelo fato de fazerem quatro tropas, cada uma de cinquenta mulas cargueiras, contínuas viagens para lá e para cá da capital, anualmente, levando toicinho, queijos, algum tecido de algodão, chapéus de feltro, gado bovino, mulas, galinhas e barras de ouro para vender ali; pelo valor dos seus produtos trazem de volta mercadorias europeias, sobretudo portuguesas e inglesas, como chitas, panos, rendas, utensílios de ferro, vinho, cerveja Porter, licores, etc. Como em toda Minas Gerais, também aqui a gente abastada é muito hospitaleira para com os estrangeiros, mas sobretudo quando eles trazem cartas de recomendação de conhecidos. É fato observado por todos os viajantes, que os mineiros, embora isto surpreenda, diferem inteiramente pelo caráter e pelo físico dos habitantes de outras capitânias, sobretudo dos paulistas. O mineiro tem, em geral, estatura esbelta e magra, peito estreito, pescoço comprido, o rosto um tanto alongado, olhos pretos vivos, cabelo preto na cabeça e no peito; tem, por natureza, um certo garbo nobre, e o seu modo de tratar é muito delicado, obsequioso e sensato; no gênero de vida, é sóbrio e parece

15. São José d'el-Rei, hoje Tiradentes.

sobretudo gostar de uma vida cavalheiresca. Em todos esses traços, tem ele muito mais semelhança com o vívido pernambucano do que com o paulista pesadão. Tal como o primeiro, parece também ele ter certa predileção pelos produtos e vestuário da Europa. Como os ingleses, o mineiro faz muita questão de grande asseio no trajar e do terno branco, sobretudo nos dias de festa. O seu traje nacional de uso comum difere do dos paulistas. Em geral ele traja jaqueta de chita ou de veludo cotelão preto, colete branco com botões de ouro, calças de veludo ou de pano de Manchester e botas compridas de couro, não tingido, que são atadas acima do joelho com fivelas; o chapéu de feltro com abas largas serve de guarda-sol; a espada e, não raro a espingarda, além do guarda-chuva, são seus companheiros inseparáveis, desde que sai de casa. As viagens, mesmo as mais curtas não as fazem senão montados em mulas. Estribos e freios são aqui de prata, e do mesmo metal e o cabo do facão que eles escondem na bota. As mulheres viajam em liteiras carregadas por bestas ou negros, ou se sentam numa cadeirinha segura às costas de mulas, vestidas com larga amazona azul e chapéu redondo. No mais, excetuando a cabeça, que é protegida apenas por guarda-sol, elas vestem-se à moda francesa, tendo a bainha de baixo da saia branca não raro guarnecida com flores, bordados ou estampados, ou mesmo com galantes versos.

Não nos demoramos muito em São João d'el-Rei, porque esperávamos investigar melhor na capital, Vila Rica, tudo que diz respeito à lavagem de ouro e às condições geológicas das minas. A estrada vai daqui para nordeste pela encosta ocidental da serra de São José, em geral despida de vegetação, e tem a direção de sudoeste para nordeste. Do outro lado desta montanha, está a pequena cidade de São José, que, a não ser a sua igreja, que é a mais bela de toda Minas, nada mais oferece digno de nota. Alguns habitantes plantaram nesse vale, nos seus pomares, espécies europeias de frutas, com bom êxito; também fizeram tentativas de plantação de aveia, cevada e centeio, mas estes últimos cereais parecem que não produzem tão bem, pois dão mais palha do que grão, as espigas individuais amadurecem em tempos diferentes, e também os grãos amadurecem de repente e caem. Neste lado da montanha, ao longo da estrada, não há vestígios de lavoura; todos os campos estão ressecados e incultos até à Fazenda de Canduaí, a três léguas de São João, e até à igualmente distante povoação de Lagoa Dourada, em cujos arredores várias lavagens de ouro, muito ricas antigamente, são exploradas.

Neste último lugarejo, festejava-se justamente o padroeiro ou outro santo. Algumas barracas ofereciam à venda chitas, tecidos de algodão, chapéus, artigos de ferro, pólvora, etc.; os negros ali presentes formavam grupos e faziam ressoar a sua música plangente, num instrumento de madeira com fios de seda retorcidos e esticados, acompanhando-a com os sons tangentes da fricção de dois paus. Pouco a pouco, foram chegando os vizinhos, montados em bestas, para assistir à missa de festa; porém eles mais pareciam empenhados na compra das mercadorias oferecidas para as necessidades domésticas, do que em tomar parte em diversões gerais. Depois que se concluiu o ofício divino, prosseguimos a viagem e conseguimos, felizmente, sair dos campos ressecados, muito expostos ao sol, e alcançar uma mata baixa de algumas léguas de extensão. Logo que saímos dela, achamo-nos numa região romântica. Os campos com gramíneas, arbustos e algumas árvores isoladas, ora se elevam em graciosos outeiros, pelos quais se alonga um labirinto de estreitos vales, ora se coroam, com destroços de rochas semelhantes a minas, e vão tomando sempre maior beleza e feição característica. Após dois dias de marcha pela Capela de Santo Eustáquio e pela Fazenda de Camapuã, transpusemos uma ponte de madeira sobre o rio Paraopeba. Neste rio, os lavadores de ouro obtiveram pela lavagem muita areia ferruginosa chamada por eles “areia de estanho”, que, conforme exame mais rigoroso, contém também crômio e manganês. O intendente do Distrito dos Diamantes, o Sr. da Câmara¹⁶, teve a amabilidade de oferecer-nos uma considerável quantidade dele, durante a nossa estada em Tijuco¹⁷. À nossa esquerda, estavam as montanhas de Camapuã, depois a serra Negra, que fazem a divisa entre as comarcas do rio das Mortes e de Sabará. O granito aparece de novo em muitos lugares nesse caminho, e, por cima dele, inclinando-se para S.O., há itacolomito branco quartzítico ou talcoso. Disseminada pelo caminho, encontra-se, não raro isolada, uma espécie de palmeira pequena¹⁸, que justamente estava em flor e cercada por enxames das mais diversas espécies de abelhas.

16. Era “intendente geral das minas e dos diamantes”, e chamava-se Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá. Sobre ele foi publicado (rio, 1933) o excelente estudo, da lavra do Dr. Marcos Carneiro de Mendonça. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)

17. Hoje, Diamantina.

18. *Cocos flexuosa*, coco-de-quaresma. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

Deixamos o pequeno rancho, que nos havia acolhido junto da ponte do Paraopeba, já antes de amanhecer, a fim de evitar o calor do meio-dia. A região em volta de nós ia sempre tomando grandiosidade, fazendo-nos lembrar os Alpes pátrios. Toda a natureza era fresca e renovada; cavalgávamos com alegre disposição na neblina matinal, e aspirávamos o fino e fresco perfume, que pairava no ar, de lindas fibres alpestres, recém-abertas ao nosso lado nas campinas, aljofradas de orvalho. As mais diversas formas de réxias, melastomáceas, decliêuxias, lisiantas, compostas, etc., nos circundavam. Já alcançáramos as altas ramificações laterais da serra de Congonhas que se elevava em belos contornos a oeste diante de nós, quando o nevoeiro foi descendo pouco a pouco descobrindo os mais variados cumes da montanha, que surgiam na atmosfera grisalha, tintos pelos primeiros raios vermelhos do sol. Uma quantidade de anus brancos, próximos de nós, faziam ressoar pelos campos o seu vozerio agudo. Esta manhã ofereceu-nos um esplêndido espetáculo: gozamos de um nascer do sol semelhante ao dos nossos Alpes, porém embelezado pela riqueza e encanto da natureza tropical. Do mais alto ponto da montanha, levou-nos o caminho a um profundo e estreito vale, onde passamos o pequeno rio Congonhas, que dali corre a oeste para o Paraopeba. À nossa frente, ergueu-se, então, uma montanha transversal muito mais escarpada, o Morro da Soledade, que as mulas subiram penosamente, por uma trilha estreita e escorregadia. No topo descortinou-se, aos nossos olhares, majestoso panorama do vasto território, cortado por morros altos e baixos, em grande parte coberto de campinas e com matas, escuras num ponto e noutro; o Arraial de Congonhas do Campo¹⁹ aparecia ermo aos nossos pés, circundado por suas lavras vermelhas. O fundamento deste morro maciço é do mesmo micaxisto granulado, rico em quartzo, que já temos, frequentemente, mencionado; acima dele está, em considerável grossura, mica muito fina, aproximada de xisto talcoso, de cor branca, azulada, amarelada, esverdeada, acinzentada ou pardacenta, com desenho ondeado preto ou amarelado, conforme o seu conteúdo de ferro.

19. Hoje Congonhas. Já existiam as obras do Aleijadinho, mas ainda não estavam descobertas para a arte. Os Drs. Spix e Martius passam sem mencionar os “profestas”. Observa-se a mesma coisa, mais tarde, em Vila Rica. (Nota da rev., Ed. Melh.)

A quinta, onde pernoitamos, está situada na parte mais alta desta região montanhosa que, por seu cume achatado, tem o nome de *Chapada*. Com esta palavra se designam no Brasil, principalmente nas províncias do Sul, todos os planaltos ou platôs. Embora raramente de considerável extensão, eles se diferenciam tão notavelmente da maioria dos cumes mais agudos ou píncaros de rochas de serras mais estreitas que essa designação ficou na boca do povo. Na língua geral, esses planaltos são chamados *itabeba*, isto é, montanha chata. Uma grande parte do termo de Minas Novas e da província de Goiás consiste em tais chapadas, que se caracterizam, além disso, por uma vegetação especial. O dono da Fazenda da Chapada havia hospedado, poucas semanas antes, o nosso amigo von Eschwege²⁰, quando este regressou do Rio de Janeiro para a sua morada em Vila Rica, e tornou-se muito amável e acolhedor, logo que soube que éramos compatrióticos dele. Experimentamos, durante a noite, que passamos em quarto fechado, uma importante diferença de temperatura: o termômetro Reaumur indicava 11°, quando, durante o dia, à sombra, se havia elevado a 20° e a 21°. Essa relação de temperatura domina, em geral, quase por toda parte, nas partes mais altas de Minas Gerais, sobretudo durante os meses secos.

Entre Chapada e o nosso pouso noturno, apenas distante três léguas a N.N.E., a Fazenda José Correia, repetiu-se a formação de montanha, tal qual um dia antes a havíamos observado. Atrás da Quinta Rodeio, pinturescamente situada, eleva-se a serra de Ouro Branco, mais alta e mais escarpada do que a da Soledade, inclinando-se na direção E.S.E. para O.N.O. Também o seu núcleo consiste em micaxisto branco quartzítico acima do qual jazem consideráveis depósitos, em grandes lâminas soltas, de mica multicolor. No vale, formado por essas montanhas, regado por diversos ribeiros cristalinos, aparece, distintamente, em diferentes lugares, a formação de ferro. Grandes massas de igual direção e estratificação consistem em veios de um minério de ferro pardo-avermelhado, e mesmo de um rico itabirito; octaedros de magnetita aparecem em grande quantidade, soltos no caminho. Nota-se o itabirito, em geral, nas pro-

20. V. a biografia de Frederico Sommer, *Guilherme Luís, barão de Eschwege*, Edições Melhoramentos (esgotados).

ximidades de certa mica cinzento-esverdeada, facilmente decomposta. Como as jazidas desta última estão embaixo do itacolomito e alternam com o itabirito, acham-se, não raro, pedaços que mostram esses três minérios, lado a lado.

O caminho segue por essas belas montanhas sempre mais acima, e desenrola aos olhos do viajante, a cada passo, novos objetos do maior interesse. As variadas vistas dos vales, nos quais as quintas espalhadas, aparecem com maior frequência, e se alternam quanto mais perto se vai chegando de Vila Rica. Ficamos, porém, especialmente maravilhados, quando subimos o íngreme morro de Gravier, continuação da serra de Ouro Branco, ao avistamos os lírios arbóreos, cujos caules fortes e nus, bifurcados nuns poucos galhos, muitas vezes terminados com um tufo de folhas compridas, com as queimadas dos campos: carbonizados na superfície são uma das mais maravilhosas formas do mundo das plantas. Ambos os gêneros que eles formam, *Barbacenia* e *Vellosia*, e são chamados no país canela-de-ema, e são, na falta de lenha combustível, preferidos por sua considerável quantidade de resina; parece que só crescem no micaxisto quartzítico e são tidos pelo povo como sinal característico da riqueza dum terreno em ouro e diamantes. Mais frequentemente aparecem eles na altitude de dois mil até quatro mil pés, sempre acompanhados por uma série dos mais lindos arbustos de réxias, eriocaulas e xiridáceas.

Chegando das matas virgens tenebrosas das baixadas para esses campos livres e abertos, como se reanima o espírito do viajante! Aqui nas altitudes serenas e risonhas, emudecem os ruidosos filhos das matas; aqui, não se ouvem mais os urros dos bandos de macacos, a contínua gritaria de inúmeros papagaios, melros e tucanos, as bicadas, que ressoam longe, dos pica-paus, os sons metálicos da araponga, os tons cheios dos piprídeos, os chamados dos mutuns, dos jacus, etc.

Tanto mais abundantes zumbem baixinho, como abelhas, os colibris²¹ nos arbustos floridos; adejam borboletas multicolores em volta das fontes sussurrantes; vespas sem conta voam, entrando e saindo dos

21. *Trochilus superciliosus, albus, maculatus; Maugaeus, mellivorus, viridis, forticatus.*

seus ninhos compridos, pendentes das árvores; grandes marimbondos enxameiam sobre o solo todo esburacado, onde tem sua casa. Passam o papa-mosca de cabeça vermelha e o cristado, o barbudo, o gavião pequeno e o caburé vermelho-ferrugem ou pintado, que, ao calor do meio-dia, ficam nos arbustos expostos ao sol, de emboscada, espreitando, escondidos entre os galhos, pequenos passarinhos e insetos, para os apanhar; os zabelês (jaós) passeiam, devagar, entre os pés dos ananases; os enapupês e inambus andam pelos capins em volta; tucanos solitários dão pulos entre os galhos à procura de bagas e tânagras; purpurinas perseguem-se, com arrulos amorosos, de árvore em árvore; o cara-cará e o caracá acompanham mansinhos no caminho, esvoacando-lhes em torno o gado ou as mulas cargueiras, pousando-lhes nas costas, para descansar; entretanto, pequenos pica-paus trepam pelas árvores acima, e procuram insetos na casca; o João-de-barro vermelho-ferruginoso, descuidado, cimenta a sua casa em forma de forno muito baixo entre os galhos; a ave trepadora, semelhante ao pintassilgo, o João-de-pau escapole despercebida de sua morada de muitos pés de comprimento, construída à moda dos pombos, com gravetinhos, pendente dos galhos, a fim de acrescentar este ano também um novo compartimento; tranquilo, olha o acauã do topo das árvores para espreitar em volta as cobras aquecendo-se ao sol no caminho, mesmo as venenosas, de que se alimenta e solta, às vezes, o seu brado angustioso, quase humano, logo que avista gente. Só muito excepcionalmente é interrompido o sossego da região, quando os melros palradores, os papa-arrozes, pequenos papagaios e periquitos (maracanãs, maritacas, jandaias) levantam voo em bando, das roças de milho e de algodão, para pousarem em isoladas árvores do campo, e com gritaria estridente parecem ainda brigar pela presa que fizeram; bandos de irrequietos anus de crista pousam juntinhos nos galhos, e, com ruidoso grasnado, defendem seus ninhos cheios de ovos verde-marmoreados. Com tais alaridos, assustadas pelos viajantes, voam inúmeras famílias de pombas-rolas semelhantes a pardais, de moita em moita, e as pombas maiores (amargosa e torcaz), ciscando no chão, apressam-se inquietas a voar aos mais altos topos do mato vizinho, onde ostentam ao brilho do sol o esplendor metálico de sua plumagem; numerosos bandos de pequenos macacos gritam e assobiam, correndo de volta para o cercado do mato; os mocós, que

andam pelos cumes das rochas, se escondem rápidos entre as pedras desagregadas; as avestruzes americanas (emas)²², que pastam unidas em famílias, galopam ao menor ruído, como cavallhada, por cima de arbustos, por montes e vales, acompanhadas pelos filhotes; as seriemas, caçadoras de serpentes, ora se somem no meio dos capins, ora voam para o arvoredado, ou, rápidas como flechas, trepam ao cume do outeiro, de onde fazem ressoar o seu cacarejo enganador, que ecoa longe, semelhante ao do galo silvestre; o sobressaltado tatu-canastra (peba, bola) foge medroso correndo em torno, à procura de um esconderijo, ou, achando-se em maior perigo, encolhe-se na sua armadura; os estranhos tamanduá-bandeira e mirim galopam lentamente pelo campo, e, quando seguidos de perto, deitam-se nas costas, ameaçando o perseguidor com as suas garras pontudas. Longe de todo o ruído, pastam na orla do mato o elegante veado, a anta escura, ou algum confiante porco-do-mato (caititu). Tranquilo, estando acima de tudo isso, muito alto no céu, paira o urubu, de cabeça vermelha; a perigosa cascavel, escondida no capim, assusta com o chocalho; a jiboia se balança, pendida da árvore, de cabeça para baixo, e o jacaretinga aquece-se ao sol, semelhante a um tronco de árvore à beira das lagoas. Depois de haver passado sob as vistas do viajante, durante o dia, toda essa bicharada, com a entrada da noite, vem o chiado das cigarras, o monótono grito do João-corta-pau, o uivo do lobo vagando em volta e da esquiva raposa, ou o rugido das onças (suçuarana) e acaba o estranho quadro dos animais, desses pacíficos campos²³.

-
22. *Muscicapa coronata*, *Eremita nob.*; *Bucco tamatia* L., *fuscus* Lath., *Barbi* Tem.; *Falco sparverius*, *aurantius*; *Strix ferruginea*, *palustris*; *Tinamus brasiliensis*, *variegatus*, etc.; *Ramphastos dicolorus*; *Tanagra jacapa*; *Falco brasiliensis*; *Polyborus vulgaris* Vieill.; *Picus campestris nob.*; *flavifrons* Vieill.; *Turdus figulus nob.*; *Anabates rufifrons* Neuw.; *Falco caclunans* Cuv.; *Oriolus minor* L.: *Cuculus guira*; *Columba passerina*, *minuta* Lath., *squamosa* Tem., *frontalis* Tem., *leucoptera*, etc. ; *Jacchus penicillatus*; *Cavia rupestris*; *Rhea americana*.
23. *Dicholopus cristatus* Hoffm.; *Dasybus giganteus*, *septemcinctus*, *tricinctus*; *Myrmecophaga jubata*, *tetradactyla*, *tridactyla*; *Cervus campestris*, *longicaudatus* (cantigueiro), *tenuicornis* (galheiro) nob.; *Tapir maior*, *minor* (espateira, xurés); *Dicotyles tajassu* L., *labiatus* Cuv., *brevipes* nob.; *Cathartes ruficollis*; *Crotalus cascavella*; *Boa constrictor*; *Jacaretinga moschatus*; *Crocodylus fisisipes* nob., *Caprimulgus albicollis*, *cayennensis*; *Lupus mexicanus* Cuv.; *Vulpes campestris* nob.; *Felis brasiliensis*, onça, concolor.

Do morro de Gravier se desce pouco para alcançar a bela Fazenda do Capão e a Fazenda Lana, distante um quarto de hora além. Esta é a região das minas do conhecido topázio amarelo do Brasil. A base da montanha é aqui, também, o itacolomito; entretanto, ele aflora raramente na sua forma mais comum, frequentemente, na variante denominada itabirito por Eschwege. Por cima dele há fortes depósitos de certa mica modificada, que também se poderia chamar de talco terroso. Estes formam outeiros baixos, arredondados, nos quais se encontra aquela pedra preciosa, em três lugares diferentes, mas, sobretudo, perto de ambas as fazendas acima mencionadas. Logo atrás da Fazenda Lana, há uma colina, numa de cujas encostas, em perímetro de mais de 4.000m² e até a altitude de sessenta pés, o terreno está tão amolecido pela chuva e pela água ali trazida artificialmente, que parece papa e toda essa massa, sem se desmanchar, está deslizando para baixo. Aqui encontramos o fazendeiro e seus escravos justamente ocupados na busca dos topázios. A terra é amontoada com pás em montões compridos e, por meio de água, conduzida a um canal estreito, munido de gradeado de madeira, de sorte que só ficam atrás as partes mais duras, que são revolvidas com picaretas e com as mãos para retirar os topázios. Essas partes mais duras da formação desagregada são fragmentos de um quartzo branco amiúde inteiramente friável, às vezes misturado com cristal de rocha solto, e frequentemente acompanhados de um caulim branco ou pardo, contendo ferro. Este último, que aqui é denominado *massa branca*, é o mais seguro indício da existência do topázio que tanto aparece nele como também, porém mais raro, solto e espalhado entre o quartzo fragmentado. A mica finamente amolecida e desintegrada, de cor pardo-amarelada, que gostaríamos de denominar talco terroso, os trabalhadores chamam malacacheta. Nela se encontram igualmente os topázios, porém menos abundantes do que naqueles pedaços fragmentados de gangas; de fato, têm-se achado essas pedras não somente na parte amolecida da formação, mas também, como por exemplo em Capão, nas partes ainda firmes. Em geral, corre a ganga de quartzo contendo topázio, cheia de caulim numa salbanda de talco terroso, que se diferencia em cor e densidade do ambiente, e a que denominam *formação*. A ganga de quartzo, cuja principal direção, por causa da mobilidade de toda a massa, nem sempre é a mesma, porém, enquanto lá estávamos, corria de norte a sul, tem a espessura desde uma

polegada até pé e meio e mais, e é cuidadosamente acompanhada pelos trabalhadores. Não raro ela faz grandes alargamentos em forma de ninho, que não apresentam senão quartzo estéril em fragmentos sem topázios. Estes últimos são achados, só muito raramente, ainda ligados com o quartzo ou com o cristal de rocha; em geral, são quebrados de um lado; desses topázios, com facetas terminais cristalinas de ambos os lados, nós mesmos não pudemos encontrar na mina. Um costume dos escavadores de topázio, inconvenientíssimo para os cristalógrafos, é que eles procuram preparar cada pedra para a lapidação, quebrando com o martelo as partes menos límpidas, e, quando os exemplares têm rachas, repartem-nos inteiramente. O tamanho das pedras varia muito; segundo testemunho dos trabalhadores, já se acharam pedras do tamanho de um punho. A cor natural é de diversas tonalidades, ora acinzentada, ora amarelo-vinhosa, também de colorido mediano entre amarelo-vinhoso e vermelho cor de carne de diferentes graduações, raramente vermelho-escuro. As pedras encontradas na malacacheta parecem que são as mais claras. O povo também sabe dar ao topázio, por meio de queima, um tom artificial, sobretudo um cor-de-rosa. A quantidade de topázios aqui achados anualmente é muito avultada, e deve montar entre cinquenta e sessenta arrobas; entretanto, nem sempre essa quantidade é de pedras bem límpidas e próprias para lapidação, e até grande parte delas é de colorido tão impuro e elas são tão cheias de rachas, que os donos as deitam fora. A qualidade inferior de pedras, que se prestam para a lapidação, é vendida a trezentos e vinte réis a oitava; a melhor chega a dois mil réis. Pedras excepcionalmente belas, cintilantes, pagam-se a vinte até trinta piastras no local. A maior porção dessas pedras preciosas é levada daqui para o Rio de Janeiro; a menor vai para a Bahia; e, em ambos os lugares, durante os últimos anos, acumulou-se tão grande quantidade delas, que os preços ali caíram abaixo dos da própria mina. Junto com o topázio, também aparece aqui a safira, que, só depois da procura pelos mineralogistas, chamou a atenção dos mineiros. Em geral é rara essa espécie, e de fato ela aparece mais abundante na mina do Capão do que na de Lana.

Saindo de Lana, passando por estreitas gargantas da montanha, vertentes, escarpadas e abruptas paredes de rocha, alcançamos um sítio onde de repente o panorama até agora limitado se patenteou amplo, descortinando-se um labirinto de vales e montanhas. O Itacolomi, en-

sombrado na base pela negrura das matas, e destacando-se de todos os vizinhos com o seu píncaro rochoso e nu, domina toda a região. Uma maravilhosa mudança de luz, desde a mais ofuscante claridade do sol até a negrura da mais tenebrosa sombra, pairava sobre a paisagem, cuja feição sombria e grandiosa mereceria ser traduzida pelo pincel de um Salvador Rosa ou de um C. Poussin. A natureza parecia celebrar conosco com seu grave silêncio, o estado de alma que nos empolgava, diante do magnífico panorama. Por montes cada vez mais abruptos, fomos subindo adiante, e chegamos finalmente a Trepuí, uma venda animada, distante uma légua de Vila Rica (hoje Ouro Preto), sítio onde em geral se organizam de novo as tropas que vêm de lá ou que para lá vão. Aqui igualmente fizemos pouso, a fim de nos prepararmos para entrar na vila, e também para examinar o regato que corre embaixo, no vale do mais próximo outeiro, e que carrega cinábrio nas suas águas. De fato, achamos pequenos grãos arredondados de cinábrio, misturados com muitos fragmentos e até alguns cristais octaédricos de ilmenita. Depois de tudo posto em ordem de marcha, subimos pelos últimos contrafortes do alto Itacolomi e gozamos ali do indizível contentamento de termos mui próximo, sob as vistas, o primeiro plano da já muito almejada Vila Rica. O Sr. von Eschwege, que, como engenheiro-chefe e diretor das minas, aqui está empregado, já havia antes tido a bondade de nos reservar alojamentos na estalagem *As Cabeças*, logo à entrada, onde pudemos, portanto, imediatamente descarregar as nossas bagagens. Muito alegres, cavalgamos morro abaixo e alcançamos, assim, um mês após a nossa partida de Ipanema, a 28 de fevereiro, sãos e salvos, a capital da terra das minas.

LIVRO QUARTO

.....

Capítulo I

NA CIDADE DE VILA RICA¹

VILA RICA, capital da província de Minas Gerais, residência do governador-geral e sede do ouvidor da comarca de Ouro Preto, está edificada sobre duas colinas nas fraldas orientais da montanha do mesmo nome, à margem do ribeirão de Ouro Preto, depois chamado do Carmo, que forma a divisa do alto Itacolomi e do morro de Vila Rica. As ruas que vão da parte da cidade situada no vale do Ouro Preto à parte sobre as colinas, são todas calçadas; abastecem-nas quatorze chafarizes, e são ligadas por quatro pontes de pedra, destacando-se entre estas a nova ponte construída no vale pelo Sr. von Eschwege; a rua principal corre meia hora ao longo da ladeira do morro. As casas são construídas de pedra, de dois pavimentos, cobertas de telhas, na maioria caiadas de branco, e, se não de bom aspecto exterior, todavia confortáveis e adequadas à situação alta da cidade. Entre os edifícios públicos, distinguem-se dez capelas, duas vistosas igrejas paroquiais, a tesouraria, o teatro com atores ambulantes, a Escola de Latim, a Câmara Municipal com a cadeia, cujos presos são, na maioria, assassinos por motivo de roubo ou por

1. Hoje, Ouro Preto.

questões de amores; e sobretudo o castelo, residência do governador, armado com alguns canhões, e que está situado no mais alto ponto da colina, dominando uma parte da cidade e o mercado, e descortinando o mais belo panorama sobre toda a região. Embora escondido numa estreita garganta e tendo, em volta, montanhas e campos áridos de pedra, em beleza comparáveis a jardins artísticos, era este lugar, desde outrora, a meta para onde acudiam não somente os paulistas, como também os portugueses, em grande número. Atualmente, avalia-se a população de toda Minas Gerais em meio milhão de almas; a da cidade, em oito mil e quinhentas. Esta última conta, entre os seus habitantes, relativamente muitos portugueses, europeus e, sobretudo, muitos mulatos e negros; a força armada compõe-se de dois regimentos de cavalaria auxiliar (milícias), quatorze companhias de ordenanças brancos, sete de mulatos e quatro de pretos libertos. (**Nota I**)

Quase todos os ofícios são praticados aqui; entre estes, destacam-se, especialmente, os de seleiro, funileiro e ferrador; também existe uma fábrica de pólvora, uma de chapéus de feltro e outra de louça de barro. Entre todas as cidades no interior do Brasil, nenhuma tem comércio tão animado como Vila Rica. Daqui partem estradas para São Paulo, passando por São João d'el-Rei; por Minas Novas, para a Bahia; por São Romão, Tejuco, Malhada, para Paracatu, Goiás e Mato Grosso; porém nenhuma é tão movimentada, com o vaivém de tropas, como a estrada que leva ao Rio de Janeiro, sede do governo, distante setenta léguas. Quase que todas as semanas, ou cada mês do ano, seguem grandes caravanas, carregadas com os produtos da região: algodão, couros, marmelada, queijos, pedras preciosas, barras de ouro, etc., para a capital, e voltam, trazendo sal, vinho, chitas, panos, presuntos, espelhos, artigos de ferro, novos escravos para a exploração das minas de ouro, etc. O comércio com o mais longínquo sertão, que vai até Goiás e Mato Grosso, não é tão extenso, de fato, como o de São Paulo e Bahia; entretanto, expande-se até além do rio São Francisco, quase que por toda a capitania, e abastece-a não só com as mercadorias europeias adquiridas no Rio de Janeiro, mas, também, com os produtos das imediações, como, por exemplo, os aqui fabricados: artigos de ferro, chapéus de feltro, louça de barro, queijo, milho, marmelada, carne de porco e toicinho; este é empregado em vez de manteiga e banha, e constitui grande artigo de comércio da província.

O clima desta capitania, em virtude de sua situação alta, é, em geral, bastante fresco e favorável ao cultivo das frutas europeias. O termômetro, durante a nossa estada em Vila Rica, variou muito; de manhã, antes do nascer do sol, marcava, 12°R.; ao meio-dia, 23°; à tarde, 16°; à meia-noite, 14°. O barômetro subia e descia entre 23 e 25 a 50°; o higrômetro de barbatana indicava 55° até 70°. O tempo era muito agradável, porém amiúde refrescava ao sobrevirem repentinas trovoadas. Durante os meses frios de junho e julho, sofrem as plantações às vezes prejuízos por causa de geadas noturnas; assim, no ano anterior à nossa estada, considerável parte da colheita de bananas, cana-de-açúcar e café perdeu-se com a geada. Os ventos sopram aqui de diferentes direções, e nunca trazem grandes calores, porém, sim, densas neblinas, nas quais se veem muitas vezes envolvidos os cumes das montanhas vizinhas. Graças a isto, o calor durante o ano inteiro é menor e a saúde é melhor do que nas outras províncias. A feição característica das doenças é, na sua maioria, catarral e reumática; inflamações da garganta e dos pulmões, cólicas violentas e reumatismo agudo são as que mais ocorrem; sobretudo entre os negros, porém, nota-se a denominada elefantíase, uma fauna esquisita da lepra (mal de São Lázaro), que mencionaremos ainda mais tarde em nosso relatório. A lavoura não é exercida, é certo, com grande intensidade, na maior parte desta capitania, tão montanhosa, por causa da falta de matas e por causa do solo pedregoso dos campos estéreis, queimados de sol; em compensação, esta terra dispõe de outras riquezas. Acham-se aqui quase todos os metais: minério de ferro existe com noventa por cento, quase por toda parte, e constitui, por assim dizer, o elemento principal de extensas montanhas; encontra-se chumbo aquém do rio São Francisco, em Abaeté; cobre, em São Domingos, perto de Fanado, em Minas Novas; crômio e manganês, no Paraopeba; platina, perto de Gaspar Soares e em outros rios; mercúrio, arsênico, bismuto, antimônio, minério de chumbo vermelho, perto de Vila Rica; encontram-se diamantes em Tijuco e Abaeté; topázios amarelos, azuis, brancos, águas-marinhas verdes e azuladas, turmalinas vermelhas e verdes, crisoberilos, granadas e ametistas, especialmente em Minas Novas. Mas o que sobretudo contribuiu para a mais rápida imigração e povoamento desta capitania e especialmente de sua capital foi a grande riqueza do ouro, que, desde um século, tem sido arrancada deste solo. (**Nota II**)

O ouro é encontrado na região de Vila Rica, em pó finíssimo, em folhetas de vários tamanhos ou sob a forma de cristal, especialmente octaedros e tetraedros, crescidos sob a forma dendrítica, e também, se bem que mais raramente, em pedaços inteiros. Conhece-se um exemplo de pedaço maciço, que pesava dezesseis libras. Quanto à cor, é amarelo, preto ou esbranquiçado, segundo a composição e proporção variável de platina, ferro e outros metais. Até agora tem sido extraído de córregos e rios, de terra argilosa, ou de filões de quartzo quebrados, contendo ouro, e das camadas de minério de ferro. Contam que até se encontrou amontoado esse metal sob raízes de plantas ao serem arrancadas, levado para ali, casualmente, pelas águas da chuva. Vimos aqui, sobretudo, a lavagem de ouro no ribeirão de Ouro Preto, no qual, por não serem rios propriedade privada, quase sempre estavam alguns negros ocupados no trabalho. Entre os livres, só se incumbem os pretos desse serviço, e estes também, somente quando precisam de dinheiro para satisfazer as suas necessidades, especialmente de cachaça. Os faiscadores vestem uma jaqueta de couro, levam uma vasilha redonda feita de pau de gameleira, de pé e meio até dois pés de diâmetro e um pé de fundo (gamela, panela, bateia), e uma bolsinha de couro presa à parte dianteira do corpo. Escolhem, em geral, um sítio onde a correnteza do rio não seja muito impetuosa, faça curva e tenha buracos fundos. As pedras grandes e as camadas superiores de areia são postas fora, primeiro, com o pé ou com a gamela, e colhem eles da camada mais funda, mais antiga do cascalho virgem, uma bateia repleta. Sacolejando, lavando, tirando as pedras de cima e as camadas de areia continua-se até aparecer o pó de ouro, mais pesado, embaixo, no centro mais fundo da vasilha, faiscando ao luzir do metal: deita-se depois com a mão um pouco d'água, e o ouro finalmente puro é escorrido na bolsinha de couro. Este modo de lavar o ouro é aqui denominado *mergulhar*. Cada bateia cheia de cascalho, para cuja lavagem se gasta aproximadamente um quarto de hora, dá, em geral, o lucro de um até dois vinténs, e um homem pode, desse modo, ganhar diariamente alguns florins. Às vezes os faiscadores lavam a lama numa canoa estabelecida no local.

Aqui chegados ao coração da afamada terra do ouro, alimentamos vivo desejo de visitar sem demora as próprias minas. Nosso amigo e compatriota Sr. von Eschwege veio logo ao encontro desse nosso anseio e

levou-nos à encosta oriental do morro de Vila Rica, que até então tinha dado o maior rendimento. Das Cabeças, a colina mais ao sul da montanha, passamos por alguns jardins guarnecidos com fúcsias perto do Hospício de Jerusalém, e, ao longo de um profundo fosso, para uma garganta de rochas nuas que, cheia de fragmentos de pedras e de contornos irregularmente partidos, dava a impressão da mais selvagem destruição. Como ficamos surpresos ao ouvir nosso amigo nos declarar que esta era a rica mina de ouro de Vila Rica! A mina, onde justamente nos achávamos, pertencente ao coronel Veloso, é uma das mais antigas e produtivas. Em diversos dos fossos de água conduzida de cima, achavam-se a certa distância peneiras e couros brutos de boi; as primeiras, para conter o cascalho mais grosso, e os últimos, para colherem o pó de ouro nos pêlos eriçados. Ora aqui, ora ali, viam-se algumas fossas (mundéus), nas quais se ajunta a lama ou a areia aurífera. Assim que começa o tempo da chuva, entram em atividade estes singelos apetrechos. A água encaminhada artificialmente aos fossos lava o ouro das pedras, e o conduz, ora para as covas, ora por entre os pelos do couro de boi. O metal é depois lavado do lodo, com a gamela, naqueles fossos, por escravos nus até à cintura, sentados dentro deles em bancos de pau; o ouro apanhado nos pelos do couro é lavado e sacudido em adequadas tinas. Os antigos donos haviam sempre explorado esta mina com algumas centenas de escravos e obtido lucros colossais; atualmente, parece bastante esgotada, de sorte que apenas se conservam ali poucos faiscadores, e o trabalho é arrendado a pretos libertos, por uma pataca diária. A esse modo de tirar ouro de uma mina aberta chama-se *minerar a talha aberta*.

Depois de havermos observado todas as instalações desta mina, ou, melhor, desse trabalho de colher ouro, pelo qual só se obtém a parte mais grosseira do metal, e o restante é levado pelo rio, e destarte destruído ou coberta a própria formação de ouro, volvemo-nos para a investigação das condições geológicas do próprio morro de Vila Rica. Este morro corre na direção O.L., ao longo do vale do ribeirão de Ouro Preto, até ao local Passagem, numa extensão de quase duas léguas, e, parece, como prova a formação em ambas as margens no fundo do vale, ter antigamente tido ligação com o alto Itacolomi, do qual mais tarde deve ter sido separado pela força das águas. É coberto, aqui e ali, de mato baixo e, até ao mais alto cume, de capim e arbustos. A sua lombada é bastante

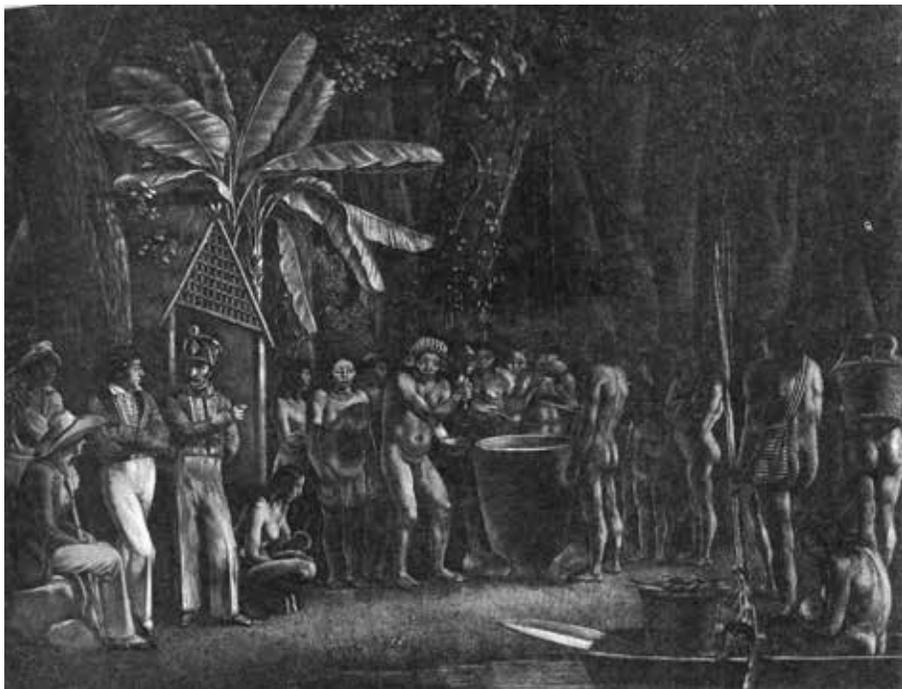
plana e a montanha, do lado da cidade, é menos íngreme. A primeira camada, uma jazida de minério de ferro, aqui chamada tapanhoacanga, ou só canga, é uniformemente espalhada sobre grande parte da superfície do morro de Vila Rica, cobrindo numa espessura de três a vinte pés as formações mais antigas da montanha, e, pela facilidade da extração, tem sofrido especialmente grandes alterações pelos mineradores. A massa da jazida consiste em argila mais ou menos avermelhada por óxido de ferro, e sobretudo, de caulinita. Esta última tem cor de telha ou de carne, passando para pardo-avermelhada; em muitos lugares é malhada de azul-alfazema e amarelo-oca, e parece misturada com muita ocre amarela. Nessa massa, encontra-se grande porção, em pedaços de ângulos obtusos, de uma limonita compacta, ora em fragmentos pequenos, ora do tamanho de um pé e mais. A limonita tem muitas pequenas cavidades, que são preenchidas com ocre ferruginosa; vermelho-acastanhado, às vezes, com o quartzo branco-acinzentado, e não raro cinzento-avermelhado na superfície. Além disso, notam-se na formação dessa jazida pedaços de ângulos obtusos de oligisto de fratura compacta passando à forma concoidal imperfeita, pedaços de magnetita, de micaxisto, de algumas drusas de quartzo, e raros fragmentos de topázio. O ouro aparece nessa formação em maior abundância, e, de fato, ou em pequeníssimas granulações e cristais depositados nas camadas de argila e de caulinita, ou como cobertura da limonita ou em folhelhos mergulhados nele. Esta formação é abundante não somente aqui, e em geral numa grande parte de Minas Gerais, onde dizem que também nela se acharam diamantes, mas igualmente em diversas regiões das capitanias de São Paulo, Goiás e Bahia, onde por toda parte é tida como aurífera.

Abaixo dessa jazida de minério de ferro, acha-se na maioria das minas do morro de Vila Rica aquela modificação do micaxisto, que o Sr. Eschwege tornou conhecida com o nome de itabirito. É um micaxisto, no qual a mica, na proximidade das mencionadas jazidas de minério de ferro, é substituída por limonita; em outros lugares, por oligisto. Encontra-se essa espécie de mineral aqui, como em muitos lugares de Minas, de grande diversidade de colorido, densidade e peso. Na maioria das vezes, é cinzento-aço; em antigos desabamentos, às vezes, é pardo-amarelada ou vermelho-telha, segundo o grau de oxidação do metal. Num e noutro pon-

to, aparece granulado e listado, quando contém considerável quantidade de quartzo branco. O conteúdo de ferro no mineral é, às vezes, tão avultado, que ele pode com vantagem ser derretido.

O ouro está disseminado por esse micaxisto em porção considerável, e, de fato, especialmente rico em filões de quartzo que o atravessam. No sopé da montanha e mais acima, até quatrocentos ou quinhentos pés, acham-se em vários lugares jazidas de mica (xisto talcoso ou clorítico do Sr. von Eschwege), em grandes lâminas, de superfície ora lisa ora conchoide, em tudo semelhantes às que aparecem em Capão e em Lana. Nelas não se nota ouro algum. O mencionado micaxisto não é por toda parte disposto uniformemente em camadas no morro, e em alguns lugares ele falta de todo; aí, porém, aparece imediatamente essa outra qualidade de micaxisto, que constitui a maior parte da montanha, isto o micaxisto granulado rico em quartzo, denominado itacolomito, que poderíamos designar com o nome de xisto quartzítico.

A estrutura desse mineral é, em todo o morro, distintamente xistosa, e, onde faltam as camadas superiores de humo e as jazidas de minério de ferro, aparecem, assim como o micaxisto que contém oligisto, grandes lajes lisas, como acontece acima da cidade, não longe do palácio. As camadas são frequentemente só de uma ou poucas linhas ou polegadas de espessura, e mostram alguma elasticidade, pelo que esse mineral recebeu o nome de “quartzo flexível” ou itacolomito. Aparece, às vezes, numa transição dessa forma do micaxisto para a camada que jaz em cima e que contém ouro, que faz parte desse minério, acha-se em filões ou panelas de quartzo branco, e, às vezes, em incrível quantidade. No caminho de Vila Rica para Passagem, veem-se muitos buracos cavados na montanha, que mostram o abandono da exploração de tais filões e panelas, e que renderam milhares de cruzados. Esta formação maciça do micaxisto quartzítico jaz por cima de xisto argiloso, que, a julgar pelo seu afloramento nos pontos mais profundos do vale de Ouro Preto, parece formar o fundamento do morro, e assentar sobre gnaisse, que, em cachoeira (duas léguas distante de Vila Rica), se encontra superficialmente. Estas citadas texturas de montanha não estão espalhadas uniformemente sobre o morro de Vila Rica; têm, porém, diversas espessuras; em geral, entretanto, se inclinam em 3 graus e sua dedinação tem um ângulo de 50° até 70° para leste.



Festa de embriaguez dos coroados. O bando está em volta duma panela cheia de viru. O cantor que dá a toada à festa chocalha a gringerina (maracá), batendo com o pé em furta-passo em volta da panela para enxotar o espírito mau; os demais estão à espera de que se complete o exorcismo e a cuiá passe em torno.

Depois de havermos investigado as condições geológicas da superfície do morro, conduziu-nos o Sr. von Eschwege a uma galeria já há muitos anos explorada e recentemente por ele de novo posta em atividade, onde tomamos conhecimento de uma espécie de jazida de ouro, cuja existência antes ignorávamos, isto é, a chamada Carvoeira. Esta é massa friável, áspera ao tato e untuosa, de cor verde-acinzentada, que consiste em um quartzo muito finamente granulado e de mica cinzento-fumaça, misturada com pirolusita terrosa; provavelmente, entre as camadas do micaxisto quartzítico e do xisto argiloso, debaixo dele, forma uma jazida de alguns pés de espessura. Esta contém, em geral, muito considerável quantidade de ouro, e por isso foi com especial cuidado lavada pelos mineiros que fizeram a galeria. Não obstante, deixaram estes ainda tanto metal na terra por eles explorada, que o Sr. von Eschwege achou que valia a pena mandar lavá-la outra vez junto com a terra agora escavada. Para esse fim, tinha ele construído uma bateadeira de movimento horizontal acionada por uma roda d'água, na qual o ouro devia ser separado até das mais finas partículas; com o tempo, verificou, entretanto, que esta máquina não era bastante satisfatória para os seus fins, por ser o pó de ouro inseparável do esmeril, pirolusita, antimonita e arsenopirita. Sem amalgamação nunca se conseguiria uma perfeita separação; mas este sistema é até hoje quase inteiramente desconhecido no Brasil, assim como os defeitos da mineração do metal correspondem às péssimas condições das minas. O mineiro julga haver feito bastante, quando, sem plano algum, ataca o morro à *talha aberta* ou *trabalhando por minas*, abrindo covas rasas na pesquisa das gangas ou depósitos de quartzo ricos de ouro, e entrega o devido tratamento do minério obtido ora à ação das águas, ora à perícia dos negros que, em vez de usarem o moinho de pilões, servem-se geralmente de martelo, e, em vez da instalação de pilões, de cubas de sedimentação ou de amalgamação, trabalham com a bateia. O moinho de pilões, nós só o encontramos na mina do padre Freitas, em Congonhas de Sabará.

Todo o ouro assim obtido deve, segundo severas leis, ser levado à Casa Real de Fundição, para ser derretido ali. Antigamente, tinha curso o pó de ouro, como moeda; isto, porém, já não é mais permitido, e somente certos vendeiros, donos de botequins de cachaça aqui na cidade, podem aceitar quantidades mínimas dele, em vez de moeda, em geral dos negros que o dão em troca de cachaça; o pó de ouro deve ser igualmente entregue à Casa de Fundição.

Para nos informarmos também acerca do processo de fundição, servimo-nos da licença dada pelo governador, e fomos visitar aquelas oficinas da riqueza do subsolo, que se acham no rés-do-chão do palácio, e onde trabalham dezoito funcionários pagos, entre eles o escrivão contador, que percebe o maior ordenado, isto é, três mil cruzados. Todo o pó de ouro, trazido da comarca de Ouro Preto, vai primeiro à sala da pesagem, onde o escrivão da receita o pesa e separa dele o quinto que cabe ao rei; o escrivão da conferência faz nas listas o assentamento da quantidade de cada possuidor, sem e com o desconto. A porcentagem que compete ao rei é toda amontoada, misturada e fundida em grandes barras; com a porção dos particulares fazem-se apenas pequenas barras. Para esse fim o pó de ouro é posto num cadinho de tamanho correspondente, e, assim que ele está no ponto de fusão, acrescenta-se-lhe cloreto de mercúrio, deixando-o ficar algum tempo. Quando se percebem sinais de que a fusão está completa, é o metal escorrido para um molde de ferro, quadrangular, provido de asas, onde esfria. Estes moldes são de tamanhos diferentes, visto terem capacidade para entre dez oitavas e uma arroba de ouro. Devido às variadas ligas do ouro com ferro, antimônio, manganês ou arsênico, o tempo necessário para ser fundido também varia. O ouro, que mais custa chegar à fusão, necessita mais cloreto de mercúrio; isso acontece, sobretudo, quando nele existe grande porcentagem de ferro. Os operários sabem, em geral, por longa experiência, a porção do acréscimo que requer o ouro de cada mina.

Ouro muito puro é perfeitamente fundido em três horas. O colorido do ouro aqui fundido varia muito, desde o mais lindo amarelo até a cor de cobre-avermelhado, do amarelo-claro e até amarelo-cinzeno. Conserva-se uma prova de cada tonalidade, e mostraram-nos algumas centenas delas. A barra de ouro pronta vai para as mãos do ensaiador, o qual determina a sua maior ou menor densidade, e a sua pureza, por meio da prova de sublimado. Para isso, tira-se um pedacinho de uma extremidade da barra, e, em casos mais difíceis, tira-se de ambas as pontas.

Nas barras de minas conhecidas, a prova é exclusivamente feita com riscos, usando-se para isso de pontas de cobre, que têm graduação de 16 a 24 quilates². O ouro mais puro aqui fundido é de vinte e três quilates e sete oitavas. As minas de Vila Rica dão, em geral, ouro de vinte a vinte e três quilates; por seu lado, as de Sabará e de Congonhas de Sabará dão-no de dezoito e dezenove. O ouro do rio das Velhas, perto de Sabará, dá de dezenove

a vinte. Especialmente puro é o ouro de Cocais e Inficionado, embora não de belo amarelo, mas quase sempre pálido ou cor de cobre. Verificados o peso e o quilate, e com isso o valor da barra, é registrado tudo na lista, gravam sobre ela as armas brasileiras e portuguesas, o número da lista, o distintivo da Casa de Fundição, o ano, assim como o grau de pureza do ouro, e junta-se à barra uma guia impressa, que cita, além dos característicos acima mencionados, também o valor em réis, o peso do pó de ouro que o possuidor entregou e o que dele foi retirado para o rei. Sem essa guia, assinada pelos funcionários da Casa de Fundição, a barra, que é então apresentada ao dono, não tem valor legal como moeda. A sua saída para fora da província de Minas, sem aviso, é severamente proibida, porque as Casas da Moeda reais devem comprar de novo as barras e o dinheiro contado segundo o valor indicado. Como, porém, nas costas do Brasil, oferece-se ágio de dez por cento pelas barras, esse gênero de defraudação é comumente praticado.

Da grande quantidade de ouro que saiu das Casas de Fundição de Minas, pode-se fazer ideia bastante exata, quando se consideram as construções colossais de D. João V, o Aqueduto de Lisboa e o Convento de Mafra, que foram custeados exclusivamente com o quinto real do ouro brasileiro.

Entretanto, somente os primeiros decênios do século passado produziram tão rico cabedal em ouro; o português patriota vê contristado nesses monumentos dispendiosos enterrada uma riqueza que não se repetindo mais tarde poderia ter sido empregada com maior vantagem da nação na construção de uma frota. No fim do século precedente, eram ainda fundidas anualmente em Vila Rica setenta até oitenta arrobas de ouro; atualmente, porém, não mais de quarenta. O total do quinto de ouro montou, no ano de 1753, a cento e dezoito arrobas; e, até ao ano de 1812, a mais de seis mil oitocentas e noventa e cinco arrobas, isto é, oitenta e cinco milhões de cruzados, agora, apenas mais de vinte e quatro arrobas. Para a própria Fundição foram compradas anualmente da Europa sessenta arrobas de cloreto de mercúrio, do qual custou sessenta mil réis cada arroba. Também os cadinhos de grafita, em que o ouro é fundido, são feitos na Europa, quando, a pouca

2. 24 quilates correspondem a 1000/1000 ou 100%, quer dizer, a ouro puro. (Nota da ver., Ed. Melh.)

distância de Barreiras, em Minas Novas, existe abundância desse material. Em Mesquita, próxima de Vila Rica, já tentaram fabricar esses cadinhos, porém não resistiram à incandescência.

Segundo se crê, por causa da riqueza desta região em metal, e da possibilidade de sua aquisição foram proibidos, no governo do ministro Pombal, a fundação de conventos e a continuada permanência de religiosos em toda a província de Minas Gerais, proibição que até hoje rigorosamente se observa.

Os índios eram antigamente senhores de todas essas terras auríferas da província; foram, porém, cedo e quase por toda parte expulsos delas pelos imigrantes sequiosos de ouro. Aqueles que ainda se achavam em Minas Gerais pouco a pouco se foram retirando para as impenetráveis matas virgens que revestem a serra do Mar ao longo da costa, numa extensão de trinta a cinquenta léguas, terras adentro. São especialmente as tribos dos coroados, coropós, puris, botocudos (aimorés), macuanis, malalis, panhames, menhames, paraíbas (goitacás).

Na parte ocidental da capitania, do outro lado do rio São Francisco, notam-se às vezes bandos isolados de caiapós. Essas tribos todas reconheceram a soberania dos portugueses, à exceção de uma parte dos botocudos e dos caiapós, e são contidos ou governador por diversos postos militares, mantidos pelo governo na orla das matas. Nesse sentido, são repartidas em sete divisões todas as regiões habitadas pelos índios, cada uma das quais é dirigida por um comandante, em geral um oficial ou um cabo do Regimento de Dragões de Minas.

Os mais irrequietos e perigosos índios de Minas são os antropófagos botocudos, que ocupam particularmente a margem do baixo rio Doce. Como nestes últimos decênios se reconheceu a utilidade de navegação para o oceano por esse rio, cujas nascentes, assim como as de seus afluentes superiores, têm origem na capitania de Minas Gerais e, a pequena distância de Vila Rica, formou-se uma companhia para o fomento da navegação do rio Doce e para domesticar os índios ali residentes (*Junta da Conquista e Civilização dos Índios, do Comércio e Navegação do rio Doce*). As tentativas dessa companhia não deixaram, desde então, de dar frutos, pois diversas tribos de índios pouco a pouco entraram em trato com os portugueses. Nós já havíamos ouvido contar muita coisa desses filhos das selvas, e o nosso anseio de observar no seu próprio domicílio uma tribo tornava-se cada vez mais vivo.



Dança dos puris. Ao luar perto da fazenda Guidoal. Os homens formam a primeira fila e as mulheres, a segunda. As crianças, agarradas às coxas dos mais velhos, dão os passos furtados da dança para a frente. Um dançador dá, como saudação, uma umbigada a cada um de nós observadores.

Separados apenas por quatro ou seis dias de viagem das tribos indianas da vizinhança, coroados, puris e coropós, resolvemos partir à procura deles à margem do rio Xipotó, braço do rio Pomba. O nosso amigo Sr. von Eschwege havia alguns anos antes viajado por ali, em companhia do Sr. Freireiss, e atualmente era o nosso propósito, sobretudo, favorecido, por achar-se justamente em Vila Rica, por motivo de saúde o oficial encarregado de domesticar e civilizar esses índios, o Sr. Guido Marlière, francês de nascimento, que outrora havia servido no Regimento Condé (desgraçadamente, ele em breve morreu). Este digno oficial, que já havia, ele próprio, coligido muitas observações sobre esses índios, fez questão de dar-nos os necessários esclarecimentos sobre a nossa conduta para com eles e sobre o caminho para o sítio de morada, o presídio de São João Batista; mandou acompanhar-nos até ali por um de seus homens, e comunicou por escrito aos criados de sua casa e aos soldados do posto a ordem de satisfazerem em tudo aos nossos desejos.

NOTAS DO CAPÍTULO I (LIVRO IV)

I População de Minas Gerais, no ano de 1808¹

Qualidade	Livres			Escravos			Total
	Homens	Mulheres	Soma	Homens	Mulheres	Soma	
Branços	54.157	52.527	106.684	—	—	—	106.684
Mulatos	64.406	65.250	129.656	7.880	7.880	15.760	145.393
Negros	23.286	24.651	47.037	86.849	46.186	133.035	180.072
Soma	141.849	142.428	284.277	94.706		148.772	433.049 ²

II O primeiro descobridor de Minas Gerais parece ter sido Sebastião Tourinho, de Porto Seguro, que, no ano de 1573, navegou pelo rio Doce acima, e voltou à costa pelo Jequitinhonha. Seguiram-lhe nas pegadas Antônio Dias Adorno e Marcos de Azeredo, no intento de procurar esmeraldas e safiras, pelo primeiro observadas (águas-marinhas, turmalinas verdes e topázios azuis?). Mais depressa e melhor ficou, porém, conhecida essa região, pelas viagens por terra, que, nos últimos decênios do século XVII foram empreendidas pelos paulistas, não mais para caçadas ao índio, porém para colher ouro. A porção de ouro, que esses aventureiros trouxeram para seus lares, determinou inúmeras emigrações, tanto de brasileiros natos, como de portugueses, para o novo Eldorado. O país povoou-se logo; foram elevadas a vila: — Vila Rica e Mariana, no ano de 1711; São João d'el-Rei e Sabará, em 1712, e Vila do Príncipe, em 1714. Desde o ano de 1720, Minas ficou capitania independente, separada de São Paulo, a que pertencia, e no mesmo ano teve um intendente das lavras. O primeiro governador-geral, Lourenço de Almeida, encontrou o país já um tanto ocupado e dividido em quatro comarcas. No ano de 1818, foi Vila Rica elevada a cidade capital de Minas, assim como Vila Boa para Goiás e Vila Bela para Mato Grosso.

1. Segundo o *Jornal von Brasilien*, de von Eschwege (I, pág. 209).

2. Uma notícia pouco segura, que devemos ao Marechal Felisberto Caldeira Prant Pontes, da Bahia, dá para Minas, no ano de 1820, 621.885 habitantes, dos quais 456.675 livres e 165.210 escravos. Tendo o dobro da população de São Paulo, Minas possui três vezes e meia mais escravos negros e nove vezes mais negros libertos do que ela.

.....

Capítulo II

VIAGEM DE VILA RICA À ALDEIA DOS ÍNDIOS COROADOS NA MARGEM DO RIO XIPOTÓ

A 31 DE MARÇO, partimos de Vila Rica, com um único cargueiro e um tocador em nosso séquito, porque, em expedições desta ordem, é costume levar o mínimo de carga possível. Era fresca a manhã, e a neblina, que descia dos morros, dava esperança de lindo dia. Subíamos pela parte norte da cidade, num ressalto íngreme do morro, por uma estrada larga, em parte calçada e aplainada sobre a rocha até ao cume, do qual se descobre um belo panorama sobre o majestoso Itacolomi, que domina toda a região. Na profunda garganta formada pelas encostas dessa montanha e pelas do morro, sussurra, entre verdes campinas e selvagens blocos de rocha românticos, o ribeirão de Ouro Preto ou do Carmo, aurífero. Ainda bem perto de Vila Rica existe uma fonte ferruginosa, encaixada, que dizem possuir propriedade curativa. A pouca distância, notamos também as já citadas covas, feitas no xisto quartzítico (itacolomito), que antigamente contiveram tão grande riqueza em ouro, mas cuja exploração não continuou. Ao longo do morro, oferecia-se uma paisagem de grande beleza agreste, com as encostas abruptas floridas e enfeitadas de maciços de rochas que lembram ruínas. Grande número de pequenas casas abeira-se da rua, e a frequência dos viajantes e

tropas de mulas carregadas empresta à região aparência de riqueza e de atividade europeia. Passando pela pequena povoação de Taquaral, vai à estrada descendo, sempre mais íngreme, até alcançar, a uma légua de Vila Rica, no fundo do vale, a aldeia maior da Passagem, cujos habitantes, em geral, vivem das plantações e venda de vitualhas à capital. Antes eram as minas de ouro deste lugar muito produtivas, sobretudo a do morro de Santo Antônio, onde este santo tem uma capela votiva; agora, porém, quase não existe movimento algum ali. No arraial, transpusemos uma pequena ponte de pedra para a margem direita do ribeirão do Carmo, cujas águas espalham frescura pelo estreito vale, e subimos em muitas voltas um morro, de cujo cume avistamos a cidade de Mariana, no vale plano e pedregoso do ribeirão do Carmo.

Esta cidade de quatro mil e oitocentas almas, de casinhas asseadas, construídas em ordem bastante regular e de ruas largas, dá impressão simpática. Desde 1745, é cidade e residência do bispo e do cabido de Minas Gerais; parece, todavia, desde que diminuíram em rendimento as minas da vizinhança, sobretudo a do morro de Santa Ana, ter ela perdido muito de sua opulência, e ser desprezada, por inveja, pelas autoridades civis da vizinha Vila Rica; daí a razão por que a nova matriz ainda está por acabar. Existem aqui um convento carmelitano, um franciscano e um seminário, onde se forma a maioria dos sacerdotes que servem em Minas. O bispo residia numa casa espaçosa no fundo do vale, e tinha morrido pouco tempo antes de nossa vinda. Gabaram-nos a sua biblioteca munida também de muitas obras sobre história natural, e o seu museu de curiosidades naturais, com alguns minérios ricos de ouro. No pomar, tinha formado um viveiro de fruteiras europeias, que ali dão muito bem. A diocese do bispado de Minas, cujos proventos fixos montam a 16.000 cruzados, e talvez o dobro, não se estende sobre a Capitania de Minas, pelo fato de já pertencerem ao arcebispado da Bahia os termos no limite norte¹.

1. O primeiro bispado do Brasil foi estabelecido na Bahia, em 1550, e elevado a arcebispado em 1667. Foram-lhe submetidos, como sufragâneos, os bispados do Rio de Janeiro e de Pernambuco, criados mais tarde, assim como os de São Tomé e de Angola, na África. O bispado do Maranhão, do qual foi separado, ao tempo de D. João V, o do Path, que ficou então independente, teve que considerar-se subordinado ao arcebispado de Lisboa, por motivo da dificuldade de navegação entre o Maranhão e a Bahia.

Aqui travamos conhecimento com o dr. L. J. de Godói Torres, que, desde alguns anos, exerce em Mariana o cargo de médico forense. Disse-nos ele que o clima de Mariana é muito mais quente, e, por isso, menos saudável que o de Vila Rica. De fato a considerável diferença na elevação acima do mar (Mariana, segundo os cálculos de nosso amigo von Eschwege, está a 398 1/2 toesas², portanto 231 1/2 mais baixo do que Vila Rica e a sua posição fechada entre montanhas deve influir na diversidade dos sintomas das doenças. Entre as doenças dominantes, citou-nos o Dr. Godói erisipelas, hidropisia, febre surda, diarreias disentéricas e ciática nervosa; a sífilis não é menos comum aqui, que geralmente em Minas.

Na manhã seguinte, o sol ainda não havia nascido e tudo repousava em profundo sono, quando deixamos a nossa miserável hospedaria, e tomamos na direção N.E. o caminho, por uma montanha íngreme acima, que forma a parede oriental do vale, junto à cidade. É um contraforte do Itacolomi, muito próximo; é formado por um itabirito friável e micaxisto granulado com jazidas e ninhos dispersos de mica, na qual se desenvolveram granadas e octaedros de magnetita. Chegando ao topo deste morro, avistamos um labirinto de montanhas ligadas ao Itacolomi e na maior parte cobertos de mato, e entre elas serpeiam vales profundos escuros; quadro sombrio que ainda mais tétrico se apresentava pela melancólica solidão que nos cercava e pela frequência das cruzeiras na estrada, lembrando os trucidados por negros fugidos. Encontram-se apenas poucas roças, mas grandes extensões de queimadas abandonadas, que se cobriram de samambaias (*Pteris caudata*). No meio desse ermo chegamos a uma quinta, Ourives, em cuja vizinhança se lavra ouro. A formação aqui é de um xisto argiloso pardo-amarelado, fino, muitas vezes ferruginoso, e que contém jazidas e gangas de quartzo rico de ouro. Sobre ele jaz, às vezes, em considerável espessura, uma argila gorda, vermelha, na qual estão misturados muitos fragmentos de quartzo branco. Mais ricas do que pelo metal são, entretanto, estas terras, em virtude de sua fertilidade, e é de esperar que aqui as minas ainda sejam completamente suplantadas pela lavoura. O milho dá no primeiro ano quatrocentos por um; a colheita de duzentos por um é considerada medíocre, e a de cem é má.

2. 1 toesa = 6 pés (1,98 m). (Nota da rev., Ed. Meth.)

Pouco a pouco, foi-se fechando a perspectiva cada vez mais; passávamos junto de profundos, pavorosos abismos, cobertos de densa vegetação, e vindo de campos claros, nos vimos de repente de novo na escuridão do mato. Densas grinaldas de lianas, com cortinas de flores de todos os matizes, ligam árvores gigantescas umas às outras, entre as quais se elevam fetos escamosos, formando majestosas alamedas verde-escuras e frescas, que trespassa o viajante, num enlevo solene, interrompido apenas pelos gritos estridentes dos papagaios, o martelar do pica-pau ou os urros dos monos.

A não serem os fossos ao longo da estrada que levam água para as lavras, nesta solidão nada faz lembrar a vizinhança de homens ativos. Apreciamos o bem-estar proporcionado pela frescura sombria do mato, que nos oferecia agora quantidade de tesouros naturais, duplamente agradáveis, depois da nossa longa demora nos campos. Após uma caminhada de duas léguas, descemos finalmente a um vale fértil, percorrido pelo rio Mainarde³, tributário do rio Doce. Estava este rio com águas tão avolumadas, que ameaçava arrancar a ponte de madeira vacilante, e nos consideramos felizes, ao alcançar a outra margem, onde encontramos bom agasalho na hospedaria solitária, uma venda pertencente ao padre Manuel. Na encosta ocidental, o vale é fechado por paredão abrupto; na oriental, levantam-se outeiros de rocha, guarneceados de fetos e variegadas flores, pelos quais uma vereda conduziu-nos a uma lavra de ouro. Já se havia amontoado a argila aurífera e alguns negros estavam ocupados em lavá-la. O hábito de lavar ouro e tão geral em Minas, que até os fazendeiros mais razoáveis julgam conveniente sempre empregar pelo menos alguns escravos nessa tarefa. Avalia-se o salário semanal do faisgador em seiscentos réis.

No dia seguinte, o caminho era por terreno montanhoso, com despenhadeiros profundos cobertos de arbustos e samambaias, ou ensombrados por mata fechada, até descermos, finalmente, a um vale solitário e às fazendas de Ouro Fino, chegando, logo depois, à dos Cristais e à do coronel Teixeira.

Frequentes apareciam os fossos ao longo da estrada e covas abertas nas encostas e os amontoados de cascalho e barro, indicando o afã

3. Hoje, Mainart.

com que aqui se lava ouro. E um padre que fez as maiores instalações e deixa lavar, além da argila escavada, também o cascalho do ribeiro. No último notamos, além do quartzo e do micaxisto, também hornblenda e gnaïsse. Pemoitamos na casa de outro sacerdote, para o qual trazíamos cartas. O jovem hospedeiro, que encontramos em companhia de muitas mulheres e crianças meio brancas e cuja biblioteca se limitava em Ovídio a *Ars amandi*, pareceu-nos um digno sócia do eremita do *Decameron*! O tempo enfarruscou no dia seguinte, e apressamo-nos a seguir, passando por algumas bonitas quintas nos morros, por entre os quais o ribeirão do Bacalhau faz meandros. Grandes réxias (quaresmas) enfeitam os morros com as suas flores roxas; e, ao anoitecer, apeamos na aldeia de Santana dos Ferros, geralmente chamada Barra do Bacalhau⁴. Aqui se juntam o Ribeirão do Bacalhau e logo depois o rio Turvo com o rio Piranga, que corre para nordeste, e se une com o ribeirão do Carmo, tomando juntos o nome de rio Doce.

O povoado consiste em poucas casas habitadas, na maioria por pretos e mulatos. Mesmo neste lugarejo remoto, notam-se ainda vestígios de costumes e civilização europeia: a venda era abastecida não só de alguns dos mais necessários gêneros, toicinho, açúcar, cachaça, mas também de chitas, rendas, utensílios de ferro e outros artigos. À noite, o capitão do lugar, um português, trouxe-nos, como especial prova de consideração, pão fresco de trigo, que tinha mandado cozer.

No rio Piranga lava-se ouro tão fino, que às vezes ele forma uma película sobrenadando, e, por isso, só pode ser separado pela amalgamação. Nessa operação, segundo o costume do país, expõe-se a amálgama num cadinho aberto ao fogo, e colhe-se o mercúrio volatilizado numa folha de bananeira enrolada em forma de cartucho.

No dia seguinte, perto da venda das Duas Irmãs, passamos pelo fundo de cascalho, na junção dos rios Turvo e Piranga, e cavalgamos por uma região montanhosa, coberta de mata. Nuvens tímidas e neblina envolviam frequentemente os topos do Mato dos Purus, e nos faziam recordar o outono de nossa pátria. Ao cair da noite alcançamos um vale alto e bonito

4. Hoje, Guaraciaba.

e achamos agasalho numa fazenda perto da Capela de Santa Rita. Muito mais penosa viagem foi a do dia subsequente; mal havíamos cortado o vale alagadiço, achamo-nos diante da espessura de uma mata, na qual parecia nunca haver penetrado o sol. A formação de gnaisse e de granito, que aqui aflora em alguns lugares, lembrou-nos ainda mais do que antes, junto com o gênero de vegetação, que havíamos saído da região alpina do micaxisto e do xisto argiloso e dos campos abertos, e que de novo alcançávamos a região da serra do Mar. A picada ficou tão estreita, que a custo passava uma mula atrás da outra; escura como o Inferno de Dante fechava-se a mata, e cada vez mais estreita e mais íngreme, a vereda nos levou por labirínticos meandros, a profundos abismos, por onde correm águas tumultuosas de riachos, e, ora aqui, ora ali, jazem blocos de rocha solta. Ao horror que esta solidão agreste infundia na alma, acrescentava-se ainda a aflitiva perspectiva de um ataque de animais ferozes ou de índios inimigos que a nossa imaginação figurava em pavorosos quadros, com os mais lúgubres pressentimentos. Indizível foi, portanto, o nosso alívio, quando chegamos, finalmente, ao outro lado da serra de São Geraldo, e vimos luzirem cada vez mais os vislumbres do dia. Depois de havermos vencido parte do caminho abrupto, parecido a um rego, olhamos por cima a extensíssima mataria limitada a sudoeste pela serra da Onça, igualmente coberta de mato.

Apenas havíamos descido à vasta planície do vale entre ambas estas serras, compostas em grande parte de gnaisse, e tendo cerca de dois mil e quinhentos pés de altitude, fomos tomados de surpresa, na estreita picada, por dois vultos humanos. Estavam ambos nus e sobre as costas caia-lhes o cabelo solto, negro como carvão. Eles deslizavam-se vagarosos, a passos curtos, o pescoço encolhido, virando os olhos ora para a direita ora para a esquerda; o homem ia à frente, levava arco e flecha na mão esquerda, e sobre o ombro pendia-lhe ainda um feixe de flechas. A mulher, com as crianças mais velhas, seguia atrás e trazia às costas uma cesta de folha de palmeira trançada, que era segura por uma tira amarrada à testa, contendo os utensílios domésticos e os gêneros: milho, mandioca, batatas-doces, uma vasilha de barro, etc. Em cima de tudo estava sentada uma criancinha, de alguns meses de idade mais ou menos, que se agarrava com os bracinhos ao pescoço da mãe. Logo que nos avistaram, escapuliram rápidos pelo mato, desaparecendo de nossa vista.

Quando chegamos à primeira fazenda na planície, topamos com diversos desses indígenas, ora armados, ora sem armas, e que pareciam viver em boa harmonia com os mulatos e negros ali residentes. Fomos ao encontro deles saudando-os amigavelmente; eles viraram as costas, mudos e desconfiados, mas afinal aceitaram as miçangas, facas e outros presentes, que lhes oferecemos. Também os pardos e os pretos não se mostravam nada contentes com a nossa presença, tanto partilharam com aqueles a selvageria e barbaridade do lugar. Sentimo-nos, portanto, pouco confortáveis nesse meio, e passamos a noite em claro, não sem receio de uma agressão, num paiol de milho que mal nos resguardava, e às nossas cargas, da chuva, que caía em batedias. Névoas espessas penduravam-se ainda nos topos das altas árvores da mata, quando partimos de manhã para alcançar a meta de nossa viagem, o presídio de São João Batista⁵, aonde chegamos ao meio-dia. Este lugarejo consta de umas trinta casas; era cercado de espessas matas virgens, ou, no sítio onde essas foram desbastadas, de prósperas roças.

Era ali o quartel-general de Marlière, então diretor-general dos índios. Ali encontramos dois soldados, que já tinham instruções para nos acompanhar e defender contra os índios, nos passeios pelo mato. Abaixo do diretor-general, há diversos outros diretores, assim chamados, fazendeiros estimáveis, cada um dos quais toma a si a vigilância das aldeias estabelecidas mais próximas. As regras, pelas quais esses diretores e os cabos seus subordinados devem transmitir a civilização aos índios, fazem honra ao governo. Em geral são relações de tutores para com os índios aldeados que os diretores devem manter.

Seu principal dever para aldear os índios que se sujeitam é de estimulá-los de maneira inteligente a cultivar a terra cuja posse lhes é dada, e, em geral, aconselhá-los e ajudá-los nas novas relações sociais. Para conservar esses novos vassallos, vencer o seu instinto nômade inato e habituá-los à vida sedentária, determinou o governo que os novos índios aldeados não só sejam dispensados por dez anos de todos os impostos, mas também que nos primeiros anos lhes seja fornecida de graça pelo diretor certa provisão de fubá, milho, instrumentos de lavoura, como faca, enxada, machado.

5. Hoje, Visconde do Rio Branco.

Pelo decreto dado pelo rei d. Sebastião, confirmado por d. José I e agora vigorando em geral no Brasil, todo indígena está isento da escravidão e declarado cidadão livre; é o diretor-geral, assim como cada um dos sub-diretores, encarregado de proteger os índios contra as odiosas usurpações dos colonos vizinhos, e, em geral, velar para lhes garantir a proteção da lei como cidadãos livres. Por outro lado, porém, cumpre que sejam admoestados e punidos pelas autoridades, quando cometerem desmandos. Embora determinadas leis assegurem aos diretores certa parte na produção dos aldeamentos, entretanto em Minas Gerais, aqueles nada auferem, porque, como os daqui mesmo, ao cabo de muitos anos, não se conseguiu que cultivassem senão o estritamente necessário em milho e mandioca. Consiste, portanto, a vantagem do diretor unicamente em obter dos vizinhos cativados por boa vontade e generosidade que se deixem empregar nos seus próprios negócios para o corte das matas, a plantação ou colheita da ipecacuanha, etc., mediante mantimento ou paga módica.

O diretor das aldeias próximas dos Coroados não habita o próprio Presídio de São João Batista; embora aqui possua uma casa, mora numa roça, distante uma hora, donde veio visitar-nos no dia seguinte. O costume de morar a maior parte do ano em fazendas distantes, fora dos lugares habitados, domina em todo o Brasil. É de desastrosas consequências para a moralidade e felicidade doméstica, pois o fato de viverem marido e mulher longe um do outro, às vezes durante muitos meses, dá ensejo a muitas desordens. Informou-nos o diretor que atualmente só poucos coroados se acham nas vizinhas aldeias, e que a maioria deles tinha ido ao ribeirão Buhahé, distante doze léguas a leste, para colher ipecacuanha. Todavia, para satisfazer nosso desejo de observar alguns índios de perto trouxe à nossa morada os que ainda se achavam presentes, fazendo-lhes muitas promessas. Alguns vieram e sentaram-se à porta da casa, onde lhes oferecemos cachaça. Eram todos de mau humor, taciturnos, desconfiados e provavelmente receavam que nós os quiséssemos levar para o serviço militar. Nem com amabilidades de presentes, nem com música, eles se alegraram; só cuidavam de escapular, na primeira oportunidade, para os seus matos. De fato se foram sumindo, um após outro; vimo-nos, portanto, obrigados a adiar as nossas observações sobre esses homens da natureza para quando chegássemos a Guidoal, fazenda do diretor-geral, a cinco léguas a sudeste

de São João, situada no meio das aldeias dos índios, e aproveitamos a demora aqui, dando passeios pelos matos próximos. Essas florestas virgens, densamente entrelaçadas, em cujo interior reinam trevas quase eternas, são de encher a alma com arrepio e pavor. Não ousamos ali penetrar sem acompanhamento de soldados ou pelo menos bem armados, conservando-nos sempre juntos. Mesmo na proximidade das rotas corre-se perigo, precisando-se estar de sobreaviso para a defesa, quase tanto contra os furiosos cães de guarda, como contra as feras do mato. Muitos insetos interessantes, especialmente lindos rincóforos, borboletas, novas aves silvestres e diversos raros mamíferos, tal como o tamanduá-pixuna, recompensaram o zoólogo. Para o botânico, são estas matas muito importantes, sobretudo pela riqueza em plantas medicinais, embora a constante umidade prejudique o herbário. A verdadeira poaia é aqui bastante comum. Provém de um arbusto baixo (*Cephaelis ipecacuanha* Rich.), que cresce geralmente na maior parte da serra do Mar, desde o Rio de Janeiro até ao norte, na Capitania da Bahia, nas matas, em lugares úmidos, sombrios e sempre gregário. Agora, no mês de abril, tinha a planta bagas quase maduras. A colheita da raiz é feita pelos índios e pelos negros escravos dos fazendeiros da vizinhança, durante o ano todo, porém especialmente logo depois do tempo das chuvas, porque do solo úmido mais facilmente se arrancam essas raízes. Os índios pouco se preocupam com a reprodução da planta, pois colhem impiedosamente todas as raízes de que se apoderam pelo que em breve vai haver falta dessa apreciada raiz medicinal, se não cuidarem de cultivá-la com as suas sementes. As raízes arrancadas e lavadas são reunidas em feixes, secas ao sol e vendidas aos fazendeiros da redondeza, ou aos ervanários, vindos do Rio de Janeiro e dos Campos dos Goitacases (hoje, Campos). O preço nas matas é muito reduzido, uns duzentos réis a libra; os índios não aceitam dinheiro, porém permutam com cachaça, utensílios de ferro, panos de algodão, etc. Asseguraram-nos que esses filhos das selvas aprenderam o uso da poaia com a irara, uma espécie de fuinha, a qual, ao engolir muita água suja ou salgada de riachos ou lagoas, tem o costume de mastigar as folhas e raízes dessa planta para provocar vômitos. Talvez isso não passe de uma das muitas lendas que os portugueses aceitaram dos índios, sem verificação. Aqui, assim como em todo o Brasil, é geral o hábito de tomar a ipecacuanha em infusão fria, depois de a raiz ficar doze horas de repouso, e, em geral, a

dose ''e maior do que na Europa, porque a raiz fresca ainda contém muita água. Além da poaia, as matas de São João Batista contém ainda várias outras plantas medicinais muito preciosas como andá-açu-bicuiba (*Myrsina officinalis* Mart), pirigaia, butua, salsa, raiz-preta (*Chiococca anguifuga* Mart.), cujo emprego não é menor entre os portugueses do que entre os índios. Um dos mais belos adornos é a sapucaia (*Lecythis ollaria* L.). O colossal tronco é de mais de cem pés de altura; estende-se a sua majestosa fronde em abóbada arredondada, que, ao chegar da primavera, com as suas folhas rosadas e na época da floração com a alvura de suas grandes flores, enfeita as matas. Os frutos, de casca grossa, do tamanho da cabeça de uma criança, em cima tem uma tampa que se desprende toda em volta quando tornada para baixo, pelo peso do fruto maduro, rompendo-se finalmente e deixando cair às sementes, que são grandes nozes. Por ocasião de ventanias fortes, é perigoso estar no mato, devido ao peso dessas nozes e à altura de onde caem. As amêndoas são recolhidas em quantidade pelos índios, que as consideram petisco, comendo-as cruas ou conservando-as assadas e pulverizadas, em panelas; o próprio coco é usado como copo. Os moradores do Presídio e, sobretudo o sacerdote, que é pardo como a maioria de seus paroquianos, esforçaram-se por prestarmos serviço e tornar-nos agradável a demora ali nas suas selvas; traziam-nos diariamente animais ou plantas, que consideravam dignos de nossa atenção. Foi-nos dado assim admirar o exato conhecimento prático que se desenvolve nesses filhos da solidão, formados ao contato com a natureza; eles sabiam designar quase que todos os animais, todas as árvores, todas as ervas do mato, com o nome próprio, e davam informações minuciosas sobre os préstimos respectivos.

A 10 de abril, partimos do Presídio e seguimos viagem, em companhia de um soldado, para a Fazenda Guidoal. Embora a picada fosse ali com algum melhor cuidado aberta, mal parecia que nos aproximávamos da morada do diretor-geral; ao contrário, às vezes era difícil, sem machucarmos, pular por cima de profundas covas e buracos. Trevosa mata viagem ensombrou-nos e, de longe, chegavam-nos aos ouvidos os mais estranhos sons de animais. A magia daquele ermo e a maravilhosa riqueza da mata empolgavam nossa alma, oscilante entre enlevos de prazer e sensações de temor. Com admiração avistamos, no topo das árvores, variada plumagem multicolor e ricas guirlandas das mais belas trepadeiras e parasitas; tivemos,

porém, que contentar-nos, ante a altura inacessível, com o mirá-las só de longe. Perto do meio-dia, achamo-nos na vizinhança da aldeia do Morro Grande, onde habitam diversas famílias de coroados, e, seguindo o conselho do nosso soldado, tomamos por uma vereda para lá chegar, depois de deixarmos na próxima fazenda de um branco as nossas mulas e armas.

Só a confiança na experiência do guia nos manteve na picada estreita de muitos volteios, até que afinal saímos da mata para uma região mais clara, junto de um regato, no qual avistamos uma índia nua, toda pintada, com desenhos de tinta azul escura. Ela banhava-se e, ao nosso aparecimento, tanto se assombrou como nós. O cabelo comprido, negro, luzido, caía-lhe pelas costas moreno-avermelhadas como uma capa, e as mais diversas figuras e desenhos, difíceis de interpretar, enfeitavam-lhe o rosto e o peito. Em cada face estava desenhado um círculo e acima dele dois traços, abaixo do nariz diversos riscos em forma de “M”, dois traços paralelos partindo dos cantos da boca até ao meio da bochecha, e, abaixo desses, em ambos os lados, muitas linhas retas; embaixo e entre os seios, estavam desenhados alguns círculos ligados uns aos outros, e ao longo dos braços, estendia-se a figura de uma cobra. A não ser um colar de dentes de macaco, essa beldade não trazia mais enfeite algum. Mal voltou a si do espanto diante do nosso aparecimento, correu rápida a índia para a cabana. Percebemos que, ao aviso dela quanto a nossa chegada, a maioria dos índios meteram-se nas redes ou esconderam-se nas cabanas, e outros fugiram para a mata próxima. Quando chegamos perto das cabanas, afora algumas velhas, não se via mulher nenhuma; os homens permaneceram calados, imóveis, e de costas para nós, em suas redes. O nosso guia militar entrou primeiro nas cabanas, saudou os selvagens, e deu-lhes a entender, tanto quanto lhe permitia o conhecimento da língua deles, que tínhamos vindo de muito longe para vê-los e que a nossa ocupação era apanhar aves, borboletas e plantas. Essa declaração pouco parecia impressioná-los; como antes, continuaram a balançar-se mudos nas redes e só furtivamente nos espreitavam. Nem boas palavras nem presentes os demoveram. Ao nosso pedido de um gole de água fresca, um deles levantou a cabeça e, esticando os beiços em focinho, com mímica aborrecida, apontou o córrego ali perto. Durante essa conversa muda, tivemos tempo de observar o arranjo doméstico desses homens das selvas. Eram as suas choças construídas na

terra nua sobre quatro pilares de doze a quinze pés de altura e tinham uns trinta a quarenta pés de comprimento. As paredes, de ripas leves amarradas com cipós e às vezes rebocadas com barro, tinham de dois lados aberturas da altura de um homem, munidas de portas móveis de folha de palmeira. O teto era feito de folhas de palmeira e palha de milho; do lado do vento eram fechadas as choças ou, quando abertas, o teto descia mais abaixo nesse lado. Em cada uma das choças havia fogos em diversos lugares, para as diferentes famílias que ali moram. Algumas cabanas tinham forma de tenda, feitas só com folhas de palmeira. Para saída de fumaça, não havia outra abertura, além do teto e das portas. Redes fabricadas com fio de algodão, servindo de cama, cadeira e mesa, estavam suspensas a um pé acima do chão dos mourões da choça; constituem os principais trastes da casa e servem frequentemente de cama comum para marido, mulher e filho. Alguns potes de barro; cestas de folha de palmeira cheias de batatas-doces, milho, raízes de mandioca e outros frutos do mato; cuias com tinta de urucu e de jenipapo; um tronco cavado para nele socar milho, era tudo de que constava o arranjo doméstico. As armas dos homens, arco e flechas, estavam por ali, encostadas às paredes. Na choça do chefe via-se pendurado um chifre de boi com a ponta cortada, por meio do qual ele dá aviso a sua gente, espalhada pela vizinhança, da chegada de um branco, ou de outro qualquer acontecimento, e chama-os para a festa ou para a guerra. O maracá, uma cabaça comprida, cheia de grãos de milho e munida de um cabo, do qual eles se servem, como castanholas, nas danças, alguns tufos ou coroas de penas variegadas, para lhes enfeitarem a cabeça e os braços nos dias de festa, completam o singelo equipamento da casa. Muitos papagaios belíssimos e até agora desconhecidos, algumas espécies de galinhas silvestres, sobretudo o bonitinho jacu (*Penelope marail, leucoptera*), tartarugas e macacos, correndo à vontade, pareciam da intimidade da família.

Não foi satisfeito o nosso desejo de obter as mais raras dessas aves, apesar dos solícitos rogos do soldado, até que este homem tomou aquelas aves com uma das mãos e com a outra ofereceu ao dono um presente vistoso. Depois de muitas variações, o índio agarrou sofregadamente o presente, e assim cada um ficou, no silencioso pacto, de posse de sua presa.

Um a um, foram os índios voltando do mato e das choças muito distanciadas, como em todas as aldeias, para onde haviam fugido; mas ain-

da olhavam furtivamente para nós. Uma velhota voltou, entretanto, ao seu trabalho, e pôs-se a socar milho diligentemente no pilão feito de um tronco cavado; outra tecia uma rede, metade por acabar, trabalhando com um pauzinho; as mulheres mais moças espiavam curiosas, atrás das palmeiras, ali perto; umas estavam completamente nuas, outras traziam um pano de algodão branco em volta das coxas; algumas tinham ao pescoço miçangas, outras colares de carocinhos pretos e vermelhos (de *Canna glauca*, *Abrus precatorius* e *Ormosia coccinea* Jacks.) ou de dentes de macaco e de onça. Crianças de peito, amarradas às costas das mães, foram carregadas de um lado para outro; esses pequeninos já eram pintados, sobretudo no rosto, com traços e pontos vermelhos e pretos, pois a ternura das mães cuida solícita de enfeitá-los com essas pinturas, logo que acordem⁶. Costumam, entretanto, os índios aqui domiciliados, assim como a maioria das tribos do sul do Brasil, usar somente pinturas que se apagam; costume da tatuagem mais se encontra entre as tribos do Amazonas. Depois de havermos alegrado os nossos hospedeiros mudos com diversos presentes, que foram todos aceitos sem sinal algum de agradecimento, regressamos à fazenda para buscar as nossas armas e tropa. Alguns índios, atraídos pelos presentes, acompanharam-nos até aí e condescenderam em novamente aceitar cachaça e fubá de milho. Entre esses, estava com a mulher um índio velho, que se distinguia pela barba bem cerrada. Parece que as índias se afeiçoam mais aos negros do que aos seus maridos índios. Não raro, aparecem nas matas negros fugidos, como *cicisbei*⁷ das índias, e são por estas apaixonadamente procurados. O contrário acontece com os homens índios que consideram as negras abaixo da sua dignidade e as detestam. Depois da despedida, algo

6. Os índios tingem-se de preto com os frutos do jenipapo (*Genipa americana*); de preto azulado, com uma espécie ainda não determinada de *Cissus*; de vermelho, com as sementes do urucu (*Bixa orellana*), ou com litomárgio ferruginoso, do qual existem depósitos à margem dos rios.

7. No texto original, *cicisbei*. Este vocábulo origina-se do italiano *cicisbei*, que era “o cavalheiro sempre às ordens de uma dama”, costume que, surto na Espanha, passou a pátria de Dante no século XVI e durou no mundo culto até ao século XVIII. A palavra está, evidentemente, empregada em tom humorístico. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)

mais íntima, deixamos os nossos hospedeiros e cavalgamos por densa mata virgem até Guidoal, que alcançamos antes do sol posto.

Foi nesta quinta preparada pelo comandante, muito perto de algumas das aldeias, com intuito de ter sempre sob as vistas os índios a domesticar. Está situada numa região estreita, de matas fechadas, na encosta ocidental da serra da Onça, ramo da serra do Mar. O rio Xipotó, curso de água de apenas seis braças⁸ de largura, que nasce a pouca distância daqui, e se vai juntar depois com o rio Pomba, passa ao norte, perto da fazenda, e separa-a dos estabelecimentos dos índios, à outra margem. A estrutura dominante das montanhas nesta região é gnaisse ou granito gnáissico, sobre o qual jazem grossas camadas de argila vermelha. Dizem que aqui se acharam vestígios de ouro; todavia, os regatos não apresentam senão pequenos fragmentos de quartzo, cristal da rocha e lascas de ametista. Nos sítios onde o mato foi desbastado e cultivado, são ricas as colheitas de milho, mandioca, feijão e também algodão.

Havíamos chegado, apenas há algumas horas, a Guidoal, quando vimos aparecer um bando de coropós, que traziam raízes secas de poaia para o capitão Marlière a fim de as trocar por chitas e artigos de ferro. Assim que souberam que estavam aqui estrangeiros, rondaram a casa, espiando sorrateiros, para saber o que havia. A tribo desses coropós conta hoje, quando muito, uns trezentos indivíduos, que habitam as margens do rio Pomba, distribuídos em diversas pequenas aldeias. Eles vivem em boa harmonia com os portugueses, cuja soberania reconheceram desde 1767 e, dentre os índios de Minas Gerais, são os mais civilizados. Os que tivemos ocasião de ver aqui eram todos de estatura mediana, de ombros e de queixos largos, muito magros, sobretudo na barriga das pernas, de feições mongólicas muito desagradáveis. Andam quase nus; algumas mulheres, quando nos avistaram, puseram um avental curto de chita, que haviam trazido embrulhado em folhas de palmeiras. Estudar a sua linguagem foi-nos impossível, apesar de todas as tentativas, tanto pela sua invencível timidez como pela falta de um intérprete prático. Entre as poucas palavras que lhes arrancamos, entendemos “handu” (*Handtuch*, toalha!), com que

8. 1 braça = 2,2 m. (Nota da rev., Ed. Melh.)

designam “lenço”, e “ya”, com que afirmam⁹. Depois de haver entregado a sua ipecacuanha, e após a refeição, que lhes serviu a gente da quinta, esse bando voltou para o mato à tarde.

As choças mais próximas de coroados (aldeia do Cipriano) distam só algumas centenas de passos de Guidoal. Fomos vê-los à tarde e encontramos as choças, em forma de tenda, feitas de folhas de palmeira, inteiramente vazias; apenas havia alguns velhos, aqui ou acolá.

Os seus habitantes, com o receio de que nós os viéssemos buscar para soldados, tinham fugido para além do rio Xipotó, até aos seus vizinhos. Somente depois de terem por meio de espíões, verificado as nossas intenções pacíficas, foram voltando um a um. Um rapaz coroadado, que o capitão Marlière tinha em sua casa e já por ele um pouco educado, obteve para nós a confiança desses filhos das selvas, e em breve nos vimos cercados de uma multidão deles, que se reuniram armados e desarmados em Guidoal. Por meio de uns presentinhos, entre os quais os soldadinhos de chumbo pintados foram os que mais impressão causaram, conquistamos a sua amizade, e o nosso soldado, com a promessa de os regalar com mandioca, milho e cachaça, obteve dos índios a promessa de virem em grande número no dia seguinte, para dar-nos um espetáculo de suas danças. Ao anoitecer, eles sumiram-se ligeiros. Parte deles pernoitava no paiol, outros nas choças próximas, de onde novamente vieram de manhã cedo, para cuidar dos aprestos da festa.

Consistiam esses, sobretudo no cozimento de uma bebida inebriante (*eivir, viru, vinhaça dos portugueses*), feita com farinha de milho. Passamos, como por casualidade, pelo ponto de reunião escolhido, para assistir ao preparo dessa bebida, e lá encontramos algumas mulheres, nisso ocupadas; umas socavam milho no pilão, outras deitavam a farinha de milho numa vasilha de barro não cozido, de alguns pés de

9. No próprio texto depois de “handu”, vem interparenteticamente o vocábulo alemão *Handtuch*, “toalha”, seguido de um ponto de exclamação. Outro sinal desta natureza deveria ter sido posto diante do “ya”, pois eram, realmente, duas pasmosas coincidências com o dito substantivo *Handtuch* e o advérbio afirmativo alemão, se é que os Coropós não abusaram da credulidade de Spix e Martius. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

altura, estreita embaixo e mais larga para cima, onde é cozida a farinha em grande quantidade de água. Ao nosso aparecimento, elas fugiram, mas voltaram logo para as suas tarefas quando mostramos caras riso-nhas. Uma índia velha e algumas outras mais moças retiraram do pote, com as mãos, a farinha graúda e cozida; mastigaram-na e puseram-na outra vez na panela. Com esse preparo, consegue-se que o cozimento, no espaço de vinte e quatro horas, entre em fermentação alcoólica e se torne embriagante¹⁰.

Enquanto presenciávamos esse preparo tão pouco convidativo, um de nós avistou uma pequena cobra a arrastar-se de um buraco do chão; era das que no país costumam chamar, por causa da grossura da cauda, cobra de duas cabeças (*Caecilia annulata nob.*). Os índios têm-lhe medo como venenosa, e fugiram espavoridos do naturalista, que a havia agarrado pela cabeça, e, brincando, a levava para eles. Nada podia elevar mais alto o nosso prestígio aos olhos desses selvagens; daí em diante, eles consideravam-nos com a mesma reverência que sentem pelos seus pajés (feiticeiro, sacerdote e médico), sentimento que de bom grado cultivamos entre eles.

À tarde, ouvimos dos lados da mata ressoarem os toques da corneta de chifre. Um a um, os festeiros entraram furtivamente pelas portas traseiras, e em breve se encheu de muitos índios o paiol, para onde fora levada a bebida. Foram também chegando os que moravam longe, em pequenos bandos, cada um com sua família inteira e trazendo consigo a bagagem, como se se tratasse de emigração; os homens, que não haviam deixado os seus arcos e flechas no mato, esconderam-nos aqui; as mulheres puseram no chão suas cestas, colocaram as crianças na nuca e procuraram as cuias. Sem conversar uns com os outros, cada qual investigava com olhar hesitante a assistência; os homens chegavam-se uns para os outros, e saudavam-se quando muito com um estender de beíços e um som nasal apenas perceptível. No meio dos assistentes e próximo da panela, estava de pé o chefe, que, pelo vigor,

10. Singular é o fato de ser praticado, pelas mais diferentes tribos da América, o preparo dessa bebida fermentada, feita de milho, de farinha ou banana, e também parecendo ser própria desta raça.

astúcia e coragem, havia obtido alguma soberania sobre os outros, e tinha recebido de Marlière o título de capitão. Na mão direita, trazia ele o maracá, a castanhola já mencionada, que eles chamam de *gringerina*, e fazia-a chocalhar, simultaneamente, sapateando ao compasso com o pé direito. Mais caminhando do que dançando, ele movia-se vagaroso, os joelhos curvados e o corpo inclinado para frente, em volta da panela, para a qual volvia continuamente os olhos. A dança, ao compasso de três tempos, era por ele acompanhada com uma cantiga monótona, em voz baixa, e, quando ele batia com o pé, alteava a voz. Quanto mais repetia a toada, tanto mais solene e apaixonada era a expressão na voz e nas caras. Todos os outros assistentes em volta da panela permaneciam imóveis olhando calados para ele; somente, às vezes, quando as palavras do dançador, que pareciam improvisadas, os incitavam, é que eles prorrompiam em excessiva gritaria. Depois dessa dança compassada em círculo, a qual provavelmente era destinada a esconjurar e afastar o mau espírito, o chefe aproximou-se da panda, tornou a cuia da mão do Índio mais próximo, que já a tinha pronta, encheu-a na panela com gesto solene e provou a bebida. Recomeçaram os chocalhos com a *gringerina* e a cantiga monótona; o chefe bebeu agora metade da cuia e apresentou-a aos outros; então, cada qual tomou com a sua cuia à vontade, e a dança de três tempos e o canto monótono tornaram-se gerais, e tanto mais barulhentos, quando mais as cuias se esvaziavam em volta. Também nos foi oferecida uma cuia e vimo-nos obrigados a esvaziá-la, embora sentindo nojo e seguindo o conselho de nosso guia, pois não convinha despertar a desconfiança dos índios. A bebida tem sabor semelhante ao de nossa cerveja de malte; tomando-se muito, embriaga, efeito que no fim da festa se percebia de sobra pelos pulos desordenados e pelo canto delirante de li-la-lá¹¹. Haviam-nos dado a esperança de assistir também, nessa ocasião, à dança dos coroados; porém, à noite, com a cabeça e o estômago cheios, os índios se foram esquivando para fora, um grupo após o outro, como se houvessem combinado.

11. Admira terem as melodias, que Lery assinalou, há mais de duzentos anos, entre os índios dos arredores do Rio de Janeiro, tanta semelhança com as que nós notamos aqui. Veja-se Lery, *Hist. nay. en Brèsil* (Genève, 1594).

No dia após nossa chegada a Guidoal, havia aparecido aí também um bando de puris, que andavam errantes por estes lados. Eles rondavam tímidos as casas; ganharam, afinal, coragem para entrar, e, depois de lhes ofertarmos uns presentinhos, pareciam dar-nos confiança e ficar de boa vontade perto de nós.

Percebia-se logo que eles eram mais brancos, mas, por isso mesmo, menos desconfiados do que os coroados, já desde mais tempo sujeitos aos portugueses. Durante a bacanal dos últimos, ficaram escondidos no mato da vizinhança; quando, ao concluir-se a festa, foram chamados por nosso guia, aproximaram-se embora já tarde da noite, depois dos coroados se terem recolhido todos às choças, e animados por presentes, se mostraram prontos a dançar. Estavam nus em pelo, tais como a natureza os havia criado. Algumas mulheres traziam desenhos semelhantes a cobras nos bracos e outras figuras em tinta preta e vermelha no rosto. O sentimento inato do pudor fazia-as esconder-se atrás dos homens, ou andarem cruzando as pernas. Demos-lhes alfinetes, fitas, soldadinhos e cavaleiros de chumbo, etc. Elas amarraram esses brinquedos com fios em volta do pescoço. Nesta oportunidade lastimamos a ingenuidade dessa gente. Depois de haverem recebido esses presentes com olhares ávidos e longamente os contemplado, apalpam a cabeça, a boca, os pés dos cavalos e dos soldados de chumbo, e parecia que tentavam pouco a pouco convencer-se, examinando e apalpando-os de novo, se existiam realmente ou se eram imaginários. Depois de fartas libações de cachaça, que eles, como todos os índios, apreciam apaixonadamente, tornaram-se confiantes e excitados, e executaram as suas danças à noite, num lugar aberto, não distante da Fazenda Guidoal. Já antes haviam despertado em nós sentimentos melancólicos sobre a degeneração do humano neles, o porte baixinho, o pardo-avermelhado da pele, o cabelo negro de carvão, solto e desgrenhado, o formato desagradável da cara larga, angulosa, e os olhos pequenos, oblíquos, inconstantes, finalmente o andar de passos curtos, esquivos, desses homens das selvas. E, então, pelo caráter tristonho dessa festa, na escuridão da noite, a nossa impressão de pena ainda era maior. Os homens puseram-se lado a lado em fila; atrás deles puseram-se igualmente em fila as mulheres. Os meninos, aos dois ou três, abraçaram-se e aos pais; as meninas agarravam-se por trás, às coxas das mães. Nessa

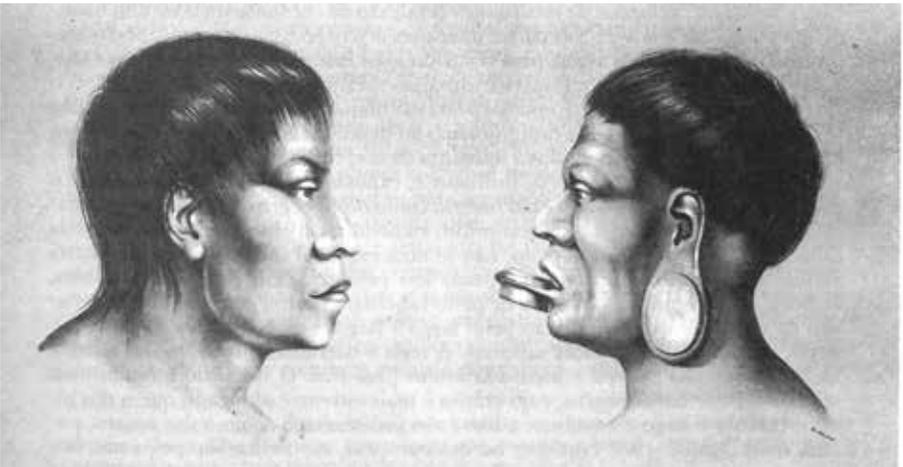
atitude, puseram-se eles a cantar o triste “Han-jo-ha, há-há-há.”¹² Com emoções melancólicas foram repetidas várias vezes a dança e a cantiga, e ambas as fileiras avançavam lentamente, num compasso de três tempos. Nos primeiros três passos colocam o pé esquerdo à frente e inclinam-se à esquerda; no primeiro e terceiro passos batem com o pé esquerdo, no segundo com o pé direito; nos seguintes três passos colocam no primeiro e no último passo o pé direito à frente e se inclinam a direita. Deste modo, movimentam-se alternadamente, com pequenos passos, um pouco mais para diante. Logo que o tema musical se conclui, recuam primeiro as mulheres com as meninas, e depois os homens com os meninos, como que em fuga desordenada. De novo se colocam em posição e repete-se a mesma dança. Um negro, que viveu muito tempo entre os puris, nos interpretou aquelas palavras plangentes, cantadas na dança, como lamentação de haver caído quando queriam colher uma flor de uma árvore. A explicação que nos ocorria, diante deste quadro melancólico, era do Paraíso perdido. Quanto mais se prolongava a dança dos puris, tanto mais se excitavam eles, e tanto mais alto elevavam as vozes. Mais tarde, passaram de uma toada para outra, e a dança pouco a pouco tomou feição diversa. As mulheres começaram a remexer os quadris fortemente, e impeliam ora para frente, ora para trás, e os homens davam umbigadas; incitados pela música, pulavam fora da fila, para saudar, desse modo, aos assistentes. Uma vez deram com tal violência o encontrão num de nós, que este foi obrigado a retirar-se quase sem sentidos com tal demonstração de alegria, pelo que o nosso soldado se postou no lugar, para dar a réplica da umbigada, como é de praxe. Esta dança, cuja pantomima parece exprimir o ato sexual, tem muita semelhança com o batuque etiópico, e talvez tenha passado dos negros para os indígenas americanos.

Todos os índios que chegamos a conhecer aqui, das tribos de puris, coropós e coroados, surpreendentemente, pouco se diferenciavam entre si na estatura e nas feições; os traços individuais pareciam, provavelmente por falta de desenvolvimento, dominados pelos traços gerais da raça do que é o caso, nas outras raças.

12. V. nota 11 deste capítulo.



“Hospício da Mãe dos Homens”. Hospício de eremitas, no cume da Serra do Caraça, perto de Inficionado.



Coroado e botocudo. O coroado é nosso criado Custódio. Devemos o desenho à gentileza de Sua Alteza o Príncipe Maximiliano de Wied.

Os índios são baixos ou de estatura mediana; os homens têm quatro a cinco pés de altura, as mulheres, em geral, pouco mais de quatro pés; todos têm corpos robustos, largos e atarracados. Só raramente se encontram entre eles alguns de estatura mais alta e esbelta. Têm ombros largos, pescoço curto e grosso; os seios das mulheres não são tão frouxos e descaídos como os das negras; o ventre é fortemente protruso, o umbigo muito bulboso, porém menos que nos negros; as partes masculinas são muito menores que as dos negros, e não, como as destes últimos, em constante turgidez; as extremidades são curtas, as inferiores não são nada carnudas, são, sobretudo, franzinas as barrigas das pernas e as nádegas; as superiores são cheias e musculosas. O pé, estreito no calcanhar, é muito largo na frente e o dedo grande aparta-se dos outros; as mãos estão quase sempre frias, os dedos relativamente finos, e as unhas, que eles roem constantemente, costumam ser muito curtas. O colorido da tez é vermelho-cúprico, mais ou menos carregado, diferenciando-se segundo a idade, a ocupação e estado de saúde do indivíduo. As crianças recém-nascidas são de cor branco-amarelada, como os mulatos; os doentes tornam-se de cor amarelo-pardacenta, e só excepcionalmente se encontram, entre eles, albinos ou malhados de escuro. Em geral, são de cor tanto mais escura, quando mais robustos e ativos. Nas partes inferiores do corpo e nas extremidades, o vermelho-cúprico passa, às vezes, para colorido mais escuro; na face interna das articulações, ao contrário, a cor esvaece e torna-se esbranquiçada.

O índio, propriamente, não pode corar, e o humano "*Erubescit, salva res est*" não tem aplicação para essa rude raça humana. Só depois de longa convivência com os brancos, notamos entre os índios a mudança de cor, como sinal de emoção.

A sua pele é muito fina, macia, brilhante e, exposta ao sol, sujeita a transpirar; o cheiro que exala (catinga) não é tão intenso como o dos negros, mas é acre, amoniacal. O cabelo negro, brilhante, comprido, escorrido, cai espesso e emaranhado da cabeça. Nas axilas e sobre o peito, não se nota em geral cabelo algum; nas partes sexuais e no queixo dos homens, apenas leve penugem. Entretanto, há exceções, embora raras; vimos alguns deles de peito cabeludo e barba cerrada. O característico da cabeça é corresponder ao peito largo à largura especialmente da parte parietal; na

face avultam maçãs salientes. A testa é baixinha, o *sinus* frontal saliente na base, em cima estreita e inclinada muito para trás. O occipício é muito mais saliente do que o dos negros, cujo crânio é mais estreito e alongado que o dos índios. O rosto é largo e anguloso, e não é tão proeminente como o dos negros, porém, mais do que o dos calmucos ou dos europeus. As orelhas são pequenas, bonitas, um tanto saídas para fora, não são furadas e nem desfiguradas por objetos pesados. São pequenos os olhos, pardo-escuros, oblíquos, o canto interior volvido para o nariz, protegidos por sobranceiras de poucos pelos, que, no meio, se recurvam para cima; o nariz é curto, em cima pouco achatado e chato na ponta, entretanto não tão chato como o dos negros; as narinas são largas e apenas pouco viradas para fora; os lábios muito menos grossos e salientes que os dos negros. São é o lábio inferior, porém o superior que se salienta um pouco, ou então são ambos iguais; a boca é pequena e mais fechada que a dos negros são muito alvos os dentes, os incisivos largos e bem alinhados; salientam-se os caninos. Em geral, o corpo do índio é entroncado, largo e baixo, ao passo que o dos negros é alto e esguio; ele, com isso, aproxima-se mais das outras raças, sobretudo dos chineses e calmucos, conquanto estes sejam de tez mais clara e de traços melhor conformados. Deformados e aleijados nós tampouco encontramos nos índios, pelo que alguns supõem que costumam dar cabo deles, logo ao nascerem.

O temperamento do índio quase não se desenvolveu e pode ser qualificado de fleumático. Todas as potências da alma, mesmo a sensualidade mais nobre, parecem achar-se em estado de entorpecimento. Sem refletir sobre a criação universal, sobre as causas e a íntima relação das coisas, vivem com o pensamento preocupado só com a conservação própria. Passado e futuro quase não se distinguem para eles, daí não cuidarem nunca do dia seguinte. Estranhos a todo sentimento de deferência, gratidão, amizade, humildade, ambição, e, em geral, a todas as emoções delicadas e nobres, que distinguem a sociedade humana; insensíveis, taciturnos, imersos no mais absoluto indiferentismo por tudo, os índios não fazem uso senão dos sentidos aguçados pela natureza da sua astúcia e por sua infalível memória, e só para a guerra ou caçada, suas principais ocupações. Frio e indolente, mesmo nas relações familiares, ele mais se deixa levar por instintos animais do que por simpatia delicada, e o amor pela mulher

exprime-se somente por ciúme bárbaro, que, além do espírito de vingança, é a única paixão que pode arrancar sua alma definhada da insensível indiferença em que jaz. Pudor é coisa desconhecida pelos homens; só as mulheres nuas parecem mostrar esse sentimento, quando observadas por estranhos, pelo seu modo de caminhar. Insensível aos prazeres do paladar, dado, sobretudo à alimentação animal, o índio, em geral, é sóbrio, e, sem respeito a horário, contenta-se com atender à necessidade de refazer-se; até frequentemente jejua por comodidade. De outro lado, porém, quanto à bebida, é apaixonado da sua vinhaça ou da cachaça, quando a pode obter. Taciturno, dócil no serviço dos brancos, tenazmente perseverante no trabalho obrigatório, não se encolerizando com modo algum pelo qual o tratam, porém suscetível de rancor demorado, o índio, como costumam dizer os colonos, nasceu para ser mandado. Não é dado ao furto nem a fraudes, não ambiciona coisa alguma além do que diz respeito às necessidades do estômago, permanece isolado e separado da família. Também, embora tratado nas doenças com desvelo pelos colonos, ou em geral favorecido com benefícios, na convalescença, tanto mais vivo se torna seu instinto nômade, e foge para as suas tenebrosas matas, mesmo sem motivo imediato, quase incapaz do sentimento de gratidão¹³. Nada loquaz, dorme também durante uma parte do dia: fora das caçadas, gosta de brincar com seus animais domésticos, ou fica sem nada pensar com olhar fixo, como em sonho, às vezes espantado por fantasmas imaginários. Arraigado ao presente, quase nunca eleva o olhar para o firmamento. Todavia, domina-o um respeitoso terror de alguns astros, como de tudo que revela uma relação espiritual das coisas. Não é o Sol, porém, que atrai de preferência a sua atenção, e sim a Lua, à qual ele costuma particularmente atribuir o bem e o mal, e dela se serve para a cronologia. Como todo o bem passa dele despercebido, e só nele faz efeito o que o contraria, não conhece o índio a origem do bem ou Deus, porém sim um gênio do mal, com quem se encontra, ora como lagarto, ora como homem com pés de veado, ora como jacaré ou onça, ora

13. Um índio da tribo dos coroados foi criado pelos brancos, tornando-se tão instruído, que recebeu ordens, e, como padre, disse missa; mas, de improviso, abandonou o estado clerical, despojou-se da batina e fugiu nu para o mato, volvendo ao seu primitivo modo de vida nômade.

transformado em brejo, etc., que o ilude, zomba dele, levando-o para o prejuízo e o perigo, ou mesmo, o mata.

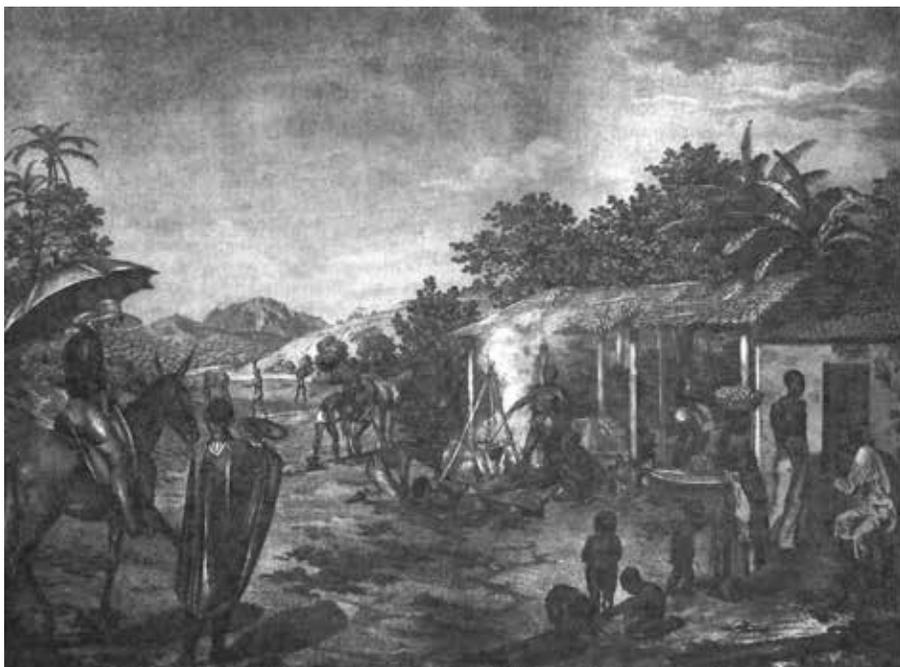
O mais direto contato com os demônios eles atribuem aos seus pajés, que conhecem muitas ervas eficazes, parecendo ser ao mesmo tempo médicos e sacerdotes, e que conseguem prestígio entre eles com toda classe de supostos sortilégios. Em casos extraordinários, o pajé é consultado para aconselhar, e responde depois da habitual conferência com o demônio, para o que ele escolhe noite tenebrosa e de tempestade. Certos animais, como uma espécie de curiango e os gaviões de pios lúgubres, o caracaraí e o acauã, são para o pajé mensageiros dos defuntos, e por isso altamente venerados por todos. Também usa o índio colares de dentes caninos de onças, de macacos, de certas raízes, frutas, conchas e pedras, pois crê que por esse meio pode defender-se contra o ataque de animais ferozes e contra doenças. O pajé fornece medicamentos, que às vezes são preparados com fórmulas mágicas; pratica com fumigações uma espécie de exorcismo, e entretém nos índios o medo de fantasmas, com práticas e histórias supersticiosas; muitas vezes, porém, são atribuídas às suas bruxarias a desgraça, a doença e a morte dos vizinhos, e ele paga com a vida o seu ofício. Ademais, tem o pajé tão pouca influência sobre a vontade do povo, como qualquer outro, pois os índios são todos iguais, e vivem fora de qualquer vínculo social, nem em associação republicana nem patriarcal.

Os próprios laços de família são entre eles muito frouxos; só raras vezes se interessa o pai pelos filhos e apazigua suas disputas e brigas. Entre velhos e jovens não existe precedência, pois a idade não lhes parece dar prestígio algum. Muitas vezes nos aconteceu ver crianças e jovens praticando os maiores indecoros diante dos velhos, tomando refeições antes deles, ocupando os melhores lugares junto ao fogo, e inconsideradamente decidindo as questões, alterar-se, etc., sem serem repreendidos por ninguém. A influência dos portugueses conseguiu distinguir os mais inteligentes entre eles, que se sentem lisonjeados com o título de capitão e exercem sobre os outros certa supremacia. Quando, em expedição de guerra, é escolhido chefe o melhor caçador, o que matou mais inimigos ou mais onças, etc., que possui mais astúcia. Na vida ordinária, a sua voz não é atendida, e um ou outro, que lhe obedece, segue-o para onde lhe apraz, e esse toma por ele o trabalho de pensar, ou de propor algo van-

tajoso, por exemplo, um sítio favorável para caçar, ou uma permuta de mercadorias com os brancos. Em sua habitação, cada qual põe e dispõe a seu bel-prazer; muitas vezes habitam diversas famílias a mesma choça, e, entretanto, vivem inteiramente separadas e independentes umas das outras. Respeitam mutuamente as suas propriedades; no que diz respeito a comida e bebida, eles têm, pela maior parte, os gêneros em comum e, por isso, é raro brigarem uns com os outros; mais frequentes porém são as rusgas por ciúmes, quando então os rivais brigam, sem que os restantes tomem partido. Em geral, porém, é a pobre mulher escravizada que expia gravemente a culpa.

Vivem os índios em monogamia ou poligamia sem regra. Cada qual toma à sua conta tantas mulheres quantas quer e pode sustentar, e as repudia, quando lhe apraz; a repudiada procura então novo marido. O mais comum, entretanto, é ter o homem só uma mulher, após outra. Os casamentos realizam-se muito cedo, e não são prolíferos; encontramos mães de vinte anos, que já tinham quatro filhos, só raras vezes, porém, vimos família de mais de quatro crianças. Faz-se o casamento sem festa alguma; a única cerimônia é o oferecimento de caça ou de frutas, que o pretendente leva aos pais da noiva, com o que ele assume a obrigação silenciosa de sustentar a mulher com a sua caçada. Entre pai e filhas, irmãos e irmãs, nunca notamos relações duvidosas; certas tribos de índios, entretanto, são dadas ao vício de sodomia. Ao passo que o homem se ocupa exclusivamente de caçadas, guerra e preparo das armas, competem às mulheres todos os trabalhos relativos à economia doméstica. Elas plantam e colhem, se esse gênero de cultivo já é praticado pela tribo; procuram batatas-doces e frutas na mata, para a alimentação da família, e fabricam os necessários utensílios e vasilhas, como louça de barro e cestos. As mulheres são, em geral, escravas dos homens, e, nas mudanças de sua vida errante, elas levam às costas, como mulas, todos os utensílios e provisões da casa; vão até buscar no mato a caça que os homens abatem.

Logo que a mulher visivelmente se acha em outras circunstâncias ou dá à luz, o homem retrai-se dela. A dieta é rigorosamente estabelecida antes do parto: marido e mulher privam-se, durante algum tempo, da carne de certos animais, e vivem de preferência de peixes e frutas. Logo que chega a hora do parto, a mulher vai ao mato e ali pare,



Rancho pouco distante da serra do Caraça. Albergue de viajantes em Minas, no qual uma tropa carregada de algodão faz pouso. Alguns escravos trazem lenha e água, para preparar a refeição, outros tocam as bestas para o campo, arrumam as cargas ou ajudam o arrieiro a ferrar os animais. O pajem do dono da tropa, que chegou a cavalo, trata de pendurar-lhe a rede. No casebre, um vendeiro de gêneros indispensáveis.

escondendo-se do luar, e em geral sozinha, sem auxílio algum; o cordão umbilical é roto ou cortado com os dentes. A parturiente, logo depois, vai ao córrego banhar-se e lavar a criança, e em seguida cuida, como antes, de suas obrigações domésticas¹⁴. A mãe e o filho são, depois de algum tempo, defumados com uma espécie de fumo (petum), soprado pela boca do pajé, dando isso muitas vezes ocasião a ajuntamento de vizinhos para a vinhaça e danças tumultuárias. Os recém-nascidos são

14. Aqui não se encontra o costume de ficarem os homens na rede, em lugar da parturiente, etc.

especialmente protegidos contra a lua, causadora de doenças. Amiúde a criança ainda é amamentada pela mãe até cinco anos, depois cresce o peiz sem amor algum da parte do pai. A mãe ama-o por instinto, mas pouco cuida dele. Enquanto não pode andar é levado de um lado para outro às costas da mãe, e dorme entre os pais na rede; depois o pequeno faz o que quiser, dorme sobre as cinzas do fogão ou na sua própria rede, e em breve se mostra expedito na busca de larvas de insetos e frutas do mato. Entregues a si mesmas, crescem as crianças; cedo o menino acompanha o pai na caçada, aprende a servir-se do arco e flecha, exercita-se traçando habilmente cordas de tucum¹⁵, imita, entrelando-as ligeiramente, as formas de toda espécie de bichos, cobras e peixes. Diverte-se com o bodoque, uma espécie de funda, a lançar bolinhas de barro, para matar passarinhos. As mulheres são cedo menstruadas, mas relativamente pouco. O período menstrual dura as mais das vezes regularmente três dias e parece cessar em idade pouco avançada. Os rapazes casam-se com 15 a 18 anos, as moças com 10 a 12 anos. O casamento não representa época especial nas vidas deles; os índios, aqui, diferentes dos índios do Amazonas, que consagram com festas determinadas a puberdade dos rapazes, assim como das raparigas, conhecem poucas épocas na sua vida. Só o nascimento e a morte dão ocasião a cerimônias particulares. As suas festas são celebradas, sem consideração por qualquer época do ano, sendo o motivo principal a maturação dos frutos. Muito comum é, portanto, abandonarem várias famílias as suas atuais moradas e estabelecerem-se onde amadurecem frutas novas, onde mais abundante é a caca. Após a conclusão de guerra bem sucedida, a vitória é festejada ruidosamente com danças e cantigas, e costumam os coroados, nessa ocasião, atravessar com flechadas os membros cortados dos seus inimigos puris, e, na ocasião da vinhaça, passam-nos de mão em mão para os chuparem.

Os índios pouco adoecem e, em geral, chegam a idade avançada, a qual muito raras vezes é indicada pelos cabelos brancos. Frequente é morrerem de algum acidente ou violências. São sujeitos comumente a inflamações dos olhos e internas, a doenças de fígado, diarreias, disenteria e malária que

15. Principalmente da palmeira de tucum (*Astrocaryum vulgare* Mart.) e de outras espécies do mesmo gênero.

se atribuem geralmente ao seu modo de vida nas matas úmidas e brumosas. Segundo opinam os portugueses, a inflamação dos olhos é produzida pelo uso da carne de anta. Entre os índios, que não se associam com os imigrantes, não há vestígio algum de sífilis, ou bexigas, sarampo; se, porém, lhes é levado o contágio dessas doenças, propagam-se com a máxima rapidez, e facilmente dão cabo deles. O seu mais importante meio de cura consiste em repouso e dieta. Logo que adoecem de qualquer maneira, acendem fogo perto da rede, deitam-se e ficam quietos durante muitos dias, observando jejum todo o tempo. Agravando-se o mal, chamam o pajé; este trata a parte doente com fumigações, com fricções de certas ervas, fomentações com saliva, massagem, soprando e cuspidando em cima. Dores devidas a ferimentos, suportam-nas os índios com incrível insensibilidade, e, quando necessário, se sujeitam, sem receio, a abundantes sangrias, ou à amputação de um membro. Eles praticam a punção da veia, dardejando sobre o bruto uma flechazinha com ponta de cristal, lançada por um pequenino arco. As escarificações são feitas com uma lasca de cana pontuda, ou com uma pederneira bem afiada.

Quando morre um índio, é enterrado na cabana; se é adulto, a cabana é abandonada em seguida, e faz-se a mudança para outra. O cadáver é enterrado de cócoras ou metido num grande vaso de barro, ou embrulhado em embira, ou tecido velho de algodão, diretamente na terra, que é fortemente pisada acompanhando o ato lúgubres gemidos. Em cima da cova deixam ficar, durante algum tempo, as armas do morto, assim como vitualhas e caça; costumam ainda repetir, duas vezes ao dia, as lamúrias fúnebres; nessa ocasião, cortam bem curto o cabelo, ou deixam-no crescer muito comprido e as mulheres, segundo se diz, pintam o corpo todo de preto. Ainda muito tempo depois da morte, celebra-se a memória dos falecidos com clamorosas lamentações, quando casualmente chegam ao lugar onde eles foram enterrados. Entre os puris, parece que é costume fazer-se uma oração fúnebre. A alma do morto, segundo eles imaginam, vai para uma agradável mata, cheia de pés de sapucaia e de caça, onde ela fica contente, em companhia de todos os mortos. Que ideia os índios fazem da alma, só é possível averiguar-se depois de longo convívio com eles e aprofundando-se no seu modo de pensar, contudo, parece-nos bem certo que eles creem na sua continuação depois da morte. Assim, com medo de fantasmas, abandonam as cabanas, onde enteraram os parentes; dão ao cadáver, igualmente, vitualhas, como provisão para

a viagem, e temem perturbar a última morada dos mortos, receando que eles lhes apareçam e os possam molestar.¹⁶

Também a geral admissão, verificada em todas as línguas de índios, por determinada designação, de um gênio do mal, pode ser considerada como prova de que eles sabem diferenciar, embora vagamente, o espiritual do material, na natureza. No correr desta narração, teremos ensejo de explicar isto mais pormenorizadamente, e provar que a ideia da metempsicose é, em geral, a predominante entre eles.

Privado de tradições, história ou documentos históricos, resta apenas ao investigador observar esses homens da natureza quanto ao seu físico, seus costumes e, sobretudo, a sua língua, para depois decifrar, pelo lado físico e psíquico, qual a posição da sua raça entre as demais, e qual a sua cultura geral. Procuramos, pois, zelosamente estudar a língua das tribos residentes perto do Presídio. Infelizmente, é muito difícil obter-se informação bastante, por falta de prática do índio em coisa da inteligência. Apenas se começa a questioná-lo sobre a sua língua, logo ele se impacienta, queixa-se de dor de cabeça e mostra que é incapaz de sustentar esse esforço. Notável é, em extremo, o grande número das diferentes línguas que se encontram entre os índios americanos, e não se pode convenientemente reduzi-las como dialetos a certas línguas fundamentais, porque elas possuem muito poucas palavras com raízes de igual significado¹⁷ e, em geral, por divergirem tanto umas das outras, que os índios de tribos diferentes muitas vezes não se entendem uns como os outros, e, assim como os eu-

16. Contou-nos um coroadado que uma das suas mulheres, a qual havia morrido pouco antes, lhe aparecia frequentemente à noite, porém sempre se esquivava ao seu abraço.

17. Coligimos vocabulários das seguintes nações, que publicaremos no suplemento a segunda parte desta obra: coroados, coropós, puris, botocudos, macuanis, penhãs (panhéns ou panhamis), em Minas Gerais; machacalis, capoxós, cataxós, comanaxós, nos limites de Porto Seguro, Bahia e Minas; cariris, sabujás, camacaéns, masacarás, na Bahia; geicós, em Piauí; apogenicrans, pimenteiras e purecamecrans, no Maranhão; muras, mundrucus, uainumás, manaxós, cana-mirim, passes, juri-tocana-tapuia, juri-taboca-tapuia, culinos, catuquinas, uairuçu, campevas, marauás, araquaxus, cauixanas, mariatés, maxurunas, tocunas, manãos, bares, cariaís, no Pará e Rio Negro; finalmente possuímos vocabulários da língua geral do Brasil (dos tupinambás) e dos incas.

ropeus, que convivem com eles, só por sinais se podem comunicar. A sua língua limita-se à designação de tudo que os circunda, e indica frequentemente por sons onomatopéicos a qualidade predominante das coisas. As partes exteriores e interiores do corpo, depois, os diferentes animais e plantas, distinguem-nos com grande exatidão e, não raro, indicam com alusões expressivas nas palavras o parentesco de coisas da natureza entre si; por exemplo, a denominação indiana dos diversos macacos e de certas palmeiras foi para nós um guia na investigação dos gêneros e espécies, pois quase cada espécie tem um nome indígena próprio. Baldado, porém, seria querer achar entre eles as palavras de significação abstrata de planta, animal ou as ainda mais abstratas de cor, som, sexo, gênero, espécie, etc.; tal generalização da ideia encontra-se expressa somente no infinito dos verbos de constante emprego como ir, comer, beber, dançar, ver, ouvir, etc. Nas leis e forças da natureza, eles não pensam, e, portanto, não as podem designar com palavras. Que os astros pairam livremente no ar, circulam no éter, e que o Sol seja mais alguma coisa que uma grande fogueira; com isso ainda não se preocupou nenhum índio; que ainda existem, além do Sol, da Lua, das Plêiades e do Orion, outras constelações, que as estrelas fixas diferem dos planetas e os satélites dos últimos, disso nenhum deles cogitou. Muito menos existem palavras para designar alma, espírito, etc., ou quando muito, termos absolutamente vagos, pobres. A palavra *Tupã* ou *Tupana*, que se encontra como designação Deus entre algumas das tribos já um pouco civilizadas e com a qual os coroados denotam a cana, e outras nações os frutos da bananeira, segundo muitos, com razão, não se deve considerar como de origem indígena, mas como trazida aos índios pelos missionários, assim como a própria ideia de Deus, ao contrário do princípio demoníaco, o Diabo. Faltando-lhes totalmente as noções de religião e de revelação divina, qualquer designação referente a esse terreno deve emprestar-se da língua dos missionários, ou formada de novo de acordo com a estrutura da língua dos índios. Mesmo de objetos que estão ao alcance de seus sentidos, o termo está às vezes, tão longe da significação, que só com muito trabalho se consegue obtê-lo. Por exemplo, quando se quer saber dos índios a palavra “terra”, é preciso primeiro indicar água, e, então, em contraposição mostrar o solo, a fim de esclarecer-lhes o sentido da pergunta. À pergunta “Que é o ar?” nunca índio algum nos respondeu, por mais que a repetísse-

mos, esforçando-nos por torná-la compreensível; respondiam sim, quando perguntávamos qual era a palavra para vento. Quanto à luz, costumam eles designá-la, de dia, pelo sol ou pelo fogo da lareira. Quanto a substantivos, eles têm, quando muito, nomes de algumas coisas concretas da natureza, como monte, vale, mata, água, rio, etc. Compreende-se que lhes faltem palavras para objetos que só conheceram por intermédio dos europeus, como, por exemplo, rei, general, homem branco, mesa, cadeira, chapéu, pano, vidro, roupa, cavalo, boi, carneiro, porco, etc. Pouco a pouco, eles vão tomando a designação portuguesa, que mais ou menos alteram. Assim, chamam o cavalo de *cavárru*, chave de *chaví*, o vigário e *uaré*, etc. Ao boi eles dão o nome de um dos seus animais familiares, *tapira*. Os seus pronomes reduzem-se simplesmente a *eu*, *tu*, *nos*, *meu* e *teu*. Quanto à flexão de substantivos e de verbos, naturalmente não a conhecem, nem a construção de frase. Falam sempre no infinito com, ou, as mais das vezes, sem o pronome ou sem substantivo. O acento é, em geral, na segunda sílaba; a pronúncia longa ou curta, certos sinais com a mão, com a boca ou com outros gestos têm que dar a devida inteligência ao discurso. Quando, por exemplo, o índio quer dizer “Eu quero ir ao mato”, ele fala “ir mato”, e mostra estendendo a boca em bico, o lugar em questão. Também no que diz respeito a números, sua língua não está evoluída. Eles contam, em geral, pelas articulações do dedo, portanto só até três. Qualquer plural maior significa com a palavra “muito”. Igualmente simples é a sua contagem do tempo, feita segundo a volta da maturação das frutas do mato, ou as fases da lua; destas últimas, porém, eles sabem apenas designar com palavras a aparência sem relação alguma às causas do fenômeno. Merece especial consideração do investigador de línguas o fato de, nessa simplicidade glótica, certos sons revelarem semelhança ou identidade com vocábulos de línguas europeias, como, por exemplo, o já mencionado *handu*, ou o *ya* dos coropós, com as palavras alemãs *Handtuch* e o *ya* da afirmação alemã; *boéman*, mulher, com o vocábulo inglês *woman*, ou o *eivir*, *viru*, dos coroados, com o alemão *Bier*; *mangé*, comer, e *nyé*, nariz, com as palavras francesas *manger* e *nez*. Ademais, a pronúncia dos índios é, em geral, gutural e especialmente nasal, razão por que mostram facilidade em aprender as línguas portuguesas e espanhola, etc., do que talvez o alemão, inglês, etc.

Fomos visitar as aldeias dos coroados, a todas as horas, e obtivemos, assim, impressão nítida de toda a vida diurna desses homens da natureza. Logo que a luz do dia raia sobre a choça do índio, ele acorda, levanta-se imediatamente e vai à porta, onde, em geral, fica por algum tempo a espreguiçar-se e a esfregar os membros, até que, finalmente, vai ao mato, para satisfazer uma necessidade natural, cujos vestígios ele, porém logo costuma encobrir, à moda dos gatos. Em seguida, volta à choça, onde procura reacender o fogo com alguma brasa do fogo da véspera, ou faz fogo novo com dois pauzinhos secos, esfregando em rápidas rotações um contra o outro, até produzir faíscas, que acendem o capim seco ou a palha. Todos os homens da habitação participam das tarefas: uns trazem lenha do mato próximo, outros atizam o fogo entre algumas pedras grandes, e todos se acocoram então, em volta dele, apoiados na ponta dos dedos dos pés. Sem se olharem nem conversarem uns com os outros, ficam assim, às vezes, durante horas, nessa posição, e só ocupados em entreter o fogo, ou assando nas brasas batatas-doces, bananas, espigas de milho. Algum macaco manso ou qualquer outro dos numerosos bichos domésticos com os quais eles brincam, serve-lhes de divertimento. A primeira tarefa das mulheres, logo que saem da rede, é pintarem-se a si mesmas e aos filhos, e, depois, cada uma cuida da sua obrigação especial no serviço da casa: a tirar fios das folhas de palmeira, a tecer redes, a fabricar louça de barro, a ralar mandioca ou a socar milho, com o qual fazem um refresco (*catimboeira*), por meio de fermentação ácida. Outras dirigem-se às pequenas roças, para colher milho, mandioca, feijão, ou ao mato, a procurar frutas e raízes silvestres. Tendo os homens acabado de tomar o frugalíssimo almoço, tratam de preparar seus arcos, flechas, laços, lanças, etc. Os primeiros são fabricados com pau vermelho de diversas leguminosas ou pau-preto de algumas espécies de palmeiras de espinho, por exemplo, brejaúva, do gênero *Astrocaryum*, cortados com machados de pedra e alisados com pedaços de bambu afiado, ou feitos com facas de ferro europeias, obtidas por troco; as flechas são feitas de certo caniço (*taquara de flecha, greung* dos coroados) (*Saecharum sagittarum* Aubl.?). Só quando o sol está alto e o calor aperta, gosta o índio de banhar-se no córrego e, em geral, vai caçar entre nove e dez horas, quase sempre acompanhado pela mulher. Caminha por picadas estreitas apenas perceptíveis, ou segue através do mato fechado; se o alvo

da viagem é longe, quebra galhos, que deixa pendurados, ou espalha no chão, para mais facilmente achar o caminho de regresso. O homem leva na mão as suas armas, e, quando possui, por permuta, uma fâca curta, levava ao pescoço, suspensa por uma corda; a mulher acompanha-o de mãos vazias, ou leva uma bolsa de corda trançada que contém provisões. Com o corpo inclinado para frente, eles caminham a passos curtos, dobrando-se e amoldando-se pela espessura do mato, de ouvidos e olhos alertos, atentando para todos os lados. Ao menor estalido, param ou escondem-se. Assim que avistam alguma caça, deslizando, o índio, extremamente cauteloso, aproxima-se com o arco reteso e, finalmente, desfere a flecha, sempre certa. A mulher é que, em geral, procura no mato a presa e a flecha. As flechas são de diferentes formas, segundo o tamanho da caça, e, em parte, armadas com farpa; nunca, porém, vimos flecha envenenada entre esses índios. Quando querem passarinhos para tê-los em casa, apanham-nos a laço, preso num pau muito comprido. O índio caminha de manso ou trepa silencioso por uma árvore acima e deita o laço diante da ave por tanto tempo e tão habilmente até que, afinal, ela fica presa. O uso do anzol era desconhecido desses índios, antes da imigração portuguesa; eles apanhavam peixe matando-o a flechadas, ou com compridos arpões.

Conseguindo matar alguns animais pequenos ou um grande, dá o índio por terminada a caçada nesse dia, e a mulher carrega a caça para casa, numa cesta segura na testa por meio de embira (em geral da *Cecropia peltata*). O preparo da refeição, assim como a manutenção do fogo, compete aos homens. Os porcos são chamuscados, outros animais de pelo são assados ao espeto com couro e pelo, as aves são ligeiramente depenadas e estripadas. O corpo inteiro ou aos pedaços e enfiado no espeto e levado ao fogo ou metido na panela com água, para cozinhar. Quando o índio quer conservar uma parte da carne, mete-a em *moquém*, isto é, numa grade colocada acima do fogo, e fica tanto tempo no fumo e no calor, até se tornar seca como pau. Como especial petisco, assam também as tripas, enfiadas em paus redondos. O sal não é empregado nessa cozinha primitiva. O índio aprecia a carne assada sobretudo quando ainda sangrenta, e mais do que a cozida. A anta, macacos, porcos, tatus, a paca, a cutia são os manjares prediletos; também comem com prazer quati, veado, aves, tartarugas e peixes, e, no caso de necessidade, contentam-se com carne de cobra, de sapo e

larvas grandes de inseto, assadas. O almoço é tornado em geral, depois da caçada, mais ou menos às quatro horas. Os moradores da choça, ou também todo vizinho ou parente de tribo, que esteja presente no momento, tomam parte na refeição, cada qual despedaça, sem observar precedência, uma porção do assado, e acocora-se longe do fogo e, a distância dos outros, num canto da choça ou debaixo de uma árvore. Primeiro, repartem com os seus cães e galinhas, que adotaram dos colonos e muito estimam, e, então, começam a desfibrar a carne, para a comerem. O tempero usado é, em geral, uma frutinha da malagueta, uma variedade da *Capsicum frutescens*. A mulher coloca, nessa refeição, uma cuia com farinha de mandioca perto do fogo, e cada um tira um punhado cheio e atira-o à boca, com a mesma habilidade dos colonos. Concluída a refeição, um dos membros da família vai buscar água no riacho próximo com uma cuia, da qual cada um bebe à vontade. Logo depois da comida, o índio gosta de balançar-se na rede ou dormir. Fora do almoço não há mais refeição alguma; comem no intervalo qualquer fruta do mato, banana, melancia, etc., que eles cultivam na vizinhança da aldeia ou frequentemente furtam nas roças dos colonos vizinhos. Tratando-se de uma festa de bebedeira, começam já antes do pôr do sol a beber a vinhaça, e ela dura, entre danças tumultuárias e cantigas, até a madrugada, quando, meio embriagados, passam a manhã na rede até dez horas. O que mais milho plantou e mais tem em depósito fica sendo o hospedeiro para as aldeias da vizinhança, e em cada banquete combina-se o dia e lugar para o seguinte festim. Parece que os coroados costumam escolher de preferência o sábado para essa festança. Também durante essas festas é que se discute e resolve sobre hostilidades e expedições de guerra contra tribo vizinha e sobre caçadas em comum.

Assim, passam-se meses e anos, para o índio, em caçadas, guerras, festas selvagens e tarefas caseiras rotineiras, numa vida rude e dura, ignorante de toda vocação nobre da humanidade. Também quando ele pouco a pouco começa, de certo modo, a entrar em contato com os senhores da terra, desconhece em absoluto as virtudes sociais. Vivendo na proximidade dos colonos, ele mais se fia na atividade desses do que na sua própria, e rouba-lhes, quando a necessidade o aperta, do gado e das roças. Em espalhar entre os índios o cristianismo, muito se tem esforçado certamente o padre e, em geral, os portugueses, em São João Batista; de fato,

porém, mesmo os coroados e coropós mais civilizados não têm até agora ideia da essência da religião cristã, e apenas tomam parte nas formalidades do culto, e assim mesmo sem persistência. Na verdade, não é raro recorrerem esses homens da natureza à igreja para casamento e para batismo dos filhos; todavia, só os atrai ali a cerimônia de culto, que eles presenciam admirados sem demonstrar emoções nem reflexão. Também neste sentido, eles divergem muito dos negros, que de nada tanto gostam como de imitar as cerimônias e as funções dos padres. Esta falta de educação deve ser atribuída também, infelizmente, ao ambiente. Os colonos, que se estabeleceram na vizinhança dos índios, são em parte gente a quem é proibido residir em lugares habitados, e para quem a solidão das matas serve de refúgio contra a perseguição da justiça. O índio, sempre explorado pela cobiça e pelo egoísmo dos colonos, vive entre eles só com medo, ódio e desconfiança. Também o costume de servir-se de uma tribo para hostilizar a outra, como já aconteceu com os coroados contra os puris, e a crueldade dos postos militares, que estenderam também aos puris a guerra de extermínio legalmente autorizada contra os botocudos, até agora tem impedido a civilização desses selvagens. Todavia, os humanitários esforços no trato do capitão Marlière, especialmente aos coroados, têm produzido os mais vantajosos resultados. Habita essa nação a bacia do rio Xipotó, que, por isso, e também chamado Xipotó dos coroados, entre as duas serras, da Onça e de São Geraldo. Calcula-se o seu número em mais de dois mil; entretanto, nos últimos anos, muitos morreram por doença, sobretudo disenteria. Os puris, seus inimigos, que, excetuando uma pequena parte no rio Pardo e no rio Paraíba, ainda não reconhecem a soberania dos portugueses, são mais numerosos, montando provavelmente a cerca de quatro mil almas. Eles habitam a encosta oriental da serra da Onça e as matas ao norte do rio Paraíba, e estendem as suas incursões ao rio Doce, onde às vezes travam luta com os botocudos antropófagos, que ali habitam.

Apesar de termos conseguido em pouco tempo a confiança dos coroados estabelecidos nos arredores, e de podermos nos demorar, sem medo, entre eles, tornava-se pouco a pouco mais vivo o nosso desejo de deixar aquelas sombrias paragens, onde nos sentíamos quase como no meio de dementes. As nossas coleções já se achavam enriquecidas com as raridades dos arredores, e, por gentileza do diretor, também obtivemos o

esqueleto de um coroadado, morto em combate havia pouco tempo, e nós o guardarmos como importante documento, escondendo-o com o máximo zelo dos supersticiosos selvagens. Como os diretores mandam, às vezes, alguns índios aos lugares populosos, a fim de que, no regresso de lá, com as suas narrações produzissem impressão favorável na gente de sua tribo, foi-nos feito pelo diretor do Presídio o oferecimento de levar em nossa companhia alguns índios a Vila Rica. Na véspera da partida, à tarde, trouxe dois jovens coroados a nossa casa, e os animou a seguir conosco, com cachaça e a esperança de voltarem como capitães, com vistosas fardas. Dava vontade de rir ao ver o efeito que um uniforme reluzente produz nesses homens das selvas. Vestiram com ele um dos índios, puseram-lhe à cabeça o chapéu agalado e colocaram diante dele um espelho. Perplexo e orgulhoso mirou-se ora a si mesmo ora a sua figura no espelho, e apalpava o novo fato e o espelho de todos os lados; embora não pudesse compreender o feitiço, contudo parecia que um sentimento de vaidade satisfeita vencia todas as dúvidas. Desse momento em diante, estava tomada a resolução, e ele mostrava prazer em acompanhar-nos. O índio acostumou-se logo conosco, acompanhou-nos em grande parte da viagem, e, por sua dedicação, lhe demos o nome de Custódio.

A 17 de abril, partimos de Guidoal. O receio de que os índios chegassem, a saber, do esqueleto que trazíamos conosco e nos atacassem de surpresa, apressou a nossa resolução e os nossos passos de sair das matas tenebrosas e voltar aos campos agradáveis.

Já estava o Presídio de São João Batista um bom estirão atrás de nós, quando se nos defrontou de improviso, na espessura do mato, um bando de trinta a quarenta índios que, em grupos de família, constando de marido, mulher e filhos, com a bagagem às costas, avançavam todos nus, para assistir, como soubemos depois, a uma festa de bebedeira, distante algumas horas dali. Mal deram conosco, logo suspenderam a marcha, observaram-nos indecisos com olhares esquivos, e esconderam-se em seguida, os homens com arco e flecha na mão, cada um atrás duma árvore. Assustados com esse repentino aparecimento, receamos a princípio que se tratasse de um assalto; depois, como eles hesitassem em atacar-nos, pousamos no chão as nossas armas e adiantamo-nos para eles com pantomimas de gestos amigáveis, indicando que havíamos deposto as armas e absolutamente não os

queríamos molestar. Assim que nos aproximamos do primeiro do grupo à frente, batemos-lhe no ombro, mostramos de novo as espingardas depostas no chão à distância, deixamos-lhes ver a nossa coleção de animais e plantas, e lhes significamos que só com isso nos ocupávamos, e que, portanto, eles podiam seguir sossegados. Um deles, que já nos havia visto antes na Fazenda Guidoal, tornou-se mais amável, pareceu confirmar com palavras aos seus companheiros a nossa mímica, e assim nos separamos em paz, de ambos os lados. Outra aventura se nos deparou ainda antes de alcançarmos a serra de São Geraldo ou de São José. Num espesso cerrado, passamos junto de uma choca de índio, de onde uma velhota nua (e, como Custódio nos informou depois, sua parenta) lhe dirigiu umas palavras. Ela lhe perguntara preocupada para onde ele ia, e se acaso o levavam a força. Quando, porém, ele respondeu alegremente que ia ver o grande capitão, e, em breve, ele próprio regressaria capitão, ela torceu a boca desdenhosa e retirou-se. Em seguida, subimos rápidos pela encosta da montanha a fim de alcançarmos na direção N.O. o pequeno arraial de São José Barbosa¹⁸, para ali pernoitar.

No dia seguinte, levou-nos o caminho, sempre dentro do mato fechado, até Sítio, uma importante fábrica de açúcar, onde se faz especialmente rapadura, a qual, no interior, é usada em geral para adoçar a água. No pequeno povoado de Santa Rita, estavam para nós acabados todos os perigos, e podíamos contentes voltar aos campos e viajar entre caras mais humanas. Só perto de Ouro Fino regressamos à estrada percorrida na ida e chegamos sãos e salvos, de volta, a Vila Rica, passando por Mariana, a 21 de abril.

18. O certo parece ser São José Barroso.

.....

Capítulo III

PASSEIO NOS ARREDORES DE VILA RICA

OITACOLOMI É O MAIS ALTO PÍNCARO da serra de Ouro Preto, cujos declives para o sul formam com o morro de Vila Rica o estreito vale, onde está a cidade. Para subirmos a esse monte partimos do vale, de manhã, às oito horas, transpondo o ribeirão de Ouro Preto, e chegamos ao meio-dia ao cume. O caminho leva por risonhas ladeiras de capim, às vezes por mata baixa no alto. Pouco a pouco, alarga-se a chapada do morro, e achamo-nos numa planície extensa, docemente inclinada e em cujo fundo se eleva o último píncaro de rocha. A ladeira é coberta de pastos e de alguns arbustos. Num e noutro ponto, bosques cerrados de arvoredo baixo, fortemente frondoso, ocupavam regos e depressões. Esses bosquezinhos, que aqui se chamam *capões* (corrupção do vocábulo *caapaú*, ilha, da língua geral)¹, como que ilhas de mata, formam feição característica na região dos campos e consistem, pela maior parte, em espécies de plan-

1. Capão, a este aspecto geográfico, vem das palavras típicas *caá* “mata”, e *paú*, “ilha”, significando, portanto, não somente “ilha”, como diz o texto, mas “ilha de mata”. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

tas que só ali aparecem². Ao chegar perto do cume, destacam-se enormes blocos de rochas e penhascos de xisto quartzítico esbranquiçado, entre pastos planos. Destaca-se, sobretudo, um colossal maciço de rocha, separado do cume e pouco abaixo dele inclina-se um tanto oblíquo, e de Vila Rica é perfeitamente avistado³.

Ao meio-dia, estávamos ao pé do mais alto cume cônico, coberto em parte de capim e arbustos baixos, e em parte é parede nua de rochedo; deixamos as mulas, que montamos comodamente até aqui, a pastar nos campos ralos e fizemos a pé a ascensão da última parte da montanha. Do topo descortinou-se-nos um magnífico e vasto panorama sobre todas as serras circunstantes, dominadas pelo colossal Itacolomi, o mais alto monte da comarca de Ouro Preto, e que é como o centro de um grande sistema de montanhas. A montanha escarpada de minério de ferro de Itabira, com os seus dois picos, um dos quais⁴ parece uma enorme torre, as montanhas de Coche d'Água, as de Lavras Novas, a serra do Carança e muitas outras estendiam-se aos nossos pés. Apresentavam-se todas com a mesma feição, como o próprio Itacolomi, isto é, em prolongadas serras com cumes achatados, e aqui e ali aprumadas cristas verdes, sem paredões nus consideráveis.

O céu estava encoberto; indicava o barômetro, à uma hora da tarde, 23" 6, 75"; o termômetro, 16° R.; ao passo que, em Vila Rica, o primeiro estava em 25" 2", e o último, em 22°R.

Nesta altitude, havia em torno o mais profundo sossego e silêncio, nem mesmo perturbado por movimento ou canto de um só pássaro; até as indiscretas cigarras não nos atormentavam aqui com o seu

-
2. A estas pertencem diversas espécies dos gêneros *Laurus*, *Vocysia*, *Anona*, *Uvaria*, *Xylopia*, *Myrtus*, *Inga weinmannia*, *Styrax*, *Bauhinia*, *Coccoloba*, *Chiococca*, *Amajovea*, *Chomelia*, *Sapium*, *Gymnanthes*, *Spixia*, estreitamente entrelaçadas com os sarmentos das *Paullinias* e *Echites*. Colecionar plantas aqui é, às vezes, impossível, por causa do solo pantanoso ou perigoso pela presença de grandes cobras.
 3. Parecendo este rochedo como que filho do píncaro principal, deu isso motivo ao nome que lhe puseram os índios: *ita*, "pedra", e *colomi* "filho pequeno".
 4. Segundo a medição devida a von Eschwege, tem a montanha 4.895 pés de altitude acima do nível do mar.

zunido monótono. Vegetação simples e modesta viceja na frescura alpina desta região⁵.

O próprio monte consiste em itacolomito branco, atravessado por maior ou menor quantidade de folhelhos de mica. No meio da montanha, a rocha apresenta granulação mais grosseira. O micaxisto contendo oligisto e a companhia deste, a mica pura, acamada em grandes lajes, formam jazidas na parte inferior da montanha, as quais se inclinam de este para oeste em grau 7. Na base da montanha, como, por exemplo, na Fábrica de Pólvora, aflora a jazida de minério de ferro, onde também se encontram ninhos de pirito e cristais de oligisto. Finalmente, o fundamento desta montanha é formado de um xisto argiloso, pardo, de finos folhelhos. Diversos regatos, que deságuam no ribeirão de Ouro Preto, correm pela encosta da montanha abaixo. Num vale lateral, arredado, surge também uma fonte contendo óxido de ferro, que, por sua cor amarela e perfeita limpidez de suas águas é chamada córrego do Vinho.

Já na Europa se havia chamado a nossa atenção para o cromato de chumbo que devia existir no Brasil. Indagando mais rigorosamente, soubemos que ele aparece em Congonhas do Campo⁶. Como esse mineral até hoje só foi observado aqui e em Beresof, nos montes Urais da Sibéria, consideramos importante examinar a sua ocorrência no próprio local. Escolhemos, por essa razão, o caminho que passa em Capão, onde tivemos

-
5. Mencionamos da flora do Itacolomi: *Barbacenia tricolor, bicolor, tomentosa, luzulaefolia, ensifolia, Vellozia abietina, taxifolia, Psyllocarpus ericoides, laricoides, thymbroides, asparagoides, Galium brasiliense, Morinda obtusifolia, Declieuxia rubioides, lysimachioides, cordigera, saturejoides, vincoides nob., Coccocypsilum pilosum, Oxypetalum foliosum, erectum, strictum. Ditassa mucronata, retusa, obcordata, linearis. Lisianthus pulcherrinzus, inflatus, pendulus nob., fistulosus Lam., coeruleascens Aubl. Exacum brachiatum. Phyllanthus erythroxyloides, fastigiatus. Cnenzidostachys myrtilloides, glandulosa, salicifolia, linearis, glauca nob. Sauvagesia erecta L., Lavradia montana. Plactanthera floribunda, Esterbazia montana, alpestris, campestris, Angelonia lobeloides salicariaefolia Humb., Gloxinia viridiflora, Gessneria tuberosa nob., Gaultheria odorata Humb., alpina, eriophylla, Gaylussacia acicularis, Vitis idaea, crenulata, nitida, reticulata, Escalonia bicolor, glandulosa, Vochisia elliptica, rotundifolis nob. Trigonina sericea Humb., Abatia tomentosa, Hirtella ciliata nob., glandulosa Spreng., Luehea paniculata nob., Clusia flava L., Tenzstroemia clusiaefolia Humb., Davilla brasiliana.*
6. Hoje, Congonhas.

oportunidade de confirmar as nossas prévias pesquisas sobre a formação do topázio. Daí cavalgamos para oeste, por uma linda região de campos, montanhosa e muito variada, porém deserta, na qual passamos por só duas pequenas fazendas, Laranjal e Pires. Espessas jazidas de micaxisto, contendo oligisto ou a crosta das camadas de minério de ferro, afloram aqui como a formação superior da montanha, por cima de xisto argiloso ou quartzítico. Em ambas estas encontra-se uma extraordinária quantidade de octaedros de magnetita e de cristais de pirito, que se transformaram em minério de ferro; também pirito recente e grandes placas de oligisto jazem espalhadas no caminho.

Ao meio-dia, chegamos a Forja de Prata, distante cinco léguas a oeste de Capão. Esta usina, fundada sob os auspícios do precedente governador-geral, conde de Palma, por nosso compatriota von Eschwege, produz, em quatro fornos-suecos e dois fornos para barras, anualmente, umas mil arrobas de ferro batido, do qual grande parte é consumido no local. O minério é um rico oligisto, mas, sobretudo, magnetita, cuja jazida aflora em grande espessura na vizinhança da forja. O inspetor da forja de ferro acompanhou-nos, no dia seguinte, à lavra, uma e meia légua distante a sudeste, pertencente ao Sr. Romualdo José Monteiro de Barros, a meta de nossa viagem. Aqui fomos acolhidos pelo proprietário, coronel de milícias, com a generosa hospitalidade própria do mineiro. Depois do almoço levou-nos ele a sua lavra, cuja formação não é de micaxisto, contendo oligisto ou tapanhoacanga, porém de um xisto argiloso amarelo-isabel, atravessado por filões de quartzo, contendo ouro. A ganga principal inclina-se de norte a sul, e tem a espessura de uma até doze polegadas. O metal é tão finamente disperso no quartzo desagregado, que nas fendas está coberto de uma camada terrosa contendo pirolusita, e as partículas de seu pó não podem às vezes ser reconhecidas a olho nu. A ganga e, em certos lugares, extraordinariamente rica desse metal. Na nossa presença, o negro, lavando um pedaço de quartzo do tamanho de um punho, quebrando-o a martelo, obteve uma porção visível de muito fino pó de ouro do valor de cem réis. Também o xisto argiloso, que nas fendas é igualmente coberto de pirolusita terrosa e esta frequentemente coberta de um preto dendrolítico, contém ouro; porém nesta mina só se exploram os filões de quartzo. Para desentranhá-los, o dono tem descalçado à montanha em diversos lugares,

por meio de violentos jatos de agua, e com isso produziu tão íngremes barrancos na pedra friável, que mal se pode, sem perigo de desmoronamento, prosseguir pelas veias mais adentro. Seria muito mais aconselhável fazer exploração sistemática com galerias em carpintaria e poços. O ouro, aqui obtido, é, em geral, de vinte e dois quilates.

À tarde, fomos ao campo chamado Goiabeira, à mina, hoje abandonada, onde o cromato de chumbo foi descoberto. Ela dista apenas uma légua da fazenda do Sr. Monteiro de Barros, numa colina baixa de argila, que em geral inclina-se de N.N.O. para S.S.E. Debalde revolvemos as ladeiras a fim de achar algum pedaço grande desse raro mineral, até que afinal o coronel nos conduziu a uma pequena galeria, que ele havia mandado abrir. Aí tivemos a ventura de observar o minério vermelho de chumbo num filão de quartzo friável, branco-acinzentado, granulado, entre caulinita escamosa, branca, um tanto desintegrado, da espessura de algumas polegadas até um pé, inclinada de N. a S. O quartzo que forma essa espécie de veio e, num e noutro ponto, amarelo cor de limão, ou atravessado por óxido de ferro pardo. Os cristais de cromato de chumbo são pequenos e até pequeníssimos e de extremidades obtusas. Formam prismas quadrilaterais, pouco oblíquos, que parecem afilados em ponta aguda e se assemelham, nos principais característicos, aos da Sibéria. Mais rigorosa determinação dos cristais ainda ficará por se fazer, no futuro. Na proximidade dos cristais vermelhos ocorre não raro uma capa terrosa de minério de chumbo verde-amarelado, que encontramos mais abundante nos desmoronamentos, no meio de inúmeros octaedros de magnética em pedaços em forma de rins. Por causa da raridade desse mineral, achamos de interesse colecionar boa porção de variações do mesmo; conseguimos-lo, entretanto, a custo, durante os dois dias de nossa estada, por ser quebradiço o quartzo e escamosa a caulinita.

O Sr. Monteiro de Barros teria gostado de levar-nos também à capela de Matozinhos, perto de Congonhas do Campo, que os mineiros admiram como obra-prima de arquitetura; mas desistiu, afinal, quando lhe asseguramos que na Europa havíamos visto edifícios desse e ele acompanhou-nos na madrugada do dia seguinte à estrada de regresso a Vila Rica, onde emocionados nos despedimos desse homem hospitaleiro. Chegamos depois a Chapada, onde já havíamos estado na viagem de São João d'el-Rei e contávamos alcançar em Lana o nosso conhecido pouso; como, porém,

anoiteceu no caminho, pedimos agasalho numa fazenda na qual, embora já estivesse trancada a porta do quintal e as nossas batidelas acordassem do sono a gente de casa, fomos como estrangeiros acolhidos e tratados com a mais generosa hospitalidade. No dia seguinte, subimos a elevada e escarpada serra de *Deus Te Livre* ou da *Soledade*. As camadas de mica branco-acinzentada ou esverdeada, que aqui jazem por cima do xisto quartzítico, são de estrutura muito fina, e com a chuva e a ação atmosférica se desintegram em pó fino, que, ao cair um forte pé-de-vento, empoeira toda a cercania. Passamos pelo fundo do vale entre essa montanha e as ramificações da de Congonhas do Campo, onde ocorrem por cima do xisto quartzítico, num e noutro ponto, jazidas de minério de ferro ou do chamado itabirito; alcançamos o morro de Gravier, guarnecido com as grotescas canelas-de-ema (*Vellosia*), e regressamos finalmente a Vila Rica.

Alguns dias depois desta excursão, pusemo-nos a caminho para a aldeia de Antônio Pereira, distante ao norte cinco léguas, para sabermos o que era feito de nossas mulas, que, durante a nossa estada em Vila Rica, tinham sido mandadas na maior parte aí para o pasto. Depois de havermos vencido a crista pedregosa do morro de Vila Rica, onde se encontram no caminho canelas-de-ema, ao lado de lisiantas de lindas cores, transpusemos, a uma légua da cidade, no córrego de Andrada, o rio das Velhas, neste ponto ainda um riacho muito insignificante, que se conserva dali em diante na direção N.O., passa junto a Sabará e deságua no rio São Francisco, perto de São Romão.

Numa grande fazenda sita na estrada, construída a modo de convento, era antigamente lavado muito ouro de vinte e dois quilates dos filões de minério de ferro. Também, em geral, toda a serra de Antônio Pereira corresponde em seus elementos e a posição das camadas ao aurífero morro de Vila Rica; pois ela consiste igualmente de xisto quartzítico branco, com jazidas de micaxisto, contendo oligisto e uma extensa camada de hematita sobreposta. Entre a vegetação dessa montanha, parecendo pertencer especialmente à formação das jazidas de ferro⁷, nota-se também

7. *Laurus erythropus*, *Bauhinia ferruginea*, *Abatia tomentosa nob.*, *Byrsonima nitidissima* Humb., *Banisteria versicolor*; *Vanillosma firmum*, *Lisianthus pulcherrimus*, *Phyllanthus robustus*, *Mikania glauca nob.*, várias *Rhexiae*, *Palicureae* e *Guatteriae*.

abundância de *capim-melado*⁸, que em Minas se vê por toda parte, e que, por sua delicada contextura e pelo oleoso que o cobre, é o pasto preferido dos cavalos e mulas, os quais, entretanto, incham, quando o comem demasiadamente.

As minas de ouro de Antônio Pereira há poucos anos, produzem boa quantidade de ouro; entre outros, um mineiro apurou num poço de sessenta pés de profundidade, em dois meses, vinte e quatro mil cruzados; como, porém, a mineração fosse feita sem método nem cuidado, a cova desmoronou, soterrando quatorze operários, e as águas, irrompendo bravias, impossibilitaram a continuação do serviço. Não longe da aldeia, encontra-se em aprazível vale uma pedra calcária muito compacta, cinzento-clara, que ocorre em camada espessa, e se estende bastante pela montanha acima. Nessa rocha calcária, provavelmente pertencente à formação primitiva, apresentando, às vezes, nas fendas, uma capa infiltrada de enxofre, encontra-se uma gruta com estalactites, que foi transformada em capela de Nossa Senhora da Lapa.

A noroeste de Antônio Pereira instalou o Sr. von Eschwege uma pequena forja de ferro, dirigida por um mestre fundador alemão. Esta fábrica aproveita o micaxisto que contém oligisto, o qual forma aqui considerável depósito, acima e dentro do xisto quartzítico branco; jazem por ali, em volta, grandes blocos dele, na superfície. Não raro, é coberto com camada de hematita. O minério é muito rico, contendo de sessenta até oitenta por cento, e daqui se poderia fornecer ferro a toda Minas Gerais; como, porém, muitos fazendeiros preparam, eles próprios, o ferro de que precisam, existindo, além disso, nas mais diversas regiões da província, outras pequenas forjas, e como agora grande parte de ferro é importado do Rio de Janeiro, limita-se a produção diária a uma ou duas arrobas, que logo são empregadas no fabrico de facões, machados, folhas de faca, ferraduras e pregos. A arroba de ferro bruto é vendida, aqui e na vizinhança, por mil e oitocentos réis. O nosso amigo von Eschwege queixou-se, muitas vezes, das dificuldades que estorvam até hoje neste país todo estabelecimento fabril, citando como principal motivo a repugnância da classe pobre do povo em prender-se a uma ocupação fixa.

8. *Tristegis glutinosa* Nees (*Agrostis glutinosa* Fisch., *Surdia picta* Schrank).

Da fábrica de ferro, seguimos na direção N.E. para o arraial de Bento Rodrigues, distante duas léguas e meia. A região é montanhosa, e a superfície do solo em grande parte coberta com a formação de minério de ferro contendo ouro, e dá indício da atividade dos faiscadores pelos numerosos fossos e trincheiras ali abertos. Muito singular nos pareceu o fato de se encontrar nesta aldeia, assim como em muitas outras, poucos vestígios de riqueza. As casas estão em ruínas, muito pobres no interior, e seus moradores têm aparência pobre. Tudo demonstra que a florescência deste distrito já passou e mal aparecem alguns restos da antiga opulência.

O sol já se havia deitado, e escurecia a noite tropical, quando alcançamos a importante aldeia do Inficionado⁹, para aí pernoitarmos, depois de passar por um terreno muito desigual e, por isso, perigoso. Encontramos grande parte dos habitantes reunidos diante das imagens de Nossa Senhora iluminadas, para rezarem o *Angelus*. Este costume da mãe-pátria é praticado zelosamente e com solenidade quase teatral, por toda parte, no Brasil; os mulatos, que, em geral, além de língua ligeira, dispõem de pulmões fortes, assumem o ofício de primeiro cantor ou do padre. Inficionado é o lugar de nascimento do frade Durão, poeta do *Caramuru*, que cantou o descobrimento do Brasil.¹⁰

Na madrugada do dia seguinte, deixamos aquele lugar, pouco a pouco empobrecendo com a decadência das minas e pusemo-nos a caminho para a serra do Caraça. Por um joalheiro, nosso conhecido do Rio de Janeiro, que, segundo nos contaram mais tarde, fora perseguido por esbirros e fugira rápido do Distrito dos Diamantes, soubemos, em caminho, que seria aconselhável passar a noite na casa do guarda-mor Inocência, na encosta noroeste, e fazer no dia seguinte, a ascensão da montanha. A serra do Caraça erguia-se à nossa esquerda. Ela estende-se em quase três léguas de norte a sul, e domina com os seus contornos alcantilados e audazes toda a região em volta. Contornamos diversas escarpas e declives dela, e, afinal, avistamos a fazenda do guarda-mor, que de longe se assemelhava a um castelo imponente num ressalto da montanha. Quando chegamos ao

9. Hoje, Santa Rica Durão.

10. *Caramuru*, poema épico do descobrimento da Bahia, composto por frei José de Santa Rita Durão (Lisboa, 1781), 8º.

espaçoso pátio, deu-nos o dono da casa cordiais boas-vindas e, depois de chamar a nossa atenção para o belo panorama, aos nossos pés, do arraial de Catas Altas, da serra de Itaperava, rica de ametistas e do remoto Itambé, conduziu-nos a uma antessala, em cujas paredes estavam mapas geográficos e históricos. Um globo e diversos livros revelavam que o dono da casa se ocupava também com escudos científicos (os guardas-mores são os agrimensores e lançadores de impostos dos bens imobiliários e especialmente das minas). O porte de nosso distinto hospedeiro, homem grisalho, era um tanto solene, e, involuntariamente, nos fazia lembrar os *quakers*. De fato, ele era um dos adeptos do *sebastianismo*, os quais estão sempre à espera da volta do rei d. Sebastião, morto na batalha de Alcacerquibir¹¹ contra os mouros, e, com isso, da mais gloriosa época do Reino de Portugal. Estes sebastianistas, que se distinguem por sua economia e caridade, são em maior número no Brasil, e, especialmente, em Minas Gerais, do que na própria mãe-pátria. O Sr. Inocência procurou convencer-nos, mostrando grande número de profecias manuscritas, da futura sorte do Brasil; asseguramos-lhe, embora não esperando por d. Sebastião, compartilhar a mesma certeza de que o Brasil ainda estava em caminho para a sua melhor florescência.

Após frugal refeição, conduziu-nos o guarda-mor a sua lavra, logo atrás da casa. Esta mina de ouro já está sendo explorada há oitenta anos, e antes o era por meio de muitíssimos negros; atualmente só uns oitenta ali trabalham. Os maiores e mais ricos blocos de minério de ferro que, ao serem lavados, não se deixam socar, são levados para fora da mina na cabeça dos negros, e empilhados ao longo da montanha, formando alta parede diante da casa, em condições de fazer trabalhar as maiores forjas durante vários anos. O ouro é de cor amarela e aparece entre o itabirito, em finos grânulos, que apresentam muitas faces isoladas, de cristalização, e, às vezes, são tão aglomerados que formam filas estreitas de várias polegadas de comprimento, tubulares, pegadas umas às outras. Também nas jazidas de minério de ferro e no quartzo, aparece ouro, porém ainda mais nas fendas do próprio oligisto compacto. Um volumoso regato lança-se de cima da montanha, no tempo das chuvas, para dentro da garganta poste-

11. Em 1578. (Nota da Ed. Melh.)

rior, que forma o depósito de itabirito, trazendo consigo partículas soltas de ouro das camadas de minério de ferro da parte superior da montanha, e lava igualmente a lama procedente do friável itabirito. Uma parte dele é conduzida a um tanque, disposto mais embaixo da casa da fazenda, e ali o precioso metal é lavado por meio de bateias. Na fundição, o ouro daqui toma uma cor amarela muito clara, provavelmente pela considerável proporção de pirolusita, arsênico e antimonita, e, talvez, também, de alguma platina; ao menos, assegura o nosso hospedeiro haver já obtido esse metal.

Depois de termos ouvido missa solene na bonita capela da casa do bravo sebastianista, em companhia dos vizinhos ali reunidos, deu-nos ele como guia um mulato, conhecedor do caminho para o Hospício da Mãe dos Homens, situado na parte mais alta da montanha, e despedimo-nos com votos cordiais de mútua felicidade. O caminho passava sobre ervosa encosta, cortada por muitos fossos, indo para o cume do morro pelo lado ocidental. Pouco a pouco, a região se tornava mais rala e íngreme; plantas de formas sempre mais estranhas apareciam no caminho solitário e pedregoso; outeiros, cobertos de arvoredo escuro e profundos sulcos, alternavam-se com risonhas encostas de pastos ou com píncaros de rocha de um branco deslumbrante e com fontes ruidosas, que se despenhavam entre cerradas moitas de fetos, orquídeas e aráceas, convidando ao repouso. Finalmente, chega-se por uma vereda, por entre mato baixo cerrado, a um vale alto, fechado em forma de anfiteatro, no qual se destaca o aprazível edifício do Hospício. Toda a natureza respira aqui contentamento, e uma indizível sensação de doce tranquilidade e bem-estar enche a alma do viajante. Por uma escada larga de pedra, sobe-se ao convento, que, já de longe parece anunciar, com a coroa de topos de palmeiras que o guarnecem, de que oferece seguro abrigo ao desgraçado, e aos cansados da vida, um asilo de paz. Nenhum lugar da Terra poderá melhor livrar a alma das inclinações e preocupações mundanas do que esta habitação solitária de piedosa contemplação. As agradáveis impressões que a região desperta no espírito do viajante, este se entrega com tanto mais gosto, quando mais raras são num país, ainda pouco habitado e pobre em obras de arte.

O Hospício de Nossa Senhora Mãe dos Homens ostenta-se como triunfo de fé perseverante de um só homem, que começou a obra simplesmente com donativos caridosos, no ano de 1771, e foi ornamentando pouco

a pouco a igreja com pintura, obra de talha e guarnições de prata, ouro e pedras preciosas, preparando o prédio ao lado para os religiosos com mobília cômoda, e completo, e de um modo geral fez prosperar a instituição. Ainda estava em vida o digno eremita, ancião cego, de mais de cem anos, de origem portuguesa. Ele muito se alegrou de poder entreter conversa, nesta remota solidão, com recém-chegados europeus. Como não estivesse mais em condições de governo, sem auxílio de outros frades, dos quais, então, nenhum estava aqui, passou a direção a um administrador do governo. Acolheram-nos com amabilidade, e surpreendeu-nos encontrar roupa de cama e mesa limpas e outras comodidades em abundância. O estabelecimento já possui alguns bens por contribuições caritativas; oito escravos negros cultivam a terra nos arredores, ou se ocupam com a criação de gado vacum, que aqui prospera excelentemente. A manteiga produzida aqui supera em paladar a dos Alpes suíços. Perto do Hospício, existe também plantação de diversas frutas europeias, como pêsegos, marmelos, maçãs, castanhas e azeitonas; entretanto, as oliveiras, apesar da situação alta e fresca deste lugar, nunca frutificaram.

O naturalista fica em contínuo encanto pela riqueza deste esplêndido vale serrano. Incríveis são a variedade e beleza das plantas daqui. Especialmente numerosos e característicos nesta montanha, assim como em outras, de xisto quartzítico, são os membros das famílias de Melastomáceas, Crótons, Malpíghias, Compostas, e das Liliáceas troncudas de grandes flores. Nos pastos pantanosos e nas margens relvosas de uma lagoa fechada por bosque coberto de flores, ostentam-se em volta as mais encantadoras formas de Hidrocotíleas, Dróseras, Andrômedas, Gaultérias, Utriculárias, Sauvagésias, Eriocauláceas, etc. No primeiro dia, colecionamos umas cem espécies de plantas, antes desconhecidas; e, embora as regiões montanhosas sejam quase sempre pobres de animais, aqui, entretanto, a coleta foi rica, sobretudo dos gêneros *Cerambyx* e *Buprestis*, especialmente o *Buprestis tricolor*, *semistriatus nob.*, e dos mais variegados colibris. À tarde, de volta de nossos passeios, esperava-nos ainda novo encanto quando do terraço fronteiro do convento assistimos ao surgir da Lua, em etéreo esplendor, atrás das montanhas, ou vimos o céu claro, pouco a pouco, enfeitar-se com as constelações do hemisfério sul. O toque de vésperas, naquele vale de beleza selvagem, despertava em nossa alma um misto de

doces sensações, ligando a saudade da pátria distante com o gozo de tão bela presença.

Pesarosos, deixamos este sítio paradisíaco, depois da demora de dois dias, e subimos ao cume principal da montanha, para descermos, pela encosta leste, ao Inficionado. Também, neste caminho, a cada passo se nos ofereciam novos objetos e novas belezas. Ao longo de um cristalino regato, vindo da mata, fomos dar num fresquinho vale lateral, encerrado entre rochas e escarpas, que percorremos até se achar uma passagem entre as paredes dos rochedos, e alcançarmos um alto terraço de rocha onde cresciam velósias, e que nos permitiu uma derradeira vista do solitário convento. Daí em diante, o caminho ia descendo cada vez mais íngreme, de sorte que julgamos mais prudente aprear das mulas. Os altos arbustos e árvores foram pouco a pouco escasseando, e o viajante penosamente vai passando por entre mato rasteiro. No itacolomito branco, desnudado em grandes extensões, observam-se pequenos filões e fragmentos do chamado quartzo gorduroso compacto, brilhante, ao qual se sobrepõem cianita e reticita, e, num e noutro ponto, também pedacinhos de turmalina comum. Ressoa a montanha em diversos pontos com o estrondo de águas subterrâneas, que correm entre fendas e falhas da pedra, e finalmente aparecem embaixo, como frescas nascentes. Do topo da montanha, vimos a sudeste o Itacolomi elevar seu cume a leste e nordeste, algumas serras baixas, por entre as quais correm o rio Piracicaba e o rio Santa Bárbara, para desaguardarem no rio Doce. No lado oriental, a encosta da serra do Caraça é tão íngreme, a estreita vereda tem tantos fragmentos de rochas espalhadas, que só com risco se pode descer ao vale. Finalmente, alcançamos, com felicidade, o Inficionado, onde a nossa gente já estava impaciente à nossa espera. Junto ao sopé da serra do Caraça (em Cata Preta), visitamos ainda diversas minas, antigamente muito ricas, nas quais o metal é extraído moendo-se a pedra com pilões. É notável por seu colorido amarelo-acinzentado, e pode ser purificado, com fundição adequada, até 23 quilates. Ainda à tarde, seguimos para o arraial de Bento Rodrigues, distante uma légua a sudoeste, e pernoitamos num rancho, de onde apreciamos mais uma vez o panorama da bela serra do Caraça. O pouso estava repleto de mineiros das Minas Novas, que seguiam para o Rio de Janeiro, levando carga de algodão, e nos deram ensejo de apreciar o aspecto bem característico da vida das tropas

em viagem. Na região de Bento Rodrigues, acha-se ouro por toda parte, na argila vermelha, que jaz por cima do xisto quartzítico. Como o modo de exploração dessas minas não divergia do que até aqui havíamos visto, não nos demoramos na estrada real, que leva à cidade de Mariana, distante três léguas ao sul de Bento Rodrigues, para regressarmos a Vila Rica, onde com felicidade, chegamos de novo a 28 de abril.

As nossas coleções estavam muito aumentadas, desde a última remessa de Sorocaba, e precisávamos agora tomar providências antes de encetar outra viagem, para mandá-las ao Rio de Janeiro, a mais próxima cidade da costa. O governador-geral, Manuel de Portugal e Castro¹², que já tivera a bondade de visar os nossos passaportes para o Distrito Diamantino, a isso acrescentando cartas de apresentação, também conquistou a nossa gratidão, obrigando-se a tomar a seu cargo a nossa remessa a S.M. o rei da Baviera, para ser despachada aos cuidados de S.M. o rei do Brasil. Com isso, obtivemos a vantagem de se não fazerem a incômoda abertura e exame de nossas caixas e o fácil estrago das curiosidades naturais, nos registros das fronteiras.

Não sem emoção profunda, deixamos a romântica região e os habitantes amigos, hospitaleiros, da nossa inesquecível Vila Rica, a fim de passarmos da terra do ouro para a dos diamantes.

12. D. Manuel de Portugal e Castro foi governador da Capitania de Minas Gerais de 1814 a 1822. (Nota da Ed. Melh.)

.....

Valores, Medidas, Pesos

NA ÉPOCA DE SPIX E MARTIUS ainda não existia o sistema decimal nem terminologia internacional. Pelo contrário, todos os valores, medidas e pesos eram muito variáveis entre os diferentes países, províncias e até mercados. Além disso, também as denominações variavam, aparecendo tanto diferentes com igual sentido, como iguais de diferente sentido.

Até os tempos atuais a Inglaterra, os EUA e outros países ficaram com suas antigas unidades, não adotando o sistema decimal. Sendo assim, todos os dados e valores a respeito do presente livro não passam de avaliações aproximadas. Quanto possível, foram baseadas nos cálculos e notícias do próprio Martius.

VALOR MONETÁRIO

10 réis = 1 centavo

1 vintém = 20 réis = 2 centavos

1 tostão = 5 vinténs = 100 réis = 10 centavos

1 pataca = 16 vinténs = 320 réis = 32 centavos

1 cruzado = 20 vinténs = 400 réis = 40 centavos

(1 “cruzado novo” é uma moeda de ouro que vale 480 réis).

MEDIDAS DE EXTENSÃO

	Brasil	Outros Países
Braça (2 varas)	2,2 m	1,8m (ingl.)
Côvado (3 palmos)	0,66 m	
Jarda inglesa		0,91m (ingl.)
Légua	6.170m	
Linha (1/12 polegada)	0,23cm	
Milha	2.200m	7.420m (alem.) 1.609m (ingl.) 1.850m (marit.)
Palmo (8 polegadas)	0,22m	
Passo	1,65m	
Pé (12 polegadas)	0,33	
Polegada (12 linhas)	2.75cm	
Vara (5 palmos)	1,10m	
Toesa (6 pés)	1,98	

MEDIDAS DE SUPERFÍCIE**Alquiere:**

Norte	27.225m ²
Goiás, Minas, Rio	48.400m ²
São Paulo	24.200m ²

Tarefa:

Bahia	4.356m ²
Sergipe, Alagoas	3.052m ²
Ceará	3.630m ²

MEDIDAS DE CAPACIDADE (Ainda mais variáveis do que as outras)

Para líquidos:	Brasil	Outros países
Almude	12 canadas	
Canada	7,4 – 9,21	1,41 (port.)
Galão Inglês		(p/vinho) 3,71 (p/out. líquidos) 4,61
Pipa	60-75 canadas	
Quartilho	¼ canada	
Tonel	2 pipas	
Para secos:		
Alqueire (4 quartas)	31,171	13,81 (port.)
Bushel inglês		36,361 (ingl.)
Fanga	4 alqueires	
Moio	60 alqueires	
Quarta	¼ alqueire	

PESOS

Arrátel (16 onças)	0,459 kg
Arroba (32 libras)	14,65 kg

334 Spix e Martius

Libra (arrátel)	0,459 kg	0,453 (ingl.)
Onça (8 oitavas)	28,69 kg	
Quintal (4 arrobas)	58,75 kg	
Tonelada (54 arrobas)	793 kg	

PESOS DE DIAMANTES

Grão	0,05g
Oitava (17,5 quilates, 32 vinténs, 70 grãos)	3,5g
Quilate	0,2 g
Vintém	0,11g

Brasilianische Volkslieder
und
Indianische Melodien



Musikbeilage

zu Dr. v. Spix und Dr. v. Martius

Reise in Brasilien.



CANTIGAS POPULARES
BRASILEIRAS
e
MELODIAS INDÍGENAS
ANEXO MUSICAL

para a VIAGEM PELO BRASIL
do Dr. v. Spix e Dr. v. Martius

N.º I. *Brasilianische Volkslieder.* ⁽¹⁾
/ von St. Paulo. ⁽²⁾

Andante.

Canto

Piano Forte

1. O Ca. do são estes Os silios Os
2. Pa. quel. de pen. haste Ham rio Flam

1. ali os for. mosos, O on. de pas. sa. va Os annos Os
2. vi. o ca. ho. a. O som do sus. surro Que rizes Que

1. an. nos go. to. est? São os ze os pra. dos O on. de brin.
2. va. gas dor. mi. a! O. go. ra. não co. brom. Es. pu. mas ne

1. ca. va, O on. de brin. cava Em quanto pas. ta. va. O
2. va. das É. pu. mas ne. radas O. pe. dras que. bra. das. O

1. gordo no banco Qui Ab. ce. o modica. São os. dos os
2. do. ce que o ri. o O. ca. so vol. tou.

(1) Cantigas populares brasileiras.
(2) de São Paulo.

Allegro assai

si. são São ca. lo os sitios? São utas, mas eu o
 mesmo não sou Ma. vi. lia, tu chamas? Es. po. ra, que eu vou. Es
 pe. ra que eu vou. Ma. vi. lia, tu cha- mas es. . pe. ra que eu vou.

3
 Meus versos alegre
 Aqui regata,
 E são as palavras
 Teu vocas dica.
 Te chamo por elle,
 Já não me responde,
 Porco se esconde,
 Concoado de dar-me,
 As ais, que lho dou,
 São utas etc.

5
 Mas como discorro?
 Acaso podia
 Já tudo mudar-se
 No espaço de hum dia?
 Existem as fontes,
 E os rios copados,
 São flores os prados,
 E corre a cascada,
 Que nunca secca,
 São utas, etc.

4
 Aqui hum regato
 Corria sereno
 Por margens cobertas
 De flores e feno.
 Aiguarda se erguia
 Flum bosgo fechado,
 E o tempo apressado,
 Que nada respeitava,
 Já tudo mudou.
 São utas etc.

6
 Minha alma, que tinha
 Liberta a vontade,
 Agora já sente
 Amor, e saudade,
 Os sitios formosos,
 Que já me agradarão,
 Ah! não se mudarão,
 Mudarão-se os olhos,
 De triste que estão.
 São utas etc.

Gonzaga.

N.º II *Adagio* / von S. Paulo! (1)

Canto

Piano Forte

Qual se-ra o fo-liz di-a qual se-ra o
fo-liz di-a em que ve-ja sa-tis-fei- tas qual se-ra o fo-liz
di-a em que ve-ja sa-tis-feitas To-cas a-man-tis pro-metas
pe-la minha To-ni-a doces a-man-tis pro-metas pe-la
minha To-ni-a pe-la min-ha To-ni-a.

(1) de São Paulo.

N.º III Andantino. /com. S. Paulo. / (1)

Canto

Por di o ra. fei- so na in- chente

Piano Forte

a- for- ga do Por. di es- ta guar- da do mi-
cu do me u manso ga- do O lo- bo co- fo- meado a.
traz del- lo cor- so ga- . . do sem pas- tor por
to por to. da parte cor- so.

(1) de São Paulo.

N.º V. Andante. / von Minas⁽¹⁾

Canto.

Piano Forte

Nã re-ga-se da ventu-ra Ma-ri-li
 a nave a brin-car vi-va alla sa-tis-fi-ta em
 quanto eu vi-vo a pe-na Tris-te de mim
 tão da gra-ça do a-mo-a quem não sabe a-
 mar não sabe a mar

(1) de Minas.

N.º VII.

(von Le Paul) (1)

Andantino

Canto

Piano Forte

Es-ou-te for-me-ra Mar-cia tri-plex
ais do teu pas-tor. São-ais-gra-dar-lhe-ou.
sinou o ti-ra-rio Deus a-mor o te-ran-cio
Deus a-mor o te-ran-cio Deus a-mor

Eu nem suspirar sabia
Antes de te conhecer;
Mas depois que vi-teus olhos
Eles suspirar, sei morrer

(1) de São Paulo.

Nº 1. Bei dem Trinkfest der Coroados ⁽¹⁾

Lento

Handwritten musical score for 'Bei dem Trinkfest der Coroados'. It consists of three staves. The first staff is the melody, marked 'Lento'. The second and third staves are accompaniment. Dynamics include *mp*, *mf*, and *mx*. There are some markings like 'mg. 170' and 'mg. 171' on the second staff.

Nº 2. Tänze der Puris ⁽²⁾

Magnifico
Grave

Stufenweise mit Affekt ⁽³⁾

Hän jü ha ha ha ha ha

Handwritten musical score for 'Tänze der Puris'. It consists of three staves. The first staff is the melody, marked 'Magnifico' and 'Grave'. It includes the instruction 'Stufenweise mit Affekt' and the lyrics 'Hän jü ha ha ha ha ha'. Dynamics include *p*.

Nº 3.

Kauchend ⁽⁴⁾

Grave
magnifico

Handwritten musical score for 'Kauchend'. It consists of three staves. The first staff is the melody, marked 'Grave' and 'magnifico'. Dynamics include *p*.

Nº 4.

Mit stiller Leidenschaft ⁽⁵⁾

Allegretto

Handwritten musical score for 'Mit stiller Leidenschaft'. It consists of two staves. The first staff is the melody, marked 'Allegretto'. Dynamics include *p*.

- (1) Festaça dos Coroados.
- (2) Dança dos Puris.
- (3) Descontinuo com afeto.
- (4) Olegando.
- (5) Com quieta paixão.

.....
Índice onomástico

A

ABREU, João Gomes (coronel) – 105
ADANSON – 29
ALCÂNTARA, Pedro de (D.) – 137
ALMEIDA, José Antônio – 237
ANCHIETA (padre) – 175
ARAÚJO (ministro) – Ver BARCA (con-
de da)
AZARA – 219

B

BAMKS, Joseph (sir) – 108
BARCA (conde da) – 54, 61
BARROS, Romualdo José Monteiro de –
322, 323
BLUMENBACH (conselheiro) – 54
BOUGAINVILLE – 108, 136
BRUCKER – 178
BUCHBERGER – 23

C

CABEZA DE VACA – 212
CAMPOS, Antônio Pires de – 212
CASTRO, Manuel de Portugal e (gover-
nador-geral) – 331
COLOMBO – 38
COOK (capitão) – 51, 108
CULLEN – 60

D

DANTE – 287
DEUSSEN – 48
DIAS, Bartolomeu – 37-38
DONN (general) – 31

DUFLES – 141
DUGUAY-TROUIN – 51
DUHAMEL – 114
DURÃO (frade) – 326
DÜRMING – 48

E

ENDER, Th. – 23, 130, 174
ESCHWEGE – Ver VON ESCHWEGE

F

FELDNER (tenente-coronel) – 136,
139, 140
FERREIRA, Antônio Idelfonso – 178
FERREIRA, Francisco Xavier – 202
FORSTER – 29
FRAUNHOFE – 29
FREYREISS – 132, 280
FREITAS (padre) – 275
FROLICH – 48

G

GARCIA, Aleixo – 212
GESSNER – 63
GODÓI – Ver TORRES, L. J. de Godói
GONZAGA – 246
GREW – 114

H

HALES – 114
HAYDN, J. – 62
HINDRIKS – 48
HIPÓCRATES – 208
HOGENDORP (conde de) – 97

HUMBOLDT – 29

I

INOCÊNCIO – 327

J

JOÃO II (D.) – 56

JOÃO V (D.) – 50, 187, 253, 277

JOÃO IV (D.) – 62

JOÃO VI (D.) – 56

JOSE I (D.) – 289

K

KANT – 178

KLOPSTOCK – 63

KNIGHT – 114

L

LECHENAULT – 29

LEOPOLDINA (arquiduquesa) – 79

LESESNE – 83, 102

LIMA, Manuel de – 214

LOGODETTI (tenente) – 40

M

MAGALHÃES – 38

MANUEL (padre) – 285

MARLIÈRE, Guido (capitão) – 280,
288, 295, 296, 298, 316

MARTIUS (Dr.) – 21, 24, 332

MATEUS, D. (bispo) – 173

MAWE, John – 131, 137, 185

METTERNICH (príncipe de) – 22

MIKAN – 23, 24, 32, 130

MOHS, F. – 23

MONTEIRO DE BARROS – Ver BAR-
ROS, Romualdo José Monteiro de

MOURA, D. Antônio Rolim de (gover-
nador) – 214

MÜLLER, Daniel Pedro (tenente-coro-
nel) – 169, 174, 183, 186, 198

N

NATTERER – 23

NERINI – 24

NEUKOMM – 62, 63

NÓBREGA (padre) – 175

O

OEYNHAUSEN (barão de) – 173

P

PALMA (conde de) – 203, 322

PASQUALIGO, Nicola de – 24

PEDRO (D.) – 62

PEREIRA, D. Mateus de Abreu (bispo)
– 184

PERES, Davi – 62

PÉRON – 29

PINTO, José (capitão) – 249

POHL (Dr.) – 23

POMBAL (ministro) – 278

PORTUGAL, Marcos – 62

POUSSIN, C. – 264

R

ROSA, Salvador – 264

ROUSSEAU – 62

S

SÁ, Mem de – 83

SACRAMENTO, Leandro do (frei) – 60

SAINT-HILAIRE, Auguste de – 132

SALEMA, Antônio – 166

SAVIGNY – 29

SCHEINER – 48

SCHIMMELBUSCH – 48

SCHOTT, H. – 23

SEBASTIÃO (D.) – 289, 327

SELLO – 132

SOUSA, João de – 214

SPIX – 24, 332

T

TAUNAY – 144

TEIXEIRA (coronel) – 285

TOLEDO (coronel) – 202

TORRES, L. J. de Godói (Dr.) – 284

U

UTZSCHNEIDER – 29

V

VARNHAGEN, Adolfo de (tenente-coronel) – 198, 203

VELOSO (coronel) – 271

VELOSO, José Mariano da Conceição (frei) – 58

VEST, Chrys von – 23

VILLER – 178

VOLTAIRE – 62

VON ESCHWEGE – 48, 60, 123, 134, 264, 267, 272, 275, 280, 284, 322, 325

VON KRUSENSTERN (capitão) – 48

VON LANGSDORFF (cônsul-geral) – 48, 54, 63, 107, 114, 125, 126, 132

VON NEUWIED (príncipe) – 132

VON NEVEU (barão) – 24, 48

VON PALFFY (conde) – 24, 174

VON SCHÖNFELD (conde) – 24

VON SCHREIBERS – 22

VON STAINLEIN (barão) – 22

VON WRBNA (conde) – 39, 130, 174

W

WEBER – 24

WRBNA – Ver VON WRBNA

Viagem pelo Brasil, de Spix e Martius,
foi composto em Garamond, corpo 12/14, e impresso em papel vergê areia 85g/m2,
nas oficinas da Secretaria de Editoração e Publicações do Senado Federal – SEGRAF,
em Brasília. Acabou-se de imprimir em dezembro de 2017, de acordo com o programa
editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.

“Entre as obras de viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil colonial, o livro deixado por Spix e Martius goza de reputação especial em face de seus atributos como narrativa de viagem, como inventário científico da natureza local e como depoimento fiel, colorido e vivo, sobre o homem da época e sua complexa atividade social, econômica, cultural e política. Trata-se, pois, de uma das maiores contribuições ao conhecimento do Brasil dos princípios do séc. XIX, com os valores culturais do séc. XVIII e já às vésperas da Independência.”

“Na viagem, que durou três anos e meio (1817-1820), o zoólogo Spix e o botânico Martius, não obstante sua missão estritamente científica, deixaram-se fascinar pela sociedade brasileira na sua aventura de criar uma nação nos trópicos baseada na multiplicidade de raças e na tolerância cultural de suas correntes tributárias. Embora colônia, já os autores vislumbraram a nação futura. O convívio com negros, brancos, indígenas e mestiços amenizou o rigor científico da missão, do que resultou um livro de raro interesse do ponto de vista humano.”

